

ENSAIOS DRAMÁTICOS



DIOGO DE MEINDONÇA

DIOGO DE MENDONÇA

ENSAIOS DRAMATICOS

.

|

.

;

.

|

:

.

W

.

W

.

:

|



# ENSAIOS DRAMATICOS

POR —

*Diogo de Mendonça* — 

---

( Direito de reimpressão, e representação  
reservados ao Autor. )

**São Paulo**

Typ. ALLMÄ—Rua do Commercio n. 2.

**1872.**

ENSAIOS DRAMATICOS

BOR

Diogo de Mendonça

## OS ENSAIOS DRAMATICOS

PELO

SR. DR. DIOGO DE MENDONÇA

A decadencia da litteratura dramatica entre nós é, infelizmente, facto incontestavel.

Distinctos escriptores iniciarão a reacção contra o formalismo convencional da velha escola, e tentarão restaurar, no drama, a verdade dos characteres, das paixões, da vida.

Mas, a reacção do realismo foi levada, pelos neophytos, além do seu justo limite, e degenerou em scenas descosidas, de vulgaridade tediosa, ou repulsiva.

O elemento plastico veio, afinal, a dominar exclusivo, aliado ás mais insensatas aberrações da infaginação.

Retrocedemos, demais de um seculo, ás *comedias de arte*, ás paródias phantasticas de Gozzi, aos dramas-panoramas.

Esta decadencia do gosto litterario é, na vida

das nações, symptoma pathologico que faz sempre augurar ominosas crises sociaes.

Combate-lo em tempo; erguer o drama, a litteratura nacional á sua devida altura, é, pois, verdadeiro e valioso serviço ao paiz.

Na rara fileira dos que se propõem a esta gloriosa tarefa acaba de inscrever-se um nome distincto, já no professorado, já na alta administração do ensino na provincia de S. Paulo—o do nosso particular amigo, sr. dr. Diogo de Mendonça.

Incompetente e suspeito, não nos é dado julgar os seus—Ensaio dramatico.

Pensamos, porém, que tão bem fazemos serviço ao paiz, dando-lhe conhecimento das peças dramaticas que compõem esta collecção.

A primeira intitula-se—*A familia Raziue*.—Passão-se as scenas na cidade da Bahia; as do Prologo em 20 de Janeiro de 1808, por occasião da chegada do Rei D. João VI; as dos quatro seguintes actos em 1822 e 1823, por occasião da lucta dos patriotas contra as tropas luzitanas commandadas por Madeira, e da sua expulsão da terra Brasileira.

A avidez pelas riquezas, paixão dominante na familia a que o autor dá o nome de *Raziue* (anagramma de *riqueza*) é o eixo em torno do qual se move toda a acção dramatica.

E' a paixão de Schylock e Harpagon, transformada segundo as condições peculiares do paiz e da quadra, em que se desenvolve; periodo tumultuoso e crepuscular, em que da chrysalida colonial irrompia mais uma jovem nacionalidade americana.

O eterno luto da mãe a quem essa familia,

avara e ingrata, rouba a filha ainda no berço; o mutuo amôr, sempre contrariado, d'esta pseudo-filha dos Raziues, e de um dos jovens patriotas, tambem desde a infancia victima d'elles; taes são os principaes interesses postos em lucta; lucta cujos episodios se prendem aos da grande scena politico-genesiaca em que ella se move.

O segundo drama intitula-se—*Nemesis*. Passão-se as scenas no Paraguay, e comprehendem sodo o periodo da ultima guerra, desde o aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda* até a morte do dictador em Cerro-Corá.

Esse prélio de cinco annos, que errou o Paraguay, e enlutou o Brazil, é sem duvida um dos maiores successos da historia patria.

O coração ainda se confrange ao recordar as calamidades d'essa guerra; mas, não se pôde contestar que ella deu ao Brazil a consciencia do seu indomito valor, da vastidão dos seus recursos, da sua justa importancia no seio da grande familia das nações americanas.

Uma familia Brasileira, composta de mãe e filha, aprisionada n'esse vapor; as ciladas que lhes armão para se apossarem de suas grandes riquezas, bem como dos encantos da filha; os perigos e as miserias que ambas arrostão, separadas, n'esse longo captiveiro, desde Assumpção até as virgens florestas do extremo oriente do foaraguay; o amôr reciproco da jovem prisioneira e de um seu compatriota, companheiro de in-Prtnio; as tramas dos rivaes, e o odio implacavel da sereia que dominava o dominador de todos; e, no fundo do quadro, a grande e sombria figura de Solano Lopez, a luctar imperterrito contra o—Destino: em pé e impassivel no meio de milhares

de cadaveres succumbidos sob o granizo das batalhas ou, por ordem sua, justicados sumariamente, como traidores; entre estes seus próprios irmãos e cunhados; e afinal, baqueando o colosso nas aguas fatidicas do Aquidaban....; tal é a interessante trama d'esta peça—*Nemesis*. Nemesis, a filha de Jupiter e da Necessidade, a deusa da vingança.

O terceiro drama intitula-se—*Conde de Ourem*—o seu assumpto não é nacional. As scenas passam-se em Lisboa, no reinado de D. Fernando, o Formoso; o Prologo em 1371, e os quatro actos dose annos depois.

D. Leonor Telles de Menezes, embora casada, aspira a desposar o Rei. D. João Fernandes Andeiro, depois Conde de Ourem, coadjuva-a effisicamente na realisação deste louco projecto, esperando d'ella, como mulher e como rainha, a dupla recompensa.

Embóra se revolta a consciencia publica; quebrão-se todas as resistencias; uns sobem ao cadafalso, outros tem as mãos ou os pés decepados.

Realisa-se o fatal consorcio; a rainha domina o fraco rei, e o amante-valido domina a ambos. A ambição, porém, cresce-lhes na razão do seu inesperado poder. Aspirão a firmar a corôa na frente de sua jovem e adulterina filha. Para este fim conseguem fazer exilar alguns dos irmãos do rei e tramão contra a vida de outros.

Burlão-se, porém, todos os planos; e por morte de D. Fernando, seu irmão, o Mestre de Aviz, é aclamado pelo povo como successor do throno. Sucumbe o Conde de Ourem no ardil que armára; e D. Leonor é entregue ao poder e arbitrio do primeiro marido a quem abandonára.

O interesse central no drama é a ambição ao poder; essa paixão que inspirou Macbeth e sua mulher (Gruoch), e os arrastou a tantos crimes.

Uma das feiticeiras de Shakespeare tambem aqui apparece; e se, para apressar a catastrophe, não se põe em marcha a floresta de *Birnam*, ergue-se e move-se essa multidão anonyma que se denomina povo, e a quem é dado fazer e desfazer os reis.

O *Conde de Ourem* é drama de proporções epicas; é pagina viva da historia onde as personagens pensão, fallão, e se movem, como se, contemporaneos seus, assistissemos ao espectáculo real da sua vida.

Não está nas condições da moderna litteratura a simplicidade admiravel dos dramas gregos.

A par da unidade fundamental d'acção exige-se a variedade de incidentes; mas preciso que estes se enlacem harmonicamente de modo a concorrerem para o desfecho fina'da acção.

Estas condições se achão fielmente observadas nas peças de que se compõe os *Ensaios Dramaticos*.

A attenção não se fatiga pela monotonia; pelo contrario, sempre desperta por novos incidentes, cada vez mais se prende á scena, de modo a gerar sempre crescente interesse.

A linguagem é concisa, enérgica e pura; os dialogos naturaes e bem sustentados.

Sobresae a tudo a fidelidade historica com que são desenhados todos os caracteres;—fidelidade de idéas, de sentimentos, de costumes.

Esta rara e preciosa qualidade dos *Ensaios Dramaticos* revela os profundos estudos historicos e litterarios do seu autor.

A historia é a medula dos ossos de leão de que se nutrem os grandes talentos, os Achilles litterarios.

Tambem não podemos deixar de fazer sobressaio pensamento de alta moralidade que domina todos os dramas.

O elemento esthetico tem, por certo, seu valor proprio e peculiar missão.

Mas, este com os demais elementos da consciencia humana se confunde em radical unidade.

Pelo que, não comprehendemos arte sem moralidade, como não comprehendemos industria, sciencia, migração ou politica sem moralidade.

O divorcio entre estes elementos nunca pôde deixar de gerar resultados mesquinhos ou ridiculos abortos, na arte como na—politica, e em todas as outras esferas da actividade humana.

Restabelecer o consorcio do ideal como o real, tal é a condição para que o drama se eleve a sua devida altura. Preenchida, como se acha, esta condição pelo *Ensaio dramatico*, esperamos que elles venho inaugurar nova e auspiciosa epocha para este importante ramo da litteratura patria.

Si frustanea, prém, fôr esta esperança; si os elementos deleteros que hyposthenisão as forças vitaes do paiz, continuarem a actuar sem contraste, ao menos srão os *Ensaio dramaticos*, aos olhos da posteridade, o testemunho de nobre e patriotico esforço, e mais perduravel monumento do que inertes bloques de granito ou de bronze.

—*monumentum aere perennius.*

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1872.

ANTONIO JOAQUIM RIBAS.

## NEMESIS

Quizesse, ou não, o autor da *Nemesis* elevou um monumento á gueira do Paraguay,—trecho da historia moderna; á glorificação das armas Brazileiras, — arroubo de patriotismo e gloria nacional; monumento vasto, illustre, como a morada mortuaria dos Pharãos, á dar jazida á tantos heroes; nobre e elevado, como o colosso de Rhodes á empunhar o phanal da civilização; bello, como a obra de Praxiteles, á revelar as bellezas do céo Americano.

Uma intelligencia superior, esmerada cultura, estudos serios e conscienciosos, uma inspiração talvez sopitada pelos rigores de severa modestia, uma idéa á revolver-se em profunda intelligencia, como o brilhante nas aluviões á ceder aos impulsos variados do acaso, uma faisca á crescer, e á alimentar-se largos annos em fertil, e feliz imaginação,—aguardavão o seu momento de revelação, e conspiravão á produção da *Nemesis*. Nada perdeu a *Nemesis*, vendo a luz na phase madura do talento que a produzio: era

uma flôr talvez á abrir em todas as primaveras; mas tão exquesita e tão pudibunda que só ante o sol do patriotismo accedia em rômper os seus envoltórios de excessiva modestia.

A historia da guêrra do Paraguay, e o amor de Irsilia constituem o fundo do Drama: a historia ideal é a concepção de uma intelligencia tão elevada, como vasta, que lhe dá contornos, proporções, movimento, calor, vida, que o auctor sabe encarnar na historia anecdotica em desenho vasto e perfeitamente definido, em fórmãs tão livres e elegantes como restrictamente afeiçoadas ao escôpo severo da arte, com materiaes tão preciosos, como lindos e custosos labores; fundo e fóрма que tirão sua nobre extracção do realisimo, e do idealismo; do classismo, e do romantismo, associados não em vulgar ecclétismo, mas em sublime consorcio, como o conceben Goethe na união de Helena, e do soberbo chefe Franco.

Era um problema difficil da arte desenhar em tão restrictos limites, como os 5 actos e 8 quadros do Drama, a concepção da guerra do Paraguay, desde o seu designio até o seu termo, sem omisão de alguns de seus episodios capitaes, em todo seu movimento, em suas peripecias, factos, homens, cousas, idéas, e paixões; fazer de um acontecimento vivo, um todo que se agita, que caminha, que falla. Foi o que o auctor realisou com rara felicidade, e mestria, que tanto revelão um ingenho não vulgar, como a compreensão perfeita da arte. A restricção da téla não tolheo as proporções do desenho, nem acanhou suas partes, ou prejudicou-lhes a harmonia: como na vestimenta que se adapta perfeitamente ao corpo, nem um membro está ahí tolhido, ou contrafei-

to; movem-se em perfeita liberdade: o acontecimento se ostenta no quadro completo, vivo, movel, eloquente, a guerra original das margens do Paraguay; acontecimento excepcional que parecia não estar nos designios da Providencia, sim no cerebro de um homem que a historia dirá si era um grande louco, ou um grande malvado, um risivel arlequim, ou um odre de fatuidade.

A *Nemesis* levanta a guerra do Paraguay na sua semente maldicta, eleva-a, fóрма-a, põem-na em jogo, fal-a caminhar, traça-lhe as terriveis veredas: saindo, pode-se dizer, louçãa, e garbosa das sallas do Palacio presidencial, parte como a louca á despedaçar-se contra as syrtes do caminho, desgrenha-se, espedaça as roupas, enfurece-se contra todos e contra si, ennegrece, brotão-lhe do peito serpentes e vermes asquerosos, enrouquece, e afoga-se em sangue; e sempre a inspiral-a, á fustugal-a, a revolver-lhe as entranhas damnadas o demonio que a concebeu, para que, horrivel bocêta de Pandora, d'ali partissem todas as calamidades, todas as maldições, e todos os crimes que podem manchar a humanidade!

A disposição dos quadros e das scenas apanha a idéa em toda sua vasidão, em toda sua vivacidade, em todo seu brilho, pela verdade, pela poesia, pelos lances theatraes, que contudos embora pelos rigores dos preceitos da arte á que se submete o auctor, brillão como que apesar seu em ondas fulgurantes! Dir-se-hia que a idéa se compraz em em moldurar-se sem constrangimento nesses 5 actos e 8 quadros, como suas scenas conspirando á dar seguida ao movimento, á diri-

gil-o ao seu termo:— remate á chave d'ouro, remate obrigado como deve ser, unico!

O esboço das personagens têm em alto grau dous merecimentos raros na epocha, e em nossa terra: a verdade, e a verosimilhança. Um só desses esboços não desmente a mão que os traçou. Desde que apparece, cada personagem se eleva, se contorna, assume uma phisionomia, uma personalidade, se concreta em sua individualidade; accentua-se no gesto, no andar, na còr; seus são seus movimentos, suas idéas, suas paixões, como a roupa-gem que se apega ao derusa; o fundo tem uma structura real; as fórmãs se adaptão, vestem a pessoa; e, núa, ou vestida, vedes a individualidade, a realidade, e vedes a roupagem, que se ajusta, que tem o molde perfeito do original, um accessorio que vos revelará um individuo cujo feiitio assumio por sua vez, como o chapéo, o casaco, e as botas revelavão o pequeno cabo de esquadra dos Francezes.

Em um lapso de 4 annos, essas personalidades, sempre as mesmas, passão por todas as transformações que o tempo em seu movimento isochrono de composição, e decomposição imprime em cada individuo, sem alterar-lhe a personalidade: a phisionomia se modifica sob a mesma mascara; os movimentos se alterão e se complicão; a idade imprime-lhe um cunho á cada phase das idades; as roupagens das idéas, das paixões, dos designios, renovão-se, alternão, somem-se, e reapparecem como as modas dos casquilhos, subsistindo a mesma expressão do caracter, e da indole. Transformados assim pelo tempo, pelo atrito dos acontecimentos, outros, sendo os mesmos, os que encontraes em Serro-

Corá são os proprios que vistes em Assumpção. Conscio de sua competencia e de sua força para lançar essas linhas de mestre que debuchão uma phisionomia, uma personalidade, o auctor da *Nemesis* as esboça quasi negligentemente, occultando sob o véo da mais perfeita singelesa os labores difficeis da arte.

Lopes tarda em apparecer em scena; a platéa está impaciente; quer vêr o Cacique... o Mata-Mouros, o anthropophago?... tenha paciencia; a personagem é um cavalleiro, um politico, um diplomata; o auctor esconde-lhe as garras, desfarcha-lhe o pello do tigre, dissimula o rasto do digitegrado; conversa com o Bispo; está dominado de alta razão... tudo isso é verdade porque é a verdade, e ninguem pode deixar de ver essa personalidade tão bem esboçada, que, á ouvil-a, não precisaes vel-a; que, ao vela, não precisaes ouvil-a. A platéa espera com anciedade uma golfada de sangue que, aos stertores da ira e da ameaça, comece á tingir tudo de sangue: ouve um interlocutor que se expressa em termos politicos, elegantes, fallando a lingua diplomatica, assumindo esse tom nobre, e simples do chefe de uma nação, seja embora o Paraguay.

Em compensação deste primeiro *cheque* que recebe na platéa, acceite o autor que scube ser verdadeiro, e verosimil os emboras da critica que sabe aquilatar o seu merecimento. Em verdade, esse personagem que apparece pouco, falla pouco, de quem se falla muito, que poem em movimento um grande e complicado machinismo, uma especie de Deos occulto, potestade celeste, ou infernal, cuja personalidade cobre e domina tudo, tem um fundo de verdade, de ve-

rosimilhança, que sem nos apercebermos, deixamos o Lopes da guerra do Paraguay, para contemplarmos o Lopes da *Nemesis*, tão bem buchado, tão caracterisado, tão positivo, tão evidente... Caminha, despenha-se pelo desatino do erro e da mentira, passa por todas as transformações da fortuna, até que chega o seu dia.

Verdadeiro, verosimil, o auctor não precisa encarecer nos efeitos do quadro: sobriedade de tintas, sobriedade de coloridos, o protagonista se revela na magestosa simplicidade da natureza; interprete digno da natureza, o auctor deixa na sombra as maculas, a feitura, as manchas de sangue, a orgia, o deboche, do coração e da alma, do homem e do animal, sem que a personalidade perca a sua verdade, a sua verosimilhança; e obedecendo aos mais severos preceitos da polidez, eda urbanidade, não exhibe em scena aquillo que todos vêm, que a tradição conservará, que não deve manchar os quadros do Drama, homenagem paga á arte, á civilisação, á humanidade, ás exigencias do gosto, e da generosidade do auctor, e da Nação, que não podem cuspir o tumulto do homem que se resgatou á infamia, e á ignominia, pelo seu sangue, e pelo sangue de seu filho!

A platéa está silenciosa? Deixal-a; aproveitemos o seu silencio para conversarmos.

O *romantismo*, (um prognostico de Pope) exagerando-se, e pervertendo-se nas *tendas da Bohemia* que o acolheo, levou o Drama ás degradações que tornarão desertos os theatros dramaticos, depois de esmagarem o gosto, e levarem quasi ao desprezo a arte; o *romantismo* enfatuando-se, empollando-se, passando da vehemencia a epy-

lepsia, dos coloridos ao vermelho negro, era applaudido quando punha em scena a Medéa a trucidar meninos, ou Atreu (coram) á preparar a sua nefaria cosinha. O Brasil aparelhado á concorrer ás festas da Bohemia, como já o sentia Filinho Elisio, quando d'além do Atlantico, dizia de nós—« ou trouxe-a do Brazil fôsa e confeita,—n'um barril de melago um carioca,—embarcou-se na torrente, e deu tudo quanto tinha em elementos de dissolução, aliás uma seiva nova que prometia maravilhas d'arte, flôres, e fructos da planta Iberica que demandava nesta parte do novo mundo o seio fecundo de uma terra virgem, o sol do ananaz, e dos pomos d'ouro, as brisas creadoras á acariciarem os mais bellos dons de Flora.

Com toda ingenuidade da ignorancia da arte, e com toda a força do entusiasmo irreflecido, o Drama trilhou essa triste vereda, que não tinha fim, que teve uma reacção como a reacção politica de 1815 em França, um resfriamento, que era a morte da arte Dramatica. A *Nemesis* ergue-se agora, *vingadora da arte*, como augurio de melhores dias do Drama; ella vem mostrar que o genio, e a inspiração dependem da arte:—o fanal que o guia, brida que o contem, e o dirige; que o bello é, em primeiro logar, a verdade; que a arte é o segredo da verdade; e que o estudo é a chave do thesouro da verdade:—estudo da natureza, estudo dos grandes modelos, das obras dos mestres.

A *Nemesis* revela o estudo da natureza servido por uma intelligencia rica de todos os conhecimentos humanos que descobrem ao homem a creação primor do paraizo depois da feitura dos

anjos, e a degradação do homem depois da expulsão do paraíso; a *Nemesis* assim fadada, quiz nascer como a Venus das espumas do mar, mas depois de se espelhar, confrontando-se com os modelos da arte: é assim que Pope concebe o natalicio da Eneida:—o moço Marão á evocar as potencias do genio e da inspiração, á conquistar a chave do segredo da morada das Mães, e quando havia conquistado esse segredo, caminhar pacientemente até as margens do Cephiso á confrontar a sua obra com o divino modelo que devia sagral-a, para ser recebida no Capitolio! Prasa á Deos que a *Nemesis* seja comprehendida, seja um guia, e um conselho; seja a reacção verdadeira, não a reacção beata e hypocrita que alguns querem fazer succeder á desordem do romantismo descabellado!

O amor de Irsilia está no fundo da concepção da *Nemesis*; não é um enxerto, não é uma parasyta, não é um episodio da guerra. A concepção faz o amor de Irsilia; nem uã superfatação, menos uma excrescencia; é parte de uma dualidade que não lhe prejudica a unidade, concepção digna de quem soube conduzir-a tão felizmente, que não podeis desligal-a sem estropiar a gentil moça. Irsilia sem a guerra não tem existencia; a guerra sem Irsilia não tem movimento, não tem as feições que lhe dá *Nemesis*. Si me é licito descer d'este dogma, diria, que, como na economia humana, o amor de Irsilia na *Nemesis* é o apparelho da geração que vivendo ahi a parte, formando como que um individuo, não pode ser sequestrado, sem que um e outro, deixe de existir formando individualidade; a separação é o aniquilamento do verbo dessa dualidade. Si

me permitirem levar avante o confron'o, direi que, nos seus effectos, a separação das duas entidades na *Nemesis* seria como o seqresto dos órgãos da geração na machina humana, destruindo essa harmonia, e reciprocidade, que é a vida, o movimento, a belleza, a perfeição.

E' nas composições Dramaticas um defeito muito commum e muito tolerado: o enxerto de um amor, uma especie de guisado sem valor culinario para semetria de um prato,—a confissão de que tudo morre na natureza sem o amor, embora esse amor não pertença á cousa á que se lhe quer affeioar. A parte de Irsilia no Drama se compagina no enredo inalienavelmente, caminha no movimento do Drama, concorrendo com seus órgãos de progressão, e com toda sua personalidade.

O auctor, certo de seu bom acolhimento, certo de que ella se irá revelando ao progresso da acção, abandona-a na salla do Palacio do Presidente da Republica, uma moça que sae do collegio para casar, como se casa communmente em nosso paiz; não a encarece, não se apressa á pol-a em evidencia; sabe que ao diante a luz se fará á roda d'ella; que ella se ha de desenhar em traços dignos do logar que occupa, que os expectadores a esperarão com soffreguidão; que ella hade se erguer, contornar-se, aformosear-se, movendo affectos, prendendo a acção, até elevar-se, sublimar-se, proferir a sentença de Lopes, representar a *Nemesis*, a divindade da vingança, um dos lances mais sublimes da acção.

A moça cresce, enfeita-se, forma-se no exilio, na escravidão, nos carcereas, nas luctas as mais crueis do captiveiro, e das offensas do pudor.

Eschola terrivel ! a adversidade porem é o fogo que tempera o aço, quando se lhe submete o ferro, não as folhas das arvores !

Para proferir a sentença de Lopes, comprehendeo a humanidade, teve as revelações do céo, como os anjos que encherão as desgraças dos homens; uma intenção de coração feminino que sabe apalpar, e sentir a dôr de todas as feridas; a auctoridade apostolica de quem ajoelhou-se aos pés do catre dos que soffrem, misturando com as dos infelizes as proprias dores; a dedicação e o sacrificio de que é capaz o coração da mulher; a abnegação até comprar as lagrimas dos seus á custa de tudo, da propria honra, si chegasse até ahí a horrivel tensão da situação. Oh ! para odiar Lopes como um anjo pôde odiar, fulminando-o o anathema mortal, era mister ter sentido no peito o fogo sancto que impellio a Magdalena a lançar ao sterquilinio as suas perolas, e os seus brilhantes ! Só o amor faz no individuo os mylagres que opera em grande na madre-natureza !

O auctor não contornou as difficuldades do papel de Irsylia, atacou-as de frente, venceo-as completamente, e exaurio todos os recursos d'esse papel. A roupagem da heroina ajusta-se perfeitamente ao corpo; o amor a transfigura; a desgraça, ao calor do amor, eleva-lhe a moral. A roupagem se identifica com a pessoa, e como a pessoa, transformando-se ao movimento da acção, adquire dobras, e fluctuações que descobrem as graças, e as bellezas de uma individualidade, em quem o *quid divinum* da natureza feminil, é o proprio amor, aquelle que ora se abraça ao divino amante que se eleva em uma

cruz, ora enche de encantos o lar, e o coração de um pai.

Uma das difficuldades do papel, o amor, o escolho do commum dos engenhos que explorão esse assumpto, tão difficil de ser representado, como de se dizer cousas frivolas, ou communs da vida, um assumpto sedico, exgotado, á não se copiar eternamente o cantor de Dido,—pôis bem ! o auctor da *Nemesis* não flanqueou sua difficuldade: arrostou-a. Onde está o segredo d'esse triumpho ? Si ha verdade na concepção, nos caracteres, verosimilhança nos desenhos da *Nemesis*, a alma da alma, o amor devera fallar, e revelar-se; devera revelar-se como a criação, como o sol, como o Fauno, e a Flora da terra, vestindo-lhe o frio e denudado esqueleto, á festejar as grandesas do creador, a entoar o seu hymno, uma harmonia levantada pelas vözes de todos os seres á evocarem o genio que as inspira !!

Mas comprehender o amor, saber-o talvez sentir, esboçal-o com a felicidade do cantor de Dido, saber collocar-o na sua verdadeira altura, saber evocal-o, como a inspiração eterna de tudo quanto mais elevado e uobre existe na terra, era saber pol-o em scena, manejar essa alavanca poderosa que imprime movimento ao universo, traça os destinos da humanidade, ergue os monumentos eternos que se chamão civilisação, humanidade, fraternidade, christianismo ! Com rasão pois é, no Drama, a parte de Irsylia aquella á quem coube maior espaço, aquella que enche todos os claros do quadro que pelas suas proporções deixavão vazios na tela ! Dominando por sobre tudo, enche a grandesa da tela, como

enche o universo, impelle, agita, estremece tudo a—semelhante faísca que faz as maravilhas da dinamica —a luz, o calor, as afinidades que poem em jogo todas as forças da natureza. O auctor toma todos os seus pinceis, e todas as suas tintas para copiar, e por em scena essa pôtetade infinita : illumina como um a revelação a salla do palacio do Presidente; borrija de flores o esteiro do exilio; faz o dia no escuro das prisões; faz surgir os arreboes da esperanza; solicita, dirige, eleva, todos os affectos bons ; é a luz a alumiar o altarem que se consagra o pudor, a virtude, as mais bellas e nobres porções da revelação da humanidade ; abre os céos da esperanza nos infernos, onde não ha esperanza ; é a inspiração da lyra que verte as mais bellas harmonias, o coração !

Quando vêdes na *Nemesis* toda essa riqueza, e ostentação que, em coloridos, tons, tem o amor, e o comparaes com o seligo vocabulario das scenas de amor dos 30 milhões de Dramas, e Romances, a tyranna obrigada do pobre spectador, ou leitor, que toma assento na platêa, ou procura o refugio de um livro que lhe mate as horas aborrecidas da vida, e que encontra o enojo e o somno, haveis de convir, ao ver a *Nemesis*, que a arte não é um jogo frivolo á desfiar strophes decas, a multiplicar pendentés á um arlequin tantijoulas, e anneis á nma loureira, ou á ressuscitar o eaphuismo nas declarações amatorias de um daudy. Mestre da arte, o auctor da *Nemesis* achou o segredo da verdade, da verosimilhança, pon-lo o amor em scena.

Ao chegar á Madama, tremo..., tremo diante da mulher que odia, que ama... confundo-me diante d'essa porção divina que nos queremos

desconhecer, e mais se eleva sobre a nossa rebellião ; tremo diante do inimigo que acommette com as terriveis armas de dous fios de perolas á correrem sobre um plano em que a luz faz jogar a morbidez do marmore, os reflexos das cousas divinas, os coloridos, o branco e a purpura que assomão da alma,—a alma, flora que tem todos os tons, e todas as tintas para colorir os jasmims, e as rozas das faces... ah ! vejo o perigo de acercar-me d'esse inimigo terrivel, que mata morrendo, como esse terrivel repil, o terror das nossas zonas do norte, ou como essa ave que na terra das maravilhas morre para nascer...

Felizmente o auctor da *Nemesis* vem em meu soccorro... Si eu quizer desconhecer Madama, ou insurgir-me contra seu poder, elle a porá em evidencia constatando sua identidade. Eil'a ahi, a mulher ! *Ecce !* o abysmo de um inferno que o auctor da *Nemesis* como o *vidente* discortina sem ir sondal-o como Empedocles, sem emprender arrancar-lhe os segredos como Palmiere. Assenhoreando-se de sua pessoa, como Hercules da hydra, permite que nos aproximemos d'ella, tocal-a, ver-lhe a realidade, medir-lhe o porte, admirar-lhe os contornos, advinhar-lhe o gesto occulto sob' o veo do sallao, sem cairmos debaixo da influencia da sombra d'essa mansanilha, d'onde vêdes sair o homem que faz do Paraguay uma necropole !

Esboçando-a em sua terrivel belleza de mulher, faz-lhe sobresahir o porte, as fórmulas pela verdade do desenho, pela simplicidade da roupage, pela compustura das posições e dos gestos, sob as linhas as mais simples e singelas que esboção uma Niobe diabolica ; guardado

com religião o decoro do terrível busto, occultos sob o véo da arte os traços que se adivinham, o autor soube honrar o sexo, o lugar, o tempo; respeitou a mulher na sua aristocracia de sangue, filha da Eva creada no Paraizo, a porção do homem; abandonou ás turbas, aos herejes, aos impios, aos juizes, aos carcereiros, aos carrascos, as perolas manchadas do diadema da Aspasia, a tunica da Messalina, as fitas dos cabellos da Megéra, e subtrahiu-a á lapidação, ante as turmas de Phariseos esfaimados de escandalo!

Peza-me, sr. Dr. Diogo, não possuir para lhe offerecer, uma corôa de louros, sagrada no capitolio.

Se a *Nemesis* fôra uma dessas producções que vivem um dia á vista da embecilidade do publico, ou da surpresa que deixa passar a maior parte dos immortaes, d'aquelles que collão seu nome ao frontespicio de um livro, Bergara por si só lhe daria immortalidade. O feliz achado de um typo que existe em grosso e a retalho em toda parte e em todo tempo, o vaso abandonado nas praças e nos becos ao zelo de edilidade, a herva-praga que enche as ruas deshabitadas, a beira dos eirados que o lavrador aborrece ao vêr prosperar em seu campo, como filho legitimo da terra.... o typo Bergara, a producção da natureza digo, a producção da civilização que encontras nos templos, nas ruas, nos theatros, uns á luz meridiana, outros nas penumbras e nos crepusculos, o typo Bergara, pela posição eminente que occupa no Drama, reivindicou seus direitos sob o patrocínio do auctor; e eis-o d'ora a vante reconhecido e filiado á sua legitima pa-

ternidade, habilitado por sentença, passada em julgado, e capaz para receber o quinhão de sua herança.

Nada ha mais verdadeiro, mais verosimil do que Bergara. Nada mais bem desenhado, nada mais completo na sua concepção, nos seus detalhes! Nada para se lhe comparar tão rico, tão profuso, tão espontaneo, tão promettedor! Oh! Bergara! Que perda para a humanidade, escapares ao pincel do Dr. Diogo! Perda dobradamente maior que escapar-te a princeza com os seus 600 contos!! Que desgraça para ti, e que calamidade para o theatro, se não rebenta a guerra do Paraguay! Para ti morrerias sem um epitaphio, tu digno dos pinceis do Dr. Diogo; para o theatro, que perdia em ti o typo, o padrão o mais bonito da tua especie, o seu decoro, a sua alegria, a sua felicidade! Mas, eu que ahite vejo, eu, discipulo de Cuvier, não posso classificar-te.... A' que familia de animaes pertences?... Mas, eu renuncio á gloria de te classificar, de te descrever, cousa superior ao meu talento; e de mais, não posso seguir-te em tua infatigavel mobilidade: andas, fallas, tractas de tantos negocios, que te falta um momento de repouso, para que te possa fixar no cavalete. Vou ver-te na *Nemesis*, no teu Buffon, hei de ver-te todos os dias; não me saciarei de ver-te ahi, onde appareces completo, acabado, irrepreensivel, digno de teu sangue e do publico que vai victoriar-te!

Quando deparo com uma obra prima como Romaguera, sinto pesar sobre minha cabeça a maldição de Esculapio, que nos condemnou de escarpello em punho á desmanchar a obra prima

da natureza; a difamar e a estropiar, pretendendo por á luz as maravilhas e os segredos do chefe d'obra do creador.... *dessecar.... demoustrar....* pela destruição! extranha concepção!

O que é Romaguera?! Uma questão terrivel, um pesadello, como aquelles que perturbavão as noutes de Hamletto! O que é Romaguera! E o que fará delle a sciencia da moral e do direito? Quem é seu juiz? Qual seu tribunal? Em que codigo está a sua imputação?

A historia anedoctica e a historia ideal do homem, a serem comparadas, offerecem disparidades que são escolho de toda philosophia practica, quando se tracta de classificar um individuo. Imaginae que a historia ideal é o individuo, a sua archetypa, a representação fiel da sua individualidade; e que sua historia anedoctica é a sombra, o jogo da luz, o plano coberto pelo cône cuja base é a superficie, a parte não alumada do corpo. O jogo da luz que imprime à esse desenho as mais extranhas modificações, conforme a direcção do raio luminoso, produz os mais extravagantes effeitos. O individuo de elevada estatura torna-se pigmeu e aperrado como um laponio, se a luz lhe cae perpendicular; um individuo de mesquinha estatura torna-se gigante, si a luz lhe cae obliqua; aquelle cujo busto se distorce esbelto, e gracioso, apresenta uma corcova, a simples exaggeração, pelo effeito da direcção da luz, de uma curva graciosa da espinha; aquelle que ostenta um nariz a fidalgo, fica reduzido a uma mascara de Hottentote, ou de Malaio, pela depressão d'aquella nobre saliencia; tal cuja cabeça se desenha em linhas regulares, fica escenço, tendo em cima dos hombros, em

lugar de uma bolá, um cône de disparatada irregularidade. Pois bem! os caprichos da luz que assim deformão um original, ao desenhallhe a sombra, são os agentes exteriores, o meio, as circumstancias, a sociedade, os acontecimentos, os accasos dos brinços da fortuna, *sommatudo—, os agentes exteriores*. Então, quantas feições, quantas perspectivas, quantas apparencias, que tomaes com as paginas da historia real do individuo, pertencem meramente á sua historia anedoctica, ao jogo da luz, nas posições que, em relação á ella, guarda o individuo?! Quantas vezes, aquil o que é o summo bem na historia ideal, não é uma monstruosidade do mal na historia anedoctica?! Quantas vezes um grande crime não é simplesmente uma linha de mais, ou de menos no desenho de uma virtude, por effeito de um capricho do jogo da luz! Ah! nossa moral, nosso codigo, nossos tribunaes, nossa sciencia do direito!!! Mas, separemos-nos, Romaguera, é tempo.... Aprofundar-te, para que? Estais muito bem ahí na *Nemesis*; hei de visitar-te muito á miúdo, si a minha companhia te agrada; pouco importa que sejas um miseravel, ou simplesmente um jogo da luz; ou grande malvado, ou pobre diabo, Sanchô-Pansa, ou Mephistopheles.... O auctor da *Nemesis* sem deformar-te á golpes de escalpello, assaz te exhibio, e te demonstrou.... podemos tratarmo-nos civilmente, sem importar-me o teu intrinseco, como nao me importa o intrinseco de todos esses que *me tocão no chapéu....* A' Deos, Romaguera! quando passares de papagayo á ministro accreditado em Berlim, toma para secretario o compadre Le-

guisamón, e quando entrardes em Potsdam, ordena-lhe que como secretario da embaixada, escreva na parede da sala de recepção *Resedal*. Si te perguntarem o que é *Resedal* (olha, toma a lição, meu papagayo!) diz, que *Resedal* é uma cousa como —Manés-Théxes-Phares— que escreverão na parede do palacio do Presidente Lopes, o Balthasar da America do Sul. Feito o que, de harmonia com o gabinete de Berlim, trabalhae para cimentar as sympathias dos dous povos, consolidar seus mutuos interesses, conspirar á grandesa de seu futuro!!

A penna que debuchou Romaguera não se embotou para desenhar Arzamendia; porque é um stylête do mais fino aço. A cabeça de Arzamendia um tanto achatada, parece haver cedido á pressão que lhe imprimio á tonsura, como o vertice da columna cede á pressão do capitel, ainda que seja marmore, ou granito. Não é Romaguera, nem Leguizamón; porque o auctor da *Nemesis* não precisa de duplicata para affirmar sua fertilidade, sua abundancia. Arzamendia parece-se muito com Romaguera; mas é um typo... oh! um typo que se perpetuou, formando especie, pela reproducção da semente... o typo que nasceu em Roma, que se chamou *Incitatus*, que teve as honras de Pontifice, e as honras consulares; uma semente que tem medrado em todas as terras pobres, á sombra dos governos absolutos, á favor das esterquilinas das populações degradadas, pervertidas pela ignorancia, e pela baixeza, servindo-lhe admiravelmente certos periodos do tempo, os seculos que tem produzido Sardanapalo, Nero, Atila, Borgia, com innumerous anneis que vem se arrematar em Rosas, e Lopez.

Arzamendia! d'onde vieste? és tu o filho do Compadre de Luiz XI? Como!? Tu, a planta Iberica, dourada, e perfumada, que deveras ser na America o pomo digno de ornar a meza dos Deuses, como appareces ahi acro, repulsivo, e viroso, uma degradação da especie, um hybridó, que não tens o sabor, as fórmãs, as côres, os aromas do teu Himetto, os attributos os mais bellos da tua especie?! Sabe-o no entanto melhor que eu o auctor da *Nemesis*, de que genesis provinhão da Iberia Las-Cazas, Anchieta, Caldas, Vieira, aquelle jardim de Oliveiras, e Carvalhos, ornamento da patria, onde a cruz, substituindo o baculo, era o labaro que guiava os *caballeros*, á lançarem fóra da terra sagrada da patria as hordas infestas com seus serralhos, com seus vizires eunuchos, com seus principes de colleira ao pescoço, aquelles varões, de que *Urvieta* é o ultimo rebento, escapo á immersão das aguas infectas do Paraguay, o mar morto da ultima Judéas! Feito este reparo, em desaggravo do clero Chri-tão de todo o mundo, e particularmente do Brasil, deixem passar Arzamendia, uã creação digna da penna do Dr. Diogo que sabe copiar os debuchos os mais difficeis, e delicados da sua imaginação, que sabe conceber, e sabe representar, duas potencias que de necessidade andão travadas em indissolúvel alliança.

Apezar de reconhecer que me vou extendendo em longas divagações, quero, antes de deixal-o, dar á Arzamendia um conselho: não se mostre á todo o mundo, Reverendissimo! Este conselho talvez pareça uma ingenuidade, tal como me parecerá o de um leiloeiro na cõrte, que ao apregoar um lote de livros formado pelas obras de Chatau-

briand, proclamava aos freguezes: "Meus senhores, esta obra é uma cousa preciosa... muito boa... é a primeira obra do mundo! é uma cousa inapreciavel... poucos a podem lêr..." Tenho medo, Padre Arzamendia, que a platéa, em lugar de tributar-te as homenagens á que tens direito, só se occupe do teu pittoresco uniforme de blusa azul com vivos roxos, e com a tua cruz roxa ao lado esquerdo do peito, tomando-te pelo histrião.

A' todas as bellezas dos papeis da *Nemesis* accrescenté-se a oportunidade, a necessidade. Nenhua parte é ahí superabundante, nenhuma occiosa, nenhuma que não tenha o seu logar preciso, como a pedra angular de uma construcção. Nenhua parte desmerece no interesse, no á proposito; nenhuma deficiente, nenhuma prolixa: são peças de um maquinismo perfeito, onde uma falta, ou um excesso seria sensivel, uma dissonancia, uma perturbação do systema. Passo por todas as personagens do Drama que ahí se filião por uma palavra; não porque deixe de me prender o interesse que me inspirão, a conveniencia, a oportunidade, a verdade do caracter de cada uma; não porque não deseje examinal-as uma por uma, estudal-as, aprender n'esses modelos á vencer as maiores difficuldades da arte, a exhibir em scena uma personagem quasi muda que sõe a ter um acolhimento de alegria suspeita por parte da platéa. Mas diante de Servula, a Reseda, cumpre parar.

Tenho gravado na memoria um par de actrizes do theatro de São Pedro, na corrie, uma mãe, e uma filha. A mãe era uma quinquagenaria dos bellos dias do Costa, e da Lodovina, baixa, gor-

da, com um buço preto que a idade exaggerara, e que ella não pudera submeter, apezar da sua longa pratica na arte de arrebique, parecendo provavelmente gastar com a filha todo o seu material de vermelhão, e alvaiade. Muitas vezes, mãe, e filha representavão os respectivos papeis de Mãe, e Filha. Pois bem! nunca assisti á uma scena em que figurasse aquelle par, fosse de risos, ou de lagrimas; em que a mãe, e a filha deixassem de ser acolhidas com os risos que fazem enfiar um actor. Cada um dos que rião pudera ter uma razão; mas a razão que me parecia a mais dominante era a mentira do papel, o desenhamento dos logares communs, as lagrimas da voz, que não partião d'alma, como não actuarão sobre a alma do auctor, os lances sempre os mesmos, sempre esperados, os desmaios, os beijos trocados sob todas as regras scenicas, os sentimentalismos de encommenda, as mortes á matarem quem nunca morria...

Não perdi por certo o meu tempo á assistir á aquellas noites tão alegres do theatro de São Pedro, ás vezes bem vazio. Como Dumas (o velho, não conheço o novo), pudera ter aprendido o *de que* gosta o publico, e o *de que* não gosta; o *de que* o publico deve gostar, e o *de que* não deve gostar; o como se deve crear um papel de Mãe, e de Filha. Eis o que realisou o Sr. Dr. Diogo, que soube inspirar-se nas verdadeiras fontes da arte, na verdade, na verosimilhança dos affectos, dos caracteres; das phisionomias, dos movimentos! Servula tem todo o interesse, toda a verdade de Mãe, é a copia a mais perfeita da maternidade. Sem duvida o auctor estudou os modelos na natureza; tinha-os á mão junto de si, como um li-

vro instructivo diante dos olhos: Muitos, como aos livros exilados eternamente nas prateleiras de uma estante, não olhão esses modelos, como livros escriptos em lingua desconhecida; não os comprehendem, si os lêem, pelo desinteresse com que os considerão; cumpre conhecê-los, para avaliar-lhes o merecimento, e reconhecer a sua auctoridade. Compreender esses assumptos, conhecê-los nos livros, ainda não é tudo na arte, sómente meio caminho; representar as scenas do amôr materno ainda é outro talento, que tanto vem do espirito, como do coração. Si o espirito poem em ordem as idéas, grupa-as, as dispõe, dá-lhes semetria, tecendo a sua trama complicada, evoca o logar, a occasião; o coração é quem lhes dá côr, movimento, calor, vida... é quem lhes dá essas medidas, e tons, unica lingua digna de interpetrar as inspirações d'aquella lyra, o amôr materno. Haverá nada tão natural, tão verdadeiro, tão verosimil, e pois tão bem fadado como *Servula*?!... Por isso é ella na *Nemesis* a lyra que canta as cousas as mais douradas do coração, a harpa embebida das saudades da patria, e das solidões do captiveiro, o travo acerbo que mata a alegria dos labios de sua filha; o alaúde que preludia as lagrimas que hão de cahir debaixo d'esse salgueiro sobre a sepultura de uma mãe suplicia na no captiveiro da terra estrangeira... *Servula*! nunca mais sahirás da minha memoria, tu que me chamas á 50 annos passados, e me fazes evocar a mais grata lembrança de meu coração, e a alegria a mais pura de minha vida...

Vou concluir, Sr. Dr. Diogo, e permita-me mais duas palayras;

O movimento do Drama se effectúa sob'essa lei imprescendivel que determinou o valor dos papeis, suas relações, suas distancias, os espaços a percorrerem em suas orbitas, sem que as personagens desmanchem suas posições, seus grupos naturaes, se desloquem, se atropellem, se annullem, suspendão, demorem, ou apressem sua carreira; como se filião, e se succedem os acontecimentos, a marcha do Drama enceta-se, caminha, procura o seu fim, n'esse concerto que faz a belleza de um complicado systema, em que cada parte acóde á hora precisa, encarrega-se do movimento, ou o auxilia com o seu concurso, sem discontinual-o, sem intorpecel-o, sem inverter a sua tendencia de progresso. Caminha a fabrica, como o seu pensamento, uma criação completa, onde cada orgão, cada parte se mantém na sua orbita, concorrendo ao fim geral. Cada parte tem a sua proporção de acção determinada que não exorbita, nem abandona; cada papel tem o seu desenvolvimento determinado pela necessidade de sua existencia; cada scena dá o contingente de uma somma de acção que preenche o seu fim, sem arrastar-se em enfadonhas prolixidades, nem precipitar-se, deixando lacunas. O movimento, sem esmorecer, ganhando intensidade sob' a lei que o anima, tende ao seu fim, sem fatigar-vos, sem surpreender-vos... uma harmonia, a harmonia que vem da conscienciosidade da criação, do modo de conduzi-la como quem comprehende a sua mecanica, da sua perfeita elaboração; uma criação que se dobra sem violencia ao jugo das leis severas que presidem á um systema. Não ha ahi nem precipitação em chegar, nem fadiga, ou torpor em

sustentar o movimento que conduz ao desfeixo.

A scena se abre como um quadro de payza-gem a horisontes longinuos, como essas aguas do Paraguay que lhe servem de fundo, e na sua simplicidade, nos seus meios que se escondem sob o véo da singeleza, um dialogo frivolo, linhas que vão se complicar como a grande trama de vasta ardidura, a vida, o calor, a animação que vão ganhar um movimento ascendente na mais concertada gamma, deixão entrever o ovule que tem de assumir proporções gigantes-cas, desenvolvendo-se-lhe os membros, como nas creações presididas pela força vital, por uma intussuscepção, em que o individuo cresce de uma só peça, caminhando simultaneamente em seu desenvolvimento cada um de seus órgãos: a unidade de acção não se desmente, como a individualidade do individuo todo; como nas creações organisadas, a acção sóbe, cobra intensidade, anima-se, ascende em calor, interessa, abala, commove, e completando seu movimento, chega ao desfeixo, satisfazendo amplamente a spectação: o Drama, caminhando á esse desfeixo, cada vez mais palpitante de interesse, redobrando de esforço para chegar, para se completar, conserva o espectador suspenso, offegante; e sem se precipitar, ou se anteceder, sem cançar, ou desanimar-se, como quem medio suas forças, e o stadio á percorrer, galga o seu pinaculo, como quem surge victorioso das planuras profundas, como Fausto ao voltar da morada das *Mães*, trazendo Helena nos braços!

Um respeito religioso d'essas regras que se aprendem nos grandes modelos; que ninguem

traçou em um cathecismo que traz na algibeira o atica-candieiros do theatro; porque é a intelligencia da arte; um comedimento da mais severa reserva, fructo do gosto e do amôr da verdade; uma sobriedade arisocratica que não é o medo, nem a pobreza, collocão o auctor no plano d'aquelles dilectos da arte que sabem tornear as fórmas, dando ás idéas seus mais legitimos contornos, vestil-as nobremente com graciosa simplicidade, external-as n'ua phrase tersa, modificada ao sabor das occasiões, e dos personagens, viva, incisiva, sem pezar sobre a idéa, sem deixal-a voar, ou dissipar-se no espaço; de um torneio que excede Terencio em facilidade, em naturalidade, phrases alinhadas, e formando curvas como caprichosos arabescos, sem lhes perder o fio, o sentido obvio, e claro, aparadas como o estylète á ponta de diamante, curto, á frizar o pensamento, e á imprimil-o foriemente na lamina que o recebe, á economisar as dicções que o auditorio acha complementadas no seu pensamento, como quem compreende que a enunciação só serve o pensamento; como Terencio, manejando com a melhor graça esses enunciados onde ficão occultos os termos *que brilhão por sua ausencia*, lisonjeando o gosto, e o ouvido do auditorio que detesta os *maçantes*, e ama aquelles que sabem empregar o espaço, e o tempo á enunciar pensamentos, não á agitar o chocalho das palavras. Brilha a fórma da ideia na sua vestimenta ligeira, graciosa como esses estofos que brilhão pela ausencia do lustre, e do verniz da gomma; agrada, e atrahê o ouvido sem a impertinencia dos trocadilhos, e das farpas que se chama espirito; como o dizer de Racini que

não sabe desauthorar a seriedade, e a graça do pensamento, pela pretensão á espirito, ou salpicar os dedos nas cousas desaceiadas; tem o gosto Paulista a ironia fina, e delicada da *Nemesis*, beliscões de criança que não ensanguentão, nem contudem; a mais severa observancia das regras grammaticaes, cousa rara hoje, e entretanto sem o medo de que a ferula intervenha no certame; forte, senhor do dialogo, onde dous ou tres interlocutores disputão a expressão do pensamento do auctor, sua propriedade, que elles tomão a si externar, concorrendo um com o complemento da idéa que não paira suspensa, ou incompleta: *duello*, *duo jogo*, ás vezes um interlocutor dá o golpe de graça a obra começada pelo primeiro, completando uma phrase; dous interlocutores pela variação do tom, fazem o dia á uma idéa; brinco de crianças, um acha a ponta do fio da emaranhada meada, cujas evoluções o outro prosegue até desfazer os nós sem estragar; um jogo da palhinha, em que o auctor só sabe os pares que cada palhinha deve ajuntar. Abundante sem prodigalidade, sobrio sem pobreza, caminha como o viajante preparado para uma longa jornada, ao qual nada falta, nada sob'carrega de peso inutil; ostenta a phrase conceituada sempre sem ser sentenciosa, completa sem superabundancia.

A disposição das scenas, o grupo das figuras, o movimento das peças do maquinismo, tudo conspira ao complemento da acção. Nada de lances estudados, nada de soluções vulgares, ou absurdas. Os grupos se formão naturalmente pela afinidade das idéas; os desenlaces que não estão na previsão do espectador não podem ser acoi-

mados de excêntricos; nada de Deus occulto a mecher tola, ou indiscretamente as molas, e as *polês* do scenario; nada de extemporaneo, nada de omitido, nada anachronico. Os lances theatraes, os logares communs, os sentimentalismos, tem o cunho da verdade, e da felicidade da escolha.

Com taes recursos, o Drama consegue seus fins, perfeitamente atingidos: instrue, interessa, commove, agrada, eleva a alma ás regiões do bello.... taes são seus effeitos. Si eu tenho alguma competencia como juiz, a *Nemesis* vinga a arte Dramatica, e promete a feliz reacção que a eleve, e a sagre, e sou o primeiro confessando minhas culpas, á reza do credo que aprendi na *Nemesis*:

“Creio no talento, na inspiração, no genio; mas creio tambem na verdade, no estudo, na observação da natureza, no estudo dos mestres; creio na arte, simples, singela, graciosa, como a donzella que colhe as flôres na terra, mas contempla com sancto arroubo as cousas do céo, onde existe o bello. Creio que o romantismo descabellado ha de morrer, e que a nova geração d'elle não terá novas como d'esses imperios que as revoluções, e os terremotos varrerão da face da terra, em castigo de seus peccados.”

Era aqui o logar obrigado do ponto final, uma vez que o auctor conseguiu os seus fins, e sem apagar esse ponto final, como não está em minha jurisdicção, admitta mais duas palavras, á guisa de post-scriptum:

Quando submetti á censura do meu Presidente de acto a minha these inaugural ao Doutoramento, o meu bom Padrinho, Dr. Luiz Francis-

co Ferreira,—de quem me lembro com a saudade de amigo velho, ao acabar a leitura,—o que foi breve, por que a these era a mais pequena apparecida na eschola de Medicina, não me tendo feio reparo algum durante a leitura; carregou subitamente a catadura, e á modo de quem puchava pela ferula, me interpellou em tom exprobador: “como não cortou o Senhor este—t?— E com um movimento exabrupto, com o gesto de Cromwel á assignar a sentença de Carlos I, cortou-me o—t—de um modo que mais parecia contundil-o, do que *cortal o*. Tive vontade de abraçal-o, e deixar cahir em seu seio onde cabia tanto amor paterno para os filhos alheios, uma lagrima de gratidão. Agora vou tambem pedir ao amigo, não sem algum ressentimento, que corte na sua obra dous—t—; elles ahí estão, mas falta *cortal-os*:

VIVA O CAXIAS!

VIVA O IMPERADOR!

Indaiatuba, 25 de Setembro de 1872.

DR. BENTO JOSÉ LABRE.

traçou em um cathecismo que traz na algibeira o atica-candieiros do theatro; porque é a intelligencia da arte; um comedimento da mais severa reserva, fructo do gosto e do amor da verdade; uma sobriedade arisocratica que não é o medo, nem a pobreza, collocão o auctor no plano d'aquelles dilectos da arte que sabem tornear as fórmulas, dando ás idéas seus mais legitimos contornos, vestil-as nobremente com graciosa simplicidade, external-as n'ua phrase tersa, modificada ao sabor das occasiões, e dos personagens, viva, incisiva, sem pezar sobre a idéa, sem deixal-a voar, ou dissipar-se no espaço; de um torneio que excede Terencio em facilidade, em naturalidade, phrases alinhadas, e formando curvas como caprichosos arabescos, sem lhês perdêr o fio, o sentido obvio, e claro, aparadas como o estylète á ponta de diamante, curto, á frizar o pensamento, e á imprimil-o fortemente na lamina que o recebe, á economisar as dicções que o auditorio acha complementadas no seu pensamento, como quem comprehende que a enunciação só serve o pensamento; como Terencio, manejando com a melhor graça esses enunciados onde ficão occultos os termos *que brilhão por sua ausencia*, lisonjeando o gosto, e o ouvido do audictorio que detesta os *maçantes*, e ama aquelles que sabem empregar o espaço, e o tempo á enunciar pensamentos, não á agitar o chocalho das palavras. Brilha a fórmula da ideia na sua vestimenta ligeira, graciosa como esses estoffos que brilhão pela ausencia do lustre, e do verniz da gomma; agrada, e atrahê o ouvido sem a impertinencia dos trocadilhos, e das farpas que se chama espirito; como o dizer de Racini que

não sabe desauthorar a seriedade, e a graça do pensamento, pela pretensão á espirito, ou salpicar os dedos nas cousas desaceiadas; tem o gosto Paulista a ironia fina, e delicada da *Nemesis*, beliscões de criança que não ensanguentão, nem contudem; a mais severa observancia das regras grammaticaes, cousa rara hoje, e entretanto sem o medo de que a férula intervenha no certame; forte, senhor do dialogo, onde dous ou tres interlocutores disputão a expressão do pensamento do auctor, sua propriedade, que elles tomão a si externar, concorrendo um com o complemento da idéa que não paira suspensa, ou incompleta: *duello, duo jogo*, ás vezes um interlocutor dá o golpe de graça a obra começada pelo primeiro, completando uma phrase; dous interlocutores pela variação do tom, fazem o dia á uma idéa; brinco de crianças, um acha a ponta do fio da emaranhada meada, cujas evoluções o outro prosegue até desfazer os nós sem estragar; um jogo da palhinha, em que o auctor só sabe os pares que cada palhinha deve ajuntar. Abundante sem prodigalidade, sobrio sem pobreza, caminha como o viajante preparado para uma longa jornada, ao qual nada falta, nada sob'carrega de peso inutil; ostenta a phrase conceituada sempre sem ser sentenciosa, completa sem superabundancia.

A disposição das scenas, o grupo das figuras, o movimento das peças do maquinismo, tudo conspira ao complemento da acção. Nada de lances estudados, nada de soluções vulgares, ou absurdas. Os grupos se formão naturalmente pela afinidade das idéas; os desenlaces que não estão na previsão do espectador não podem ser accoi-

mados de excentricos; nada de Deus occulto a mecher tola, ou indiscretamente as moças, e as *polés* do scenario; nada de extemporaneo, nada de omittido, nada anachronico. Os lances theatraes, os logares communs, os sentimentalismos, tem o cunho da verdade, e da felicidade da escolha.

Com taes recursos, o Drama consegue seus fins, perfeitamente attingidos: instrue, interessa, commove, agrada, eleva a alma ás regiões do bello.... taes são seus effeitos. Si eu tenho alguma competencia como juiz, a *Nemesis* vinga a arte Dramatica, e promete a feliz reacção que a eleva, e a sagre, e sou o primeiro confessando minhas culpas, á rezar o credo que aprendi na *Nemesis*:

“Creio no talento, na inspiração, no genio; mas creio tambem na verdade, no estudo, na observação da natureza, no estudo dos mestres; creio na arte, simples, singela, graciosa, como a donzella que colhe as flôres na terra, mas contempla com sancto arroubo as cousas do céo, onde existe o bello. Creio que o romantismo descabellado ha de morrer, e que a nova geração d'elle não terá novas como d'esses imperios que as revoluções, e os terremotos varrerão da face da terra, em castigo de seus peccados.”

Era aqui o logar obrigado do ponto final, uma vez que o auctor conseguiu os seus fins, e sem apagar esse ponto final, como não está em minha jurisdicção, admitta mais duas palavras, á guisa de *post-scriptum*:

Quando submetti á censura do meu Presidente de acto a minha these inaugural ao Doutoramento, o meu bom Padrinho, Dr. Luiz Francis-

co Ferreira,—de quem me lembro com a saudade de amigo velho, ao acabar a leitura,—o que foi breve, por que a these era a mais pequena apparecida na eschola de Medicina, não me tendo feito reparo algum durante a leitura; carregou subitamente a catadura, e á modo de quem puchava pela ferula, me interpellou em tom exprobador: “como não cortou o Senhor este—t?— E com um movimento exabrupto, com o gesto de Cromwel á assignar a sentença de Carlos I, cortou-me o—t—de um modo que mais parecia contundil-o, do que *cortal-o*. Tive vontade de abraçal-o, e deixar cahir em seu seio onde cabia tanto amor paterno para os filhos alheios, uma lagrima de gratidão. Agora vou tambem pedir ao amigo, não sem algum ressentimento, que corte na sua obra dous—t—; elles ahi estão, mas falta *cortal-os*:

VIVA O CAXIAS!

VIVA O IMPERADOR!

Indaiatuba, 25 de Setembro de 1872.

DR. BENTO JOSÉ LABRE.

traçou em um cathecismo que traz na algibeira o atica-candieiros do theatro; porque é a intelligencia da arte; um comedimento da mais severa reserva, fructo do gosto e do amor da verdade; uma sobriedade aristocratica que não é o medo, nem a pobreza, collocão o auctor no plano d'aquelles dilectos da arte que sabem tornear as fórmas, dando ás idéas seus mais legitimos contornos, vestil-as nobremente com graciosa simplicidade, external-as n'uã phrase tersa, modificada ao sabor das occasiões, e dos personagens, viva, incisiva, sem pezar sobre a idéa, sem deixal-a voar, ou dissipar-se no espaço; de um torneio que excede Terencio em facilidade, em naturalidade, phrases alinhadas, e formando curvas como caprichosos arabescos, sem lhes perder o fio, o sentido obvio, e claro, aparadas como o estylète á ponta de diamante, curto, á frizar o pensamento, e á imprimil-o fortemente na lamina que o recebe, á economisar as dicções que o auditorio acha complementadas no seu pensamento, como quem comprehende que a enunciação só serve o pensamento; como Terencio, manejaudo com a melhor graça esses enunciados onde ficão occultos os termos *que brilhão por sua ausencia*, lisonjeando o gosto, e o ouvido do auditorio que detesta os *maçantes*, e ama aquelles que sabem empregar o espaço, e o tempo á enunciar pensamentos, não á agitar o chocalho das palavras. Brilha a fórma da ideia na sua vestimenta ligeira, graciosa como esses estoffos que brilhão pela ausencia do lustre, e do verniz da gomma; agrada, e atrahê o ouvido sem a impertinencia dos trocadilhos, e das farpas que se chama espirito; como o dizer de Racini que

co Ferreira,—de quem me lembro com a saudade de amigo velho, ao acabar a leitura,—o que foi breve, por que a these era a mais pequena apparecida na eschola de Medicina, não me tendo feito reparo algum durante a leitura; carregou subitamente a catadura, e á modo de quem puchava pela ferula, me interpellou em tom exprobador: “como não cortou o Senhor este—t?— E com um movimento exabrup'o, com o gesto de Cromwel á assignar a sentença de Carlos I, cortou-me o—t—de um modo que mais parecia contundil-o, do que *cortal-o*. Tive vontade de abraçá-lo, e deixar cahir em seu seio onde cabia tanto amor paterno para os filhos alheios, uma lagrima de gratidão. Agora vou tambem pedir ao amigo, não sem algum ressentimento, que corte na sua obra dous—t—; elles ahí estão, mas falta *cortal-os*:

VIVA O CAXIAS!

VIVA O IMPERADOR!

Indaiatuba, 25 de Setembro de 1872.

DR. BENTO JOSÉ LABRE.

traçou em um cathecismo que traz na algibeira o atíça-candieiros do theatro; porque é a intelligencia da arte; um comedimento da mais severa reserva, fructo do gosto e do amor da verdade; uma sobriedade aristocratica que não é o medo, nem a pobreza, collocão o auctor no plano d'aquelles dilectos da arte que sabem tornear as fórmas, dando ás idéas seus mais legitimos contornos, vestil-as nobremente com graciosa simplicidade, external-as n'ua phrase tersa, modificada ao sabor das occasiões, e dos personagens, viva, incisiva, sem pezar sobre a idéa, sem deixal-a voar, ou dissipar-se no espaço; de um torneio que excede Terencio em facilidade, em naturalidade, phrases alinhadas, e formando curvas como caprichosos arabescos, sem lhes perder o fio, o sentido obvio, e claro, aparadas como o estylète á ponta de diamante, curto, á frizar o pensamento, e á imprimil-o fortemente na lamina que o recebe, á economisar as dicções que o auditorio acha complementadas no seu pensamento, como quem comprehende que a enunciação só serve o pensamento; como Terencio, manejando com a melhor graça esses enunciados onde ficão occultos os termos *que brilhão por sua ausencia*, lisonjeando o gosto, e o ouvido do auditorio que detesta os *maçantes*, e ama aquelles que sabem empregar o espaço, e o tempo á enunciar pensamentos, não á agitar o chovalho das palavras. Brilha a fórma da ideia na sua vestimenta ligeira, graciosa como esses estofos que brilhão pela ausencia do lustre, e do verniz da gomma; agrada, e atrahê o onvido sem a impertinencia dos trocadilhos, e das farpas que se chama espirito; como o dizer de Racini que

não sabe desauthorar a seriedade, e a graça do pensamento, pela pretensão á espirito, ou salpicar os dedos nas cousas desaceiadas; tem o gosto Paulista a ironia fina, e delicada da *Nemesis*, beliscões de criança que não ensanguentão, nem contudem; a mais severa observancia das regras grammaticaes, cousa rara hoje, e entretanto sem o medo de que a ferula intervenha no certame, forte, senhor do dialogo, onde dous ou tres interlocutores disputão a expressão do pensamento do auctor, sua propriedade, que elles tomão a si externar, concorrendo um com o complemento da idéa que não paira suspensa, ou incompleta: *duello, duo jogo*, ás vezes um interlocutor dá o golpe de graça a obra começada pelo primeiro, completando uma phrase; dous interlocutores pela variação do tom, fazem o dia á uma idéa; brinco de crianças, um acha a ponta do fio da emaranhada meada, cujas evoluções o outro prosegue até desfazer os nós sem estragar; um jogo da palhinha, em que o auctor só sabe os pares que cada palhinha deve ajuntar. Abundante sem prodigalidade, sobrio sem pobreza, caminha como o viajante preparado para uma longa jornada, ao qual nada falta, nada sobrecarrega de peso inutil; ostenta a phrase conceituada sempre sem ser sentenciosa, completa sem superabundancia.

A disposição das scenas, o grupo das figuras, o movimento das peças do maquinismo, tudo conspira ao complemento da acção. Nada de lances estudados, nada de soluções vulgares, ou absurdas. Os grupos se formão naturalmente pela afinidade das idéas; os desenlaces que não estão na previsão do espectador não podem ser accoi-

mados de excentricos; nada de Deus occulto a mecher tola, ou indiscretamente as molas, e as *potés* do scenario; nada de extemporaneo, nada de omitido; nada anachronico. Os lances theatraes, os logares communs, os sentimentalismos, tem o cunho da verdade, e da felicidade da escolha.

Com taes recursos, o Drama consegue seus fins, perfeitamente atingidos: instrue, interessa, commove, agrada, eleva a alma ás regiões do bello.... taes são seus effeitos. Si eu tenho alguma competencia como juiz, a *Nemesis* vinga a arte Dramatica, e promette a feliz reacção que a eleve, e a sagre, e sou o primeiro confessando minhas culpas, á rezar o credo que aprendi na *Nemesis*:

“Creio no talento, na inspiração, no genio; mas creio tambem na verdade, no estudo, na observação da natureza, no estudo dos mestres; creio na arte, simples, singela, graciosa, como a donzella que colhe as flôres na terra, mas contenta com sancto arroubo as cousas do céu, onde existe o bello. Creio que o romantismo descabellado ha de morrer, e que a nova geração d'elle não terá novas como d'esses imperios que as revoluções, e os terremotos varrerão da face da terra, em castigo de seus peccados.”

Era aqui o logar obrigado do ponto final, uma vez que o auctor conseguiu os seus fins, e sem apagar esse ponto final, como não está em minha jurisdicção, admitta mais duas palavras, á guisa de *post-scriptum*:

Quando submetti á censura do meu Presidente de acto a minha these inaugural ao Doutoramento, o meu bom Padrinho, Dr. Luiz Francis-

co Ferreira,—de quem me lembro com a saudade de amigo velho, ao acabar a leitura,—o que foi breve, por que a these era a mais pequena apparecida na eschola de Medicina, não me tendo feito reparo algum durante a leitura; carregou subitamente a catadura, e á modo de quem puchava pela ferula, me interpellou em tom exprobador: “como não cortou o Senhor este—t?— E com um movimento exabrupto, com o gesto de Cromwel á assignar a sentença de Carlos I, cortou-me o—t—de um modo que mais parecia cortundil-o, do que *cortal-o*. Tive vontade de abraçal-o, e deixar cahir em seu seio onde cabia tanto amor paterno para os filhos alheios, uma lagrima de gratidão. Agora vou tambem pedir ao amigo, não sem algum ressentimento, que corte na sua obra dous—t—; elles ahi estão, mas falta cortal-os:

VIVA O CAXIAS!

VIVA O IMPERADOR!

Indaiatuba, 25 de Setembro de 1872.

DR. BENTO JOSÉ LABRE.

---

A FAMILIA RAZIQUE

**A FAMILIA RAZIQUE**

**DRAMA**

EM

UM PROLOGO, E 4 ACTOS;

OU EM

SEIS QUADROS.

ESCRITO

Para ser offerecido

ao

**Sr. Dr. Gustavo B. de Moura e Camera**

EM TESTEMUNHO

DE

Alta consideração, profunda ami-  
sade, e sincera gratidão,

**DO AUTOR.**

# PERSONAGENS

Matheos Raziqúe—Portuguez.

Julio—No prologo de idade de 6 annos.

Manoel;—Pardo, escravo de Izabel.

Carlos da Silva—Tenente de 1.º linha.

Padre Daniel da Silva Lisboa—Capellão do convento da Lapa—personagem historica.

Marcos—Official ás ordens do capitão general.

O Major Cosarino—Portuguez.

Antonio—Aggregado do padre Daniel.

D. Izabel de Chantal—Viuva.

D. Silvia.

D. Margarida Raziqúe;—Mulher de Matheos.

D. Idalina.

D. Joanna Angelica—Abbadeça do convento da Lapa—personagem historica.

Um capitão, e soldados da Legião Luzitana ;  
uma parda, e um escravo.

O Drama se passa na cidade da Bahia : o prologo á 20 de Janeiro de 1808 ; os 3 primeiros actos á 19 de Fevereiro de 1822 ; e o ultimo no memoravel dia 2 de Julho de 1823.

## TITULOS DOS QUADROS

- 1.º Os melhores amigos
- 2.º Ternura paterna
- 3.º Nobreza de character
- 4.º A rosa no seio
- 5.º O algoz de si proprio
- 6.º Um copo d'agoa.

## PROLOGO

### QUADRO 1.

#### OS MELHORES AMIGOS

Sala ricamente mobillada  
á gosto da época.

#### Scena 1.

MANOEL (só)

Manoel, anda direitinho.... para não scisma-rem. (Depois de ter acabado de arranjar a sala) Bom; bem bom..... Um dia pego nos meos pés..... buscão..... atôa.—Já houve;—Outro fará isto. Aqui a roupa é da «mais» melhor; a comida anda vadiando; o serviço um fiapinho, o «chico doce» não ronca.... No tempo do defunto meo senhor quando a gente sefaziade esquecido, logo “Mulato, tu estás precisado!” Agora não ha mais esta ladainha, nem um «muchôchô»..... Tenho senhora bem bôa....só cuida de sua creança....porém o captiveiro é o diabo! Quero dormir... dormir sem parar.... todo o dia.... ficar na cama sem fazer nada. Qual! Não posso “Manoel, “vem para aqui, vae: Manoel vem p’ra la,—“vae” Historia!..... Um dia eu te conto. Está ajustado; hade ser quando minha senhora sair á rua. Diabo! esse dia não chega, não. Ella não sae nunca (Izabel dentro:) Manoel! (chamando-o). Eu não digo? Está vendo?

**Scena 2.**

MANOEL, e IZABEL (de luto)

IZABEL

Manoel !... Onde estás ?

MANOEL

Senhora !

IZABEL

Estou ha uma hora á chamar-te.

MANOEL

Não ouvi,

IZABEL

Alguem procurou-me ?

MANOEL

Não, senhora.... Ah !... E' verdade..... Procurou um homem que não conheço ; trazia um menino.

IZABEL

Um menino ! O que queria ?

MANOEL

Não declarou, não senhora. Dice quo queria fallar á senhora mesma. Respondi que estava accommodada.

IZABEL

Alguma importunação. Hoje á ninguem fallo. Dize que sahi.... que estou occupada ; doente ; o que quizeres.

MANOEL

Si fôr o Snr. Matheos Raziqe ?

IZABEL

Bem sabes, para pessoas de amizade nunca estou doente.

**Scena 3.**

IZABEL (só)

Eu vivo—só para minha filhinha. Depois que ha um anno a desgraça ferio-me, ai ! tornando-me viuva, sequestrei-me do mundo. A' ninguem visito.... nem siquer passeio mais. Que me importa a sociedade ? Com o coração sempre torturado pela horrivel lembrança d'esse dia em que inesperadamente perdi meo esposo.... que iria eu fazer lá ? Agora a pobre creancinha é minha sociedade, unico prazer que me resta,... ultima ventura. Em sua mudez ella me falla tanto ! Ella só povôa o universo. Até a opulencia, que deixou-me meo desditoso marido, me seria indifferente, si não fora tão necessaria ao seu futuro.... Mas não sei porque sinto hoje indizivel peso sobre o coração ; minha propria filha me entristece !... Ah ! E' que eu adoro-a, como se devera adorar Deus ; adoro-a tanto tão

ácima de tudo, que temo Deus me castigue ; e as vezes me acode ao espirito horrivel ideia. Si Genes morresse !... Meu Deus, eu morreria tambem !

**Scena 4.º**

IZABEL, MANOEL, ANTONIO, E JULIO  
MANOEL (agarrado á Antonio)

Não entra, já disse.

ANTONIO (se livrando)

Mal creado !

IZABEL

Que é isto ?

ANTONIO

Este patife. Não queria que entrasse. Ha 2 horas vim aqui ; me dice “minha senhora está accommodada.” Está bom ; puz-me a passear na vizinhança. Agora o encherço la em baixo na porta da rua ; pergunto : “Minha senhora sahio para fóra.” Maroto ! Sobi á força ; aqui está como eu faço.

IZABEL (á MANOEL)

Vae-te.

**Scena 5.º**

OS MESMOS, menos MANOEL

IZABEL

Que queres ?

ANTONIO

Eu ! Nada.

IZABEL

Então á que vens ?

ANTONIO

Valha-me Deus !... Mas este papel quer alguma cousa (entrega uma carta)

IZABEL (Depois de ter lido)

Podes te retirar ; o menino fica.

ANTONIO

A's suas ordens.

**Scena 6.º**

IZABEL, E JULIO

IZABEL

Como se chama ?

JULIO

Julio.

IZABEL

Bonito nome. Julio de que ?

JULIO

E' só Julio.

— 12 —

IZABEL

Como se chama seu pae ?

JULIO

Mas eu não sei.

IZABEL

E sua mãe ?

JULIO

Eu não sei.

IZABEL

Accrescentarei o nome de meu marido. Quer se chamar Julio Augusto ?

JULIO

Quero.

IZABEL

Coitadinho ! Gosta de doces ? (O menino faz signal affirmativo.)

### Scena 7.:

OS MESMOS E MANOEL

MANOEL

Minha senhora, a gente ahi na rua está assim (juntando os dedos para indicar multidão.) Tudo á correr.... Nunca vi na cidade da Bahia este barulho. E' um formigueiro !

— 13 —

IZABEL

O que ha ?

MANOEL

Não sei ; estão fallando que Napoleão quer furtar Portugal para si.

IZABEL

Ignorante !

MANOEL

Não é historia, não senhora. O Sr. Rei está ahi; vem fugindo..... Chegarão 4 embarcações.

IZABEL

Está bom ; leva este menino la para dentro, e dá-lhe doces.

### Scena 8.:

IZABEL, depois DANIEL

Fallatorios tolos de escravos estupidos.

DANIEL

Já sabe, senhora D. Izabel ?

IZABEL

Será verdade ! ?

DANIEL

Dentro de uma hora a familia Real está na Bahia. Que surpresa ! Quem sonhara ! V. Exc. deve ir ao desembarque.

IZABEL

Senhor padre Daniel, eu nunca mais separei-me de Genes desde que morreu seu pae. O mundo me é completamente indifferente. D'elle só conservo este ultimo amor:—o de minha filhinha (Senta-se.)

DANIEL (depois de sentar-se)

V. Exc. recebeu minha carta?

IZABEL

E um menino.

DANIEL

Escrevi-lhe; por que só amanhã poderia vir pessoalmente fallar-lhe. A chegada porem do Principe Regente tirou-me das occupações em que me achava. O menino é orphão de pae e mae, e inteiramente desvalido. Uma pobre mulher o creou. Tendo ella de subito adoecido gravemente, fui chamado hontem á confessal-a; e hoje morreo, depois <sup>de</sup> ter-me confiado o menino.

IZABEL

Pois bem, senhor padre Daniel, eu nada pouparei para que o pobresinho ache em mim uma segunda, uma verdadeira mãe; fal-o-hei irmão de Genes.

DANIEL

Certo de seu espirito caridoso, é que lh'o entregou. Obrigado, senhora, Deus a recompensará.

Vim tambem á outro fim. A nomeação do Tutor de sua filha, pela qual V. Exc. tanto se empenha, não é possivel.

IZABEL (levanta-se)

Que obstaculos ha? O Juiz se julgará mais interessado no acerto da escolha do que eu?

DANIEL

O Juiz, senhora D. Izabel, desconfia de Matheos Razique.

IZABEL

Matheos Razique é como si fora eu propria.

DANIEL

Entretanto não pude desvanecer suas apprehensões, e reconhecendo que nada conseguiria, fiz requerer a tutoria para V. Exc. mesma. Agora de-me licença, não posso demorar-me; tenho de ir ao desembarque.

### Scena 9.

IZABEL, depois MARCOS.

IZABEL

A' Matheos Razique eu affiancei; vota-me ha muito tempo sincera e profunda amizade; é de probidade exemplar; o typo do Portuguez amigo:—perfeito cavalheiro. E.... regeitão-no! Eis ahí a justiça dos homens! Fazem bem de a pin-tar com a venda nos olhos. Em que tempos

desgraçados, meu Deus, nós vivemos!... Ah!... Compreendo-os. Não lhes convem o homem distincto por sua intelligencia, e honradez. Preferem-me.... uma mulher se illude tão facilmente! Elles tem grande zelo.... apenas zelo por meo ouro.... si eu fora pobre....

MARCOS

Senhora D. Izabel, o senhor Capitão-general quer que a cidade da Bahia improvize a recepção mais esplendida possível á familia Real; e que as mais illustres Senhoras tambem tomem parte, pondo-se V. Exc. á frente das que tem de se derigir ao cáes.

IZABEL

Ninguém avalua mais do que eu, senhor Ajudante de Ordens, tão distincta honra; agradeço-a do intimo d'alma; mas peço-lhe de alcançar que o senhor Conde da Ponte me dispense. E' grande favor á que serei muito reconhecida.

MARCOS

S. Exc. foi á bordo cumprimentar S. Alteza. Eu fiquei para diversas commissões; só o encontrarei no desembarque.

IZABEL

Ai! O senhor Capitão-general exige de mim mais do que posso. Deixar minha filhinha!....A outro qualquer sacrificio.....

MARCOS

Peço permissão para ponderar que a recusa não me parece prudente. V. Exc. sabe os perí-

gos á que se arrisca quem se esquivava ao simples desejo de um Capitão-general. Demais o enthusiasmo na cidade toca as raias da loucura; fallasse em construir um Palacio para offerecer ao Principe Regente, e supplicar-lhe de fixar aqui a côrte, ficando a Bahia capital de toda a monarchia. Sua ausencia, senhora D. Izabel, seria muito reparada.

IZABEL

Passaria despercebida.

MARCOS

V. Exc. esquece que é senhora da casa mais rica de toda provincia; poderiam suspellar que....

IZABEL

Basta, senhor, obedeço; eu irei.

### Scena 10.

IZABEL, depois MANOEL

Não; não me separo de Genes. Com bôa vontade tudo se concilia n'este mundo.... Sim conduzil-a-ei, tendo-a juncio á mim: hade haver sempre la um cantinho onde abrigal-a.—Manoel!

MANOEL

Senhora!

IZABEL

Manoel, tenho de sair; obrigã-me a ir ao desembarque, quero que....

MANOEL

E sinhasinha?

IZABEL

Vae commigo.

MANOEL

Ella agora está dormindo.

IZABEL

Acordar a pobresinha!

MANOEL

Minha senhora, deixe seo escravo "treler" um bocadinho, as vezes uma pessoa tem razão. Eu acho ruin minha senhora leval-a. Aquillo la hade estar um aperto dos diabos; o povo é muito; corre para aqui, empurrão para lá, todos querem ver primeiro, hão de machucar sinhasinha.

IZABEL

Tens razão; Genes fica. Meu Deus!... Manoel, recommendo-o á ti, e á todos; recommendo-a muito principalmente á ti, por tudo quanto ha. E' á 1.<sup>a</sup> vez que me separo d'ella. Voces todos sabem quanto amor tenho á minha filhinha. (vae a sahir, retrocede) Olha; Genes é creança, quando quer alguma cousa impertina. Tenhão paciencia; me demorarei muito pouco. Parto socegada, porque confio em ti.

### Scena 11.

MANOEL (só)

Diabo!... Custou, mas ciegou. Ajustei na Segunda-feira da semana passada; hoje é quarta (contando nos dedos) segunda, terça, quarta, quinta, sexta..... 9 dias esperando; minha senhora não sahia, precisava dar outro geito. Já estava desacoroçoado..... Agora convido tia Rita para um trago da « branquinha ». E' para refrescar. Está calor de torrar a gente. Ella não desgosta: —amizade antiga. Deito estes « pozinhos ». Não é nada: —ferra no somno mais cedo. Enquanto a velhinha cochila um pouco, faz-se a historia; eu recebo o gimbo; algum gimbo para quando se quer pitar não faz mal nenhum. Depois me afundo por ahi; fico forro... não ha nada como uma pessoa ser forro. Minha senhora é bem boasinha; mas, tenha paciencia com seo escravo:—1.<sup>o</sup> está o pardo Manoel, cá o rapaz.... Um!... Bobo como não faz ideia, —está bom!... (Olhando para dentro.) Ella já vae; sae pelo jardim, e eu escorrego por aqui. Vou dar aviso (vae para o exterior.)

### Scena 12.

MARGARIDA (só)

Aqui cara alegre, muita festa; toda a festa aos ricos é pouca. Nosso modo de vida; assim temos feito caza, nós que viemos da terra com as algibeiras secas, que bem esprimidas não davão nada. Os ricos nunca percebem que nossa

amisade, os agradinhos, os sorrisos, é ao seu ouro. Nos querem bem, nos enchem de bons presentes. Para elles somos as melhores creaturas do mundo: passamos vida regalada. O que se precisa é não esquecer de chorar sempre pobreza; como diz meu homem “quem não chora não mama.” O que me custa muito é andar por aqui á me fazer de fidalga; não tenho geito.... Para pessoas de poucos teres—cara feia. Não gastamos nosso tempo; são gatinhas, não dependemos d’ellas, e podem nos tirar do lance.

Com ellas não modo, nada de relações, afugental-as, são canalhas.... A gente desta terra é tola. Não virão Carlota de Vargas? Não era nossa parente, não nos devia nada, e nos deixou sua herdeira.... Mas que diabo ficou meu homem á tagarelar lá em baixo?

### Scena 13.

MARGARIDA, E MATHEOS

MATHEOS

Margarida, acabo de saber que D. Izabel foi ao desembarque da familia Real.

MARGARIDA

Ella tambem! Quem acreditaria!

MATHEOS

E trago-te grande nova. O juiz de orphãos a nomeou tutora da filha; partimos amanhã. Eu bem te asseverava. Não me logrou.

MARGARIDA

Partir tão depressa! Ella póde desconfiar.

MATHEOS

Continua a fugir-te doente, e agora mais que nunca.

MARGARIDA

Matheos, não des á perceber nada.... teu genio pega fogo á toa... porém nos negarem a tutoria...

MATHEOS

Pateta! Já me viste zangar com aquelles de quem preciso? Podem fazer o que quizer, não me dou nunca por achado.

MARGARIDA

Irmos para o Joazeiro; tão longe, tão deserto!... Si D. Izabel tivesse se empenhado....

MATHEOS

Ella mesma não quiz; tanto que requireo para si a tutoria.

MARGARIDA

Por isso uma disforra mestre....

MATHEOS

Margarida, não me importão disforras; cuidado de colher dinheiro. Lembra-te de Carlota de Vargas.

MARGARIDA

E' verdade ; foi por presentinhos, e agrados....

MATHEOS

Bastante nos desgostou algumas vezes.... fechamos os olhos, e enfim nos deixou seus herdeiros.

MARGARIDA

Ensacamos boa quantidade de patações, meias doblas, e barras.

MATHEOS

Obtivemos a riqueza. Mas temos 2 filhos á arranjar tambem. O futuro, minha querida, olha-se de longe. Antoninho conta 8 annos, Idalina 6, e quando mal pensarmos Antoninho estará homem feito, Idalina em idade de casar.

MAGARIDA

Antoninho é homem ; não seja mandrião, trabalhe, puche pelos braços como nós. Idalina sim ;—uma mulher para viver precisa agarrar-se como herva de passarinho á alguma arvore, mas o que temos chega para lhe arranjarmos bem bom partido.

MATHEOS

Tu es tola em pensar assim. Somos ainda moços, e dinheiro não tenhas medo que nos chova, porém filhos !... e filhos só o diabo queira ter. Cada um que nasce é uma letra que sem lucro n'esse dia assignamos, que se vence no

dia em que morremos, mas cujos premios temos de pagar diariamente, possamos ou não. Voces mulheres não olhão para este lado feio do casamento. Elles tambem não olhão,—porque tambem são, como voces, hervas de passarinho á vegetar a nossa custa, e á nos fazer definhar.

MARGARIDA

Olha, vamos nos despedir do vizinho emquanto D. Izabel não chega. Bem sabes, é rico....

MATHEOS

E sem herdeiros forçados.

### Scena 14.<sup>a</sup>

MANOEL, depois UMA PARDA

MANOEL (*vindo do interior*)

Tia Rita já empinou (*faz accionado de quem bebe*) ; ronca como um porco. Agora, Manoel, a cousa. (*Sae para o exterior, entra logo com uma parda*) Caluda ! E' n'aquelle cochicholo bonitinho (*aponta o gabinete....*) Depois te dou escapula pelo jardim. Hoje me aguento por aqui com cara de bobo ; de noute arrumo a trocha, e amanhã pego nos meos pés.... não me pilhão mais ; me afundo por ahí fóra (*Entrão no gabinete.*)

### Scena 15.<sup>a</sup>

MATHEOS, E MARGARIDA

MARGARIDA

Por força não havíamos encontral-o ; todo mundo abalou para o cáes.

MATHEOS

Tanto barulho para ver o que ? O desembarque de uma familia como as outras.

MARGARIDA

Esta gente nunca vio rei ; estão pensando que tem cara differente.

MATHEOS

Felizmente, por não haver tempo para os preparativos da recepção, o desembarque é amanhã; e D. Izabel não póde tardar.... Margarida, não canço de te recommendar, deante d'ella toma ares de fidalga. Tu te descuidas sempre, e temo perceba que na nossa terra fomos carroceiros.

MARGARIDA

Tambem a lembrança de nos arrumares o nome esturdio de Raziqne para figurarmos de fidalgos arruinados só tem servido de estropiar-me, e por-me desageitada.... O diabo d'esta roupa aperta-me ; vivo a lançar alma pela bocca ; quero fallar me atrapalho toda ; estou só a vêr como é que heide dizer.... Eu quizera te vêr cá.... e tu sabes que quem me tira de fallar um pouco ; tira-me de tudo.

MATHEOS

Assim mesmo não és capaz de fechar um instante a bocca.

MARGARIDA

Quando em Lisboa nos contarão que aqui o estrangeiro é o que quizer ser, devias ter escolhido figurar de Doutor.

MATHEOS

Pateta ! O sabio, não é como o fidalgo. O fidalgo o Rei faz da noute para o dia,—seja embora um camelo, sae optimo ; mas um Doutor.... qualquer instrucção custa os olhos da cara.

MARGARIDA

Não importa ; não és o nosso tordilho ; compravas alguns livros, e te amanhavas licenciado, cirurgião, advogado. Isto se empurra melhor ; ganhavas muito patacão, e eu nao vivia estropiada, o quasi muda. Dava com a lingua nos dentes á meo gosto.... A proposito, que pretendes do menino ?

MATHEOS

Nada ; fiz o que pude. Já te dice fui lá hoje ; a Chica Martins unha morrido quasi de repente, e Julio desaparecido. Indaguei, ninguem sabe d'elle ; nao temos tempo para mais nada, que queres que faça ?

MARGARIDA

Tambem pouco se nos dá.

MATHEOS

Eis D. Izabel. Cuidado ! Quando fallas, te esqueces sempre que és tu que estás fallando.

Scena 16.

OS MESMOS, E IZABEL

MARGARIDA

Minha rica senhora, ia já cançando de esperar-a. Foi surpresa não a toparmos, e muito ingravidão sua não adivinhar que aqui estávamos (*com fingida tristeza e soffrimento*); e eu então tão mofoina!

IZABEL

Que quer, minha boa amiga? Forçarão-me á sair, e afinal o desembarque é amanhã. Digame, como se acha?

MARGARIDA

Mal, mesmo muito mal, cada vez peor. Quem me vê assim, pensa que estou vendendo saude:— tão gorda e corada; mas isto mesmo é doença. Estou cahindo aos pedaços.

MATHEOS

Ella se acha agora tão mal, que com grande pesar partimos com effeito de mudança para o Joazeiro.

IZABEL

Meo Deus! Partirem!...

MARGARIDA

Ai! Não faz ideia, minha boa senhora, como esta separação me custa. (*A parte*). Nos desse a tutoria si nos queria aqui.

IZABEL

Ha 7 annos apertarão vindos de Portugal, e de então se estreitarão tanto os laços da amizade entre nós, que não acreditava possível semelhante viagem, de que me fallavão.

MARGARIDA

Tambem me parece á mim “quando” eu estou á sonhar.

MATHEOS

E entretanto partimos amanhã!

IZABEL

Amanhã!... Mas hontem, snr. Matheos, nada me dicerão.

MATHEOS

Hoje o Doutor achou tão serio o estado de Margarida que ordenou a mudança sem perda de um dia.

IZABEL

Pobre amiga! Espero em Deus saber que ficou logo completamente restabelecida.

MARGARIDA

Eu percebo que a molestia está caminhando muito; agora já nem durmo. Esta cidade não me quer. As arages do mar bolem com....

MATHEOS

Senhora, de-nos licença, temos muitos arranjos de viagem.... tudo nos custa....

MARGARIDA

Quem é pobre?... Sabe bem das nossas circunstancias.

MATHEOS

Infelizmente gosamos da fama de ricos, e estamos sempre á pagal-a. Não ha nada mais triste que ser pobre, e ter essa fama.

MARGARIDA

E' o que herdamos de Carlota de Vargas.

IZABEL

Eu sei que ella não tinha bens.

MATHEOS

Só dinheiro ; e esse bem pouco.

MARGARIDA

Ha 6 annos á gastal-o !... Sabe o que são despesas.

IZABEL

Sobre isso não estejam á se affligir ; assim não se achasse minha amiga tão doente. Não lhes hade faltar nada (*toca a campainha.*)

### Scena 17.

OS MESMOS, E MANOEL

IZABEL (*á Manoel*)

Os senhores partem amanhã para o Joazeiro ; quero que os acompanhes.

MARGARIDA

Ora !... Não é preciso tanto encommodo.

MATHEOS

E logo esse.... seo melhor, e mais fiel escravo ! Não, senhora, não aceitamos.

IZABEL (*á Manoel*)

Vaes para servil-os, até que eu te reclame. Aprompta-te.

MANOEL

Sim, Senhora (*A parte em quanto os mais conversão*). Isto tem seus conformes. Não vae assim á 2 estirões. Eu ia raspar-me d'qui á minha custa ; mas minha senhora quer me pagar o caminho até perto do matto virgem, está bom, fujo a cus'a d'ella. Cá o rapaz é fila sem dono, ergo cabeça, arreganho os dentes, si tambem farejar colêra por lá, não temos conversa, abro-me pelo matto dentro.

### Scena 18.

OS MESMOS, menos MANOEL

IZABEL

Elle vae para pagem de minha afilhada Idalina, por ser o escravo de confiança, e estimação o prefiri. Quando Idalina tornar-se moça, então o reclamarei para dar-lhe liberdade.

MARGARIDA

Ah! meu Deus, esta separação de pessoas de amizade!... Matheos eu tenho medo de piorar muito.

IZABEL

Não esteja a affligir-se tanto, minha amiga. Isso faz-lhe mal. Tome meu exemplo: rezigne-se, Deus assim o quer.

MATHEOS

Vamos, Margarida.

MARGARIDA

Voltarei logo á passar em sua companhia o maior tempo que puder.

Scena 19.<sup>a</sup>

IZABEL (*Só. Enchugando as lagrimas*)

Cada vez mais a solidão ao redor de mim se alarga!... Meos melhores amigos se ausentão para tão longe.... talvez, para sempre! Ah! E' este infurtunio que o coração estava á advinhar-me hoje.... Que será agora de mim!... Nenhua mão mais, verdadeiramente amiga, á extender-se-me caridosa em minhas eternas magoas! Só;—á viver em cidade como n'um ermo—sem nenhuma voz de consolação. Ah! Não.... o ermo seria felicidade. Lá, o silencio de completo abandono, mas lá eu poderia verter as lagrimas todas, gemer em altos brados, e maldizendo o destino arrancar em desespero os

cabellos, rojar pelo chão. Minha desgraça é maior; aqui, diante de tantos indifferentes que me procurão, preciso engolir as lagrimas, e com o inferno n'alma fingir á todo instante sorrir nos labios!... Perdão, minha filha! Na hallucinação tua mãe esqueceo-te. Não; não é verdade; não estou só; resta-me Genes que suppre as faltas todas, que suavisa todas as saudades, que aniquila todas as desgraças. Com ella só—posso quanta ventura a ambição de uã mulher póde sonhar.... Corramos á beijal-a. (Entra no gabinete, volta em desespero) Minha filha!.... Que é d'ella?!... (Corre para dentro. Ouve-se o grito de angustia: “Genes!... Onde está?... Dem-me minha filha!”— Volta.) Meo Deus!... Que é isto?!... Rita prostrada junto á seo berço!... Talvez morta!... ....Roubada!.... Eu quero morrer!.... Não; ella está ali.... está dormindo.... Silencio!... Não a acordem.... (Vae para o gabinete, volta desenganada...) Minha filha unica! (arrancando os cabellos...) Ah!... (soltando estrepitosa gargalhada, cae.)

ACTO 1.º

QUADRO 2.º

TERNURA PATERNA

Jardim da casa do Matheos  
Razique, dando para a rua.

Scena 1.º

MARCOS, depois MATHEOS

MARCOS (entrando)

Acaba de amanhecer, é a hora aprazada. Matheos Razique madruga, e costuma sair a passeio ; Vi abrir o portão, perguntei, ainda está recolhido..... Mas..... já tarda. Esperemol-o (senta-se em uma pedra). O dia promete ser magnifico. As vezes a chuva n'estas emprezas é inimigo invencivel.... Oh ! meu amigo !

MATHEOS

Por aqui, quando não se está ainda bem certo si verdadeiramente já amanheceo !

MARCOS

Ando padecendo insomnias, pouco durmo. Hoje ás 3 horas já estava acordado. Vesti-me, e sahi. Passava por aqui quando abrirão o portão, entrei para conversar.....

MATHEOS

Pois conversemos.

MARCOS

Sobre o assumpto do dia ?

MATHEOS

Qual ?

MARCOS

A nomeação chegada de Lisboa do General Madeira para commandante das armas.

MATHEOS

E' verdade todo mundo falla n'isso.

MARCOS

Uns pró e outros contra. Aos chamados patriotas por exemplo desagradou. Prefirião-lhe o brigadeiro Manoel Pedro.

MATHEOS

Desagradou diz o Sr. !. . Elles revogarão a nomeação regia ; por que a juncta provisoria que governa a Provincia negou-lhe a posse.

MARCOS

Sei d'isso ; e encarregou o commando á um conselho militar. E' audacia inqualificavel !

MATHEOS

Diga antes grande crime.

MARCOS

Mas enfim que fazemos ?

MATHEOS

Como !.. Pois a maior parte das tropas não são nossas ?

MARCOS

Então queria que as puzesse-mos em movimento ?

MATHEOS

Por que não.

MARCOS

E' essa sua opinião ?

MATHEOS

Sem duvida.

MARCOS

E' tambem a do Madeira.

MATHEOS

Pois o Madeira que se ponha em campo.

MARCOS

Sem o apoio das influencias do seo partido, seria loucura.

MATHEOS

Procure que elle hade achar apoio.

MARCOS

Póde o General contar com o seo ?

MATHEOS

Com o meo ! Eu estou por assim dizer chegando agora do Joazeiro, tão poucos dias tenho de estada na Bahia :—nada posso.

MARCOS

Quem sabe de suas velhas relações e influencia entre os nossos, não pode deixar de ver n'essas palavras escusa bem positiva.

MATHEOS

Engano ; está aos pés do General, para tudo que lhe aprouver, o nada que valho.

MARCOS

N'esse caso,—elle hoje reúne os amigos secretamente para deliberarem, acompanhar-me-eis.

MATHEOS

Não.

MARCOS

Por que ?

MATHEOS

Não é de amigo querer collocar-me la como intruso.

MARCOS

O Madeira o considera seo alliado, e encarregou-me de convidal-o.

MATHEOS

Não pense que não percebi logo que o Senhor estava á apalpar terreno ; não veio á outro fim.

MARCOS

Demos que assim fosse.

MATHEOS

Eu tornei o terreno solido á fazel-o caminhar seguro, afim de verificar por onde tomava, e por tanto apanhar sua opinião no laço que armava á minha.

MARCOS

Assim pois....

MATHEOS

Assim pois offendeo-me duvidando de meo patriotismo. Eu o perdo-o, e conte comigo. A que horas é a reunião ?

MARCOS

Já.

MATHEOS

Partamos.

Scena 2.ª

SILVIA, e IDALINA

SILVIA

Idalina, eu vi meo pae sair com o Major Marcos ; la em cima todos dormem, porem con-

tra o costume podem despertar cedo.... Estou muito assustada.... Eu não queria, tu é que me aconselhaste que consentisse.

IDALINA

Que podes temer minha irmã ? Julio é quasi da familia, tem entrada franca na casa.

SILVIA

Mas não aqui á esta hora, só comigo.

IDALINA

Socega, Silvia. eu subo á velar sobre ti ; dar-te-ei aviso em qualquer perigo.

Scena 3.ª

SILVIA, depois JULIO

SILVIA

Meo Deus ! Sei que é crime... perdoae-me pela intenção innocente.... Não pensei custava tanto.... Estou a tremer !.... Como tarda !.... Que impaciencia !.... Fiz mal. Meo pae me estima quanto posso desejar ; mas seo genio arrebatado.... é capaz das maiores violencias.... Estou arrependida.... Si pudesse desfazer.....

JULIO

Silvia !

SILVIA

Senhor, consentindo que me falle agora aqui, me arrisco á muito ; concedo-lhe sò duas palavras.

JULIO

Por mais que me embriague a harmonia da voz que ouço, por mais que me fascine esta visão do céo, direi só duas palavras: Silvia, sabes que adoro-te ; contra a vontade, tu sem o queres, deixas entrever que não te sou indiferente ; entretanto procuro-te me foges ; escrevo-te não respondes ; quero pedir-te em casamento me prohibes ; ha necessariamente ahí um mysterio, e para que m'o revelles pedi-te esta entrevista.

SILVIA

A revellação é bem simples, Senhor: o pedido será regeitado por meo pae.

JULIO

Ah ! Pertences á fidalguia, descendes dos Raziques, e eu sou o engeitado atirado ao canto de uma casa ; ninguem sabe como vim ao mundo ; posso ter origem bem baixa.

SILVIA

O Senhor é injusto ; minha familia nunca se lembra do sangue que lhe corre nas veias.

JULIO

Si não lembra o sangue, perdão, não esquece as riquezas. Ouve o que ella ainda ignora. Sabes

que no mesmo dia em que á mim, orphão abandonado, D. Izabel de Chantal estendeo a mão da charidade, Genes sua filha unica desapareceo sem se saber como.

SILVIA

Será verdade que a matarão ?

JULIO

Um vulto n'esse mesmo dia á horas mortas da noite, diregio-se com uma creança ao caes, e arrojou-a ao mar.

SILVIA (horrorisada)

Meo Deus !....

JULIO

Uma mulher por acaso la se achava, que tranzida de terror, presenciou a horrivel iniquidade. Quiz gritar, teve medo ; estava só, ninguem para acodir ; e indo ao lugar do crime nada mais vio senão um manto de creança. No dia seguinte a noticia do rapto circulou por toda cidade. A mulher, logo que teve d'ella conhecimento, correo á casa de D. Izabel :—O manto era de Genes !

SILVIA

Dizem que o autor do crime ficou conhecido, mas não foi punido.

JULIO

O marido de D. Izabel tinha um inimigo que protestara matal-o, e que de facto apunhalara de dia um aggressor em offensa leve, e espancara uma escrava até morrer.

SILVIA

Que horror !

JULIO

Alem d'esses assassinatos, de que alias foi absolvido, a voz do povo attribuia lhe ontros. Desde que pois se divulgou que o rapto fora meio para perpetração de um crime hediondo, todo mundo indicou em voz baixa esse homem como autor. Com effeito não se enganarão. A mulher havia cautelosamente seguido o assassino, e vio-o apertar a casa d'elle. Abrio-se a devassa, ninguem jurou nada, nem a propria mulher :—o homem se tornara o terror da cidade.

SILVIA

Felizmente morreo. Deus se compadeça d'elle !

JULIO

D. Izabel é um tanto supersticiosa. Esteve por longo tempo á borda da sepultura ; e logo que pôde governar-se, imaginando que innocentemente entrara comigo a desgraça em sua casa, não me quiz mais la, mandou-me educar fora ; mas passou á amar-me como filho, e acaba de instituir-me seo herdeiro universal. Cres que...

SILVIA

Julio, meo pae ainda assim o regeitará.

JULIO

Acaso por que sou Bahiano, e elle estrangeiro;

ou por que não quero a sugeição á Portugal da terra onde tive o berço ?

SILVIA

No Joaseiro mogos ricos, e patricios seos pedirão-lhe a mão de Idalina, e a minha, e elle negou-as. Julio, meo pae recusa-nos seja á quem fôr.

JULIO

Por que ?

SILVIA

E' mysterio que não sei explicar.

JULIO

Premeditará recolher ambas á um convento ? Não importa ; tua familia adora D. Izabel de Chantal, a menor vontade d'ella é aqui lei. Ella virá hoje pedir-te por mim.

SILVIA

Não, senhor ; não o tente.

JULIO

Ah ! entrevejo agora a verdade. Estás me iludindo ; tu és que não queres. Dize qual é o nome de meo feliz rival ?

#### Scena 4.\*

OS MESMOS E IDALINA

IDALINA

Minha irmã, Carlos já levantou-se.

JULIO

Que! Mas acabo de chegar!.....

SILVIA

Adeos Julio!

**Scena 5.**

SILVIA, IDALINA, depois CARLOS

IDALINA

Eu creio que elle desce ao jardim. Disfarce-  
mos (Fingem apanhar flores)

CARLOS

Por aqui tão cedo!

IDALINA ( fingindo não ter  
ouvido )

Finge que não ouviste (alto) Olha como é  
singular esta flor!

CARLOS

Bons dias!

IDALINA

Aposto que nunca reparaste.

CARLOS (em frente d'ellas)

Ja por aqui, senhoras madrugadoras?

IDALINA

Carlos com razão madrugamos por que....  
Nem sei (A' Silvia) Sabes tu por que?

SILVIA

Não.

IDALINA

Nem eu. Estás vendo, Carlos? Não sabemos  
por que.—Vae d'ahi; as jarras do Salão estavam  
pedindo flores. Silvia, ellas não estavam pedindo?

...Ah! não; as flores lá a' é sobrao: todas das  
mais preciosas, das mais raras, das mais mur-  
chas, e secas.

CARLOS

Idalina, estás tão jovial que advinha-se logo o  
que as acordou tão cedo.

IDALINA

Sim? Vae disendo.

CARLOS

Acordou-as sonho impertinente em que virão  
algum colibri. Não é elle côr de esperança?

IDALINA

Diabo! Sabes tudo! (A Silvia) Esqueceste  
me contar que tambem viste em sonho passa-  
rinho verde.

CARLOS

Vae d'ahi, descirão ao jardim para que mis-  
turando-se com as flores pudessem tambem  
atrahir colibris. O vulgo não chama beija-flor  
essa avesinha?

IDALINA (perturbada)

Vamo-nos, Silvia; já demos louvado á Carlos.

Scena 6.ª

CARLOS, depois MATHEOS

CARLOS

Silvia estava com ar de ter sido desagradavelmente sorprendida. Ao fallar-lhes em colibri á beijar flores, ambas corarão.... De facto que fazião aqui?... O portão aberto, todos á dormir!... Que haveria?... Eis-me á suspeital-as, á ter ciumes! Que me importão ellas?... Amo, adoro Silvia; mas não consinto que ella nem sequer desconfie d'esse amor; por que heide expulsal-o completamente do coração. Minha não hade ser nunca. Ame, dê a mão á quem lhe parecer.

MATHEOS

Carlos não ignoras que te acolhi orphão de pae, e mãe. Criei-te como si tu foras meo filho, amo-te como si eu fora teo pae. Pois bem; o que nunca te declarei é chegado a hora de saberes. Carlos, desde que nasceo-me segunda filha, destinei-a para ti; sempre tive em vista fazer de Silvia tua mulher. Esperei que ella se tornasse moça, e hoje mesmo, antes das 10 horas do dia, quero se effectue o casamento no Convento da Lapa. Tenho minhas razões para isso; e já obtive as precisas dispensas. Vae tu mesmo annunciar á Silvia. (Vae á sahir, retrocede) Não, mandal-a-ei aqui. No seio da familia, em meio de escravos.... Entendes? Convem todo segredo.

Scena 7.ª

CARLOS, depois SILVIA

CARLOS

Não consulta si a filha me regeita, ou é por mim regeitada. Sempre assim.... O que quer não propoem,—manda; o que manda não se examina,—cumpre-se; duas palavras suas lhe bastão. Annunciar á Silvia que vou esposal-a, é toda a liberdade que me concede.... Aqui está o que valem os planos do homem. Não acabava ainda de proferir: “ella nunca hade ser minha” eis seo pae á atirar-m'a como espoza aos braços, pondo por terra minhas previsões e calculos....

SILVIA

Carlos!

CARLOS

Silvia, vaes ficar como eu maravilhada. Teo pae acaba de me dar tua mão que lhe não pedi

SILVIA

Que dizes, Carlos?

CARLOS

Antes de soarem 10 horas, estaremos casados.

SILVIA

Carlos, eu te amo.... muito, e muito, como irmão. Ser tua espoza.... perdoa.... Oh! não.

CARLOS

Silvia, sou obrigado á dizer-te agora o que te occultava, e quizera jamais tivesses occasião de saber.—Eu te amo !... Amo-te ; mas juro que a ideia do consorcio é de teu pae, que nunca occorreo-me tão audaciosa pretensão ; e ao contrario ha 2 minutos protestava jamais seres minha. Contudo agora declaro-te: uma vez que teu pae o ordena, não serei eu que me opponha.

SILVIA

Ouve ; para ti não devo mais ter segredo. Abriste-me o coração. preciso abrir-te o meu. Carlos, eu amo outro em.... amo á Julio Augusto, me quererás assim por esposa ?

CARLOS

Repito, não sou eu que quero é teu proprio pae....

SILVIA

Meo pae.... podemos confessal-o entre nós que tanto o prezamos—não desdenha a riqueza, e D. Izabel de Chantal iustituiu Julio Augusto herdeiro de toda sua fortuna. Ella vem hoje pedir-me a mão para esse seo filho adoptivo. Uma simples allusão tua á semelhante resolução basta....

CARLOS

Quererás seriamente que eu lhe falle n'isso ? O ouro é seo sonho, mas a obediencia cega ao que elle manda, é a lei d'esta casa ; e tanto como eu

lhe conheces o genio. Si tens a coragem de contrariar-o, vae tu mesma. Quanto á mim, Deus me preserve de tal. Eu o obedecerei.

### Scena 8.ª

SILVIA, depois MATHEOS

SILVIA

Carlos tem razão. De facto vaã esperança ! Julio, o coração prediz-me que jamais serei tua. Resoluções de meo pae não se mudão nunca ! A' sua vontade não se resiste ! A' um simples aceno seo, todos se curvão ! Que posso esperar ? Nada me salva.... Eu o obedecerei, como Carlos, como todos ; todos aqui o temem.... Seo genio tão arrebatado !... Elle me amaldiçoaria !... Mas dar-me á outrem por esposa é matar-me !...

MATHEOS

Silvia, ás primeiras palavras que Carlos ia proferir, corri para aqui. Tive medo de perceber-lhe na face qualquer movimento dos musculos que parecesse duvida tua. Vim eu proprio ; aprompta-te ; partes immediatamente á cazar com elle.

SILVIA (*chorando*)

Meo Pae !

MATHEOS

Acaba. (*Silvia não responde, soluça*) As lagrimas não são desobediencia ; em olhos de mulher nada exprimem ; eu as tolero. Que mais ?  
7

SILVIA

Senhor, perdão; consinta que....

MATHEOS (*agarrando-a*)

Desgraçada! Matar-te-ei.... Ah! (*Rindo-se de raira*) nos meos 54 annos, uma creança que despedaço nos dedos!... Assim o queres vou levar-te de rastos (*Arrasta-a*).

**Scena 9.**

OS MESMOS, ~~†~~ CARLOS, *depois*  
*Margarida*

CARLOS

Não a levará, Senhor!

MATHEOS

Que dizes?

CARLOS

Eu regeito a mão de sua filha.

MATHEOS

Que é isto!!

CARLOS

Senhor, eu nada sou, e sua filha procede de alta nobresa, mas ella não é rica, e eu não a quero. São as lições que me deo.

MATHEOS

Estarei sonhando!

CARLOS

Pedi á vontade a coragem, e fallarei. Abandonado de meos desconhecidos paes, que mandarão-me engeitar, eu morreria na mizeria, a não ser sua bondade para comigo. O Senhor acolheo-me, devo-lhe tudo... Mas violentar á meo favor uma fraca menina, sua propria filha... não; então esqueço tudo;... sou um ingrato... um infame; mas sou homem; não á quero. A' mim não se arrasta.

MATHEOS

Desgraçado!

MARGARIDA

Matheos, com as diabruras do teo genio estra-gas tudo. Silvia vae lá para cima.

**Scena 10.**

OS MESMOS, menos SILVIA

MARGARIDA

Carlos, que duvida pões em receber-me a filha?

CARLOS

Esposal-a é felecidade que jamais entrevi nem em sonho. Eu, misero orphão, homem de nada, não podia erguer tão alto os olhos; mas uma vez que a charidade aqui para comigo é immensa, não devo concorrer, por isso mesmo, á que seja lançada ao seio da familia como pomo de discórdia, se transforme em germen

de infurtunios. (*A' Matheos*) Senhor, Silvia não ficará solteira; si permite hoje mesmo apresentar-lhe-ei noivo rico, muito rico, em tudo digno....

MATHEOS

Ah!.... Ella tem um amante!... Eu devia prever. Seo nome?

CARLOS

Dil-o-hei sómente si o aceita.

MATHEOS

Desobedeces-me?

CARLOS

Obriga-me á isso, Senhor, em bem de sua propria familia.

MATHEOS

Em bem de minha familia, diz elle!... Vae buscar Silvia, eu o ordeno.

CARLOS

Repito, é pobre, recuso-a; não me póde forçar.

MATHEOS

Não posso forçar-te!... Miseravel! (*Tirando um punhal, e avançando para elle*)

MARGARIDA (*Atirando-se ao marido com grito de angustia, e contendo-o*)

Matheos, que fazes?!!...

MATHEOS (*Voltando á si*)

De facto, que loucura!

MARGARIDA

Olha lá, homem, si eu não estivesse aqui. Anda, vai-te embora; As tagarelices de uma mulher arranão melhor estas cousas que teo punhal. Vaes ver.

MATHEOS

Que intentas fazer?

MARGARIDA

Cala-te, não sabes nada. (*Fallando em particular*) Olha, elle é o que quizemos que fosse. Não fomos nós que o ensinamos á refugar noivinhas sem eira nem beira? O rapaz sabe viver—Deixa-m'o cá. Vae.

MATHEOS

Insolente que tudo me deve!... E não querem que perca a cabeça!...

### Scena 11.

OS MESMOS, menos MATHEOS

MARGARIDA

Carlos, Matheos te ordena, eu nem te peço; elle desproposita, eu converso. Conversemos. Silvia para mulher te desagrada; por que achas grande desgraça contrarial-a; te parece que o mundo virá abaixo....

CARLOS

Não é isto. Serei franco. Crendo que me deixariao escolher esposa, dizia hoje comigo mesmo: Silvia nunca hade ser minha; minha vontade é esposar mulher com bens da fortuna, me deteste embora, ou eu á ella; sem esses bens desprezo a belleza por quem morrer de amores, por mais que me seduza. Ao homem deve dominar calculo da razao fria. E' prosaico, mas seguro; a paixão resplende, e vòta com o vento, deixando-nos sómente males. Felizmente exerço sobre mim proprio bastante imperio para não me afastar d'essa linha, desde que não me forcem.

MARGARIDA

Gosto de te ouvir fallar assim.... estás me alegrando.

CARLOS

Como!... Approva a regeição de sua filha!

MARGARIDA

Mas minha filha não é nenhuma pobretona que estejamos á empurrar-te. Matheos não botou fora a riqueza que herdamos de Carlota de Vargas, antes augmentou-a muito. Estamos ricos, bastante ricos.

CARLOS

E a pobreza que tanto se lamenta aqui?

MARGARIDA

Caraminholas para que os velhacos não aga-

danhem o que nos pertence; e possamos augmentar fortuna. Sabes que não devemos nada á ninguem. Vou te mostrar o que possuímos em obrigações, e dinheiro; vaes ficar louco. Toda essa riqueza é para Silvia, Idalina herdará uma bagatela.

CASLOS

Não entendo nada do que está á dizer-me! Ambas são filhas igualmente estimadas, e pretendem empobrecer uma para enriquecer outra!

MARGARIDA

Outro engano teo. Vamos arranjar para Idalina riqueza tal que deante d'ella Silvia—deixa-me assim fallar— é que será a pobre; casamol-a com Julio Augusto.

CARLOS

Julio!

MARGARIDA

D. Izabel contou-me que elle é seo herdeiro.

CARLOS

Por que não se lembrarão de dar antes Silvia á Julio?

MARGARIDA

Uma de nossas filhas tinha de ficar em melhor posição. Qual devia ser? Queremos bem a ambas, a escolha era difficil, lembramo-nos que na familia quando é preciso favorecer mais algum filho, favorece-se o mais velho. Preferimos assim Idalina.

CARLOS

Havia meio melhor : consultar á Julio ; póde ser que elle se preste á cazar, não com Idalina, mas com Silvia.

MARGARIDA

Eu te digo, tivemos outra razão para essa preferência. Fallemos a verdade, nenhuma de minhas filhas te ama senão como á um irmão ; por esse lado não se adiatava nada : tanto fazia uma como outra. Vejamos agora do vosso lado. A mim não me logra ; e eu tenho apanhado certos olhares bem significativos.... Responde : não amas tu Silvia ?

CARLOS

E' verdade ;—amo-a.

MARGARIDA

Estás vendo ? Vamos fazer a felicidade de duas pessoas da familia :—tu, e Idalina. A propria Silvia a principio hade chorar, maldizer-se... logo depois morrerá por ti, como teo marido que serás. Nós mulheres somos assim. Eis ahi pois todos felizes. Suppoem agora que é Silvia que damos á Julio, fazemos o teo infortunio, e o de Idalina. Tu não a amas, e como homem que és, irás procurar lá fora algum amor a encher o *vacuo* do teo coração ; Idalina por isso não chegará nunca á amar-te. Eis com certeza, e para sempre, dous infelizes.

CARLOS

Basta ; dissiparão-se-me todas as duvidas ; vou fallar a Silvia. Aceito-a.

### Scena 13.

MARGARIDA, depois MATHEOS

MARGARIDA

O rapasinho dá esperanças. Hade ir longe. Devemos nos orgulhar de o termos creado assim.

MATHEOS

Margarida, o que ha ? Estou ancioso....

MARGARIDA

Conseguí convencil-o.

MATHEOS

Ora afinal !...

MARGARIDA

Mas não entendo teos mysterios. Resolveste o casamento para o mez seguinte, e hoje te apresentas de repente ancioso por effectual-o já, e já, sem festejos, nem convites ! O que ha ?

MATHEOS

Ha que rebenta grande desordem hoje na cidade.—Margarida recommendo o maior segredo.—Assisti á uma reunião na casa do General Madeira em que combinamos sublevar as tropas, e collocal-o no commando das armas, e no governo da Provincia.

MARGARIDA

Estou na mesma ! Que tem a desordem com o casamento de Silvia, tão apressado que não dá tempo á nada ?

MATHEOS

Bem sabes que Carlos como official é obrigado á bater-se ; e não ves que no combate póde morrer, e frustrar-se minha resolução ?

**Scena 14.**

OS MESMOS, E MANOEL

MANOEL ( Aparte.—Sem ser visto dos outros)

Aqui anda muita embrulhada !... Todos hoje no jardim ! Espiemos. (Esconde-se.)

**Scena 15.**

OS MESMOS, SILVIA, E CARLOS

SILVIA

Minha mãe ! (Abraça-a.)

MATHEOS

Carlos, por vontade, ou á força conduze-a ao Convento da Lapa. Vou buscar as dispensas ; já os alcanço.

**Scena 16.**

OS MESMOS, menos MATHEOS

MANOEL (Aparte)

Ah ! E' assim ?!.....

SILVIA (de joelhos)

Valha-me, minha mãe.

MARGARIDA

Não conheço por filha aquella que desobedece a vontade de seos paes.

**Scena 17.**

OS MESMOS, menos MARGARIDA

MANOEL (Aparte)

Ah ! Para me occultarem isto é que estão no jardim !...

CARLOS

Silvia, partamos.

SILVIA

Carlos, compadece-te de mim, tu ao menos. Não tens paes, e eu sou uma desgraçada abandonada dos meos. Eras á meo favor ; inesperadamente, por motivo que ignoro....

CARLOS

Ainda uma vez, partamos.

MANOEL (Que tem se chegado á elles pé por pé)

Não ; os diabos me levem si eu consentir.

CARLOS

Que dizes ?

MANOEL

Pae Manoel creou Yaia n'estes braços, que a terra hade comer. Com todos os diabos, á força não ; nem o Sr. Matheos Raziqne.

SILVIA (muito aflita)

Pae Manoel, elles te mataráõ.

MANOEL

O pardo velho já viveo muito, por Yaia póde morrer.

CARLOS (agarrando Silvia pelo braço)

Vem.

MANOEL (separando-os)

Já dice,—não.

CARLOS

Ah ! Tu queres !... (Desembainhando a espada e avançando para Manoel, afim de f'ril-o. Manoel atira-se sobre elle, luta, e o desarma.) Insolente !

**Scena 18.ª**

OS MESMOS, E MATHEOS

MATHEOS (que tem visto o final da luta)

Que é isto ?

SILVIA (aos pés de Matheos—Chorosa)

Meo pae, perdoe-lhe, eu obedeço ; estou prompta para tudo.

MANOEL

Yaia, socegue seo espirito. Sr. Matheos,—Yoiõ quer casar com Yaia, mas Yaia não quer ; e eu tambem não quero. Mande-os lá para cima.

MATHEOS

Retirem-se.

MANOEL

Ora está ! Desmanchei tudo. (Dando a espada á Matheos.) Entregue-lhe, e ensine que não se pucha contra velho com as mãos assim. (Mostra-as desarmadas—Matheos entrega a espada á Carlos.)

**Scena 19.ª**

MATHEOS, E MANOEL

MANOEL

Minha senhora me mandou para servir Vmc. ; vim para sua casa....

MATHEOS

De que podes te queixar ? Não vives como fôrro ?

MANOEL

Em sua casa em vez de me fazer servir senhá moça Idalina que é a anilhada de minha senhora, fez-me page de Yaia; eu a creei... bem me custou... e não sei como diabo fiquei querendo bem a menina; dice sosinho: "Manoel, elles não crearão, e quem não cria não quer bem; podem um dia se pôr de historia com ella." Dei meo aviso á Vmc. "Andem direitinhos com ella, senão fujo para minha senhora, e conto que Vmcs. são uns velhacos muito grandes."

MATHEOS

Não tracto sem differença ambas as minhas filhas?

MANOEL

Sim, senhor; até parece querer mais bem Yaia; mas hoje meos olhos ficarão escuros!

MATHEOS

Loucuras de Carlos. Quem está amoroso....

MANOEL (arremedando.)

"Carlos leva.... leva á força ao Convento."  
Eu ouvi tudo. Sr. Matheos Raziue á força não.

### Scena 20.

MATHEOS, depois ANTONIO

MATHEOS

Eu temo este bruto; pela menina é capaz de

tudo, de ir á D. Izabel.... O escravo é inimigo den ro de casa. Por mais cautelas que haja, elles sabem tudo, nosso character, nossos planos; e infelizmente este nada tem á temer de mim. Mas heide illudil-o, ninguem póde obstar-me de fazer Silvia hoje esposar Carlos. (Vendo Antonio.)  
Que é isso lá? Alguma novidade?

ANTONIO

Não é nada; porém si quer novidade....

MATHEOS

Que me trazes por parte do Sr. Capellão?

ANTONIO

Isso mesmo, não vim para novidadeiro,...  
Isso não é comigo....

MATHEOS

Está bom; tenho pressa, despacha-te.

ANTONIO

O Sr. Capellão manda dizer que está muito atrapalhado....

MATHEOS

Como! Não é possível hoje?

ANTONIO

Torno á repetir: o Sr. Capellão manda dizer, com licença da palavra,—que está muito occupado; porém das 10 horas em deante....

[MATHEOS

10 horas !

ANTONIO

Sim, senhor, 10 horas, eu ouvi bem Vm. tem duvida no que eu digo?... Das 10 em diante, com favor de Deus pode casar todo mundo.

MATHEOS (aparte)

Mas é a hora do rompimento.... Preciso que seja antes.... São 8 horas.... Irei fallar-lhe. (A' Antonio.) Que mais queres ?

ANTONIO

Lá fôra ha cousa !... Rebate nos quartéis ! ...Soldados á correr... Um ruço, ruço.... Os diabos me levem si aquillo não é barulho.

### Scena 21.

MATHEOS, depois CARLOS

MATHEOS

Será possível !

CARLOS

Senhor, creio que ha alguma revolução na cidade ; e sigo á tomar meo posto.

MATHEOS

Vamos á força hoje empossar o General Madeira no commando. Sêgue ; e antes de tudo pôsto soldados na casa de Izabel de Chantal á protegê-la

de qualquer saque. Quanto ao mais cumpre teu dever: — saquear e aniquilar o inimigo.

### Scena 22.

MATHEOS, dep<sup>a</sup> MARGARIDA, dep<sup>a</sup> IDALINA

MATHEOS

Porque anteciparião o rompimento ? ! Ainda faltão 2 horas !... Talvez provocação do inimigo.

MARGARIDA (trazendo espada, e pistolas)

Matheos, o negocio começou. Aqui estão tuas armas. De certo te são necessarias.

MATHEOS (examinando-as, e experimentando-as)

Elles nada tem à allegar contra o Madeira ; seo intento, zombando da ordem regia, é se tornarem nossos dominadores. Quanto se enganão ! Temos a força do nosso lado, e nem somos cobardes que assistamos impassiveis á tanta insubordinação, e nem cegos que não vejamos os perigos do exemplo. Com a Bahia impune, victoriosa, a Bahia oude existe tão impudente força á contê-la, o resto do Brazil se separaria da Metropole. Hoje pois, occupando a cidade, obrigaremos os rebeldes á morder de novo o freio da obediencia.

MARGARIDA

Matheos, e o casamento ?

MATHEOS

Realisar-se-á d'aqui ha pouco....

IDALINA (assustada)

Meo pae, eu me achava á trabalhar quando ouço birulho na rua, chego á janella, e vejo.... Que horror! Os soldados estão matando os que passão, arrombando as portas. ...

MATHEOS

Cala-te. (Idalina entra para dentro.)

**Scena 23.**

OS MESMOS, e MANOEL

MANOEL (vindo de fóra—  
Aparte)

A cousa não vae bem, não. Que diabo será?  
Pelo sim, pelo não, voltei á defender Yaia....  
Vou armar-me. Espeto, e agoa fervendo tambem  
serve (Entra tambem.)

**Scena 24.**

MATHEOS, MARGARIDA, depois SILVIA

SILVIA (aterrada)

Minha mãe!... Escondamo-nos!... Estou á  
morrer de medo!... Ai!... (Ouvem-se gritos fóra.  
do lado da rua.) Não ouvem? ...São gritos de  
agonia... Mande fechar o portão.

MATHEOS

Cala-te.

MARGARIDA

Fazem voces um espalhafato dos meos pecca-  
dos! Não é nada:—Estamos indireitando a ci-  
dade. (Matheos até então occupado em revistar as  
armas, e em armar-se á paisana, vae á sahir encontra  
Izabel.)

**Scena 25.**

OS MESMOS, e IZABEL

IZABEL

A casa de Julio vae ser assaltada!... Corra,  
senhor... Acuda!... Julio está em perigo.

SILVIA

Meo Deus! Matarem-no!... (Sae para á rua  
correndo, e Izabel tambem.)

**Scena 26.**

MATHEOS, e MARGARIDA

MATHEOS

Ah!... E' elle o seo amante! Farei que o ma-  
tem. (Sae tambem correndo.)

## ACTO 2.º

### QUADRO 3.º

#### NOBREZA DE CHARACTER

Sala pequena que precede o locutorio do Convento da Lapa.—Grade no fundo, tendo ao centro um altar, e ao lado esquerdo d'este o locutorio, onde a Abba-deça fallará sem ser vista.—A' esquerda da porta que dá para à parte exterior e franca do Convento.—A' direita porta por onde entrão as pessoas admittidas á parte interior e reservada.—A porta da esquerda tambem é passagem para a sacristia.—Algumas cadeiras, uã meza, havendo sobre ella objectos para escripta.—Ao erguer o panno ouve-se o final do cantico religioso das Freiras.

#### Scena 1.º

O PADRE DANIEL (sentado, cabisbaixo, e triste durante o cantico.)

Que horrendo expectaculo, meo Deus, nas

ruas da cidade !... Dia nefando 19 de Fevereiro !... (Dirige-se ao locutorio.) Madre Abba-deça !

ABBADEÇA (fallando sempre dentro)

Sr. Capellão, já findou a desordem ?

CAPELLÃO

Irmão, não fantazias o que é essa loucura humana, ou antes, attentado contra Deus, que appellidão guerra. Póde-se afiançar que esta ainda ensaia os primeiros passos.

ABBADEÇA

Misericordia !

CAPELLÃO

E só Deus em seos impenetraveis mysterios conhece até onde subirá a enormidade dos horrores.

ABBADEÇA

De facto, as pessoas, que tem vindo aqui abrigar-se, se apresentação de tal sorte aterradas que instão para que est-jamos á todo momento á rezar. As minhas irmãs estão tambem em desassocego ; ninguem póde trabalhar ; não temos feito mais que entoar canticos, e a regra do Convento....

CAPELLÃO

Irmã, tudo no dia de hoje é extraordinario ; a regra não póde ser observada. Proceda pois como entender, no sentido do melhor serviço de Deus.

ABBADEÇA

Em mim propria ha tanta attribuição, que sigo á dirigir as orações, e logo que ellas lindão, volto aqui na esperança de receber a noticia que a paz do Senhor se restabeleceo. Si precisar de mim, eu não arredo pé do locutorio, senão para rezar.

**Scena 2.ª**

O PADRE DANIEL, depois JULIO

JULIO (armado)

Sr. Capellão, diga-me; ella está aqui?

DANIEL

Quem ?

JULIO

D. Izabel de Chantal.

DANIEL

Algumas pessoas tem vindo ao Convento azilarse; ella não.

JULIO

Oh !... Mas então onde encontral-a !... Ao romper da sublevação arrei-me, vdo á sua casa—não estava lá.... busco-a debalde em outras, onde podia encontral-a.... Lembrei-me do Convento da Lapa, de sua amizade á Abbadeça.... Corro, cheio de esperança, chego.... Que desepero ...

DANIEL

Sr. Julio, aquiete seo espirito.... A Sra. D. Izabel em toda cidade não tem um inimigo siquer.

JULIO

A Bahia em pezo a conhece por sua immensa fortuna, e amor ao nosso paiz.... Ah! E' que não sabe que ella tem aos olhos da facção do Madeira esses dous maiores crimes :—a riqueza e o patriotismo. Será assassinada !...

DANIEL

Confie em Deus, que é a infinita bondade.

JULIO

Para onde agora dirigir-me ?...

DANIEL

Deus hade protegel-a.

JULIO

Que somos nós para que Deus nos ouça ?

**Scena 3.ª**

OS MESMOS, E IZABEL

IZABEL

Sr. Padre Daniel !... (Avistando Julio) Julio !.. Salvo !...

JULIO

Graças meo Deus ! (Abração-se.)

IZABEL

Eu passeava, Julio, quando começou a desordem.... Corri á Matheos Raziqne.... fomos á tua casa:—estava deserta. Recolhia-me á pressa,—eis vejo a minha cercada de soldados. Então lembrei-me de fugir para este Convento. O coração advinhava-me que te encontraria aqui.

JULIO

Que perturbação de espirito, que sustos eu tive!... Agora que está em segurança, de-me licença; vou auxiliar nossos compatriotas.

IZABEL

Não, não sahirás ; lá fóra não ha mais segurança para nenhum verdadeiro Bahiano.

JULIO

Não sair !... Soldados sediciosos, revolucionados pelo Madeira, n'este momento saqueão-nos as casas, matão-nos á seo salvo, e cuida que o sangue não está á galopar-me nas veias !... E ordena-me de ficar aqui á rezar como mulher !...

IZABEL

Julio, elles arrombarão tua casa, procurão-te ; querem tambem matar-te.

JULIO

Senhora, é preciso ser bem infame para temer a morte, quando se trata de bater os inimigos da liberdade á fim de quebrar-lhes nas mãos o jugo do despotismo.

IZABEL

Tu és como filho, ultimo que me resta, si por ventura me amas....

JULIO

Paes, mulheres, filhos se esquecem si a voz que nos chama é a da terra, onde se teve o berço, gemendo aos duros golpes de mãos extranhas. Minha mãe, per-tão ! (Sae.)

#### Scena 4.ª

OS MESMOS, menos JULIO

IZABEL

Espera, Julio.... Ai ! Meo Deus elle corre á morte. Matal-o-ão.

DANIEL

Senhora, confie no céo, Deus escuda as causas justas. Permitta-me prevenir á irmã Joanna Angelica, de sua vinda (Dirige-se ao locutorio.)

IZABEL ( consigo mesma)

Sim ; lançar-me aos pés do altar.... é o ultimo recurso :—rezar.... implorar as orações d'estas virgens santas. Deus hade ouvir-nos.

#### Scena 5.ª

OS MESMOS, E A ABBADEÇA

DANIEL

Madre Abbadeça, mais uma refugiada :—anti-

ga protectora do Convento:—nossa amiga a Sra. D. Izabel de Chantal.

ABBADEÇA (fallando de dentro do locutorio sem ser vista)

Irmã, seja bem vinda á casa do Senhor ! N'este dia de desgraças o claustro está sendo o abrigo dos perseguidos. Pó le entrar. Nada tema.— Deus será connosco. Vou reunir a communi- dade para entoar novos canticos, applicados á apaziguar sua justa colera, incitada pelos nossos peccados: ajudar-nos-á. Suas preces desacostumadas entre as das humildes servas do Senhor talvez alcancem da Infinita Bondade o que hoje as nossas ainda não puderão. (Entra Izabel no Claustro.)

### Scena 6.ª

DANIEL, MATHEOS, E SILVIA

MATHEOS (á Silvia em particular)

Aqui silencio ! (alto)—Senhor Padre Daniel, eis minha filha, e sua creada. O noivo não se fará esperar. (Entrega-lhe um papel.)

DANIEL

Senhor, reina agora tão grande tristeza n'esta casa que talvez fora melhor transferir-se....

MATHEOS

En minha carta já lhe referi o ponderoso motivo que aconselha a urgencia.

DANIEL

A' não dominar esse motivo, auguraria mal do enlace em tão aziaga occasião. Não percamos tempo. Tenha a bondade de vir fazer as declarações para o devido assentamento.

MATHEOS

Já o sigo.

### Scena 7.ª

OS MESMOS, menos DANIEL

MATHEOS

Quando ainda ha pouco te atraçoaste corren- do, sem respeito algum, para a casa de Julio, afim de salvá-o, e descobri que por elle despre- zas Carlos, minha primeira ideia foi ma'al-o. Por fortuna d'elle não o achamos lá. Acodio-me então a reflexão, e reconheci que podia tirar melhor partido, poupando-lhe a vida. Viste ; acabamos de encontrá-lo, e limitei-me á ordenar á Carlos que o prendesse. Vem dizer-te meo pla- no. Si esposares Carlos, n'este caso me convem que Julio viva, por que tenho sobre elle certas vistas.... Queres salvar Julio, aceita Carlos, fin- gindo ser esse o «maior desejo de teu coração». Si porem—seja qual for a causa—entendes?— «Seja qual for a causa»—o casamento não se realizar já, forças-me á ter todo empenho na morte d'elle, e lembrando-me somente que é um dos mais exaltados rebeldes, juro que será fuzila- do.—Escolhe.

Scena 8.ª

SILVIA, depois MANOEL

SILVIA (chorosa)

Pertencer á Carlos que não amo, e que tomou lugar entre os inimigos da cidade !.... Extinguir no coração os mais nobres sentimentos :—o amor da terra onde nasci, e o amor d'aquelle por quem dera a vida !.... Meo Deus !.... Mas meo pae fará morrer Julio Augusto; serei eu mesma á matal-o.... e eu quero que viva. Outra o ame ; diga eu embora eterno adeos á meos sonhos de porvir brilhante, faça-me a vida inteira desgraçada, em favor d'elle....

MANOEL (fatigado)

Yaia.... procurei-te em casa.... não a achei.... scismeimei.... vi que havia estar aqui.... vim de carreira.... vim saber..... Senhor Matheos trouxe-a contra sua vontade aqui ?

SILVIA (a parte)

Que responder-lhe ? (alto) Não, pae Manoel.

MANOEL

Diga a verdade, Yaia.... não tenha medo de nada.... Yaia veio por seo gosto ?

SILVIA

Sim.

MANOEL

Bom.... Está tudo direito. Vou-me embora. Tenho serviço grande n'outra parte.... corro la... vou acolir tambem...: Pernas por aqui.....

Scena 9.ª

SILVIA, depois MATHEOS

SILVIA

Não ; fiz mal. Atraiçoar Julio.... encontrar-me elle esposa de Carlos !.... Eu me encheria de opprobio. Poderia ter a coragem de viver ?— Minha imagem em seo espirito seria a da perfidia. Não me restaria nem a triste satisfação de ser por elle detestada !.... Julio evitaria encontrar-me como á ente asqueroso; me desprezaria como á mulher infame.... Elle proprio hade preferir a morte. Sacrificando a felicidade, para que viver? Morra antes ; por que eu tambem morrerei ; e então nossas almas irão se entrelaçar la, onde ninguem separa aquelles que se amão. Um sem outro que nos importa a vida ?

MATHEOS

Que decides ? (pauza) Responde (pauza) Ah ! Preferes saber que os soldados despecharão suas armas sobre Julio, que extendido no chão, crivado de balas, de numerosas feridas está c sangue á jorrar-lhe ! Alegra-te vel-o á gemer nas ancias da agonia, pedindo como ultimo favor que o acabem de matar.....

SILVIA

Basta; meo pae, eu obedeço.

MATHEOS

Cuidado ! Ninguem perceba em ti nem sombras de desgosto.

Scena 10.

OS MESMOS, E IZABEL

IZABEL

Senhor Matheos Raziqne, acabo de saber que aqui chegara; diga-me Julio.....

MATHEOS (sempre meigo e affivel com D. Izabel)

Trago-lhe novas d'elle. Havia plano de matarem-no. Julio com seos enthusiasmos de rapaz é mal visto. Os sediciosos o odeião. Encontrei-o ao sahir d'aqui; corria immenso perigo. Para livral-o ordenei á Carlos o prendesse, pondo-o em segurança. Foi feliz inspiração; d'esta sorte está salvo.

IZABEL

Eu lhe agradeço do intimo d'alma.

MATHEOS

Para poder proteger os amigos me finjo partidista do Madeira, mas sou de coração pelos Bahianos. Voto-lhes gratidão; é aqui que tenho conseguido meios de ir vivendo.

IZABEL

Faço justiça á nobreza do seo character, e apello para elle no que vou fallar. Obriguei-me á apresentar-lhe hoje um pretendente á mão de sua filha Silvia. O levantamento das tropas obstou-me; e esperava em Deus podel-o fazer depois; mas acabo de saber que ella aqui veio para

esposar Carlos da Silva. Isto sorprendeo-me, senhor Matheos Raziqne.... até por que ouço que não é a elle que, D. Silvia ama. Em todo caso, felizmente o acto ainda não effectnou-se, e peço a mão d'ella para meo filho adoptivo. e herdeiro Julio Augusto. A familia Raziqne é nobre, a de Julio desconhecida; mas tambem ignora-se a de Carlos da Silva.

MATHEOS

Nada desejo tanto como comprazer-lhe em tudo. Mande-me o impossivel, será feito. Demais, Carlos não passa de orphão engeitado, á possuir apenas o soldo de Tenente, e Julio, como herdeiro da senhora disporá de riqueza colossal. Por qualquer lado pois que encare o pedido só tenho gratidão por tantas honras, e bondade. Mas eu amo meos filhos até a loucura. Só faço o que elles desejão. Silvia é quem casa, ella é que deve responder. Interrogue-a; en estou por sua decisão.... Espero approvará esta minha fraqueza paterna.

IZABEL

Nada mais justo. (A' Silvia.) Ouvio o pedido e consentimento de seo pae. Em suas mãos está a propria felicidade, e a de Julio. Que devo responder-lhe (pausa)

MATHEOS (carinhoso)

Falla, minha querida filha, falla. Julio está preso, não respondas de modo á augmentar-lhe o padecimento; «á tornal-o ainda mais infeliz.»

IZABEL

Seja qual fôr a decisão, não deixarei por isso de amal-a ; o que dezojo é que só seo coração falle.

MATHEOS (com carinhos fingido)

Sim, declara sem constrangimento o “ maior dezojo do teo coração,” como eu ainda ha pouco te dizia.

SILVIA (perturbada)

Senhora, eu caso hoje com Carlos da Silva.

IZABEL (admirada)

Pois não é a Julio Augusto que ama ? ! !

SILVIA (chorando)

Não o amo, senhora.... Si alguma palavra escapou-me eu mentia.

IZABEL

Chora !... Escute : amo tão extremosamente sua familia que aubiciono tornar felizes todos os que lhe pertencem, como si forão meos filhos. Ia deixar quanto possuo á Julio, dotando-o já com 100 mil cruzados. Pois bem ; dotarei Carlos da Silva com igual quantia, e o deixarei herdeiro da meação de meos bens.... enfim quanto me fôr possível, tornarei a sorte de ambos igual ; com tanto que Carlos caze com minha atilhada Idalina, e a senhora com Julio. Consen e ?

SILVIA (á parte)

Meo Deos ! Dae-me coragem.

IZABEL

Assim ficão todos ricos e felizes: a senhora esua irmã, Carlos e Julio, e até seo pae, e sua mãe, por verem casadas ambas as filhas de modo tão vantajoso. Consente ?

SILVIA

Senhora, é á Carlos da Silva que esposarei.

IZABEL

Pelo menos não seja hoje para que Julio possa fallar-lhe, elle proprio advogar sua causa. Eu não sei que dizer, estou talvez prejudicando-o. Julio terá poder de convencer-a que me falta. Lendo-lhe no semblante os sofrimentos se compadecerá d'elle. Eu lhe peço addie o casamento.

SILVIA (á parte)

Ah ! Sinto-me fraquear! (Alto, chorando.) Não.

IZABEL

Oh ! Isto é bem extraordinario !... N'esta hora de sangue á correr pelas ruas, de morte á paicar sobre tolos, de desgraça até para os vencedores.... n'esta hora de funesto presagio é que procura-se o altar, não para rezar pelos que soffrem, mas...

MATHEOS

Senhora, eu direi o que ella cala por pejo. Seo noivo, como militar que é, está mais que outro exposto á perigo. Silvia o adora, ha muito dezeja este consorcio ; apressou-o, temendo que elle em combate socumba.

**Scena 11.**

OS MESMOS, E DANIEL

DANIEL

Sr. Matheos Raziqne, esqueci-me de pedir-lhe o nome das testemunhas.

MATHEOS

De minha filha: a Sra. D. Izabel de Chantal. (A' ella.) Cuido não me recusará, mais esta honra. De Carlos:-- Madre Abbedeç, D. Joanna Angelica. (A' Daniel.) Tenha a bondade, Sr. Capellão, de fallar-lhe.

**Scena 12.**

OS MESMOS; menos DANIEL

MATHEOS (á parte)

Não preciso que ella dóte Carlos para havermos seos bens. Com certeza hão-de vir todos ás mãos da familia: porque, queira ou não, farei Julio casar com Idalina. Já empregar para isso a violencia; agora occorre-me outra ideia. Tentemos.

IZABEL (á parte)

Acho esta menina bem singular!

MATHEOS

Visto que Silvia, Sra. D. Izabel, não póde aceitar seo filho adoptivo, e que elle dezeja alliar-se á minha familia, proponha-lhe o casamento com

Idalina. A senhora tem de participar-lhe o resultado do seo pedido; aqui está papel e tinta; falle-lhe n'isso; eu mesmo serei o portador.

IZABEL

Me é pessoalmente indifferente, Sr. Matheos, que Julio case com sua filha mais velha, ou mais moça; estimo igualmente ambas, e tanto que apazar de não ter D. Silvia concordado com a minha proposta, realizarei a promessa que fiz, de doar Carlos, seo noivo, com cem mil cruzados, e deixar-lhe metade de meos bens. Como sabe não tenho herdeiros.

MATHEOS

Obrigado, senhora. Carlos tarda!... Vou buscar-o. (Ouve-se dentro a sineta, reunindo a communiidade.)

**Scena 13.**

SILVIA, E IZABEL

IZABEL (sentada, escrevendo, e lendo)

“Julio. O Sr. Matheos Raziqne acolheo cheio de gratidão seo pedido, e approvou-o; mas D. Silvia não póde aceitar-te; porque ama Carlos da Silva....”

SILVIA (á parte)

Meo Deus!

IZABEL

“ Com quem d'aqui á breves instantes estará casada, tendo vindo para isso á este Convento. Mal succedida assim tua pretensão á mão de D. Silvia, porque não pedirás a de minha afilhada Irlalina? Nutro tão intenso desejo de que o faças....”

SILVIA (a parte)

Ai ! E' muito !...

IZABEL

“ que quazi escrevi « eu o exijo ; » mas não ; digo-te simplesmente, si fôr esse novo enlace do teu inteiro agrado, como é do meo, mais afeicuada te será, si é possível, esta tua amorosa mãe—Izabel de Chantal.—Convento da Lapa 19 de Fevereiro de 1822. (Rompe dentro em voz baixa, ou ao longe o cantocho das Freiras) D. Silvia, vamos orar pelos que soffrem.

SILVIA

Não, senhora, n'este momento tenho o espirito tão perturbado que não saberia que dizer á Deus; temo offendel-o.... A senhora que ama tanto todas as pessoas de minha familia, va rezar por mim que tambem soffro.

IZABEL

D. Silvia, forçosamente me occulta algum segredo. E' livre, casa com quem lhe apraz, e chora! As lagrimas desmentem as palavras torturando-me a alma. Não, a senhora é infeliz ; e pois

que sabe quanto estimo sua familia, e não me nos á senhora que aos outros, abra-me o coração ; seja franca comigo ; falle.

SILVIA

Não é meo infortunio, sim o de Julio que arranca-me lagrimas. Não o amo, mas o estimo muito, e elle excessivamente me ama. Doe-me a fatalidade que me força á lançar-lhe em angustias o coração, eu que quizera, a custa de todo sacrificio, evitar-lhe o minimo desprazer; va, senhora, orar por elle, e por mim.

IZABEL (á parte)

Esta menina é um mysterio ! Não a comprehendo. (Entra no claustro.)

### Scena 14.

SILVIA (só)

Oh ! Mas isto é intoleravel !... Não ; não quero mais o martyrio porque estou passando... quero minha liberdade de hoje ao amanhecer... Eu me achava então livre !... possuia a faculdade de dispor de mim !... Gosava da paz do espirito. Era feliz.... muito feliz ! Podia sonhar!... Eu sonhava futuro seductor, esplendido!... Agora.... Ai !... Minha cabeça !... Enlouqueço!... Sim ; rezar tambem.... Rezemos. (Fica de joelhos até o fim do cantico, que deve ter continuado ate então. Findo levanta-se.) Sinto-me reanimada.... não sei que esperanza que não tinha... parece-me nem sou mais desgraçada... Meo Deus ! como é bom rezar !

**Scena 15.**

SILVIA, E IZABEL

IZABEL

Na verdade, Silvia, ninguém se prosta aos pés do altar que não sinta, ao erguer-se, renascer-lhe a esperança.

**Scena 16.**

OS MESMOS, MATHEOS, E CARLOS

MATHEOS (á parte)

Carlos, agradece-lhe.

CARLOS (á Izabel)

Senhora, lamento faltarem-me frases assaz expressivas da extensão de meo reconhecimento pelo alto favor que pretende acrescentar á tantos outros, de que sou-lhe devedor. Direi somente : minha vida está á sua disposição. Silvia, desculpa-me por involuntariamente te fazer esperar.

MATHEOS

A Senhora escreveu a carta ?

IZABEL

Aqui a tem. Peço o favor de a entregar o mais breve que puder. (Dá-lh'a)

MATHEOS

Hoje mesmo o senhor Julio Augusto a receberá. Eis o senhor Capellão.

**Scena 17.**

OS MESMOS, E O CAPELLÃO

O CAPELLÃO (paramentado ; entregando á Matheos um papel.)

Aqui está a nota para o Parocho lavrar o termo de casamento ; tenha a bondade de entregal-a (Vae ao locutorio). Irmã Abba-deça, o Senhor Matheos Razi-que roga-lhe a graça de ser testemunha, por parte de sua filha, no consorcio que vamos celebrar.

A ABBADEÇA

Com muito gosto. (O Capellão se dirige ao altar cujas velas devem então estar acesas.)

SILVIA (á parte soluçando)

Meo Deus, soccorrei-me !—(Rompe o canto-chão ao longe—Matheos conduz ao altar a noiva, que continua á solucar durante todo tempo. Izabel dá a mão á Carlos, dirigindo-o para ahi.—Os noivos ajoelham-se, um ao lado do outro.—Grande barulho no exterior.—Gritos : « Ao Convento ! Ao saque ! » As personagens em scena entram para o interior do Convento, excepto os da scena seguinte.—Ruido no exterior da porta que cae.)

**Scena 18.**

MATHEOS, CARLOS, UM CAPITÃO, E SOLDADOS DA LEGIAO LUZITANA (alguns trazendo machados); depois a ABBADEÇA, E O CAPPELLÃO.

MATHEOS

Que é isto ?

CARLOS

Camaradas ! Retirae-vos

O CAPITÃO

Aqui mando eu.

UM SOLDADO

Não é dos nossos quem prohibe o saque.

OUTRO SOLDADO

Um Convento tão rico !....

O CAPITÃO

Por-deante tudo á ponta de bayoneta.

MATHEOS

Ao saque !

TODOS

Ao saque !

MATHEOS

Carlos, aproveita-o (Os soldados depois de muitos golpes de machado á que as grades resistem, as deitão

abaixo. Avista-se a sala do coro, e n'ella firmes á arrostal-os a Abbadeça, e Capellão. A'esse tempo Matheos, e Carlos tem desaparecido entre os soldados)

A ABBADEÇA

«Detende-vos, barbaros ! Estas grades cairão «aos golpes de vossos machados ; mas meo peito «guarda a entrada ; e não passareis senão por «cima do cadaver de uma mulher (a)»

O CAPITÃO

Por deante tudo ! (Os soldados avançao de bayonetas caladas sobre a Abbadeça e Capellão, e levando tudo deante de si, desaparecem.)

**Scena 19.**

IZABEL, depois CARLOS

IZABEL

A Abbadeça, e Capellão mortos !.... (a) Por onde fogir ?..... (sae)

CARLOS

Que será de Silvia ? !

---

(a) Historico

ACTO 3.º

QUADRO 4.º

A ROSA NO SEIO

Ante sala da casa de Matheos Raziqne, mobiliada á gosto da epocha.

Scena 1.ª

MATHEOS, E SILVIA ( entrando )

SILVIA ( á parte )

Que intentará meo pae? Do Convento até aqui não proferio uma palavra sequer!

MATHEOS ( depois de ter observado a versí alguem poderá ouvil-o )

Chegados sem novidade, deixo-te, e vou ter ao Vigario. O que não pôde ser no Convento da Lapa, realisarei quanto antes na nossa Matriz. Cautela!

Scena 2.ª

SILVIA, depois MANOEL

SILVIA

Eu tremo! O que poderá mais livrar-me!.... Oh! mas foi medonha desgraça!.... Que horror!....

MANOEL ( com o braço direito suspenso por 1 lenço )

Yaia, pae Manoel está aqui. Não tenha medo de ninguem; não tenha, não.

SILVIA

Ferido!

MANOEL

Não é nada:—Um alfinete que cotucou-me aqui. Os soldados agarrarão certo sujeito, e ião levando.... de certo não era para lhe darem algum abraço.... O sujeito não tinha cara de estar gostando do brinquedo. Entrou-me em cabeça ver como era aquillo, metter raiva aos taes. Arranjei rapaziada, fizemos alguns beijarem chão, e mandamos o preso passear. Custou-me só este cotucão. Mas não vim tagarelar n'isso. Yaia, si mandarem aqui cousas que não queira, não faça. Historia!.... Elles não podem comigo.

SILVIA

Desobedecer á meo pae.....

MANOEL

Caluda! Vem Idalina; Yaia não confie n'ella

Scena 3.ª

SILVIA, E IDALINA

IDALINA

Silvia!

SILVIA

Minha irmã ! (Corre para ella, e abraça-a)

IDALINA

Onde estiveste ? Ninguém na casa sabia notícia tua desde que começou a desordem... Desappareceste !.... Estive cheia de cuidados !....

SILVIA

Acabamos de chegar do Convento da Lapa.... Oh ! Idalina, não imaginas o que la houve ! Os soldados assaltarão aquella casa de Deus ; matarão a Abbadeça....

IDALINA

A' D. Joanna Angelica ? !....

SILVIA

E ao padre Capellão.

IDALINA

Que dizes ? !

SILVIA

As freiras fugirão para o Convento da Soledade, e la ficarão elles á roubar tudo.

IDALINA

E tu, Silvia ?

SILVIA

Eu quazi morri. Entretanto esse não é o maior infurtunio de que escapei.... (A parte) Que ia contar-lhe ? !

IDALINA

E que foste buscar ao Convento no estado em que se achão as ruas ?

SILVIA

Meo pae conduzio-me ; ia esposar Carlos.

IDALINA

Carlos ! Inesperadamente ; e no dia de hoje ! Enlouqueceste, Silvia ! E Julio ?

SILVIA

Julio !... Mas eu não o amo. Cre, é por minha vontade, por livre escolha, Idalina, estás ouvindo ?—que lhe profiro Carlos..... por que amo á Carlos ; sim, minha irmã.... não sabes ? E' a elle que amo, creio já te haver dicto.

IDALINA

Silvia, teo ar grave não deixa suppor que graces, e o menos de que posso capacitar-me é que as desgraças do Convento te perturbarão o espirito. Como poderei esquecer que ainda hoje de madrugada, me affirmavas ser Julio o prazer da tua vida, o sonho do futuro, o escolhido do coração ?

SILVIA

Mas si te affirmo que é á Carlos que eu amo.

IDALINA

Que te fez Julio que chegas á ir esposar Carlos que não amas ?

SILVIA

Minha irmã, estás me afligindo. Julio não offendeo-me; juro que não tenho de que resentir-me. Estimo-o; até estimo-o muito: enganei-te, eu não o amava, amo Carlos.

IDALINA

Basta não fallemos mais n'isso.

**Scena 4.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, E JULIO

JULIO

Silvia, estou livre!

SILVIA

Julio!.... (Abração-se) Agora não nos separarão mais.

IDALINA

Que vejo!...

SILVIA

Julio, tu sabes é á ti que amei sempre, que amo, és meo primeiro, unico, e ultimo amor.

IDALINA

Deus de minha alma! Silvia está louca. Minha irmã que é isto?

SILVIA

Ah! Horriavel ideia!.... Quem te salvou, foi meo pae?

JULIO

Teo pae mandou-me prender, depois eu soube por Carlos que seo fim era obstar que me matassem. Conduzirão-me ao General Madeira, e de la iamos para o forte do Barbalho, quando pae Manoel que me encontrara preso, suppondo que o fora para mãos intentos, reune á pressa algumas praças dos regimentos de pardos, e pretos, bate a escolta, e a desroga. O combate tornou-se renhido.... Eu fiz o que pude;—preferia verme solto—Pae Manoel foi um heroe.

IDALINA

Ah! Por isso encontrei-o de braço atado.

JULIO

Mas trago-lhes pessimas noticias. Os revoltosos desalojarão nossas forças dos seus quartéis; no campo da Piedade, e da Polvora as derrotarão; e de posse dos fortes de Santo Antonio e Barbalho, tomarão o de S. Pedro. O General Freitas rendeo-se á descripção....

IDALINA

Mas então estamos perdidos!

JULIO

Enfim o Madeira tornou-se senhor da Cidade, e a população está fugindo para o Reconcavo.

SILVIA

Meo Deus!....

IDALINA

Quantas desgraças !....

JULIO

Minha primeira ideia, recuperando a liberdade foi correr para ti, Silvia, como para fonte de venturas. Depois em desvario ao saber d'essas desdidas eu corri.... sem mais lembrar-me para que.

**Scena 5.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, E MATHEOS

MATHEOS (a parte)

Elle aqui ! (Alto á Julio,) Muito folgo vel-o, e de coração o felicito, si se deixar ficar aqui tranquillo. Si recahir na imprudencia de por pé na rua, como seo amigo mandarei de novo prendel-o, para que não o matem. (Aos mais) Preciso fallar-lhe á sos.

**Scena 6.<sup>a</sup>**

MATHEOS, E JULIO

MATHEOS (com afabilidade)

Nenhum desejo ha maior no meo coração do que o do seo consorcio com Silvia ;— em minhas tristes circumstancias é a felicidade que me entra em casa.....

JULIO

Senhor agradeço-lhe....

MATHEOS

Mas, porque não a pedio mais cedo ?

JULIO

Ella mesma impedia-me.

MATHEOS

Pobre filha !.... Seo pedido ella regeitou.

JULIO

Regeitou !.... Está bem certo, senhor, no que diz ?

MATHEOS

Ah ! Duvida de mim !.... Pois bem, a Senhora D. Izabel de Chantal dirá com que prazer aceitei sua proposta, apenas deixando, como me cumpria, liberdade á Silvia de resolver o que lhe aprouvesse. Ella dirá que foi minha filha....

JULIO

Mas isto assevero que é impossivel.

MATHEOS

Valha-me Deus !.... Lêa (entrega-lhe a carta) E' a resposta da Senhora D. Izabel sobre a commissão de que a encarregou. Duvide agora dos seus proprios olhos.

JULIO ( depois de a ler rapidamente)

Como ! E a recepção que acabo de ter de sua filha ?

MATHEOS

Infeliz filha !

JULIO

O Senhor zomba de mim.

MATHEOS

Eu zombo, e a senhora D. Izabel ?

JULIO

Mas eu não comprehendo nada ! Senhor, a senhora D. Silvia me ama.

MATHEOS

Tambem eu á principio não a comprehendia. Acalme-se, ouça, e reflecta um pouco. Silvia o ama; muito bem; entretanto o snr. quer pedil-a em casamento, e ella o obsta. Contrariando-lhe a vontade o senhor a pede, e ella o regeita. Casa com outro, e ao apparecer-lhe, recebe-o amorosa. Comprehende agora ?

JULIO

Louca !

MATHEOS

Não absolutamente ; goza lucidos intervalos. Chegamos n'esta Cidade ha pouco, ainda não teve occasião de perceber a desgraça em que cahio, desde a grave enfermidade no Joazeiro que poz seos dias em perigo.

JULIO

Mas o casamento.....

MATHEOS

E' por isso mesmo; os Medicos o aconselhão. Carlos a ama ; eu lembrei-me que ella tambem o ama desde a infancia, que não cessava de aludir a esperanza de esposal-o ;—tento esse meio de cural-a. Mas, visto não desdenhar a alliança na familia, si perde uma filha, que não poderia fazel-o feliz, resta-me outra contra a qual, digo sem jactancia,—não sei que poderá allegar. Essa carta talvez contenha alguma cousa a respeito.

JULIO

Sr. Matheos Raziqne,—com a franqueza devida em assumptos taes,—não é a sra. d. Idalina que eu amava, mas agora.... casem-me, deixem-me solteiro.... me governem. Silvia perdida ! A Bahia mergulhada em sangue, escravizada á inimizgos !.... No naufragio de ambos estes amores que engrandecem a alma.. eu sou indifferente á tudo ; disponhão de mim.

MATHEOS

Duvidará receber hoje mesmo Idalina ?

JULIO

Repito, senhor, a vida não tem mais encantos ~~para mim~~. A senhora, ~~que~~ para mim como si fora minha mãe, exige esse casamento, eu obedeço.

MATHEOS

Sim, n'estas materias, desde que ha a resoluçãõ entre os interessados, a execuçãõ deve ser immediata.

JULIO

Pensem por mim, condusão-me como creança. Aqui estou, senhor.

MATHEOS

As desordeus da cidade dispensão vaãs formalidades ; espere-me, vou buscar Idalina.

**Scena 7.<sup>a</sup>**

JULIO, depois SILVIA

JULIO

Ella demente !.... Minha unica ambição dissipada como sonho !.... O desespero n'alma !.... E na cidade, onde vi a luz da vida !.... Dia maldito !.. Do Pará á Cisplatina o povo, acclamando a Constituição varre do solo americano o ultimo despotismo. A' esse brado de liberdade já estalão — prestes á se despedaçar — as cadeias que tornão minha patria escravo vil de reis da Europa.... E na Bahia esta vergonha !.... (Vendo a-Silvia, á parte) Que lhe heide dizer ?

SILVIA

Julio, fallaste-lhe á meo respeito ?

JULIO (á parte)

E' preciso não contrariar-a. (Alto) Sim, fallei-lhe, Silvia ; tranquillisa teo espirito.

SILVIA, (com transporte de jubilo)

Será possível ? !

JULIO (possuido de dó)

Tranquilisa-te, nada ha à descontentar-te; todos aqui te estimão.

SILVIA (com raiva)

Oh ! O senhor, não possui por mim no coração o que eu até este momento acreditei. Não é com esta frieza de enregelar que se recebe a pessoa á quem se ama. Não se illude com falsidades traioeiras misera môça cheia de confiança, e credulidade.

JULIO (possuido de dó)

Silvia, socega.....

SILVIA

O peito abrazado nas chamas de amor, como volcão, não ha nada que esconda, nada que soffoque. O olhar, o gesto, a palavra saem inflamados n'esse fogo soterraneo :—são suas lavas. Quando o volcão está extinto até o cego vê, pelo frio que sente. (Chorosa) Senhor, percebo que no seo coração não sou mais nada.

JULIO (á parte)

Infeliz moça !

**Scena 8.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, MATHEOS, e IDALINA

MATHEOS

Silvia, Julio vae ser teo cunhado, ama Idalina, e acaba de pedil-a. Dou-te esta grande alegria.

SILVIA (a parte)

Agora explico sua subita mudança.—Não merece nem meo desprezo. Fabularão alguma vil impostura; inventarão ... fingirão .... que sei eu?... que eu não o amava.... talvez que amava á outro.... offerecem-lhe Idalina—a elle immediatamente. ante frases futeis, sem coração, sem dó, esquece tudo, despresa-me.

JULIA (a parte)

A loucura é vizível. Ainda ha pouco, fantasiando que eu a não amava, enfureceo-se! Agora sabe que vou esposar outra, e—estatura da impassibilidade—nem um gesto, nem um movimento!

MATHEOS (que tem estado fallando á idalina, continuando á fallar-lhe em particular)

Acabas de ouvir minha vontade; que respondes?

IDALINA (em particular á Matheos)

Meo pae, a unica condição que imponho á quem quizer minha mão é ser rico; e sabe que elle o é.

MATHEOS (idem)

Bem; o casamento vae ser já

IDALINA (idem)

Meo pae. Silvia amava Julio....

MATHEOS (idem, enfurecido)

Desgraçada, sabes que não quero observações.

SILVIA (á parte)

Mas isto é impossivel!... (Alto a Matheos) O senhor n'este momento me obriga á esquecer que é meo pae. (A Julio) Senhor, diga que aqui não se falla a verdade.

JULIO (á parte)

Infeliz moça!

MATHEOS (com fingida caricia)

Filha, pelo amor de Deus, conserva a calma; esta frequente perturbação de espirito, pode matar-te.

SILVIA

Matar-me! Que maior morte que a que hoje estou soffrendo desde que amanheceo?

MATHEOS

Idalina, vae preparar-te para o casamento. (Em particular á Julio) Sua rasão começa a abandonar-a; preciso acodir. Coitada!.... Eu so sei aquietal-a. Retira-te.

### Scena 9.

MATHEOS, E SILVIA

MATHOS (raivoso)

Não me provoques a colera; deves me conhecer quando sinto em mim uma certa frialdade, quando o sangue me escurece os olhos. Vaes

casar d'aqui á um momento com Carlos da Silva  
(Manoel apparece occultamente na porta).

SILVIA

Meo pae, meos padecimentos de hoje me hão  
revestido de animo de que não me suppunha  
capaz, e com todo respeito, que lhe devo, peço  
permissão para declarar que não me é possível  
esposar Carlos. Consentia para salvar Julio, elle  
case embora com....

MATHEOS (raivoso)

Oh! Queres minha maldição!.... Vaes já  
acompanhar-me. (Manoel desaparece)

Scena 10.ª

MATHEOS, SILVIA, E IZABEL

IZABEL

Senhor Matheos Razi que!

MATHEOS (á parte)

Que contratempo!

IZABEL

Venho do Convento... Não imagina quanto  
me foi difficil salvar-me.... Não lembremos  
porem tão horriveis scenas... Agora, como sua  
casa é perto, e creio-a segura, permittirá que á  
eila me acolha?

MATHEOS (com amabilidade)

A senhora me offende, e condemna á estar  
sempre repétindo : —de tudo que me pertence, e

de mim proprio póde dispor como seo. Ha muito  
sabe que sou lhe por demais grato, e obediente  
escravo. Sómente consinta que me ausente por  
alguns instantes com Silvia. Está em sua casa,  
sem cerimonia. (Tenta sahir.)

IZABEL

Pretende sahir com ella como si n'este momen-  
to não estivesse lá fora á correr sangue. Na rua  
só se vê roubo, violencia ás filhas familias,  
morte....

MATHEOS (sempre afavel)

Esquece que eu finjo-me do partido do Madei-  
ra, para conservar toda liberdade. Não nos  
ameaça pois, Senhora D. Izabel, perigo algum.  
Póde entrar. Nada de ceremonias. Silvia va-  
mos.

SILVIA

Meo Deus! (Correndo para Izabel) Valha-me  
a senhora que tem sido sempre tão boa.

MATHEOS (em particular)

Não a extranhe achando-a desrazoada. N'estes  
ultimos tempos são tão repetidas as perturbações  
do seo espirito, que não posso occultal-as mais.  
A pobre meina não goza do pleno uso de sua  
razão.

IZABEL (em particular)

Louca!... Infeliz menina! O inexplicavel  
procedimento no Convento bem o inculcava.  
Era impossivel achar-se em seo completo juizo.  
Eu devera ter logo percebido. (Silvia) Seja rasoa-

vel, socegue o espirito. Olhe, seo pae a ama, e quer sua felicidade.

MATHEOS (*em particular*)

Tenha a bondade de deixar-nos sôs que eu a aquietarei.

IZABEL (*á parte*)

Pobre Silvia!

**Scena 11.**

MATHEOS, e SILVIA

SILVIA (*á parte*)

Ninguem !... Ninguem por mim !... Que terá elle dito, que até ella, tão boa com todos, me abandona !...

MATHEOS (*com mãos modo*)

Segue-me.

SILVIA

Perdão ; eu não posso, meo pae.

MATHEOS (*colerico*)

Não podes, desgraçada !... Eu vou procurar Carlos, depois viremos buscar-te. Não o queres por bem, recebel-o-ás á força.... E visto que és filha arrogante, insobordinada, e desobediente á teos paes, eu.... eu te amaldiçoô.

**Scena 12.**

SILVIA, IZABEL, depois MARGARIDA

SILVIA

Que foi que ouvi ? !... Eu estava com meo pae ....Sim... Elle fallou-me.... Eu o ouvi... O que?...

Minha cabeça !... Que dice meo pae ? !... Ai !  
Lembro-me. (*Cae repentinamente desmaiada.*)

IZABEL (*correndo para ella*)

Socorro !... Acudão !... (*Debruça-se sobre Silvia, desaperta-a, descobre-lhe o seio*) Que vejo !... (*Examinando-lhe de novo o seio*) Minha filha !... E' minha filha !... Socorro !... Acudão !... Genes... minha filha morre....

MARGARIDA

Que é isto ?

SILVIA (*voltando á si*)

Ai ! Não é nada.... Minha mãe !... Respiro.

IZABEL

Filha, nada temas, d'ora em deante tua vontade será aqui lei para todos.

MARGARIDA (*á parte*)

Dir-se-ia que ella manda em todos como escravos seos.

IZABEL

Socega ; eu sou tua mãe !...

SILVIA

Minha mãe !... Mas o que é... que foi que houve ?

IZABEL

Entendem ? Ella é minha filha, e como tal quero todos a respeitem.

MARGARIDA

E eu então que fico sendo ? Isto é de mais, senhora !

IZABEL

Não me obrigue á dar o nome que lhe compete.

MARGARIDA

Que significa isto !

IZABEL

Significa.... Vamos, minha filha, nem mais um instante n'esta casa.

MARGARIDA

Senhora, não merecemos a guerra que nos declara, até o ponto de querer arrancar-nos a filha. (A' parte) Fecharei a porta ; veremos quem vence.

**Scena 13.**

SILVIA, E IZABEL depois JULIO

SILVIA

Senhora, acolha-me em sua casa, eu estou expulsa ; amaldiçoada por meo pae.

IZABEL

Não ; esse homem não é teu pae.

SILVIA

Proteja-me, Senhora D. Izabel, leve-me consigo.

IZABEL

Ideia horrivel !... Diz-me : estás em teu perfeito juizo ?

SILVIA (*desasosegada*)

Não percamos tempo. Elle vae forçar-me á cazar com Carlos, e eu amo a Julio.

IZABEL

Então por que quando te interroguei no Convento....

SILVIA (*sempre impaciente*)

Depois, senhora ; não nos demoremos mais. Tenho medo de meo pae.

IZABEL

Sim, saíamos.... Ai !... Mas a desordem da cidade : — matar-nos-ão.

SILVIA

Pela misericordia de Deus havemos escapar.

IZABEL

Nós sós, pobres mulheres, entre soldados desenfreados !...

SILVIA

Pelo amôr de Deus, vamos.—E' que não sabe, o perigo aqui é maior.

IZABEL

Que farei, meo Deus ?

SILVIA (*de joelhos*)

Por piedade, senhora, vamos.

IZABEL

Sair, sem alguém ao menos que nos deffenda !

JULIO

Que é? Quer retirar-se, minha mãe? Eu a acompanho.

IZABEL

Vens do céu; sim, partamos. *(Saem e voltão no mesmo instante)* A sahida fechada!

JULIO

Esperem-me, eu vou fazel-a abrir.

**Scena 14.ª**

IZABEL, E SILVIA

SILVIA *(aterrada)*

Ai! Elle chegará! Estou perdida! Que afflicção!

**Scena 15.ª**

OS MESMOS, E MATHEOS, depois MANOEL,  
por ultimo JULIO

MATHEOS

Por que fecharião a porta da rua?! Fazerem-me esperar!... Silvia, acompanha-me; *(á Izabel)* Da-me licença, não?

IZABEL

Para que? Para fazel-a cazar com Carlos da Silva?—Ella é a noiva de Julio Augusto.

MATHEOS

De Julio Augusto!

IZABEL

Assim ella o quer, e eu tenho resolvido.

MATHEOS

A respeito de Silvia Razique?

IZABEL

Não é Silvia Razique; é Genes de Chantal.

MATHEOS

A senhora, delira!... O abalo de hoje... Só elle explica como tão extranhamente ve em Silvia....

IZABEL

Ah! Uã mãe não conhecer sua filha!.... O senhor é que está louco.

MATHEOS

Perdoe-me si reavivo chaga que nunca se cicatriza.... mas bem sabe que matarão sua filha.

IZABEL

Matarão, e ella está aqui!...

MATHEOS *(com amabilidade)*

Senhora, recupere a calma, e por pouco que reflita, confessará a illusão. Como pôde a filha de Margarida ser sua?

IZABEL

O senhor roubou-a.

MATHEOS

Serei tudo quanto ha de máo; mas roubar sua filha!... creal-a, tractal-a como propria, para que fim Sra. D. Izabel?

IZABEL

E' o que estou á perguntar á mim mesma.

MATHEOS

A senhora é muito rica, e os ricos poucas vezes se lembrão que os filhos aos pobres são bem peizados. Um só lhes é de sobra para que possão dezejar o alheio. Demais, sem causa arrancar ao seio de sua mae uã menina rodeada da opulencia, para ~~com~~ ella repartir a miseria propria, ferir mortalmente uma senhora, á quem se tem dado tantas provas da mais inabalavel amizade, é loucura tão extravagante, que ignoro como a pôde conceber.

IZABEL

Com effeito é bem extraordinario, e inaudito !

MATHEOS

Mas figuremos Sra. D. Izabel, que sou seo inimigo implacavel, e que ódio de morte me fascinou até precipitar-me em tão grande loucura, como a descobrio ?

IZABEL

Pela semelhança.

MATHEOS

Por favor, o que pôde haver de semelhante entre uã moça, e a creancinha de um anno ?

IZABEL

Um signal sobre o seio parecido á roza.

MATHEOS

Acaso esse signal é privilegio da viuva Chan-

tal, para que todas as moças do mundo que o trouxerem, sejam suas filhas ?

IZABEL

E a natureza, o grito da natureza á se fazer ouvir nas profundezas d'alma ao avistal-o ?

MATHEOS

Creia-me, esse grito existe sómente em novelas, e comedias. Porque a natureza conservou-se muda, desde o 1.º dia que a senhora vio Silvia, e só falla agora ?

IZABEL

Céos ! Esta incerteza !...

MATHEOS

Mas eu não quero por cousa alguma perder sua amizade de longos annos, que tanto prézo. Graças á Deus possuo provas, que darão a certeza da clamorosa injustiça que me faz, attribuindo-me hallucinadamente o rapto de sua filha, e querendo me privar do direito sobre a minha. Manoel testemunhou o nascimento de Silvia.

SILVIA (á parte)

Meo Deus !... E eu estava tão esperançada !...

MATHEOS

Além d'isso tenho rasões para suspeitar que esse escravo tão estimado, tão fiel, não é extranho á crueldade de que a senhora foi victima.

IZABEL

Oh ! Pois eu enganei-me !

MATHEOS

Enganou-se; eu o asseguro. E' tal a certeza de que hade ficar completamente convencida, que consinto se torne minha inimiga figadal, si não lhe ministrar provas que destruaão todas as duvidas.

SILVIA (á parte)

Ai! Estou perdida!

MATHEOS

Vou buscar Manoel, sei como obrigar-o á fallar. Si porém falhar-me esse meio, resta-me outro.

IZABEL (á parte)

Elle tem rasão; e entretanto....

MATHEOS (que vai á sair avisando Manoel)

Eil-o bem á proposito; interrogue-o.

IZABEL

Manoel, ó Sr. Matheos Razique accusa-te de teres parte no roubo de Genes; o que respondes?

MANOEL

Minha senhora, ó Sr. Matheos diz a verdade.

IZABEL

Então confessas que roubaste minha filha?

MANOEL

Sim senhora, confesso.

IZABEL

Onde a levaste, e para que?

MANOEL

Eu conto tudo....

MATHEOS

Está vendo, Sra. D. Izabel?

MANOEL

Minha senhora, a fallar a verdade, não fui eu, foi uma parda que roubou a menina. Conto minha culpa.... Um homem me fallou para eu ajudar, me deo dinheiro, prometteo de eu ficar forro... Eu queria muito ficar forro... Ajudei tudo, porém elle....

IZABEL

E para que esse homem queria a pobre creancinha?

MANOEL

Escute minha senhora.... Elle se pilhava servido,... eu dice comigo elle póde me matar para não saberem do negocio. Ach-i um geito de escapar. A menina tinha no pescoço um relicario.

IZABEL

Sim, sim, com retrato, e cabellos de seo pae.

MANOEL

Trazia uma camisinha bordada; o bordado era uma rosa com umas letras.

IZABEL

Lembro-me da camisinha, de tudo como si fôra hoje.

MANOEL

Eu escondi essas cousas. Elle bem trabalhou por pilhar, mas o moleque era fino. Então minha senhora hade conhecer? (Entrega-lhe um embrulho com os objetos de que fallou.)

IZABEL

Ah! (Beija-os desfeita em lagrimas.—Cae sobre uma cadeira, contemplando-os dolorosamente.)

MATHEOS (a D. Izabel)

E a senhora suspeitou de velhos amigos!...

SILVIA (á parte)

Agora que será de mim!

MANOEL

O homem encarregou a parda de levar á minha senhora o manto que cobria a creança, e de dizer-lhe que ella vio um homem de noute atirar a creança no mar. Mentira; sua filha não morreo, não; eu sei a casa onde ella está.

IZABEL

Que dises? Viva!! Meu Deus! E onde?

MANOEL

Uã moça muito bonita, de bom coração.

MATHEOS

E a senhora queria arrancar-me Silvia!

IZABEL

Oh! Leva-me para onde está Genes. Ouves? E dou-te tudo.

MANOEL

Eu?... Não, senhora, não a levo.

IZABEL

Não me levas!

MANOEL

Está contente, Sr. Matheos?

MATHEOS

Sim, me salvaste, eu te agradeço; mas ainda uma pergunta. Testemunhaste o nascimento de Silvia?

MANOEL

Sim, minha senhora, eu posso dizer que vi nascer Yaia.

IZABEL (tendo estado pensativa)

Não me levas onde está minha filha! Porque?

MANOEL

Sua filha.... sua filha.... (Atira-se de joelhos aos pés de Izabel.—Chorando.) Minha senhora, abraça-a. (Apontando Silvia.)

IZABEL (com grande comoção)

Minha filha!

SILVIA (idem)

Minha mãe! (Abração-se soluçando, beijão-se.)

MATHEOS (em particular á  
Manoel)

Que fizeste, miseravel ?

MANOEL

Arre, diabos ; si são capazes fação agora outra  
trapalhada.

MATHEOS

Ah ! A senhora conloiou-se com seo escravo  
para esta falsidade !

MANOEL

Historia de mentira é o que Vmc. me ensinou si  
minha senhora scismasse alguma cousa. E'le  
me recommendou que eu contasse tudo, mas que  
não contasse quem furtou Yaia, e nem onde ella  
estava, senão quando elle me avizasse, e que  
havia me fazer forro. Eu ajustei com elle, mas  
vim dizer a verdade.

MATHEOS

Tu és escravo d'ella ; o que dizes nada vale.

MANOEL

A mulher que furtou a creança não é captiva  
de ninguém, e nem minha mulher ; todas duas  
estão vivas, e saãs. Com todos os diabos, agora  
conto tudo, tudo. (Julio entra.) Minha senhora,  
quer saber quem é Carlos da Silva ? E' o filho  
d'elle de nome Antoninho, que fingio ter morri-  
do ; e trocou o nome. Quer saber para que elle  
furtou Yaia ? E' para fazer casar com esse filho,  
já que não o fizerão tutor.

JULIO

Que ouço !

MANOEL

Elle tractou sempre bem Yaia ; porque, quan-  
do queria fazer alguma cousa, eu não deixava.  
Elle precisava de mim. Si me zangasse, eu fugia,  
e ia contar tudo á minha senhora. Porém hoje...  
hoje Sr. Matheos tem estado levado de todos os  
diabos. Arre ! O pardo vale mais que estes  
brancos.

IZABEL (á Silvia)

Ah ! Foi para te obrigar á casar com o filho  
que este homem fez-me hoje crêr que eras louca.

SILVIA

Louca !

MANOEL

Quem ? Louca Yaia ? ! Louco é o Sr. Ma-  
theos, louca é a mulher d'elie, loucos são os fi-  
lhos, e quanto Raziquinho ha por aqui.

JULIO (avançando para Sil-  
via, e extendendo lhe  
a mão)

Perdoa-me ! Eu tambem o acreditei.

MATHEOS (detendo-o)

Contenha-se, senhor.... Silvia é Genes, seja ;  
Carlos é meo filho,—bem ; mas Genes é hoje  
minha nora.

JULIO

Sua nora ? !

IZABEL

Nova impostura ; o casamento não se realisou.

SILVIA

Sim, Julio, eu não sou casada. Ao chegarmos ao altar, á que me levarão á força, o Convento foi assaltado...

MATHEOS

A senhora, e sua filha negão ; eu, e meo filho affirmamos.

JULIO

O senhor, e seo filho são suspeitos.

MATHEOS

Sem duvida, mas elles tambem ; e por tanto as declarações de parte a parte nullificão-se. E' mister outra prova ;—o testemunho de terceiros insuspeitos, e esse eu possuo. O Capellão, e Abadeça do Convento da Lapa morrerão, seo interrogatorio verbal não póde ser invocado, mas deixarão depoimento escripto alusivo ao da propria Sra. D. Izabel, agora interessada em escurecer a verdade. Veja si ella não me faz injustiça—que lhe perdoo—attribuindo-me imposturas. (Entrega á Julio o papel que recebeo do Capellão.)

JULIO (lendo)

“ Eu o Capellão Daniel da Silva Lisboa, aos 19 de Fevereiro de 1822, em Oratorio do Convento de Nossa Senhora da Lapa d'esta cidade da Bahia, com licença do respectivo Reverendo Parocho, casei o Sr. Tenente Carlos da Silva

“ Razique com a Exm. Sra. D. Silvia Maria, sendo testemunhas a Exm. Sra. D. Izabel de Chantal... ” Que vejo, meo Deos ! (Entrega o papel á Matheos.)

IZABEL

Julio, esse documento é falso.

MATHEOS

Que diz senhora ? Não é a let'ra do Reverendo Capellão ?

IZABEL

Não o contesto ; mas elle entregou-lhe....

MATHEOS

Advinho o que vae allegar. Sr. Julio, em sua consciencia, o Venerando Padre Daniel da Silva Lisboa teria me entregue este documento, si por ventura elle não houvesse effectuado o casamento ? Ha pouco não lhe dizia eu que Silvia estava casada, e o recebia amorosa ?

JULIO

De novo perdida !

SILVIA

Julio, não digas isso que me matas!

IZABEL

Eu juro pela salvação de minha alma....

MATHEOS

Não precisa jurar, minha senhora, demos por falso o documento. Somos agora os dominadores da Bahia ; as auctoridades fugirão ; esteja

embora o direito de seo lado, do meo está a força, e na terra a força é sempre direito, quando não tem outra acima de si. Entretanto tudo n'esta vida se concilia. Resta-lhe ainda um recurso para recuperar sua filha : é Julio esposar Idalina.

MANOEL (á Julio)

Não esqueça que elle o mandou prender hoje, e que não era para bom fim.

JULIO

Pertencer á familia dos Raziques! Senhor, Chantaes não se ligão á infames.

IZABEL (entusiasmada)

Abraçae-me, meo filho!

MANOEL (idem)

Bravo! muito bravo!

MATHEOS

O infame vae responder. (Agarra em Silvia.)  
Vem (Apontando-lhes a porta da rua.) Senhores!

## ACTO 4.<sup>o</sup>

### QUADRO 5.<sup>o</sup>

O ALGOZ DE SI PROPRIO

A mesma decoração do  
Quadro precedente.

Scena 1.<sup>a</sup>

MATHEOS, e MARGARIDA; depois SILVIA  
MARGARIDA

Matheos, digo-te que estamos galopando em direitura para a fome. Puzeste nosso dinheiro á render em mãos de tratante, que a gnerra empobreceo, e com os generos por preços despropostados o resto da herança de Carlota de Vargas, foi correndo todo por ahi. Achamo-nos em seco agora justamente que os viveres da cidade, pelo terrivel cerco do inimigo—estão pela hora da morte. Matheos, amanhã não teremos que comer. Tan'o chamos pobreza que achamo-nos quasi á pedir esmolos.

MATHEOS

Não tenhas sustos; sei fazer dinheiro.

MARGARIDA

Não canço de repetir: malhas em ferro frio. Ha 1 anno, e 4 mezes, debalde varias de mil modos as violencias.

MATHEOS

Hoje vencerei a obstinação de Silvia.

MARGARIDA

Assim affirmavas quando ultimamente a levaste á força á Matriz. Dizias: nos os do Madeira somos os donos da Bahia, e na Bahia todos me temem Por vontade ou não, o Vigario a casará. Lá fomos, ella embirrou em repellir Carlos, e o Vigario recusou casal-os. Tuas ameaças não abalarão á um, nem outro. Matheos, actualmente não temos mais tempo á perder.

MATHEOS

E' por faltar-nos tempo que occorreo-me abreviar o negocio, fazendo vir aqui Carlos para o fim que sabes.

MARGARIDA

E si esse golpe tambem falhar?

MATHEOS

Fazem 24 horas; e enfraquecido o corpo, a coragem desaparece.

MARGARIDA

Mas suppõem que falha.

MATHEOS

E' impossivel. Vaes ver (Abre a porta da Camera, d'onde sae Silvia.)

SILVIA (palida e fraca)

Senhor, tenha pena de mim!.... soffro muito.....

MATHEOS

Tu és algoz de ti mesma. Para que nos contrarias?

SILVIA

Crearão-me, e não me amão; não admira, só vem em mim instrumento de riqueza á adquirir. Para semelhante fim recorrem á astucias, tentão differentes meios de forçar-me; tndo isso se comprehende, se explica, e até comparativamente parece haver ahí não sei o que de nobre... Mas hontem me f-charão n'aquella camera; e desde então negão-me alimentos!... Estou á morrer!.. Compadecão-se de mim ....Nunca fiz mal á ninguem.... Eu lhes perdôo tudo; mas por piedade, dem-me alguma cousa.... Ai!... Não posso mais!

MATHOS (á Margarida)

Estás vendo, Margarida?

SILVIA

Não me dem alimentos.... não os quero... eu agradeço os negarem; mas esta sede.... a sede é horrivel!.. ao menos um copo d'agoa....

MATHEOS

Faltão-te alimentos; e á nos? E' Lord Cochrane, e o Coronel Lima, são os teos que os negão, prohibindo a entrada. Toda Cidade soffre horrenda fome. Elles (a) permitirão a sahida das mulheres e creanças, ainda assim restao muito poucos generos, e amanhã entra tambem n'esta casa a fome. Margarida, um copo d'agoa.

(a) Historico.

MARGARIDA

Estas doudo !... Pois queres dar-lh'a.

MATHEOS

Traze.—Silvia, vaes ouvir lingoagem de que jamais servi-me. Sabes como eu, que, tendo Julio Augusto entrado em fogo no combate de Pirajá, derrotado o inimigo, encontrarão seo cadaver entre o dos soldados mortos. Pois bem; que rasão tens agora de nos contrariar ? Julio, apenas por levianamente crer-te louca se descobri-gou para comtigo ; tu, com a certeza de que os mortos não ressuscitão, te julgas ainda compromettida. Elle foi aceitando immediatamente Idalina, que não o amava, tu, afim de seres fiel ás suas cinzas, preferes martyrios á aceitar Carlos, que adora-te. Não será pois por prazer de nos desgotares que continuas á repellir Carlos ? (Recebendo o copo d'agoa da mão de Margarida) Convens em recebê-lo ?

SILVIA

Senhor, me é tão impossível esposar seo filho, como ao pobre Julio Augusto morto.

MARGARIDA

Então.... (Quer atirar fora a agoa)

MATHEOS (não consente)

Toma. (Depois de Silvia beber a agoa) Presentemente não posso mais d. ixar que tua já tão longa reluctancia, dure nem um dia; por que amanhã não teremos que comer ; e hoje vou destruil-a com um golpe que reservei para ultimo recurso ; e como o golpe é desapiedado, devo fa-

zer a luz em teo espirito, afim que vejas claro que é de ti mesma que terás de queixar-te.

SILVIA (a parte)

Meo Deus ! Que mais me sobrevirá ?

MATHEOS

Suppoem que Julio era vivo, onde está a felicidade de uma moça : em esposar o homem a quem ama, embora como irmão, e que por ella morre ; ou em esposar aquelle que tão prompto em esquecel-a, provou não amal-a ? Logo, repellires Carlos, fazeres soffrer meo filho é pura maldade, e eu uso de um direito.

SILVIA

Mate-me, senhor.... sim, mate-me.... Eu o bendigo... é a maior graça que pode fazer-me ...Quero morrer :—Seo filho nunca.... Sou a desposada de Julio.... Elle me espera la (apontando o céo) Quero morrer já.... Mate-me ; mas esta morte lenta !....

MARGARIDA

E não estão os teos nos assassinando á fome ?

MATHEOS

Sim, é da morte á fome, que acabarás si por ventura conseguires um milagre :—desviar o golpe que hoje vou desfchar-te. Por agora, propuz-me apenas á quebrantar-te as forças para que não pudesses mais resistir ; e uma vez que persistes inflexivel á repudiar Carlos, abandono-te á elle. Luta, vence-o. si podes. Carlos virá infamar-te á força, roubando-te o que mais pre-

zas: á honra; a fim de que não te reste outro meio de recuperal-a, senão azeital-o por esposo.

**Scena 2.**

SILVIA, depois CARLOS

SILVIA ( só )

A sede de ouro os perverteo !... Elles attentarão contra minha dignidade... Vencer-me-ão, e me acharei na necessidade de convir em tão torpe casamento.... Sinto-me sem forças.... só. ai ! desamparada.... Não , Deus está comigo.

CARLOS

Espero comprehendas as vantagens de minha posição n'este momento. Posso sobre ti o que me aprouver, e o que me apraz é que sejas minha.

SILVIA

Sobre meo coração.... sobre meo ser, fique entendido uma vez por todas—Carlos, teo poder é nenhum.

CARLOS

Agora não encobrirei mais nada. Ouve. Eu amava-te muito, e dessimulava ; eu te queria, e te evitava; por que, suppondo-te pobre, tudo dera para me pertenceres, excepto a mão de esposo. Era infernal luta: — á todo instante refrear o coração. Por fortuna informou-se-me de tua riqueza, e de então deixei o coração livremente expandir-se ; a paixão cresceo logo á não distinguir que me seduz mais si teo ouro, ou tu

mesma ; e teus desdens a engradecerão até as proporções da loucura. Desde que a razão cessou de oppor-se ao coração, e, reconciliada com elle, emmudeceo, o coração a supplantou. Chegado lá domina-me a raiva de possuir-te, parece-me que serei capaz até.... de esposar-te pobre. Não escrupuliso mais saltar por cima de tudo. Tranca-te-me o bom caminho, venho' atirar-me ao da ignominia.

SILVIA

Como é facil te enganares ! Tu mesmo ignoras á que vens, vou dizer-te. Vens com embustes explorar a inexperiencia de uma pobre moça, vens te regosijar no expectaculo de minha desgraça ; por que é tudo quanto agora conseguirás.

CARLOS

Repito, pretendo-te a todo custo, e hoje serás minha.

SILVIA

E eu repito tuas ameaças si dissolvem no ar antes de me tocarem.

CARLOS

Esqueces que estás só, que eu até posso assassinar-te sem que alguém se lembre de correr em teo soccorro, sem que á nada me arrisque. Em que pões tua confiança ?

SILVIA

Si tivesses religião eu responderia : em Deus ; porém não me comprehenderias ; por que n'esta casa só se adora o ouro, e respondo : em meo braço.

CARLOS

Em verdade, terás a fantazia de lutar comigo?

SILVIA

Ha em mim força tão grande que desafio todos os cobardes, como tu, á que me toquem n'um fio de meos cabellos.

CARLOS

Ah! E' d'esta provocação insultuosa que eu precisava. (*Avança para ella.*)

SILVIA (*em distancia*)

De longe, senhor!... (*Tirando do seio um punhal*)  
Mais um passo, e me mato.

CARLOS

Pois bem; gostas de padecer, padece; queres morrer á fome,—morre. (*Apontando-lhe a camera.*)

SILVIA

Prefiro peor carcere, mil mortes á ser tua esposa. (*Entra na camera que Carlos fecha.*)

### Scena 3.<sup>a</sup>

CARLOS (*só*)

Pois morrerás; por que eu tambem—abrazado n'estas chamas que nada refrigera—prefiro verte cadaver á tolerar que outrem te possua. Meo Pae tambem assim resolveo, si eu fosse agora mal succedido. Nossos inimigos tentão com medonho cerco matar-nos, á nós dominadores da Cidade, ou nos obrigar a rendermo-nos; que muito é, dice-me elle que, apenas á uma inimiga, que a fatalidade nos poem nas mãos, forcemos

tambem pela fome a entregar-se, ou morrer! N'esse ajuste de contas eu conheço Matheos Razi- que. Demais, si Chantaes gozão do privilegio de não se ligar a Razi-ques, os Razi-ques tem o de matar Chantaes quando em face os appellidão infames. Nada pois a salva; por que nada revoga resoluções de meo pae. Ella morrerá.—E' n'esta guerra um morto de mais, e um inimigo de menos.

## QUADRO 6.<sup>o</sup>

O COPO D'AGOA

A mesma decoração do prologo.

### Scena 1.<sup>a</sup>

IZABEL, (*sentada.*) E MANOEL

MANOEL

Minha senhora precisa passear; dar um giro: sinho pelo jardim.... andar um pouco.... aqui fechada todo dia.... sempre á chorar.... á chorar....isso não está bom, não.

IZABEL (*muito triste*)

Julio morto!... Minha filha retida como mulher de um infame!... Eu separada d'ella ha um anno e 4 mezes!... Separada ai! talvez para sempre.... e não queres que chore?

MANOEL

O senhor moço morreo matando uns diabos; assim é que a gente deve morrer

IZABEL

Oh ! não me despedaces mais o coração.

MANOEL

Console-se, minha senhora, se não adocece.... Eu creei Yaia nos meos braços, minha senhora me forrou, e por amor d'ella não saio d'aqui, não quero que minha senhora adoceça ; é preciso livrar Yaia.

IZABEL

Livral-a, dizes tu !... Mas como ?—Não ha dinheiro que não offerecesse á Matheos Razi-que, ideia que não me lembrasse, expediente á que me recusasse;—tudo em vão. A principio elle delineou o casamento de Genes por cobiça, hoje o toma á peito por vingança. Despreza o ouro, por que está offendido. Minha filha resiste-lhe ; a morte não a intimida.... Manoel elle acabará por matal-a !

MANOEL

Pelo amor de Deus, não agoure Yaia.

IZABEL

O dia em que Matheos se desenganar será o ultimo de minha filha.

MANOEL

Minha senhora, elles não se atreverão.

IZABEL

E que posso eu ? A gente do Madeira está na Cidade, dispondo de tudo; a nossa fugio; acho-me cercada de inimigos.

MANOEL

O tal Madeira está por terra.

IZABEL

Ha muito se falla que elle vae render-se, retirando suas tropas para Lisboa. Esperança chimerica ! Esse dia nunca chega.

MANOEL

Os soldados dizem que não podem se aguentar mais ; o aperto é muito grande agora.

IZABEL

Ainda que os nossos restaurem a Cidade, não tenho direito de reclamar minha filha ; as provas são que ella cazou-se ; e quando me atendessem, Genes vinha para casa difamada ; quem mais a quereria ?

MANOEL

Ora.... não esteja á dizer estas cousas !

IZABEL

E que a quizessem, é a Julio que ella amava. Minha filha não póde mais ser senão desgraçada ! (*Chorando*) Aconselha-me agora que não chore....

MANOEL

Ella ainda ha de ser feliz; alguém ha de amal-a.

IZABEL

Não ; repito, Matheos Razi-que a matará. Ai ! Eu sinto aqui (*pondo a mão no coração*) que esse dia não está longe.... Talvez que

a esta hora já ella esteja morta.... Vivo em sobresalto, receiando que a todo momento me entre por aquella porta a noticia que.... (*Um escravo traz-lhe uma carta.*)

### Scena 2.<sup>a</sup>

IZABEL (*só*)

Ai! Meo Deus que será?! (*Lendo a carta*) "Lendo um livro de lembranças do finado padre Daniel da Silva Lisboa, dei hoje com um assento de 20 de Janeiro de 1808 em que elle declara, que n'aquella data entregou-lhe a Parteira Francisca Martins, não só o orphão Julio, que ella recebeu de Matheos Raziq, mas também um escripto revellando quem são seos paes. Sabendo quanto interessa á V. Exc. esse documento, procedi a mais minuciosa busca nos papeis, além de des-cobril-o, tendo o desprazer de participar que o documento não existe em parte alguma; entretanto era de meo dever derigir-me á V. Exc.; até porque fica assim sciente da fonte d'onde pôde obter esclarecimentos..." Pobre Julio!

### Scena 3.<sup>a</sup>

IZABEL, MANOEL, depois MATHEOS,  
E MARGARIDA

MANOEL (*muito contente*)

O Sr. Matheos!

IZABEL

Meo Deus!...

MANOEL

Não se assuste.... boa noticia.... Que alegria!

IZABEL

Corro a encontral-o (*Quer seguir, mas faltão-lhe as forças; senta-se.*) Ai! Não posso; as forças me faltão.

MATHEOS

Senhora, perdoe-me!... O amor loucamente exagerado de meos filhos *perdoe-me*; dezejava tornal-os felizes. Nos nossos tempos só o é quem possue riquezas. Tentei diversos meios.... sempre mal succedido.... Afinal desanimava já quando o inferno inspirou-me horrível ideia. Raptéi sua filha, creei-a como minha para nora. Fiz mal; o céo punio-me:—acho-me sem recursos, minha familia na miseria...., Eston arrependido; mas seo coração é generoso. Perdoe-me, Sra. D. Izabel, e entrego-lhe a Sra. D. Genes.

MANOEL

Minha senhora, é dinheiro que elles vem buscar. Por quanto vende Yaia?

MARGARIDA

Somos pobres; mas não vendemos as filhas; e a Sra. D. Genes também o é nossa por criação.

IZABEL

Silencio, Manoel!... Senhores, sei quanto são bons.... eu os perdco.... e agradeço tudo.... Para prova.... quero soccorrel-os. Quanto precisão?...

MARGARIDA (*em particular á Matheos*)

Não pede-lhe 4 mil cruzados pede 6

MATHEOS (*dissimulando*)

Estamos arruinados ; mas não viemos pedir dinheiro.

IZABEL

E' prazer meo acodir as suas necessidades. Ao menos a senhora me responda.

MARGARIDA (*dissimulando*)

Ora.... para que encommodar-se !

IZABEL (*anciosa*)

E grande favor.... Não ve que ninguem pedio-me nada; que é meo gosto, que eu mesma o exijo ?...

MARGARIDA

Eu não entendo d'isso, e o mais que posso fazer para servila, é contar o que ouvi hontem de Matheos. Dizia elle : com 8 mil cruzados faço calar meos credores, e vou me remediando.

MATHEOS (*contendo-a simuladamente*)

Margarida !...

IZABEL

Meo banqueiro fugio para o Reconcavo, e tenho vivido á pedir dinheiro é uns e outros ; mas derigir-lhe-ei uma carta de ordem. Aceitão ?

MATHEOS

Envergonhamo-nos de pedir: mas somos tão pobres hoje que não nos animamos á regeitar um real que nos queirão dar de esmola (Izabel vae a meza escrever a ordem.)

MARGARIDA (*em particular á Matheos*)

Tola que fui !... Eu devia ter pedido mais.

MATHEOS (*em particular á Margarida*)

Cala-te ; já te dice meo intento. Vae busca-a.

#### Scena 4.<sup>a</sup>

OS MESMOS, menos MARGARIDA

IZABEL

Aqui tem uma carta de ordem no valor de 20 mil cruzados. (Entrega-a.)

MATHEOS

Beijo-vos as mãos, senhora.

MANOEL (*a Izabel*)

Peça-lhe o papel de casamento de Yaia.

MATHEOS

Irei busca-o. Sra. D. Izabel, sua filha acompanhou-nos. Eil-a.

**Scena 5.ª**

OS MESMOS, SILVIA, E MARGARIDA  
IZABEL

Genes !

SILVIA

Minha mãe ! (Abração-se, chorão.)

**Scena 6.ª**

OS MESMOS, menos MATHEOS  
E MARGARIDA

IZABEL

Restituida !... Livre !... Deixa-me beijar-te  
ainda (abraça-a, e beija-a.) Oh ! Venhão agora  
arrancar-te de meos braços !

SILVIA (chorando)

Minha mãe, eu soffri muito.

IZABEL

Filha, tambem soffri ; mas esqueçamos tudo.  
Este momento destróe todas as magoas.... Deixa  
saciar-me de ver-te... (Beija-a.) Somos agora tão  
felizes !

SILVIA

Felizes !... E Julio ?

IZABEL ( perturbada )

Julio !...

MANOEL

Yaia, elle aqui estava em perigo.

IZABEL

Fil-o partir para o Reconcavo.

SILVIA

Minha mãe, Julio morreu na batalha de Pi-  
rajá !

IZABEL

Filha, devemos nos consolar. Coberto de lou-  
ros, batendo o inimigo.... foi morte de heroe...  
Não morreo:—inscreveo-se entre as glorias da  
patria, e voou á região dos premios.

**Scena 7.ª**

OS MESMOS, E MATHEOS

MATHEOS

Sra. D. Izabel, não me lembrei que trazia no  
bolço a nota de casamento, voltei a entregal-a.  
Aqui está (Izabel a rasga ao meio.)

MANOEL (detendo-o)

Minha senhora, examine bem, elle podia tro-  
car.

MATHEOS

Insolente !

IZABEL ( á parte )

E' a lettra do Padre Daniel. (Rasga-a.) Sr. Ma-  
theos Raziqne, obrigada; dezejo agora dever-lhe

outro favor, de que esqueci-me ha pouco. E' natural que eu queira saber quem são os paes de Julio. Uma declaração escripta á respeito pela mulher que o creou, está perdida, sem que haja alguém scien'te de seo conteúdo ; só resta envolto n'esse segredo o senhor.....

MATHEOS

Será Julio o menino que confiei á parteira Francisca Martins ?

IZABEL

Sim.

MATHEOS

Bem desconfiava. Esse menino era filho natural de uma parda liberta, conhecida pelo nome de Gertrudes. O pae nem ella propria sabia quem fosse, como de ordinario acontece aos filhos d'essas mulheres. Quando contava um anno sua mãe morreo. Então, compungido do abandono em que ficou, dei-o á parteira para creal-o á minha custa. Tendo de partir para o Joazeiro, —tui procural-a ;—era o dia da chegada de D. João VI,—a pobre mulher havia morrido, e ninguém soube dar-me noticias do orphão.

SILVIA

Julio nascido de uma parda !... de uma liberta !

MATHEOS

Era o noivo pelo qual despreza ainda morto o filho de Matheos da Silva Raziqne !

IZABEL

O homem honrado,—nascesse embora de paes —pobres artistas, ou escravos, ainda que corralhe nas veias sangue africano, e de mulher perdida—é mais nobre, senhor, que essa fidalguia de brasões ennuodados na lama da improbidade.

MANOEL

Bravo! Minha, senhora, bravo!

**Scena 8.<sup>a</sup>**

OS MESMOS

MANOEL

Vai-te com o diabo.

IZABEL ( pensativa )

Que fiz eu ?...

SILVIA ( idem )

Pardo ! filho de uma escrava !..

MANOEL

Que está dizendo, Yaia ! !

SILVIA

De uã mulher vil, infame !..

MANOEL

Coitado ! Fez bem morrer. Estava perdido!...

SILVIA

Sim, pae Manoel, a morte preservou-o hoje de

terrível transe. Que importa a imbecil vaidade de fofos figurões á olhar para a côr dos paes? Que importa a malignidade esquadrinhando a fonte impura d'onde se proceda?... Mas o que o mundo não perdôa, jamais esquece é ter-se por mãe a mulher que foi escrava; e eu não acharia em mim bastante coração para impor silencio á altivez, ou bastante altivez para arrostar esse estúpido prejuizo da sociedade. Creio que no momento de recebê-lo me faltaria a coragem, para, tornando-me assim tambem filha de sua mãe escrava, collocal-a ao lado da minha. Não, Pae Manoel, eu não lh' pertenceria nunca.

MANOEL

Ora Yaia....

IZABEL (pensativa)

Que imprudencia!.... Eu estava louca!

Scena 9.

OS MESMOS, E JULIO

*(fardado como sol dado contra a guerra)*

JULIO

Minha mãe!

SILVIA

Julio! (corre para elle, e o abraça)

IZABEL

Vivo! (Abração-se chorão)

JULIO

Recolherão-me no combate de Pirajá de entre

os mortos, notarão porem que eu ainda respirava. Não foi defficil sarar; cahira exangue por ferida curavel.

SILVIA

Como pudeste voltar?

JULIO

Este traje responde. La, ausente, era um inferno de inquietações, e saudades!

IZABEL

Dize: a noticia da Independencia não é boato de amigos para nos reanimarem?

JULIO

O Principe D. Pedro está Imperador. Em S. Paulo ergueo o brado: "Independencia, ou morte," e de então todas ás Provincias se libertarão.

IZABEL

Assim pois nossa Patria....

JULIO

Está livre. Felicitemo-nos!

SILVIA

Só a Bahia ainda escrava!...

JULIO

Ella hade restaurar-se. Em todo caso, Genes, não nos separaremos mais.

SILVIA

Não nos separarmos!....

MANOEL

Sim ;.... é isso mesmo, minha senhora.. *Que,*  
se casem hoje mesmo.

IZABEL

Hoje !....

MANOEL

O Vigario *Da* Se a estima muito, minha senho-  
ra ; n'um abrir, e fechar de olhos arranja isso.

IZABEL

N'este estado da Cidade !

MANOEL

Aquelles diabos ainda podem fazer alguma.

IZABEL

Tens razão. Estamos em mãos de inimigos ;  
Matheos Raziue consegue o que quer ; pode ar-  
reponder-se. Precisamos impedir novas violenci-  
as. Julio, não ha tempo á perder ; é forçoso ser já  
teo casamento.

SILVIA (á parte)

Ser esposa d'elle!...

JULIO

Mas é o cumulo da ventura!.... Genes, será  
esta tambem tua opinião? (Silvia corre para elle,  
e o abraça)

IZABEL

Bem, meos filhos ; vamos apromptar-nos.

JULIO

Não ; Genes não deve trajar de noiva ; eu  
mesmo preciso conservar esta farda, que me oc-  
ulta.

IZABEL

Então partamos.

JULIO

Perdão, minha mãe; não pode nos acompanhar ;  
sua presença serviria talvez á denunciar-nos.

MANOEL

Eu irei por minha senhora ; já se sabe, atraz,  
como page, muito tezo.

SILVIA

Tambem nos compromettes. Es conhecido  
d'elles....

MANOEL

— Está bom ; ficarei.

IZABEL

Julio, tenho quem te acompanhe á testemu-  
nhar o acto, sem expor-te á riscos. Vem.

### Scena 10.

MANOEL, depois CEZARINO

MANOEL

Que alegrão!.... Então ; pae Manoel, aquelles  
diabos não podem contigo, em ?....

CEZARINO

Senhora D. Izabel!

MANOEL

Minha senhora está um pouco... (á parte) Que diabo lhe direi? (Alto) Para fallar verdade, está doente.

CEZARINO

O que tinha á dizer-lhe a interessa tanto!... Erá só uma palavra; mas visto que não pode ser já, voltarei depois; não quero importunal-a.

MANOEL

Esperre; homem, quem sabe si ella pode fallar? (á parte) Para cousas que interessão a gente deve estar melhor de seos encommodos.

### Scena 11.

CEZARINO (só)

Em verdade agora, visto como correrão as cousas, é perfeitamente indifferente que ella saiba hoje, amanhã, ou mezes depois... Mas enfim aqui estou, e uma vez que aqui estou... (Senta-se) Naturalmente deseja-se dar logo, e logo noticias d'estas.

### Scena 12.

CEZARINO, E MANOEL

MANOEL (á parte)

Elles já partirão (Alto) Faça favor esperar um nadazinho; ella não tarda.

CEZARINO

Diz-me: é verdade que Julio Augusto morreo?

MANOEL

Pois isso se pergunta? Não ha duvida de qualidade alguma. (á parte) Não me pilhas, velhaco.

CEZARINO

E' que em tempo de guerra....

MANOEL

Noticia ruin, meo amo, é como espingarda que dispara: não nega fogo.

### Scena 13.

OS MESMOS, E IZABEL

CEZARINO

Senhora D. Izabel, acabo de dar com um segredo na secretária do Padre Daniel, quasi impossivel de descobrir-se, e encontrei o escripto de Chica Martins, que hoje escrevi á v. exc, estar perdido. E' tão importante que apressei-me á vir....

IZABEL

Oh! E o que ha?

CEZARINO

Estando a mãe de Julio, então viuva, gravemente enferma, á força de seduções de um extranho, ella o instituiu herdeiro de sua fortuna....

IZABEL

De sua fortuna !

CEZARINO

A enfermidade afinal descobrio-se que era gravidez, e ella falleceo ao dar a luz esse filho. O extranho, á quem não convinha que o orphão existisse, por privar-o da herança, que já havia contado como propria, comprou a parteira, e o derão por morto ao nascer....

IZABEL

O resto, senhor, eu advinho.

CEZARINO

Francisca Martins guardou segredo ; mas proxima á morrer, arrependeo-se, e escreveu a revelação para ser entregue ao menino, quando chegado á edad de poder defender-se do seo poderoso inimigo....

IZABEL

Esse inimigo é Matheos Raziqe. Miseravel !

CEZARINO

E o pae é o finado Commendador Fernando de Vargas.

IZABEL

Assim pois, Julio é filho legitimo de Carlota de Vargas, e o infame, não contente de o haver roubado, declarou-o nascido de uma parda liberta !

CEZARINO

O escripto tinha o rotulo " Para ser entregue á Julio, quando completar 25 annos de idade ; ou aberto si elle fallecer antes." Desgraçadamente o pobre moço é fallecido, eu o abri.

IZABEL

Não ; graças á Deus, Julio está vivo.

CEZARINO

Que diz, senhora ?

IZABEL

Tenho a certeza.

CEZARINO

V. exc. não avalua quanto me alegre ; eu a felicito. Digno de toda estima, creia sou á elle muito afeiçoado. Quando chegar quero gozar da ventura de ser eu proprio á entregar-lhe tão precioso documento. Agora de-me licença....

### Scena 14.

OS MESMOS, mence CEZARINO

IZABEL

Não tenho repouso em quanto não os vir de volta. Não sei que de triste, e funesto ainda está á presagiár-me o coração (Levanta-se)

MANOEL (que tem estado na janella)

Minha senhora, tenho estado á olhar ; nem

signal...Ja devião ter chegado... O negocio é tão curto!... Estão tardando bem!

IZABEL

Tambem á mim começãõ á inspirar cuidado

MANOEL

Eu bem quiz... Fiz mal... Devia tel-os acompanhando ao menos de longe.

IZABEL

Que poderemos receiar? Elles forão bem disfarçados. A Se é ali; a rua estava deserta... Olha; (vendo de uma janella) até agora deserta, apenas alguns escravos....

MANOEL

Eu tenho muito medo.... Quem sabe o que houve!... D'aqui não se vê tudo....

IZABEL

Meo Deus!

MANOEL

Minha senhora, gente ma póde o que quer. O diabo os ajuda.... Ainda não apparecem. (Saem da janella.)

IZABEL

Não; é por estarmos á esperal-os que o tempo nos parece longo.

MANOEL

Mas faz uma hora que partirão. (Vae a janella.)

Minha senhora, acabão de chegar, ahi estão. Olhavamõs para lá, e elles vierao por cá. Por que seria?

IZABEL

Mil graças, Deus de Bondade!

### Scena 14.<sup>a</sup>

OS MESMOS, JULIO, E SILVIA (estes beijão a mão de Izabel; —Abração-se)

MANOEL (enchugando uma lagrima)

E esta!... E não estou a chorar!...

IZABEL

Quanta felicidade!

SÍLVIA

Minha mãe, seremos agora felizes?!

JULIO

Havemos sêl-o, Genes.

IZABEL

Nem sonhão quanta é hoje nossa ventura. Julio, és filho de Carlota de Vargas.

JULIO, E SILVIA

Que ouço!

IZABEL

Existe á respeito declaração escripta da mulher que te creou.

SILVIA

Oh! Julio abraça-me (Abração-se.)

JULIO

E onde pára esse documento?

IZABEL

Em mão do Major Cesarino.

JULIO

Corro á reclamá-lo.

### Scena 15.

OS MESMOS, menos JULIO

SILVIA

Espera, Julio, não vas.... Te arriscas a....

IZABEL

Filha, deixa-o.

SILVIA

Minha mãe, eu temo que....

IZABEL

Genes, tudo agora nos sorri; não temas nada; o genio do mal cançou de perseguir-nos. Ainda ha pouco o coração atribulado alevantava-me no horisonte densas nuvens á presagiarem desastres; n'este momento jubiloso entreve á despontar esplendido sol de venturas. Não me illudo, o dia de hoje assignala a aurora de....

### Scena 16.

OS MESMOS, MATHEOS, E CARLOS

MATHEOS

Senhora, eu sabia que seo banqueiro não está na cidade; o que ignorava é que esta Cartá de ordem nada vale. Ninguem quer descontal-a, não encontrei quem offerecesse nem meio tostão por ella. Dizem que o banqueiro não a pagará sem declaração sua, de viva voz, que não foi extorquida á força pelos dominadores da cidade. Restituo-a pois; resitua-nos tambem sua filha. (Atira a carta na mesa.)

MANOEL

Eu bem dizia. O pardo velho encherga um pouco.

### Scena 17.

OS MESMOS, menos MANOEL

IZABEL

Sr. Matheos, tudo se reconcilia, vou providenciar; tenha a paciencia de esperar um momento, e assevero que receberá o dinheiro.

MATHEOS

Carlos, responde-lhe.

CARLOS

Senhora, eu amo loucamente sua filha. Concordei em cedê-la, urgido pela falta de meios de vida da familia, e por pouco tempo. Sua casa

inspirava-me plena confiança, em quanto supuz Julio Augusto morto. Elle foi visto sahindo d'aqui disfarçado, e comprehende o perigo de consentir eu que minha mulher continue em sua companhia. Venho reclamar-a.

IZABEL

Que diz elle ?

SILVIA

Ai ! meos presentimentos !

IZABEL

Entregar minha filha !...

SILVIA

Nenhum direito o senhor tem sobre mim ; e hoje menos que nunca :—sou esposa de Julio Augusto.

MATHEOS

Casou-se !

CARLOS

Es minha, não podias dar a mão á outro. Qualquer acto em contrario é como si não existisse. Tens de seguir-me ; agora nem mais um instante aqui.

IZABEL

Genes, uma palavra desmascara a impostura. Q'è de agora a prova do casamento ? O attestado do Padre Daniel rasguei-o.

MATHEOS

Rasgou a nota do Capellão para o assento na Matriz de S. Pedro velho, mas rasgou-a porque o Vigario d'essa Freguezia, á que pertencemos, já ha muito, á vista d'ella, havia transcripto por termo, no Livro competente o casamento havido ; do que tive logo o cuidado de obter esta certidão (Mostrando-a.)

IZABEL

Miseraveis !

MATHEOS

Farte-se de insultar-nos ; mas havemos levar D. Genes.

SILVIA

Nunca ; eu os previno,

CARLOS

E eu previno-te que prefiro antes ver-te morta, que possida por outro. Apunhala-te ahi á nossa vista ; porque vamos reduzir-te á fome até te renderes, ou socumbires. Bem ves, somos melhores que os teos : fazemos á ti só, o que elles estão fazendo á milhares de nós. Usamos de um direito : o de represalia.

IZABEL

Meo Deus !

MATHEOS ( á Izabel )

Senhora, reflecta. Vale bem a pena.

SILVIA

Tenho resolvido. Escolho a morte á fome.

MATHEOS

Ah! não querem amigavelmente! Preferem a desgraça propria, á felicidade de todos!

CARLOS

Ainda nma vez. Recusas-me?

SILVIA

Uma vez não, tão inumeras vezes como gotas tem o oceano, como estrellas ha no céo.

MATHEOS

Então lavo as mãos sobre o que vae seguir-se. (Acena para fora.)

### Scena 18.ª

OS MESMOS, MARCOS, E 2 SOLDADOS; por ultimo MANOEL

MATHEOS

Sr. Major, dei-lhe o encommodo de acompanhar-me ate aqui por môtivo assaz grave. Esta moça pretende pertencer á dous maridos—Carlos da Silva Razique, meo filho, que esposou o anno passado, e Julio Augusto, filho adoptivo da Sra. D. Izabel de Chantal, que acaba de esposar. Eu a denuncio pois pelo crime de bigamia.

MARCOS em particular á (Matheos)

Mas não me havia fallado n'isso. (A' Silvia.) Senhora, será verdade que casou 2 vezes.!

SILVIA

Não é verdade, senhor, não esposei o Sr. Carlos da Silva.

MARCOS ( em particular á Matheos )

O crime parece-me incrível. Nem o Vigario se prestaria.

MATHEOS (em particular á Marcos)

O vigario não é o mesmo. Bem sabe que minha familia pertence á Freguezia de S. Pedro, velho e ella á da Sé. Quanto ao crime é facil verificar.

MARCOS (idem)

Tem a prova do casamento com seo filho?

MATHEOS (idem)

Indestructivel n'esta certidão que lhe entrego (Entrega-a.)

MARCOS (idem)

E a do casamento com o filho de D. Izabel?

MATHEOS (idem)

Essa não possuo. O facto acabo de saber agora. Mas interrogue-a

MARCOS

A senhora, é casada?

SILVIA

Sim, com Julio Augusto.

MARCOS

Reflecta na resposta. E' d'esse consorcio que preciso certificar-me, para que não soffra injustiça. Elle institue o crime, e sua confissão tão franca convince que ignora a enorme severidade da pena. Assim pois insiste em declarar....

SILVIA

E' a Julio que esposei ; quanto ao Sr. Tenente Carlos da Silva....

MARCOS

Sinto profundamente, mas por parte d'El-Rei, Nosso Senhor, está presa.

IZABEL

Genes presa ! Isto, senhor, é impossivel !

MARCOS

Ella perpetrou crime cuja pena é de morte. (a)

IZABEL

O senhor enlouqueceo ?

SILVIA,

Meo Deus ! Tende pena de mim !

IZABEL

De morte ! Mas minha filha não é criminosa !

CARLOS ((ironicamente)

Então nada receie, confundirá facilmente seos

(a) Ordenação do Livro 5.º Titulo .19

accusadores. Até la, Sr. Major, conduza-a.

IZABEL (de joelhos diante de Marcos)

Senhor, condoa-se de nós... fracas mulheres. . ai ! nosso soffrimento tem sido atroz.

MARCOS (levantando-a)

Levante-se, senhora, eu nada posso ; sou militar ficaria perdido...

CARLOS (em particular à Silvia)

Ainda é tempo. Me aceita ?

SILVIA (com desprezo)

Como é asqueroso !

MARCOS (à Silvia)

Senhora, é forçoso que nos acompanhe.

IZABEL

Sr. Matheos Raziqne, juro entregar-lhe a metade da riqueza que possuo ; porque a outra pertence á Genes:—salve-a.... Por sua ~~sua~~ familia, por Deus, por tudo :—salve-a.

MATHEOS (á parte)

Sua riqueza toda !... (Alto ; affavel erguendo-a.) Senhora D Izabel, D. Silvia está livre : alegre-se. Sr. Major....

CARLOS

Não, eu não consinto que ella pertença á outro.

MATHEOS

Cala-te.

CARLOS

N'este momento rebello-me contra a auctoridade seja de quem fôr ; do proprio Rei si aqui estivesse.

MARCOS (à Izabel)

Senhora, de-me sua palavra de me fornecer a prova de que sua filha não esposou o Sr. Julio ?

IZABEL

Impossivel ; elles acabão de se receber.

CARLOS (à Marcos)

Espero me poupe o desacato á seo posto de prendel-o si a soltar, e o desgosto, Sr. Major, de dar-lhe tambem a voz de prisão. (A Matheos) Senhor, preira seo direito ao desforço, quanto ao meo consinta que conserve, porque eu soffreria muito, e o senhor é meo pae. Nem para obtermos a metade dos bens d'esta mulher é mister renunciar a filha ; essa metade me perience, como marido que sou de Genes.

MATHEOS

Carlos tem rasão. Ella calca aos pés o casamento com meo filho, contrahindo outro, para ultrajal-o, porque não somos Bahianos, e como partidistas do Madeira nos reputa infames. Sr. Major, cumpra seo dever.

IZABEL (à Marcos)

Uma palavra. No semblante lhe transluz a

bondade de coração ; e eu juro pela salvação de minha alma que elles mentem, jure-me o senhor livrar minha filha, e não resistirei mais.

MARCOS

Livral-a quando confissão o casamento com seo filho adoptivo!...

SILVIA

Mas o nego com este misaravel. (*Designa Carlos.*)

MARCOS

Que luz sobre isso offerecem á guiar-me ?

IZABEL

Meo Deus ! Ai ! Eu não posso provar nada !

MARCOS

Contento-me seja com o que for <sup>que</sup> ponha de longe em duvida a validade d'este documento (*mostrando a certidão*)—excepto a simples palavra sua.

IZABEL

Senhor, si estou á dizer que só possuímos nossa palavra ?

SILVIA

E entretanto esse Documento é falso !

MARCOS

Assim pois, aos olhos de Deus a senhora será innocente, mas não o é ante a justiça dos homens.

IZABEL

Pelo amor de Deus, ao menos alguma esperança.

MARCOS

Em transe tão desesperado deve-se a verdade inteira, para que possam tomar as ultimas resoluções. Senhora, ella não terá ao chegar nem 5 minutos de vida.

IZABEL (*chorando*)

Oh! Eu não o creio. Os homens não podem ser tão sem entranhas!

SILVIA

Elle tortura-nos por gosto!

MARCOS

E' que ignorão o que são soldados á succumbir entre os horrores da fome. Agora elles matão freneticamente o inimigo logo que lhes cae nas mãos. A senhora é Bahiana, bradarão que escarneceo de um dos nossos....

MATHEOS

Hoje nem o proprio General Madeira póde salva-la. Não o respeitão mais.

IZABEL

Mas uma pobre mulher!...

MARCOS

Pobre mulher era a Abbadeça....

CARLOS (*impaciente*)

Senhor Major, é preciso acabar com isto.

MARCOS

Camaradas, vamos! (*Os soldados meio que avanção.*)

IZABEL

Vinde; eu vos desafio á todos. Oh! Ignoraes o poder de uã mãe!...

MARCOS

Por amor de sua propria filha, senhora, não me obrigue á empregar a violencia.

IZABEL

A hyena á quem tentão arrancar os filhos, o proprio genio da destruição, á brotar dos abysmos do inferno, não terá meo poder....

MARCOS

Perdão, senhora.... Camaradas! (*Acena aos soldados que a meio avanção.*)

CARLOS (*aos soldados*)

Que os detem?

MATHEOS

Agarrem-n'a.

MARCOS

Levem-n'a á força. (*Os soldados cercão Silvia*)

SILVIA

Senhor, esse documento foi entregue antes do casamento, que de facto ia realizar-se, quando os soldados assaltarão o Convento....

MATHEOS

A prova d'isso ?

MARCOS

Sim ; a prova ?

SILVIA

A prova!?... *(Desanimada, chorando.)* Mas eu não posso dal-a.

MANOEL *(correndo fatigado)*

Posso eu ; aqui está *(mostrado um papel.)* Vê-jão!... Corri ao Vigario, elle *(apontando Matheos)*... tinha levado Yaia á S. Pedro velho para fazel-a cazar com o filho.... dizendo que no Convento da Lapa.... o casamento não se fez. O Vigario então poz no Livro.... que não valia nada, nada o assento que tinha escripto.... Upa ! Estou cansado !...

### Scena 19.º

OS MESMOS, E CEZARINO

CEZARINO

Parabens !... As tropas do madeira começão á embarcar.... O Coronel Lima, e os Bahianos vão entrar na cidade !... Eu sou Portuguez ; mas também amo esta terra. Viva a Bahia. *(Saem correndo Marcos, e os soldados.)*

### Scena 20.º

OS MESMOS, menos MARCOS, e SOLDADOS

JULIO

Victoria ! Na Bahia—ultima gleba que restava oppressa—tambem raia o sol da Independencia ! A nobre Luzitania, rica de gloriosas tradições, as mareava retendo ainda nas fochas da infancia o gigante Brazil. E' d'ora avante, que tornando-se nação irmã, Portugal será de novo opulento, e afortunado. Amemos essa nação nobre e magestosa. Lá resplendem grandiosas lições ; lá as cinzas de avós ; lá nossos irmãos ! Immortal 2 de Julio ! *(Abraça Izabel, e Silvia, tendo uma de um lado, e outra de outro.)*

MANOEL

Agora, familia de larapios,—rua....

IZABEL

Ainda não. *(Entregando á Matheos a Carta de ordem que está sobre a mesa.)* Esta ordem hade ser cumprida : é a paga de um cópo d'agoa.

FIM

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

NEMESIS

com a qual devem se apresentar condecorados alguns personagens do Drama ) compunha-se de 5 graduações: dignatarios, grandes officiaes, commendadores, officiaes, e cavalheiros. A condecoração era estrella de 5 raios com 7 convergentes entre elles, e um medalhão no centro. Trazia-na suspensa por fita roxa, cujas beiras mostravão orla tricolor muito estreita.

O Dictador andava sempre muito bem escoltado, e nos ultimos tempos, tornando-se suspeito, ninguem, *inclusive* sua propria mãe, era admittido a sua presença senão depois de bem revisado.

No 1.º e 2.º acto elle é brigadeiro, do 3.º em diante marechal.

A Irlandeza, á quem tratavão por Madama, trajava ricos vestidos de seda, estando sempre preparada como se tivesse de ir á um baile. Esse costume não abandonou nem quando foragidos em Serro Corá. Do 4.º acto em diante ella se faz acompanhar por 1 ou 2 escravas, filhas das principaes familias, á quem votava inimizade.

O *mangrullo* de que se falla no 3.º acto é especie de torre muito elevada, destinada a observar o acampamento do inimigo. As vezes levantavão-na em cima de altos arvoredos.

No 5.º acto, isto é, em Serro Corá, o Dictador contava juncto á si muitos officiaes, mas soldados apenas de 40 a 50.

O *suplicio nas armas*, de que se falla n'esse acto, consiste em collocar uma espingarda sob a curva das pernas do paciente, ficando elle de costas, e a outra sobre a nuca. N'essa posição lhe fazem passar os braços por baixo da 1.ª espingarda referida, vindo as mãos a segurar a 2.ª;

depois, por meio de fortes correias póstas de um e outro lado de ambas as espingardas, as vão conchegando até se unirem ; acto no qual, quebrada assim a espinha dorsal, o paciente morre horrivelmente torturado.

Esta advertencia pareceo-nos precisa para a representação.

# PERSONAGENS

Gracilio	Brazileiro
Ramon Bergara	Paraguayo
Antonio Leguizamon	Idem—50 annos
Padre José Arzamendia	Idem
Francisco Solano Lopez	Presidente da Republica do Paraguay
Amarante	Brazileiro
Urvieta	Bispo de Assumpção
	—Velho
Roberto	} Brazileiros
Alfredo	
Moraes	
Rodrigues	} Brazileira
Irsilia—16 annos	
A Irlandeza F.....	
Solina—18 annos	
Servula—viuva	Paraguaya
	Mãe de Irsilia.

O general Camara ; os paraguayos Manoel Antonio Palacios, Bispo, 35 annos ; Benigno Lopes ; Saturnino Bidoya ; Vicente Barrios ; José Berjes ; Resquim ; e Victor Silverio. O Portuguez José Maria Leite Pereira. 8 Senhoras, 3 reduzidas á escravas ; officiaes ; soldados, e vivandeiras, tanto do exercito Brazileiro , como do Paraguayo.

- O 1.º Acto se passa á 12 de Novembro de 1864 ; consta de um quadro.
- O 2.º em Março de 1865—consta de um.
- O 3.º á 16 de Julho de 1866—consta de dous.
- O 4.º á 27 de Dezembro de 1868—consta de tres.
- O 5.º á 1.º de Março de 1870—consta de um.

## TITULOS DOS QUADROS

- 1.º *Reminiscencia de um baile.*
- 2.º *Um insulto imperdoavel.*
- 3.º *O Favorito.*
- 4.º *O juramento.*
- 5.º *Insignificante exigencia.*
- 6.º *Grande protecção.*
- 7.º *Expectaculo edificante.*
- 8.º *Uma permuta.*

## ACTO 1.º

### QUADRO 1.º

#### REMINISCENCIA DE UM BAILE

Sala do palacio do Dictador, na cidade da Assumpção, ricamente mobiliada, e adornada. Portas lateraes, e uma grande no fundo, que dá para um terraço, e atravez da qual se avlsta o rio Paraguay; estando fechada por cortina corrediea. — Mesa no centro com utensiz para escrita; e sobre as outras adornos, que lhes são proprios.

#### Scena 1.ª

LEGUIZAMON (*a paisana*), E BERGARA (*fardado de tenente.*)

LEGUIZAMON

Digo-te que posso....

BERGARA

Me fazeres rico ?

LEGUIZAMON

Um Creso da noite para o dia. *Basta proferir 3 syllabas.*

BERGARA

Palavra ; está tentador !... E essas syllabas são ?...

LEGUIZAMON

*Rezedal.*

BERGARA

Mas é um conto de *Mil e Uma Noite!* E o meio?..

LEGUIZAMON

Em tua posição desprotegida, não ha dous.

BERGARA

Compreendo; embarco em casca de nóz para a região das fadas, e rapto alguma Princesa encantada.

LEGUIZAMON

Rica como um Potosi.

BERGARA

Diabo ! Entrar-vos-ia em cabeça me casardes ? O matrimonio é invenção immensa, sublime, celestial..... ao uso dos outros ; e até aconselharia todas as moças bonitas á esposarem todos os homens feios..... Ai ! A Princesa é bella, e romantica ?

LEGUIZAMON

Desproposito ! Quem vio jamais alguém rico, feio, ignorante, ou estúpido ?

BERGARA

E' que eu a preferia horrenda, idiota.... Mas em todo o Paraguay só ha uma familia rica : a

presidencial, e ides por força expatriar-me. Dizei-me é longa a viagem, será para a China ?

LEGUIZAMON

O negocio é delá, corre porém cá. O Imperio te poupa trabalhos ; acaba de chegar....

BERGARA

O Imperio ?

LEGUIZAMON

A Princesa, no vapor *Marquez de Olinda*. Se queres, são duas á escolha : mãe e filha.

BERGARA

Resigno-me á filha ; hade ser mais moça, e portanto mais tola.

LEGUIZAMON

Por conseguinte associamo-nos.

BERGARA

Que !!...

LEGUIZAMON

Nos lucros, entende-se. Reclamo a 4.<sup>a</sup> parte.

BERGARA

Offereço a 5.<sup>a</sup> ; bem vedes o peso....

LEGUIZAMON

Para não questionar, cortemos ao meio : contento-me com.... a 3.<sup>a</sup> parte

BERGARA

Concedida antes que vos contenteis com a metade. Que devo fazer ?

LEGUIZAMON

Obedecer-me

BERGARA

Está dicto *(Apertão as mãos.)*

**Scena 2.**

OS MESMOS, E MADAMA

LEGUIZAMON *(à Madama)*

Folgo com a honra de encontrar V. Exc.; até porque occorre-me uma ideia.

MADAMA

Uma ideia!... E' curioso! E onde por aqui as descobres? *(Sentão-se, e conversão.)*

BERGARA *(à parte)*

Eu o orphão desherdado da felicidade!... A comer o pão de simples escrevente!... Mas até lá preciso viver, trabalhar. Escrevamos. *(Sentão-se á uma mesa á escrever.)*

LEGUIZAMON

Madamá, desde que se quer a guerra cumpre começal-a um dia.

MADAMA

Pois comecemos hoje. Será tarde?

LEGUIZAMON

O vapor *Marquez de Olinda* está pedindo que o aprezemos.

MADAMA

N'esse caso, Leguizamon, deixemol-o livre. E' uma pirraça.

LEGUIZAMON

Depois de ameaçado o Brazil se invadisse o Uruguay, aportar aqui, é rir de nós.

MADAMA

Tu porém preferes o choro. Os homens são assim!

LEGUIZAMON

Madama, o vapor transporta para Matto Grosso um Presidente militar, 200 mil patacões....

MADAMA

Se não fallas por algum interesse occulto onde deixaste hoje o espirito? Algum papel garantujado por moeda, e um homem só, fosse elle Garibaldi, não atterrão a Republica.

LEGUIZAMON

Que interesse póde mover-me? Ao contrario lamentaria o aprezamento, ha a bordo amigos. *(A parte.)* Fallemos-lhe ao orgulho. *(Continuão a conversar.)*

BERGARA *(à parte)*

Apre! Hoje tudo erro.... A Princeza atrapalha-me.... *(Levanta-se.)*

MADAMA

Rezedal?!?

BERGARA (*á parte*)

Rezedal !

MADAMA

E dizes que o vapor transporta....

LEGUIZAMON

Preparativos para a guerra ; 2 mil espingardas, munições....

MADAMA

Don-te razão ; vou ao Presidente; espera-me aqui.

**Scena 3.ª**

LEGUIZAMON, e BERGARA

LEGUIZAMON

Bergara, agora nenhuma duvida ; para ambos nós collossal riqueza. Concebes alguém tão vingativo, e vaidoso como esta estrangeira ?

BERGARA

Heresia ! A vaidade va ; eu a chamo o orgulho da belleza, e do genio ; mas vingativa a mulher—caricia, uma divindade !

LEGUIZAMON

Eis como é o mundo. Ergue altares á aquelles que trazem sorrir na face ; porque imagina á descerrar-lhes os labios a effusão do amor, quando são os dentes á cata de victimas. A tua Divindade é Nemezis, a mulher—vindicta.

BERGARA

A' ouvir-vos dir-se-ia que escondem-se-lhe serpentes nas flores da grinalda, e famintas prezas sob robins que entreabrem perolas.

LEGUIZAMON

Sim, escondem-se-lhe nas dobras de estudada doçura a sanha de hyena. Viste como a palavra *Rezedal* ateou-lhe a ira ?

BERGARA

Que exprime essa palavra ?

LEGUIZAMON

Silencio ! Eil-a.

**Scena 4.ª**

OS MESMOS, MADAMA, SOLINA

LEGUIZAMON

Afinal, Madama, vamos ter a guerra.

MADAMA

Se a tel-a basta forçar todo mundo á assignar manifestos, e dançar nas praças publicas.

LEGUIZAMON

O protesto pois contra a intervenção brasileira é fanfarronada ?

MADAMA

Lopes hesita ; mas.... eu não hesito. Quer ouvir o bispo, eu o ouvirei primeiro. A'sua che-

gada, Bergara, previne-o que tenho de fallar-lhe, e ao Presidente que aqui o esperamos. (*Sae Bergara*). Leguizamon, faze que os passageiros do vapor venhão expontaneamente cumprimentar S. Exc.

**Scena 5.**

MADAMA, E SOLINA

SOLINA

Madrinha, para principiar a guerra torna-se indispensavel apprehender essa embarcação ?

MADAMA

Solina, meo interesse é outro ; escuta. Eu nasci na Irlanda, eduquei-me em Paris, a patria do luxo, da magnificencia, e da expansão do espirito. Quando aportei em meio destas hordas de Guarany's selvagens, aportava pois comigo o esplendor da civilisação ; e sabes como me receberão ?

SOLINA

Com tão devotado acolhimento que sois hoje rica, e poderosa.

MADAMA

Trancarão-me todas as portas, até as da propria familia do homem, que me trouxe da Europa ; (*com ironia*) porque eu desmoralisava o paiz. As senhoras com quem procurei relacionar-me, expulsarão-me ; as sociedades, á que concorria, tornavão-se desertas ; nas reuniões publicas, em roda do lugar que occupava, abria-

se espaço ; os passantes na rua apontavão-me com o dedo ; por toda a parte o escarneo, o vippendio.... Eu era a leprosa, a empestada, a maldita.

SOLINA

Meu Deus ! A madrinha tão boa !

MADAMA

Em todo Paraguay só houve um homem comigo amavel:—Antonio Leguizamon. Sob o peso da dôr em que me abysmarão, soffrendo na solidão o opprobrio, cuidei de firmar influencia sobre aquelle, que tinha um dia de ser Presidente da Republica.

SOLINA

Felizmente elle hoje vos conduz em publico, e particular.

MADAMA

Forcei todo mundo á receber-me.

SOLINA

E isto deve contentar-vos o amor proprio.

MADAMA

Era meo primeiro sonho ; resta o segundo : o arrependimento das aggressões.

SOLINA

Mas vos lhes perdoastes.

MADAMA

E elles não me perdoão. Aprehendido o vapor temos a guerra para que trabalho ha muito, e a guerra elevar-me-á: eis meo desforço. Demais, será presa uma mulher com quem tenho de ajustar contas.

O ORDENANÇA

O Sr. bispo Urvieta!

**Scena 6.º**

OS MESMOS, URVIETA, E PADRE IRZAMENDIA (ambos em traje sacerdotal)

URVIETA

Chamado para negocio urgente....

MADAMA

De alta importancia. O presidente se prepara á invadir o Brazil; ha 2 annos no poder, outro não tem sido seo cuidado.

URVIETA

Comprehendo; e V. Exc. dezeja que a religião intervenha afim de não se atear a guerra....

MADAMA

O que eu dezejo, Sr. bispo, .... o que eu dezejo é que a guerra rebente.

URVIETA

Neste caso fazem mal de chamar o ministro

de um Deus de cujos labios sahirão estas palavras: *aprendei comigo que sou humilde, e manso de coração.*

MADAMA

Senhor, supplico-vos; contra a guerra nenhuma syllaba. Venero-vos em extremo; mas permitti-me accrecentar: O Sr. presidente póde tudo, não ha poder sobranceiro ao seo. Pois bem; em toda Republica a unica vontade á que elle se curva, que jamais se annulla é a minha.

O ORDENANÇA

O Sr. presidentê!

**Scena 7.º**

OS MESMOS, LOPES, E LEGUIZAMON

LOPES

Senhor bispo, está no porto um vapor brasileiro. O Paraguay, encantado em nesga de terra, cujas portas pertencem ao estrangeiro, vegeta na obscuridade; não me correrá o dever de abrir-lhe espaço, á que tambem respire lá fora o ar livre do Oceano? Assisti a campanha da Criméa, e de então predispondo-me á levar a guerra ao Brazil, dezejo começal-a pela tomadia do vapor. Offerce-se agora motivo justificavel; as forças brazileiras já entrarão no Uruguay.

URVIETA

E que dirá V. Exc. ao mundo que sabe que nossa Republica nada tem com aquella?

LOPES

Direi que o Imperador, á involver-se nos negocios de Montevidéo, rompe o equilibrio no Prata.

LEGUIZAMON

E requer na balança poderosa espada á restabelecei-o.

URVIETA

E o mundo verá n'essa espada a de Brenno.

MADAMA.

Senhor Bispo, é para tirar a guerra o character de ambição, que demos ao protesto contra a intervenção as apparencias de indignação nacional

URVIETA

Madama, ainda que fosse a Republica á erguer-se em peso, cumpre não esquecer os serviços que ella deve ao Brazil. Demais, que são os 60 mil soldados de Cerro Leon, ou 800 mil Paraguayos ante 11 milhões de homens offendidos?!

ORDENANÇA

Os passageiros do Vapor *Marquez de Olinda!*

LOPES

Vamos recebê-los. Senhor Bispo, vossas razões me decidiram; desisto da guerra. (*Sae, e Leguizamon*)

ARZAMENDIA (*Em particular ao Bispo*)

Fallastes como digno Prelado; vossa opinião

é a do Clero (*Sae o Bispo*) Madama, o Bispo velho caduca; nos os do Clero não o acompanhamos; temos a honra de pensar em tudo como V. Exc.

**Scena 8.<sup>a</sup>**

MADAMA, E SOLINA

MADAMA

Em que pese á Bispos, Francisco Solano Lopes hade ser Imperador do Prata, Napoleão d'America. Terreno de palmo e meio, 800 mil subditos.... Isto é o reino de Lilibut: é ridiculo. Então Imperatriz, verei as soberbas de rojo á meus pés.

SOLINA

Pois não sois casada na Europa?

MADAMA

Lopes fará annullar esse estúpido enlace; e se não conseguir, serei soberana de facto, meos filhos Principes. Oh! os homens ignoram o poder de uma mulher!

**Scena 9.<sup>a</sup>**

ARZAMENDIA, GRACILIO, RODRIGUES, MORAES, SERVULA, IRSILIA, e outros passageiros do Vapor *Marquez d'Olinda*; e mais duas senhoras, sendo uma dellas moça. Gracilio fardado; Servula e Irsilia trajam lucto fechado, uma das senhoras traz vestido de seda preto, a outra vestido cor de rosa. Uns sentão-se, outros passeião. As senhoras sentão-se á conversar, excepto Irsilia, que percorre as mesas observando os objectos, que n'ellas existem. Gracilio, só, a contempla.

ARZAMENDIA *(os introduzindo)*

Em quanto o senhor Presidente de Matto Grosso é admitido a honra de cumprimentar S. Exc. o senhor Presidente da Republica, os senhores tenham a bondade de esperar sua vez. Podem-se espraçar por estas salas á vontade. Sem cerimonia.... oh! sem cerimonia. *(a parte, designando Irzilia)* Linda rapariga! A mulher é uma sublime instituição.

**Scena 10.**

OS MESMOS, menos ARZAMENDIA

RODRIGUES

Vio o governo?

MORAES

Onde?

RODRIGUES

Encontramol-o :—essa Ingleza—Madama a Presidente. Meo amigo, aqui manda a saia.

MORAES

Então o sexo humilhado hade ser o dos barbaças.

RODRIGUES

Humilhado mais que em parte alguma é o bello sexo. Vejo uma moça : agrada-me? Peço-a á El-supremo ; si elle m'a concede, é minha.

MORAES

Sua como?

RODRIGUES

Com o este chapeo.

MORAES

Quando não lhe agrada mais.... *(faz signal de ativar fora)*

RODRIGUES

E recebo outra.

MORAES

Que terra !.. Viajar, meo amigo,.... isso ins true.... Esta região está me parecendo hygienica. Então nada de casamento?

RODRIGUES

A saia—governo o abolio. A Madama é casada na Europa, entretanto vive publicamente em relações inequivocas com o Presidente. Quando ella chegon, a honestidade, por aqui ainda inculta, em sua simplicidade sertaneja resmungou. Ella vingase. Para que a imitem, entrega as filhas, embora das principaes familias, ou por isso mesmo que o são, ás relações illicitas dos seus pretendentes.

**Scena 11.**

OS MESMOS, e BERGARA

BERGARA *(Sem ver á Irzilia)*

Chego á região das fadas. Qual será a Princesa?... Duas matronas ; jovem apenas uma, a de vestido cor de rosa ; não pode ser outra.

mos-lhe a corte. (*Dirige-se á ella, senta-se-lhe junto, e a entretém ; tendo antes cumprimentado, e fallado aos passageiros que lhe ficarão em caminho*)

GRACILIO (*Fardado de Capitão, em particular á Irsilia*)

Durante a viagem suspirei por um instante de á sósderigir-lhe duas palavras, permittir-me-á...

IRSILIA

Somos extranhos um ao outro; o senhor só veio-me á bordo, não prevejo....

GRACILIO

Amei no Rio de Janeiro uma moça de quem preciso fallar-lhe, tenha a bondade, e verá por que. Passava eu uma sexta-feira pela Igreja da Cruz n'aquella Cidade,—havia missa da Senhora da Piedade,—entro, e vejo... em sua presença não direi a belleza idiada em sonho de poeta....

IRSILIA

Não me offendem elogios, senhor, ás perfeições de outrem.

GRACILIO

Ajoelho, mas esqueço o povo, o altar, Deus... só á ella vejo. Quem era a visão do céu? Desapparecida na multidão, revolvi a cidade, nunca mais a encontrei. Ha 3 mezes um Monge do Libano celebrava pela primeira vez a missa do rito grego, e ao recolher esmolas para os Syrios mortos as mãos dos Druzos, eis surge....

IRSILIA

Ella ?

GRACILIO

D'esta vez acompanhei-a até a casa ; nenhuma circumstancia porem a tornou mais visivel, e ninguem a conhecia. Um dia pára um carro na rua do Lavradío, duas damas apeão : uma era ella.... era a senhora.

IRSILIA

Eu, senhor ? !

GRACILIO

Interrogo o pagem, e soube que seo Pae, residente em Matto Grosso, a levava ao Rio de Janeiro, á educar-se ; e que este anno, finda sua educação, apurou a fortuna em dinheiro, e voltou á essa cidade com intenção de lá morar ; mas que ao chegar morreo ; e que n'aquelle dia a senhora sahia do collegio de Madama Taniere e Charney, afim de regressar á Matto Grosso. Consegui pois ser despachado para essa Provincia. Que será mister accrescentar ?

IRSILIA

A franqueza de sua declaração auctoriza a da resposta. Senhor, o coração pertence áquelle á quem se concede a mão ; e eu não a tenho livre

GRACILIO

Casada !... Oh ! E' absurdo ! increditavel !...

IRSILIA

Onça, senhor, o que não podião informal-o. Minha mãe ama excessivamente um irmão; e meo pae sonhou um dia possível o amor unir-me ao filho unico d'esse meo Tio, por outros laços alem dos de sangue; — foi mais uma idéa que um ajuste. Oito dias depois da morte de meo pae recebemos a noticia que meo tio fallira, e que estava sendo em Matto Grosso perseguido; minha mãe evocou pois a idéa, e eu annuindo inundei-lhe o coração de jubilo.

GRACILIO

E a senhora conhece aquelle á quem quer ligar sua sorte?

IRSILIA

Que necessidade ha? Trata-se de arrancar o irmão de minha mãe á miseria; si eu fosse pobre....

GRACILIO

Mas casamento sem amor!....

IRSILIA

Se Amaranthe não puder inspirar-me aficção, eu saberei sacrificar minha felicidade á d'elle  
(*Separão-se*)

GRACILIO (*á parte*)

Ha 4 mezes no cantico das aves, no mugir das aguas, nos acentos da harmonia, na natureza inteira é sua imagem que acode. Irsilia só en-

che o universo.... Troco uma corte rica de encantos pela Siberia do Brazil, abandono amigos, pae, mãe.... Meos mais ardentes desejos não se realisão nunca.... Que importa a vida que só torna possíveis felicidades que se desdenha!... A morte é a suprema ventura.

## Scena 12.

OS MESMOS, E LEGUIZAMON

LEGUIZAMON (*á Bergara, que para elle se dirige*)

Viste-a?

BERGARA

Agrada-me extraordinariamente; porem mais ainda sua legitima.

LEGUIZAMON

Calla-te; ella está aqui (*Irsilia acha-se proxima*)

BERGARA

E' esta?! Mas fiz a corte á aquella de vestido cor de rosa.

LEGUIZAMON

Estonteado! Aquella é minha mulher.

BERGARA

Perdão, não a conhecia, casado ha pouco....

LEGUIZAMON

Prometteste obedecer-me, e eu não ordenei de fazeres a côrte á ninguem. Toma (*Entrega-lhe um papel occultamente*)

BERGARA (*Depois de ler as 2 linhas que elle contem*)

Oh !... Mas isto faz-me odioso, detestado !

LEGUIZAMON

E' contudo meio seguro ; has de vir a reconhecer.

BERGARA (*Sentado á mesa do centro*)

Os senhores tenham a bondade.... Sua graça, minha senhora ?

SERVULA

Servula d'Andrade Resedal.

Resedal !

BERGARA (*á parte*)

SERVULA

Viuva do Coronel Ricardo Paes de Andrade Resedal (*Bergara escreve*) E minha filha ; Irsilia Maria.

BERGARA (*á parte*)

Oh ! E' linda ! (*escreve*) Esta outra senhora.... (*A senhora, á quem elle se refere, dirige-se á mesa, e depois della, por seo turno, cada um dos passageiros,*

*cujos nomes Bergara vae tomando, excepto o de Gracilio que apresenta-se por ultimo, depois do seguinte dialogo.)*

SERVULA

Senhor Leguizamon, para que nossos nomes ?

LEGUIZAMON

Nada sei, senão que alguém queixa-se de offensas, quando ha 7 annos V. exc., aqui de passagem, conduzio a senhora sua filha para o Rio de Janeiro.

SERVULA

O senhor sabe melhor que ninguem o occorrido. Aproximava-se o dia de annos de Irsilia ; algumas senhoras ajustarão-se de o passarem connosco, outras mostrarão igual desejo ; as familias geralmente nos visitaram, as exclusões produsirão descontentamento, tivemos de dar um baile.

LEGUIZAMON

Encarregado dos convites, se convidei Madama foi á pedido d'ella.

SERVULA

Hade por certo recordar-se do que houve ao entrar Madama no salão. Fallou-se-nos até para expulsal-a, recusamo-nos ; a final as familias se retirarão, ella tambem ; e o baile frustrou-se. Onde está minha culpa ?

LEGUIZAMON

Entretanto realisou-se no dia seguinte ! Ella allega que V. exc. o transferio para excluila.

SERVULA

Nesse dia as familias inesperadamente comparecerão por combinação entre si, á que achei-me absolutamente extranha (*Leguizamon, e a mulher d'elle continuão á conversar com Servula ; depois despedem-se*)

GRACILIO (*á Bergara*)

Eu sou Gracilio Fontoura de Araujo ; capitão ; natural do Rio de Janeiro. (*Bergara escreveo nome. Leguizamon, e a mulher saem*)

### Scena 13.<sup>a</sup>

OS MESMOS, menos LEGUIZAMON

BERGARA

Bem (*Levanta-se*) Com inimo pesar, corre-me o dever de executar (*mostrando o papel que Leguizamon entregou-lhe*) esta ordem. Senhores, estães presos ! (*Pasmo geral*)

RODRIGUES

Presos !!

BERGARA

Até as senhoras.

MORAES

De que somos accusados ?

BERGARA

Interesses do Estado.

RODRIGUES

Em que pode aproveitar-lhes nossa prizão ?

BERGARA

Sou mandado á effectuar a deligencia, não á discutil-a.

MORAES

Ao menos permit'a que fillemos ao senhor Presidente de Matto Grosso.

BERGARA

Vosso Presidente tambem está preso.

RODRIGUES

O representanted'uma Provincia, a personificação do Imperador !... Impossivel.

BERGARA

Impossivel ? ! (*Corre ao fundo, e descerra as cortinas do portão. Avista-se o vapor a fumegar, tendo á tremular, desfraldada pelo vento, a bandeira Paraguaya, e á bordo marinheiros dessa nação*)  
Vede ! (*Consternação geral*)

SERVULA

Infeliz irmão !.., Mas nossos bens que lá estão ?

BERGARA

Confiscados.

SERVULA

Oh ! toda a minha fortuna !.... Pobres !....  
Reduzidas de um só golpe á miseria !.... Ai !  
Minha filha !

IRSILIA

Minha mãe (*abraçam-se*) !

GRACILIO (*atêntão impassivel*)

Senhor, isto é atroz afronta á dignidade do  
Brazil, ludibrio ao seo poder que ennodoa, e a  
nodoa diga a quem o man tou aqui, que o Brazil  
hade lavar no sangue delle. Que se aprompte á  
guerra ; o Imperio virá trazel-a.

BERGARA

Não senhor, não vem.

TODOS

Por que ?

BERGARA

Hade encontral-a em seo proprio territorio.  
(*A' um signal seo, entram soldados Paraguayos, que  
envoltcem os passageiros.*)

GRACILIO

Insania ! Enquanto vivo as cadêas do des-  
potismo não me agrilhoarão os pulsos (*Tira da  
espada—á Bergara*) Defendei-vos !

IRSILIA (*Tentando contel-o*)

Pelo amor de Deus, senhor !....

GRACILIO (*Aos soldados que o  
rodeão, embargando-lhe os passos*)

Caminho, ou eu o abro á ponta de espada ! (*Os  
soldados se afastão, Gracilio ergue a espada sobre  
Bergara ; este desfecha-lhe um revolver que tirara do  
bolço, por não ter espada*) Ai ! (*cae*)

IRSILIA (*Atirando-se sobre o  
corpo de Gracilio*)

Ah ! não morra !.. Eu o amo !

ACTO 2.<sup>o</sup>

QUADRO 2.º

UM INSULTO IMPERDOAVEL

Pequena sala da casa onde se achão detidos os prisioneiros.— A' direita, porta para a prisão das damas.— No fundo á que dá para a dos homens.— A' esquerda a que serve de passagem para o exterior.— Meza, cadeiras, otomana:—mobilia muito usada.

Scena 1.ª

BERGARA (*Entrando*)

Mil e duzentos contos!... Rico só elle: o senhor da terra,—a familia dos glotões obezos!... Ser Rotschild aqui! Mas eu temo!... Qualquer nada desperto;—foi sonho. (*Batem na porta á direita*) Batem? onde? (*Escuta: batem 2.ª vez—dirige-se á essa porta, e abre-a.*)

Scena 2.ª

BERGARA, E SERVULA

SERVULA

Senhor, ha algum tempo máo fado pesa-me sobre a vida, e á conjural-o imploro-lhe uma graça.

BERGARA

Nada ambiciono tanto como servir-vos.

SERVULA

A mulher, no abandono de tudo, deve ter sobre a consciencia culpa a atrair-lhe a colera do céo; quizera um padre á reconciliar-me.

BERGARA

Lamento responder: recebi ordem de vos conservar incommunicaveis.

SERVULA

Incommunicaveis, senhor, até com Deus?!

BERGARA

Tendes rasão; chamarei um padre; mas peço segredo.

SERVULA

Obrigado, senhor. (*Batem na porta para o exterior. Servula sae.*)

BERGARA (*Depois de fechar a porta da prisão de Servula*)

Vá mais esta violação das ordens. (*Dirige-se á porta exterior, e abre-a.*)

Scena 3.ª

BERGARA, E ARZAMENDIA

BERGARA

Padre Arzamendia, cahiste do céo (*Vendo um papel que Arzamendia tira do bolso*). Que é isto?

ARZAMENDIA

Uma ordem, meu amigo.

BERGARA (*Soffregamente*)

Dá-m'a depressa. (*Lê-a rapidamente.*)

ARZAMENDIA

Que ha ?

BERGARA

Ordem de fazer embarcar amanhã para Buenos-Ayres alguns prisioneiros.

ARZAMENDIA

Quaes ?

BERGARA

A tripulação, e passageiros sem importancia do vapor *Marquez d'Olinda*.

ARZAMENDIA

E as damas ?

BERGARA

A ordem não as comprehende.

ARZAMENDIA (*mysteriosamente*)

Dize-me : a mocinha ?...

BERGARA

Comquanto sob meu poder, ainda nada.

ARZAMENDIA

E tu ?

BERGARA

Heide esposal-a.

ARZAMENDIA

Que ? Não a queres *Pente d'ouro*, como chamão as descuidadas em moral ?

BERGARA

Violento amor ; é belleza resplendente.

ARZAMENDIA

Violento disparate ; o que resplende é o ouro.

BERGARA

E ella o tem.

ARZAMENDIA

Quanto ?

BERGARA

No bolço do vestido assim como uns 600 contos. O futuro ameaça igual ninharia do lado materno.

ARZAMENDIA (*arregalando os olhos*)

Mil e duzentos contos ! ! (*á parte*). Hoje adoeço, (*vae á sair.*)

BERGARA

Espera, padre, tens aqui uma confissão. (*Abre a prisão das damas, chega até a porta.—A' Servula.*)  
Senhora, eis o padre ; eu me retiro.

**Scena 4.<sup>a</sup>**

ARZAMENDIA, E SERVULA (*Sentão-se*)

SERVULA

Senhor padre, ha 3 mezes aqui jazemos em prisão, ainda que pobres mulheres ; 3 mezes parecidos á eternidade.—Mas aos presos resta ao menos uma liberdade : a de se entregarem ao pensamento dos proprios males ; nós somos perturbadas até na dôr ! O governador da prisão é moço, e eu tenho, senhor, uma filha, que arrastei comigo á desgraça. Elle nos respeita ; mas a ama ! Ella se esquivava,—insiste, a importuna ! E' um amigo perigoso ; estamos sob seu poder ; eu temo !

ARZAMENDIA

E' justo.

SERVULA

Pobre filha !... Em vez dos risos da mocidade, o silencio da solidão ; suas festas, as magoas do carcere.... Pedi a confissão para referir á um sacerdote esse perigo, e invocar protecção. Imploro-o nos livre....

ARZAMENDIA

Eu, senhora, nada valho ; os poderosos são outros ; ando de rastos.

SERVULA

Faça comtudo o que puder, tente ao menos a mudança do tenente Ramon Bergara.... venha substituil-o.

ARZAMENDIA (*levanta-se*)

Vou tentar.

SERVULA

Va, senhor padre ; pelo amor de Deus proteja-nos quanto fôr possível, e lhe asseguro meo reconhecimento.

**Scena 5.<sup>a</sup>**

ARZAMENDIA (*só*)

Ella me assegura reconhecimento ! Aceito. Os 1:200 contos não são para mim, porque diabo serem para Bergara ? Bergara não os toque, e eu.... sempre hão de me luzir alguns patacões....

**Scena 6.<sup>a</sup>**

ARZAMENDIA, E BERGARA

BERGARA (*encontrando Arzamendia que vae á sair*)

Meu amigo, revelou alguma preciosidade ?

ARZAMENDIA

Nada; peccados veniaes; não jejúa; chama o diabo a toda hora; não cumprio ainda a ultima penitencia.... por-ahi adiante.

Scena 7.<sup>a</sup>

BERGARA (só)

(Depois de fechar a porta que dá para o exterior, e a da prisão das senhoras). Vejamos os prisioneiros que tenho de fazer embarcar. (Senta-se junto á mesa, toma a lista, conta-os, e marca-os). São 42.... Me aceite Irsilia, incluirei no numero Gracilio. (Batem na porta para o exterior; levanta-se, e abre-a.)

Scena 8.<sup>a</sup>

BERGARA, E LEGUIZAMON

LEGUIZAMON

Procedi a liquidação, Bergara, das nossas contas, e verifiquei que os capitaes que adianto já avultão. Preciso pôr cõbro a tua prodigalidade; 400 patacões em 90 dias é a minha ruina. Entretanto teimas em namorar a pequena. A principio convinha, em breve reconheci que perdias o tempo, aconselhei que a violentasses, fui desattendido; hoje não aconselho, venho ordenar; prometteste, e vaes obedecer-me.

BERGARA

Agora, Sr. Leguizamon, não sei que mais ambiciono: si o ouro de Irsilia, ou sua estima.

LEGUIZAMON

Seja o que fôr que ambiciones, só restão meios heroicos. Colloquei essa moça a tua disposição; o que te falta?

BERGARA

A coragem da infamia.

LEGUIZAMON

Infamia! Onde existe uma vez que a violentas para obrigar-a a esposar-te?

BERGARA

Se a espóso, tanto peor,ninguem mais que eu deve prezar-lhe a dignidade. Proponde á outrem o negocio; eu o renuncio. Não aprendi á servir-me da força contra a fraqueza.

LEGUIZAMON

Acho-te impagavel! Então está em tuas mãos fazer voltar as cousas á situação de ha 3 mezes?

BERGARA

Seja como fôr, rompo o contracto. Não vos obedecerei.

LEGUIZAMON

Qual! Te calumnias. Mudemos de assumpto. Os prisioneiros ainda continuão incommunica-veis até com os padres?

BERGARA

Padre para confissão.

LEGUIZAMON

Sem a competente licença? Dize mais: és o Imperador Vitellio.... Mandas vir aqui banque-tes regios, e os devoras por 4, ou 5 pessoas. Não se póde dizer que as prisioneiras te fação honra á mesa. A ordem é que comão a razão de solda-dos....

BERGARA

Como! Se é vosso o conselho de as tractar sumptuosamente!... Quem forneçê para isso o dinheiro?

LEGUIZAMON

O conselho segredo entre dous; tu o affirmas, eu o nego. Quanto ao dinheiro possuo cartas....

BERGARA

Ah! E' para isso que me fazeis escrever car-tas mentirosas!

LEGUIZAMON

Por exemplo esta de hontem (*lendo*) « Preciso de mais 50 patações para despachar um credor aqui a mortificar-me. Envio inclusa a respectiva letra. Tendes penhor nas joias que vos entre-guei....»

BERGARA

Sabeis bem que nada vos entreguei.

LEGUIZAMON

E' verdade; mas percorrei a cidade, e todos te dirão: quem? o usurario Leguizamon dar di-

nheiro sem penhor!!! (*continuando a lêr*).... «pe-nhor nas joias que vos entreguei, e que pertenc-erão á minha mãe....»

BERGARA

Minha mãe nunca possuió joias.

LEGUIZAMON

Então onde foste desencaval-as? Ah! Finorio! Percebo: recebem-se por aqui mimos das pri-sioneiras?

BERGARA

Basta; obedeço.

LEGUIZAMON

Gosto que me comprehendão. És excellente ra-paz. Previno-te que não ha tempo á perder; é pre-ciso que a deshonres já; é o meio de obter tu—sua mão, e eu a minha terça parte. Até logo.

### Scena 9.<sup>a</sup>

BERGARA (*só*)

Cahi na cilada. Elle me denunciará, e para provar que me vendi ás prisioneiras apresentaria joias suas. Agora avante! (*Tira da gaveta um revolver*) Ou perdição dessa moça, ou a minha. (*Colloca o revolver sobre a mesa.—Vae a prisão das senhoras, e bate á porta. Dentro respondem, batendo tambem.—Abre a porta.*)

**Scena 10.ª**

BERGARA, E SERVULA

BERGARA

Tenho sido, senhora, assaz importuno, e devo  
livrar vossa filha de solicitações que a mortifi-  
cão....

SERVULA (*á parte*)

O padre revellou-lhe tudo.

BERGARA

Permitti sómente ultima ten'ativa, e que  
para isso lhe falle á sós.

SERVULA

E promette....

BERGARA

Sob minha honra, tudo se termina hoje.

SERVULA

Vou chamal-a.

**Scena 11.ª**

BERGARA (*só*)

Previnamos os guardas que castigo um preso,  
para evitar movimentos, se ella gritar pedindo  
soccorro.

**Scena 12.ª**

SERVULA, E IRSILIA (*Esta sem luto, aquel-  
la sempre em trage  
de viuva*)

SERVULA

Tem paciencia.

IRSILIA

Ha tanto tempo aqui presas, sempre repellido,  
jamais se desengana. Para que esta entrevista ?

SERVULA

Affiança desistir de suas pretensões se ainda  
esta vez for desattendido.

IRSILIA

Pois ha de sel-o.

SERVULA

Acima de tudo não te esqueças que, em minhas  
desgraças, a ultima esperança é tua felicidade.  
Tua mão para aquelle á quem livremente teu  
coração inclinar-se. Para tanto á tudo me sacri-  
fico ; cumpre morrer, tua mãe não vacilla.

**Scena 13.ª**

IRSILIA, E BERGARA (*Depois de fechar as por-  
tas, menos a da prisão  
das mulheres*)

BERGARA

Senhora, desde que vos vi, ainda não cancei

de em vão depôr vós aos pés respeitoso culto, arrostar perigos de vida para servir-vos.

IRSILIA

Obrigado. O senhor tem modo especial de servir, matando aquelles que nos amão.

BERGARA

Não ignoraes que o capitão Gracilio está sã por meu zelo ; mas sou paraguayos, desconheceis tudc, me odiaes.

IRSILIA

Os paraguayos só nos inspirão dó ; o odio os brasileiros reservão áquelle de quem aqui todo mundo é escravo. Quanto ao senhor.... Bem sabe que amo Gracilio.

BERGARA

Acabão de chegar de Matto-Grosso muitas brasileiras aprisionadas:—mulheres separadas dos maridos, filhas arrancadas aos desvelos da familia; moças de apurada educação, acostumadas ao luxo, e.... distribuirão-n'as como escravas.

IRSILIA

Prefiro semelhante destino.

BERGARA

Se visseis muitas, que não tiverão a triste fortuna de achar senhores, á percorrerem maltra-

vilhas as ruas desta capital pedindo esmolas ; se pudeseis saber as offensas que soffrerão em sua honra....

IRSILIA

De taes desgraças eu me livraria morrendo.

BERGARA

E vossa mãe, senhora, será tambem escrava, mendiga, á soffrer insultos ; ou tambem morrerá ?

IRSILIA

Oh ! Minha pobre mãe !...

BERGARA

E Gracilio ? Nossas armas vão invadir o Rio Grande do Sul ; e no primeiro revez, o Presidente mandará fuzilar os prisioneiros.

IRSILIA

Matal-o, senhor !

BERGARA

Agora o verso do quadro. Amanhã seguem para Buenos-Ayres alguns prisioneiros ; entre elles enviarei Gracilio. Depois daes-me a mão de esposa. Então reclamo vossa riqueza, toda papel moeda, aqui sem curso. O Presidente tentou pôr as notas confiscadas na circulação de Buenos-Ayres, mas o governo brasileiro, protestando

não pagal-as, as reduzio a papel inutil. Lopes, pois, sem interesse em retel-as, restituirá as vossas; e, de posse de thesouro colossal, iremos para Matto-Grosso, para o Rio de Janeiro, para onde quizerdes. Eu serei vosso escravo, vos servirei de joelhos, adorarei vossa mãe....

IRSILIA

E Gracilio que me ama, senhor ?

BERGARA

Pois bem; repelli-me, e com uma palavra queimaes mil e duzentos contos, lançando vossa mãe no captivo, e Gracilio no cadafalso.

IRSILIA

Senhor, condôa-se de mim, supplico-o de joelhos !

BERGARA

Em que aproveita meu condoimento ? Posso fazer que o Presidente vos restitua á liberdade.

IRSILIA

Que farei ? Martirio !... Ai ! Antes a morte !

BERGARA

Senhora, ninguem crêa o proprio destino ; a sabedoria está em resignarmo-nos áquelle com que o Céu nos aquinhôa.

IRSILIA (*em desespero*)

Meu Deus ! A felicidade que sonhava !...

BERGARA

Decidi ; d'aqui a pouco será tarde. (*Vae a mesa, põe no bolço o revolver, sem Irsilia vêr*). Daes-me a mão de esposa ?

IRSILIA (*soluçando*)

Sim !... sim.... eu a dou. (*Dá-lhe a mão. A' parte*). Ai ! eu morrerei.

BERGARA

Agora sou venturoso ; sêl-o-as tambem. Não percamos tempo. Vou enviar-te Gracilio afim de o resolveres a partir. (*A' parte*). Mantive-o incommunicavel ; convinha ignorasse que ella o ama.

## Scena 14.

IRSILIA (*só*)

Esposar um paraguayo ! N'esta guerra exultar como sua mulher ante as derrotas de minha patria, ou maldizêl-a em suas victorias!... E que direi a Gracilio ? Repetirei que pertenco a outro ? Mas elle recusará partir, preferindo a morte. Revellar-lhe-ei que o amo ? Revella!-o, quando vou esposar Ramon Bergara ! Entreabrir-lhe esperanças, no instante em que d'uma vez as dissipo !... Sim,.... dir-lhe-ei que fuja ao Paraguay ; tome seu posto de honra no nosso exercito;

e volte triumphante á livrar.... Meu Deus! Livrar do que a mulher d'um paraguay? Mentir, atraçoal-o como atração meo paiz!

Scena 15.

IRSILIA, E GRACILIO

GRACILIO

Perdão se ousou vir á seus pés! La padecia tanto! No naufragio das esperanças, uma só sobrevive, unica idéia a sorrir-me, prazer com voluptuosidade que seduz:—a morte. Depois da ausencia de 93 dias, contados, gemidos um por um, á assemelharem annos, genio bemfeitor, ou satânico me concede vir á visão, que me hallucina; ás vossas repulsas que me matão, e eu corri á este martyrio—ventura.

IRSILIA

Nossa extraordinaria situação, senhor, impõe-me necessidades de que não sei deffender-me. Preciso, vencendo natural acanhamento, não occultar-vos a verdade. Senhor, eu o amo! (*Gracilio cae fulminado aos pés d'ella, e beija-lhe as mãos*). Amo-o, não de hoje, desde o primeiro dia que o vi.

GRACILIO

Deus de Infinita bondade!... Não estarei sonhando? Mas é a suprema ventura! Um momento á encher a eternidade!...

IRSILIA

Eu o amo; entretanto é forçoso-nós separarmos.

GRACILIO

Agora! Nunca!... Separar porque?

IRSILIA

Bergara o faz partir amanhã para Buenos Ayres.

GRACILIO

E vós, Irsilia?

IRSILIA

Ai! (*tristemente*). Eu fico;... (*chorando*) fico a chorar!... fico a morrer!... Não; (*reanimando-se*) ficarei resando pelo senhor, pelo Brazil, por todos. Deus hade ter dó de nós, nossa Patria vencer! Vêl-o-ei coberto de gloria, entre nosso exercito, e então.... então.... Ai! meu Deus! eu não posso.

GRACILIO

Não, Irsilia, os homens podem tudo, menos separar-nos; não ha na terra poder tão grande.

IRSILIA

Mas á cada derrota, Lopes responderá com a morte dos presos. Póde confiar que elle o ex-céptue, á um official brasileiro?

GRACILIO

Irsilia, a vida só quero por ti. Barateio-a por alguns instantes á teu lado. Deus m'os conceda, e caminho á morte como para festim.

IRSILIA

Acaso morrendo tambem não me mata? Eu o conjuro....

GRACILIO

Perdão, não insistas.... O coração advinha não sei que infortunio.... Repito mil vezes:—não parto!...

IRSILIA

Em nome.... sim.... posso dizêl-o, em nome de meu amor; eu quero, eu mando.... não, eu peço de joelhos. (*ajoelha-se*)

GRACILIO (*erguendo-a*)

Que fazes, Irsilia?!...

IRSILIA

E' que ignora até que loucura eu o amo!

**Scena 16.**

OS MESMOS, SERVULA, immediatamente AMARANTE

SERVULA

Irsilia, que é isto, minha filha?...

AMARANTE (*vindo da prisão*)

Minha tia!...

SERVULA

Amarante!... (*abraça-o*)

IRSILIA

Que vejo! Meu primo!...

AMARANTE

Sim, Irsilia! (*aperta-lhe a mão*) teu noivo.... Acabo de chegar.... Soube que aqui estavam, dezejei vel-as....

SERVULA

Mas tu aqui?!

AMARANTE

Tambem prisioneiro. Os paraguayos invadirão Matto-Grosso, tomarão, e saquearão Coimbra, Corumbá, e Albuquerque. O povo se internou pelas mattas. Barrios mandou captural-o, e fuzilar á muitos.

IRSILIA

Meu Deus!

SERVULA

Que horror!

AMARANTE

Nem as mulheres escaparão. Minha irmã tinha sido levada connosco á bordo, eu estava algemado, e meu pae, por não querer-a a sós com Barrios, foi arrastado para fóra, sob a ameaça de ser fuzilado.

IRSILIA

E' um monstro !...

AMARANTE

Legitimo cunhado de Lopes !

GRACILIO

Já não vacillo, partirei. Não haja alguém mais, em cujo seio pelpite coração brasileiro, que não vòe á guerra á vingar a Patria.

**Scena 17.**

OS MESMOS, menos Gracilio, e BERGARA

BERGARA (*apressadamente*)

Senhores, o presidente ! (*Entrão todos apressadamente nas respectivas prisões. Bergara ós fecha*)  
Que surpresa ! (*Sae á receber Lopes.*)

**Scena 18.**

MADAMA, SOLINA, e ARZAMENDIA

MADAMA (*conversando com Arzamendia*)

Feliz ideia. De facto não é na ociosidade des-

tes cargos, que nossos officiaes ganharão postos. Vaes substituir Ramon Bergara.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Optimo, não me enfado.

MADAMA

O que me arrebatou em tua ideia foi o despertar-me outra. As orgulhosas hospedadas nesta solidão devem estar aborrecidas, precisamos soltal-as, e principalmente afastar a Resedal da filha. E' um tanto grosseira, póde pervertel-a. Eu tomo á mim a pobre pequena. Nós a casaremos.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Mão ! Que diabo então ganho em ser aqui governador ?

**Scena 19.**

OS MESMOS, LOPES, BERGARA, PALACIOS

LOPES (*A' Bergara*).

Tudo em ordem. Agradão-me teus serviços, tenente. Estou satisfeito. (*Em particular á Arzamendia*). Os prisioneiros ficão desde este momento á teu cargo. Amanhã seguem alguns para Buenos-Ayres ; os outros tens de conduzir á S. Joaquim. Internando-os quero que todo mundo ignore seu destino.

ARZAMENDIA

Conduzil-os-ei com immensa satisfação, senhor.

LOPES

Desta providencia só tem conhecimento tu, e Madama. Escuso accrescentar advertencias.

ARZAMENDIA

Serei á respeito mudo como o silencio.

LOPES

Quanto aos soldados que os escoltão, não voltão, e tomei providencias para que por elles, ou outrem de S. Joaquim, não se divulgue o segredo. *(Dá-lhe as costas.)*

ARZAMENDIA *(A' parte)*.

Pessimo ! Ao diabo a confiança !

MADAMA

Senhor Presidente, as prisioneiras se querem a honra da visita que venhão até nós.

LOPES

Tenente, conduze-as. *(Sentão-se Lopes, e as senhoras.)*

ARZAMENDIA *(A' parte)*.

Estou degradado ! Disse bem Madama ; a tua ideia, padre José de Arzamendia, é de uma felicidade !...

Scena 20.

OS MESMOS, SERVULA, IRSILIA, E A SENHORA com ellas preza

LOPES *(A' Servula, que vendo o bispo faz menção de ajoelhar-se, e beijar-lhe o anel ; ao que elle se oppõem)*.

Aqui são vedados aos bispos, dentro, ou fóra da igreja, joelho em terra, repiques de sino, manto, e throno.

MADAMA

Senhor Presidente, persuado-me que estas tambem devem ter a sorte das outras vindas de Matto-Grosso.

LOPES

Havia-me acodido tal expediente. Ficão para isso soltas.

SOLINA

Madrinha, a mocinha é bem galante. Ficae com ella.

MADAMA *(A' Servula)*.

Podes ir procurar senhor.

IRSILIA

Que ! Minha mãe escrava ! *(A' Lopes)*. Senhor, poupe-nos tão cruel existencia. Compadeça-se de nossas magoas ; já temos soffrido muito....

MADAMA

Tranquilisa teu espirito, não te deixo á mendigar arranjos pela cidade; tomo-te por escrava, ou antes por filha, cuidarei do teu futuro. Que mais podes dezejar? Quanto a tua mãe, não posso levar para casa todo mundo.

IRSILIA

Senhora, eu a servirei com prazer; serei diligente; advinharei seus pensamentos; porém não me prive de minha boa mãe. De que posso servir, que serei sem ella á morrer de saudades?!... Ella para mim não é mãe sómente, é irmã, amiga.... nunca tive outras....

MADAMA

Menina, taes choradeiras nos aturdem; dir-se-ia que tencionamos aqui matar alguém.

SERVULA

Senhora, quando a felicidade arranca a filha unica aos braços de sua mãe para entregal-a aos de um esposo, ainda assim o coração se lhe despedaça. Separação afim de sugental-a ao jugo do captiveiro, deve matar. Ella ainda precisa de cuidados; e sua companhia é a maicr, unica ventura que me resta!... Resigno-me á toda sorte de serviços; e occuparei algum canto sem prestimo das dependencias do Palacio; me alimentarei dos restos dos creados; não serei pesada. Por todo trabalho e privações, unicamente uma recompensa:—ver Irsilia. Para que me repellir?  
(Pausa) Senhor, (á Lopez, até então em conversa-

ção com o bispo) não consinta que me apartem de minha filha. A' tão grande favor só poderei corresponder com algumas frases; ellas porém não serão estereis. Ha lá em cima quem toma á si as dividas de gratidão dos que cá em baixo nada valem; porque elle, que tudo póde, e á ninguem opprime, tem por filhos predilectos os pobres que soffrem.

MADAMA

Não sei se não está nos ameaçando!

SERVULA

Eu não ameaço, senhora....

LOPES

Basta, (á Bergara.) Tenente, desde agora promovo-te á meu ajudante de ordens. Nomeei para o teu emprego o padre José Arzamendia.

BERGARA (A' parte)

Dessipado o sonho!...

IRSILIA (A' parte).

Que será de Gracilio, meu Deus!...

BERGARA

Senhor, agradeço profundamente tão distincta honra; e se me fora permittido, rogaria mais á V. Exc. a graça de me conceder esta prisioneira (designando Servula). Minha mãe vive muito pobremente, sem alguém que a sirva.

LOPES

Dá-me a lista dos prisioneiros (*Bergara traz-lh'a de cima da mesa*). Que são os numerados até 42?

BERGARA

Os que tem de seguir para Buenos-Ayres.

LOPES

Vamos examinal-os (*levanta-se.*)

MADAMA

Sinto, mas não posso deixar de dizer: o procedimento d'aquella mulher, ao entrar aqui, foi um insulto imperdoavel. Ajoelhando ante o Sr. bispo, o fez no intuito de provar que á seus olhos a auctoridade d'elle está acima da do Presidente. Orgulhosa como é, quiz ultrajar-nos.

SERVULA

Senhora, eu ignorava que....

LOPES

Vou convencel-a. Padre José, ella passa á ser escrava de Bergara (*A' Bergara*). Tenente, d'ora em diante é prohibido á essa tua escrava avistar a filha. Soparem-n'as para sempre.

IRSILIA

Minha mãe!... (*cinge-se á ella.*)

ACTO 3.<sup>o</sup>  
QUADRO 3.<sup>o</sup>

O FAVORITO

Acampamento Paraguayo em Passo-Pocu. No fundo, á um lado, a casa que aloja Lopes, feita de parede com enorme grossura, e exterior que ao longe assemelha a montanha. No alto della vê-se o começo do MANGRULHO.—A casa, ou antes enorme parede, que a precede, toma quasi todo o fundo.—Uma unica entrada para dentro, e ahi Acarajás de sentinellas.—A' um lado casas pequenas, e baixas, cobertas de palha, que servem á alojar os soldados. De vez em quando alguns Acarajás, e Acaveras passam divagando. O combate de que se falla neste Quadro é a direita.

Scena 1.<sup>a</sup>

SOLINA, E IRSILIA

IRSILIA

Tambem esquecendo a inimidade de nossos paizes, sou tua amiga.

SOLINA

Não advinhas o que me atrahio a ti, desde que vieste para a companhia de Madama.... o seres brasileira; e é para contar-te meo maior segredo que te trouxe aqui. Irsilia, eu amo. Compreendes o que é amar ?

IRSILIA

Mil vezes o ignorasse !

SOLINA

Amas !... Tambem infeliz ?...

IRSILIA

Solina, Madama:—não me flagela, porque és o anjo a escudar-me; mas sou escrava. Minha mãe é tractada pela tua como irmã, entretanto, desde que me separei d'ella, ha quasi 17 mezes, nunca mais a vi (*com choro na voz*); e ha momentos des saudades !... Pois bem; ainda assim, se não fora o amor me reputaria ditosa.... Segredo por segredo;—confiar-te-ei tambem o meu. Talvez possas me favorecer.

SOLINA

Lembras-te em Assumpção da visita aos prisioneiros do vapor *Marquez d'Olinda*? Lá me senti nascer para a vida.... lá pela primeira vez o vi.... á elle.... á Gracilio.

IRSILIA

Que dizes ! A Gracilio ! A' aquelle que eu.... (*voltando a si*) que é soldado inimigo ?!

SOLINA

Ao vê-lo inexprimiveis emoções se assenhoreão de mim. De então ellas me agião ; eu propria me desconheço : o mundo, povoou-se-me de ignorado encanto ; e eu o amo, o adoro, quero vê-lo á todo momento ; perdi o repouso.... E' paixão invencivel, uma loucura !

IRSILIA

E Gracilio o sabe ?

SOLINA

Os prisioneiros do vapor forão immediatamente deportados. Para onde ? Lopes guardou o mais impenetravel segredo. Engenhei milhares de estratagemas, não os descobri ; afinal eil-os aqui em Passo-Pocú.

IRSILIA

E lhe tens fallado ?

SOLINA

Algumas vezes.

IRSILIA. (*A' parte*)

Meu Deus ! (*Atto*). E elle ?

SOLINA

Sempre a mais gelida insensibilidade.

IRSILIA

Ah !

SOLINA

Já morria-me a esperança, quando uma revelação veio ressussital-a. Irsilia, minha felicidade depende de ti!

IRSILIA

De mim ?!

SOLINA

Si me amas renunciarás....

IRSILIA

Solina, cuidas que eu renunciando....

SOLINA

Ouve-me. Posto Lopes no fim dos combates proclame a victoria, nós da familia sabemos que são successivas as derrotas, e cada vez mais cresce-lhe o odio aos Brasileiros. Ultimamente perdeu grande parte das forças, mandadas á Tuyuti. Despeitado por esse revez, amanhã são passados pelas armas os prisioneiros. Para salvar Gracilio esgotei os ultimos recursos.... cheguei á confessar á Madama a paixão que me devora.

IRSILIA

E ella desattendeo-te.

SOLINA

Exige que Gracilio renegue a Patria, e me receba por esposa; mas á todas as instancias elle responde que prefere a morte. Na terra extran-

geira a voz de um compatriota deve ter grande poder. Vai fallar-lhe, Irsilia. Renuncia escrupulos; somos mulheres; nossa politica deve ser detestar essa matança, que nos torna filhas sem pais, mulheres sem maridos, mães sem filhos, e que chamão guerra. Falla por elle proprio, não por mim; salva-o. Na volta me revelarás teu segredo.

IRSILIA

Meu segredo diz-se em duas palavras. Creio que esposarei afinal teu irmão.

SOLINA

Ah! ingrata.... e nada me dizias! Bergara tambem occultou-me tudo!

IRSILIA

Peço porem segredo. O casamento póde fallar, e....

SOLINA

Juro não revellal-o em quanto não o permitteres. Agora que se findão teus males, cuida nos meus. Mando aqui teu noivo para te conduzir junto á Gracilio. (*Entra no alojamento de Lopes.*)

## Scena 2.<sup>a</sup>

IRSILIA (*só*)

Ironia do destino! Persuadir Gracilio á esposal-a!... Pobre amiga! Como eu, sonhas o mesmo impossivel. Ai! á ambas em breve, triste realidade nos despertará.

**Scena 3.ª**

IRSILIA, E BERGARA *(vindo do dito alojamento)*

BERGARA

Irsilia, fui eu que aconselhei Solina a te fallar. Gracilio nega-se á fugir sem ver-te. Para ires á sua prisão foi o meio que occorreu-me. Vamos, e ao voltarmos se effectuará nosso consorcio.

IRSILIA

Repito, minha mão pela salvação d'elle, e de Amarante; enquanto não os vir livres....

BERGARA

Tudo acha-se prompto; vaes ver. Não percamos tempo....

IRSILIA

Quero ouvir de ambos que estão salvos.

BERGARA

E essa palavra significará que me pertences?

IRSILIA

Sim.

BERGARA

Partamos. *(Saem pelo lado esquerdo)*.

**Scena 4.ª**

ARZAMENDIA *(fardado de Tenente-Capellão)*

O confessorio.... invenção maravilhosa!

....Tenho o exemplo do bispo, do meço.... O velho, o fallecido Urvieta não sabia viver!... O bispo Palacios é pela revellação do sygilo que abriu entrada ao coração de Lopes.... *(A' sentinella postada á porta do alojamento)*. Filho, quero fallar ao Presidente.

SENTINELLA

Meu pai, *Taitaguassu* agora á ninguem falla.

**Scena 5.ª**

ARZAMENDIA, GRACILIO, E AMARANTE  
*(Estes fardados de dragões de escolta de Lopes, vindos do lado esquerdo.—Passião disfarçadamente)*

ARZAMENDIA

Diabo! Para pescar-lhe a confiança condemnou-me á sina de verme:—viver de rojo.... A menor felicidade que sobrevem á alguém, o demonio da inveja morde-me o coração; encolerisa-me como insulto. Espera ahí paciente, *Taitá-mirim*, enquanto lá reportria-se o *Taitá-quassu* nas sensualidades de sybarita.... O Ajudante de Ordens....

**Scena 6.ª**

OS MESMOS, BERGARIA, E IRSILIA

BERGARA *(Em particular á Irsilia)*

Nada temo; o guarda é creatura minha!

IRSILIA

Elle disse que tardámos, que podendo a demora baldar tudo, soltou-os, e por isso não os encontramos; mas, não declarou....

BERGARA

Silencio!

ARZAMENDIA (*A' Bergara*)

Tenho um particular. (*Afastam-se á um lado*)  
Trago ao Presidente sygilo do confessorario.

BERGARA

Qual é?

ARZAMENDIA

O negocio insta, és meu amigo.... Irás por mim. Dous prisioneiros intentão fugir, ajudados pelo proprio guarda, que hoje confessou-se para obter absolvição desse peccado.

BERGARA

Quem promove a fuga?

ARZAMENDIA

Ignoro; ás minhas instancias elle respondia que era obrigado á accusar os proprios peccados, não os alheios.

BERGARA

Vou já avisar á S. Exc.

ARZAMENDIA

Querem se escapulir, não hão de; aqui estou

eu á estorval-os. (*Vae á sahir, retrocede*) Não esqueças referir-lhe que o padre José Arzamendia é que revellou o sygillo.

BERGARA

Não esquecerei.

### Scena 7.<sup>a</sup>

OS MESMOS, menos ARZAMENDIA

IRSILIA (*ao aproximarem-se Gracilio e Amarante, á um acceno de Bergara*).

Céos! Elles!

BERGARA

O meio que vos proporcione conduz-vos hoje com segurança ao acampamento dos alliados em Tuyuti, e vos consideraes salvos?

GRACILIO

Sem duvida.

AMARANTE

Assim tambem o penso.

BERGARA (*A' parte*).

Agora ella é minha. (*Alto*) Veem aquelles arbustos? (*Aponta o lado direito*) Esperem lá disfarçadamente.

GRACILIO (*A' parte*).

Eu confio na fidelidade d'ella.

AMARANTE (*A' Irsilia*).

O coração prognostica-me que voltarei, e então, prima, nossa ajustada união. Adeus!

IRSILIA (*Em soluços*).

Adeus!

GRACILIO (*Avança, retrocede, depois reanima-se*).

Adeus! (*Irsilia suffocada em soluços, não responde. Gracilio e Amarante saem pela direita; Bergara os acompanha por algum tempo com os olhos. —Silencio*).

IRSILIA (*Sempre chorosa*).

Ai! Está tudo acabado!

BERGARA

Cohibe-te. Não nos compromettas.

### Scena 8.<sup>a</sup>

OS MESMOS, E ARZAMENDIA (*vindo da esquerda*).

BERGARA (*á Arzamendia*).

Tenente Capellão, ves aquelles cavallos?

ARZAMENDIA

Sempre arreiados para a fuga do Caraguassú, o cavalleiro grande?

BERGARA

Toma os melhores, entrega aos primeiros soldados Acaveras que encontrares, e á um delles esta ordem (*dá um papel*); que partão á galope. Tenho aqui soldados Acarajás (*apontando-os*); mas prefiro Dragões da escolta. Vae.

ARZAMENDIA

Não, meu amigo, não vou; corro, um pé cá, outro lá. (*Sac pelo lado direito*).

### Scena 9.<sup>a</sup>

BERGARA, E IRSILIA

BERGARA (*olha por algum tempo para esse lado*).

Enfim!.... Seguirão! Cumpri minha promessa; resta a tua.

IRSILIA

A minha?!...

BERGARA

Sim.

IRSILIA

Qual é?

BERGARA

Como!... Nosso casamento.

IRSILIA *(com esforço; soluçando)*.

Sim: partamos.

**Scena 10.**

OS MESMOS, E LEGUIZAMON *(vindo de fóra)*.

BERGARA *(em particular á Leguizamom)*.

Venci a final; vou esposal-a.

LEGUIZAMON

Como conseguiste?

BERGARA

E' meu segredo.

LEGUIZAMON

Bem; hoje mesmo reclamamos a fortuna.

**Scena 11.**

SOLINA *(só)*

Cancei de rezar.... de esperal-os!.... *(Olha o relógio)* Oh! o relógio parou! *(Poem-no ao ouvido, á verificar.—Observa o lado donde os espera)*. Ainda nada!...

**Scena 12.**

SOLINA, E ARZAMENDIA

ARZAMENDIA

Poderá obter-me a honra de fallar ao Sr. Presidente?

SOLINA

Que lhe quer, Snr. Padre?

ARZAMENDIA

Negocio urgente.

SOLINA

Agora elle não recebe.

ARZAMENDIA

Avise á S. Exc. em meu nome, que dous prisioneiros vão fugir; obtive a noticia pela confissão. Não esqueça que o padre Arzamendia é quem a obteve.

SOLINA

Os fugitivos são Brasileiros?

ARZAMENDIA *(A' parte)*

Não me lembrei perguntar. *(Alto)* Sim, Senhora.

SOLINA *(A' parte)*

Brazileiros! Bem póde ser Gracilio. *(Alto)* E vou avisar; recommendo segredo, á ninguém falle. *(Arzamendia sae pela direita)* Parto eu mesma a certificar-me. *(Sae pela direita)*.

**Scena 13.**

ARZAMENDIA, E LEGUIZAMON

LEGUIZAMON *(A' Arzamendia, que tendo sahido o encontra, e o acompanha conversando, e á quem, chegados a porta do alojamento de Lopes, despede)*.

Fique certo, Snr. Capellão que não me esquecerei.

ARZAMENDIA

São tres; é incrível que nenhum se lembre de mim.

**Scena 14.<sup>a</sup>**

MADAMA, *(acompanhada por uma escrava, vindo da direita)* e por ultimo SOLINA *(vindo da esquerda)*.

MADAMA

Trahirão-me! Tomo Irsilia por escrava, Ber-gara a converte em amante! Que tratamento posso esperar que a Resedal haja recebido da mãe de seu futuro genro?... Até esse orphão, que ergui do pó, me contraria!... Pois bem; favorece inimigos, entre elles o alisto. Elle ama a Irsilia que o detesta, ordenei de a tomar por mulher, e logo que casem o empregarei á não poder nem vel-a. Somente á hora de dormir, para castigo d'ella, os reunirei; mas amanhã os separo de uma vez. Serão esposos apenas por esta noute.

**Scena 15.<sup>a</sup>**

MADAMA, E PALACIOS

PALACIOS

Venho cumprimentar á V. Exc.....

MADAMA

Qual!... Aproxima-se o sacrificio do refeitorio. Mais hora, menos horas almoçamos; e, confessae, meu Bispo, não tendes grande indisposição aos bons pratos.

PALACIOS *(A' parte)*

Está de máu humor! *(Alto)* Que novidades ha, Madama?

MADAMA

Ultimamente escasseão; e já teriamos morrido de monotonia á não ser vossa pessoa, que nos diverte um pouco.

**Scena 16.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, LOPES, E LEGUIZAMON

LOPES *(na porta do alojamento,—á Leguizamon)*.

Volta já a informar-me.

**Scena 17.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, menos LEGUIZAMON,  
depois SOLINA

LOPES *(á parte, na porta do alojamento)*

Necessito tambem d'este ar matutino.... Nenhum tiro mais.... Conto não correr perigo. Aventuremo-nos. *(Vem para a frente)*.

SOLINA *(no fundo do theatro. — A' parte.)*

Gracilio fugio! Sei agora o que me resta fazer.

### Scena 18.

OS MESMOS, menos SOLINA

MADAMA

Sabes sobre que reflectia ha pouco? Ha mais de anno e meio apresamos o vapor *Marquez d'O-linda*, possuimos a parte invadida de Matto-Grosso, e já alguma vez o inimigo provocou-nos á combate?

LOPES

Ahi estão em Tujuty ha mez e meio á esperar que lhes façamos o favor de os accommerter.

MADAMA

Fallão em atacar-nos, nunca vem.

LOPES

Nem virão. Não ousarão em melhores tempos; agora.... depois do 24 de Maio....

MADAMA

Nossos soldados já devem se sentir enfastiados de inimigo, que para se bater, lhes dá o encommodo de o irem procurar.

LOPES

Acredita-me a guerra está finda. O rio não sobem, Humaitá os impede; por terra aquellas trincheiras; ellas os atterrão; e eu não lhes darei mais batalhas; quero deixal-os apodrecer na inacção.

### Scena 19.

OS MESMOS, E ARZAMENDIA

ARZAMENDIA *(A' parte)*

Presidente Ira; Madama Soberba; Bispo Gula. Entra o padre Inveja. *(Alto; apressadamente)*. Um telegramma.

LOPES *(lendo)*

« 16 de Julho de 1866.—Acaba-se de descobrir que o inimigo pernoitou no matto, de emboscada, e prepara-se á investir-nos para impedir as trincheiras, com que terminavamos a linha de fortificação. »

### Scena 20.

OS MESMOS, BERGARA, E IRSILIA *(está sempre chorosa)*.

BERGARA

Snr., tenho a honra de apresentar á V. Exc. minha esposa.

MADAMA

O Ajudante que parta á assistir a batalha. *(Rompe tiros de fusilaria, e artilharia á distancia de uma legoa, os quaes continuão até o fim do quadro)*. E' favorito meu, e quero obtenha accessão

em postos, por merecimento proprio. Volte ao escurecer.

LOPES

Ramon Bergara monta já a cavallo; vóá. O despacho que te dei ?

BERGARA

Mandei-o por dous soldados. (*A' Arzamendia*) Não foi o padre Capellão que os escolheo ?

ARZAMENDIA

Sim, sim, dous dragões da escolta.

### Scena 21.

OS MESMOS, (menos BERGARA), E LEGUIZAMON

LEGUIZAMON

Quando cheguei, Senhor, já ambos os prisioneiros tinhão-se evadido, disfarçados em *Acararas*. Inqueri, e verifiquei que só partirão dous, com despacho de V. Exc.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Misericordia ! São elles!...

LEGUIZAMON

Expedi telegramma para a captura; d'aqui ha pouco infallivelmente os apresentarei á V. Exc.

LOPES

Logo que cheguem sejam fusilados.

IRSILIA (*A' parte*).

Meu Deus!.... (*Retirão-se todos para o alojamento de Lopes*).

## QUADRO 4.º

### O JURAMENTO

Acampamento dos alliados em Tujuty. A scena representa a rua chamada linha de bandeira, ao lado do alinhamento de barracas das companhias de um dos Batalhões; tendo a largura precisa para nella se estender o mesmo Batalhão. Ve-se portanto no fundo a serie de linhas de barracas postadas de modo que as respectivas entradas olhão todas para a esquerda. Entre umas e outras linhas ha o espaço preciso para a formação das companhias, em frente aos seus respectivos abarracamentos. Cada barraca admitte só dous soldados. Ao longe, de um lado, a Igreja de taboas de N. S. da Concei-

ção, bem assim algumas palmeiras raras de Carnaúba, e por detras das barracas no fundo, a linha de fortificações Paraguayas com peças de páo, parecendo ao longe verdadeiras peças.—Quadro do batalhão á descansar depois de victorioso combate.—Grupos de Soldados em palestra.—De vez em quando um ou outro Official do Batalhão.—Ambulancias, e feridos passão em direcção á direita.—O combate foi do lado esquerdo.

**Scena 1.**

SOLDADOS, Coronel ROBERTO, e depois seu Ajudante ALFREDO

1º SOLDADO de um grupo

Morreu gente nossa como o diabo!

2º SOLDADO

Por isso a 1.ª divisão rendeu a nossa, e viemos descansar.

1º SOLDADO

Tambem o fogo de metralhada era o inferno. Foi ao chão muito official.

2º SOLDADO

O batalhão perdeu o major e os dous capitães, que restavão.

3º SOLDADO

Paraguayos é que cahirão como chavisqueiro.

1º SOLDADO de outro grupo

Olha como o Commandante está triste!

2º SOLDADO

No fogo duro como o diabo, fóra é sempre assim.

1º SOLDADO

Porque isto?

2º SOLDADO

Voce não sabe? O Commandante tinha um filho, cahio no mundéo de Lopez. O cujo abreviou logo o negocio; entende?

1º SOLDADO

Matou-o! Pobre Commandante!

1º SOLDADO do 3º grupo (*bocejando*).

Estou para morrer de somno. No mato desde hontem ás 7 horas da noite, até a hora em que hoje fomos assustar a rapaziada do outro lado...

2º SOLDADO

Enfim tomamos o diabo da trincheira.

3º SOLDADO

Eaquellas peças de páo, eim? Ha mez e meio a nos metterem medo?!

2º SOLDADO

Pois olha, bem língidas. Quem não hade jurar que são peças?

1º SOLDADO do 4º grupo

Devemos beber a saude do dia: a victoria é nossa.

2º SOLDADO

Não pense que o catireté acabou.

1º SOLDADO

Porém o fogo parou.

3º SOLDADO

Por um instante; os taesinhos não se desengañão.

2º SOLDADO

Que pena o Ozorio ter adoecido!

1º SOLDADO

O Polydoro tambem é bem bom.

2º SOLDADO

Então viva o Polydoro!

1º SOLDADO

E viva o Ozorio!

ALFREDO (*vindo da esquerda, acompanhado de soldados Paraguayos*).

Commandante, prisioneiros!

ROBERTO

A escolta os apresente ao General da divisão.  
(*A escolta sae pela direita, e Alfredo pela esquerda*).

### Scena 2.º

ROBERTO (*só*)

Podieis tirar-me a vida; mas a meu filho!....  
Não sois pae? Um filho é fibra do coração!....  
Se cahisse ao menos no campo de batalha....

### Scena 3.º

ROBERTO, ALFREDO, E BERGARA

ALFREDO (*seguido de Bergara, e prisioneiros*).

Snr. coronel, mais prisioneiros!

ROBERTO

Quem sois, snr. official?

BERGARA

Ramon Bergara, Ajudante d'ordens do Presidente da Republica.

ROBERTO

Como fostes preso?

BERGARA

Enviado ao combate, vossos soldados nos envolverão com tal impeto que desde logo ficamos desbaratados. Não me humilha confessal-o. Os Paraguayos batião-se com heroismo; cahião aos centos, não recuavão; entretanto ainda me enrubace a face, ver no tumulto dous compatriotas traidores, tambem a nos arremetter encarniçados, sendo um delles, que arrebatou-nos a bandeira.

ROBERTO

Os soldados os conduzão ao snr. Brigadeiro Xavier de Souza. *(Saem)*

ALFREDO

Commandante estão ali os passados, e entre elles os que se assignalarão á nosso favor. Todos mostrão-se alegres: excepto um por estar ferido, e outro, que aferra-lo á bandeira de sua patria, nada diz; apenas na lingua da Republica pediu para entregar a bandeira á quem fosse aqui o Commandante.

ROBERTO

Faça-os vir.

Scena 4.<sup>a</sup>

ROBERTO *(só)*

Sua boa fé trae-lhe a mocidade; eu suspeito sempre de inimigos; e mais ainda daquelles que empunhão armas contra os proprios concidadãos.

Scena 5.<sup>a</sup>

ROBERTO, ALFREDO, GRACILIO, E AMARANTE

ALFREDO *(seguido de Paraguayos entre os quaes Gracilio e Amarante, este muito palido, e carregado)*.

Ahi tem o Commandante. *(Sae pela esquerda)*.

GRACILIO

Commandante, eu sou Brasileiro! *(Atirando a bandeira, o correame, e o capacete, rasgando a farda Paraguaya, e ficando de sobrecasaca militar Brasileira)*. Viva o Brasil! *(Os soldados do acampamento respondem. Gracilio dirige-se á Amarante; vae vel-o cuidadoso)*.

ROBERTO *(levantando-se vagarosamente)*.

Uma bandeira de Lopes eu estassalharia; mas a de um povo da America não se arroja ao chão *(Ergue a bandira Paraguaya, e vagarosamente se derige a sua tenda, dentro da qual a colloca.—A Gracilio)*. Senhor, *(encarando-o)*. Meus Deus! Gracilio!.... Meu filho!...

GRACILIO

Meu Pae! *(Abração-se. Gracilio beija-lhe a mão)*.

ROBERTO

Vivo! Salvo! Como te salvaste?

GRACILIO

Meu Pae !....

ROBERTO

Has de estar fatigado.... Graças, meu Deus!  
Precizas alguma coisa ?

GRACILIO

Senhor !....

ROBERTO

Minha cabeça.... Não estás ferido ?

GRACILIO

Mercê de Deus, não; mas o está um amigo:  
Amarante que pelejou como provector; é um  
bravo !

ROBERTO

Conduzão-no ao hospital de sangue. *(Sae Amaran-  
tante)*. Conta-me, como escapaste as garras do  
Cacique ?

GRACILIO

Tudo devo ao seu Ajudante de ordens.

ROBERTO

Seu nome ?

GRACILIO

Ramon Bergara.

ROBERTO

Mas esse acaba de cahir prisioneiro.

GRACILIO

Que ouço ! Meu pae, no instante em que elle  
me restitue ao nosso paiz, restitua-o tambem ao  
seu, e áquelles á quem elle ama.

ROBERTO

Não me pertence soltar prisioneiros. Manda-  
rei fallar ao nosso General.

GRACILIO

Vou eu mesmo.

ROBERTO *(á um Tenente)*.

*Snr. Tenente, peço-lhe o encaminhe. (Aos  
soldados que acompanhão os passados). Conduzi-  
os tambem ao General. (O Tenente acompanha Graci-  
lio á barraca de Roberto, donde este sae de barretina  
correspondente ao seu fardamento.)*

### Scena 6.<sup>a</sup>

ROBERTO, ALFREDO, E SOLINA *(fardada  
de soldado Acaraja)*

ALFREDO

Commandante, ao retirarmo-nos do combate  
dous Paraguayos dirigirão-se á nós; nossa  
gente fez-lhes fogo; um cahio, o outro é este.

ROBERTO

Tão moço ! Quem sois ? (*Alfredo sae.*)

SOLINA

Não sou o que inculca o traje.

ROBERTO

Uã moça !... Valha-me Deus ! Já é a terceira ! Seu Presidente não terá por lá senão mulheres, e creanças ?

SOLINA

Nosso exercito, Senhor, é organizado como outro qualquer. Eu não sou soldado.

ROBERTO

Mais que soldado:—Amazona, uma Joanna d'Arc.

SOLINA

Acabrunhar com ironias uma pobre moça ! ...Não é este o cavalheirismo que esperava.

ROBERTO

Que julgar do bello sexo, que em traje militar, no mais vivo da batalha, atravez das balas, avança para o inimigo, sem bandeira de parlamentar ? Mas enfim, não quer ser soldado, nem heroína ; quem é então ?

SOLINA

Quem sou ?

ROBERTO

Porque tomar a farda, procurar nosso acampamento ?

SOLINA (*A' parte*)

Que lhe direi ? (*Alto*). Podia dar-lhe resposta bem simples : « assim me aprouve » ; darei outra mais natural : « eu sou a loucura. »

### Scena 7.

OS MESMOS, E GRACILIO

GRACILIO

Fallei ao General....

SOLINA

Gracilio !

GRACILIO

Solina !... Aqui !... Nestes trajes !...

ROBERTO (*A' parte*)

Um !... Entendo ! Calypso abandonada !

GRACILIO

Meu pae, o General attendeu-me.

SOLINA

Seu pae !

GRACILIO

Declarou que a liberdade que concedia importava troca de prisioneiros. Agora outro perdido : esta moça....

ROBERTO

Sei tudo; loucura, como ella diz.... Tambem fui rapaz.... mas a moralidade.... o demonio da moralidade....

SOLINA

Creio, senhor, lhe atravessa o espirito algum máo conceito....

ROBERTO

De vagar, meu anjo, eu respeito as honestidades da sua especie.

GRACILIO

Meu pae, esta moça....

ROBERTO

Está bom; não estejamos á nos affligir: casal-a-emos.

SOLINA

Senhor, peço-lhe o lugar de enfermeira....

ROBERTO

Pois bem, recommendal-a-ei á mãe dos soldados, D. Anna Nery.

GRACILIO

Feliz inspiração! A Senhora póde tractar de Amarante; está ferido.

SOLINA

Amarante ferido!...

ROBERTO

Deixemos a mocidade tagarelar um pouco. *(Começão, e continuação até o fim, ao longe, os tiros do combate.)*

### Scena 8.<sup>a</sup>

GRACILIO, E SOLINA

SOLINA

O Senhor, me desdenha, fugio.... o mundo lá escureceu-se; faltou-me o ar; fugi tãoobem: corri para a luz....

GRACILIO

A Senhora me contrista; e neste momento quizera ter mil corações em reconhecimento, á offerecer-lhe todos,... não devo porém iludil-a; não me pertença....

SOLINA

Que! Ama alguém?

GRACILIO

O que até hoje de manhã era forçoso occultar, agora posso revellar-lhe; sim, eu amo, eu adoro Irsilia....

SOLINA

Irsilia!..... Ah! Mil graças!

GRACILIO

Exulta!

SOLINA

Exulto, enlouqueço de prazer, sou feliz. Esse obstaculo.... sua Irsilia.... (A' parte). Ai! O juramento !...

GRACILIO

Que importão as cadeias que hoje a prendem ao Paraguay ?

SOLINA

Suas cadeias só a morte quebra.

GRACILIO

Si só a morte as quebra, espero em Deus que não será a d'ella ; e Lopes por terra, Irsilia será minha.

SOLINA

E si até lá ella esquecel-o ?

GRACILIO

Si eu a visse trair-me descreria dos proprios olhos. Sua infidelidade é impossivel, é mentira.

SOLINA (A' parte)

Não poder contar-lhe a verdade ! Para que jurei ?...

GRACILIO

Mas deixemos assumptos que magoão.....  
.....Não preve quem nossas armas aprisionarão?  
Seu irmão.

SOLINA

Bergara tambem aqui !... Preso !... no dia do seu con... (á parte). Louca ! (Alto) do seu comando ?

GRACILIO

E o que é peor, no dia de suas nupcias.

SOLINA

De nupcias !...

GRACILIO

Pois ignora ?

SOLINA

Não; é que.... é que me não lembrava a coincidencia.

GRACILIO

Não me disse o nome da noiva.

SOLINA

Mas, Bergara preso, é fuzilado ; e.... será horrivel ! perder meu irmão, e ella livre, (roltando a si) e minha cunhada viuva !

GRACILIO

Calumnias que Lopes, o Atula do Paraguay, espalha ; não tomamos seus exemplos de barbaria. Aos vencidos charidade, finesas.... Seu irmão, está solto ; o enviei-o a sua primeira noite de noivado.

SOLINA (A' parte)

Pobre Gracilio ! (Ourem-se signaes na corneta para formar-se o batalhão.)

**Scena 9.º**

OS MESMOS, E ROBERTO

ROBERTO

Gracilio, entramos de novo em fogo; eu vou commandar uma brigada. Quanto ao meu batalhão perdeu o Major e Capitães, e o General te nomea seu Commandante, e Major de commissão (*entrega-lhe um papel, e a propria espada*). Meu filho, faço-te don de minha espada,—conhecida velha de inimigos. Ao batalhão amo como filho, mas sei a quem o entrego; não te recomendo nada. (*Abraça a Gracilio—A Solina*). Menina, vem comigo.

**Scena 10.º**

GRACILIO (só)

Agora, vingando a Patria libertar Irsilia! (*Assume o commando, depois de estar o batalhão formado em linha*). Camaradas! Por obediencia a ordem superior, assumo o commando; e obrigando-me á seguir suas tradições, porque são as de um pae, que era tambem o vosso, corramos ao combate. O mundo tem hoje os olhos sobre nossa Patria, mostremos que quando ella tira da espada, só a embainha depois da victoria. (*Descobrimo-se*). Viva o Brasil! (*O batalhão responde, se descobrindo tambem.—Hymno Nacional pela musica do batalhão.—O batalhão marcha para o combate.—As manobras serão no menor numero possível, absolutamente sem voz alguma de commando.*)

**ACTO 4.º**

**QUADRO 5.º**

INSIGNIFICANTE EXIGENCIA

**Vista de Campo.—Suburbio de Angustura.—D'este quadro em diante os soldados e officiaes não tem mais distinctivos.—** (Vide a advertencia á respeito.)

**Scena 1.º**

ARZAMENDIA (só)

Que ares puros!... Morria por vir ao campo; ali em Angustura á receber presos, guardar presos, preso eu mesmo.... Uma hora vòda, acaba a licença.... Aproveitemos. (*Senta-se sobre umas pedras do caminho*). Agora tambem gosar a vida. Sempre encobri della com a capa de amizade minhas vis'as sorradeiras. D'esta vez cae-me nas mãos; perdeu o apoio. Eu sou a aranha, ella o insecto; vou tecer-lhe a tã. Humaitã provou que toda fortaleza se rende. (*Olhando para a direita*). Oh! uma da lista de Madama. Este sujeito tambem está pesteadado. (*Esconde-se em uns arbustos*).

**Scena 2.º**

ARZAMENDIA, IRSILIA, depois VENANCIO  
IRSILIA (*vindo da esquerda*).

Deus de minha alma!.... Que será agora de mim? Para onde derigir-me?....

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Oh! Ella!.... Minha estrella começa a des-  
ennublar-se.

IRSILIA

Votado ao odio de Madama quem se arriscará  
a receber-me? (*Vendo Venancio*). Ahi vem al-  
guem; fallemos-lhe. Snr. !...

VENANCIO (*vindo da direita*)

Que pretendeis?

IRSILIA

Quem quer que seja, um abrigo.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Alonguemos os ouvidos.

IRSILIA

Snr., eu amava.... áquelle, por quem déra a  
vida, ia morrer em Passo Pocu.... offerecem-  
me um meio de salvação: expor o Ajudante  
d'Ordens do Presidente. Aceitei como mal ine-  
vitavel, como se acceita a morte; porque era o  
coração á morrer-me.... O Ajudante marchou  
para o combate. Assim em liberdade, dei car-  
reira a dôr que me dilacerava. Então arrepen-  
dida do casamento como de um sacrilegio, mal-  
dizendo o destino, eis procura-me o padre Arza-  
mendia, que, condoído de meus soffrimentos,  
aconselha-me, em desafogo, de escrever á mi-  
nha mãe.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Não fiz senão cumprir a ordeim de Madama.

IRSILIA

E a penna corria.... corria; dizia tudo. As ve-  
zes, temendo tão franco transbordamento do co-  
ração, tornava-me perplexa; mas esse amigo de  
Bergara me reanimava.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Pudera não!

IRSILIA

Não se constranja, nada tema, me dizia elle;  
eu mesmo levarei a carta á Assumpção.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Levei á Madama, que d'essa commissão me  
encarregou.

IRSILIA

Logo depois de recebê-la, volta elle afflicti-  
simo. Ai! na sahida do Passo Pocu as sentinellas  
o revistarão, e apresentarão á Lopes todos seus  
papeis! Causarão dô as angustias do pobre  
padre.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Pobre!.... Era pura comedia.

IRSILIA

A carta, Senhor, denunciava o homem, á quem

esposei, como auctor da fuga de dous prisioneiros. Prenderão-no ao chegar do combate; junta-rão a carta ao processo, sugearão-no á tortu-ras, e ha quasi dous annos e meio o conservão in-communicavel. Eu para escapar vivi occulta.... (*Chorando*). Snr., ha quatro annos soffro; pros-cripta em terra extranha, escrava de inimigos, separada de tudo que me é caro, tenho morrido mil mortes.... E agora!.... O Bispo, cuja familia me acolhera, acaba de ser preso.

VENANCIO

Preso!

IRSILIA

Incorreo tambem no odio de Madama.... A familia desapareceo; achei-me só; e fujo não sei para onde....

VENANCIO

Para o seio de minha familia.

IRSILIA

O Snr. é anjo que a Infinita Misericordia en- via; seja-o tambem para o povo. Lopes trucidava os prisioneiros, sendo passado ao fio da espada um batalhão inteiro de Brasileiros:—o do Major Cunha Mattos; aos seus proprios das derrotas fazia crime de traição; os officiaes vencidos mandava fuzilar, os regimentos dezimava. Presentemente.... presentemente todos os dias vasta matança:—envia Paraguayos ao patibulo sem saber porque. Em Tebiquary 353 justicados n'um só dia!....

VENANCIO

Fallae baixo.

IRSILIA

Fallo alto, e quizera o mundo todo á onvir-me.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Louquinha!....

IRSILIA

Bergara jaz esquecido; mas o despo'a....

VENANCIO

Basta; envidarei quanto valho para livrar vosso marido.

IRSILIA

E eu?.... E minha mãe?.... E o povo, Snr?.... Ninguem mais gosa segurança de vida, nin-guem no Paraguay pôde dizer amanhã!.... To-dos em sobresalto; todos tremem.... diante de quem? (*Com despreso*). De um só homem! Um homem?.... Não; um cobarde!

VENANCIO

Desrespeitaes o Presidente, Senhora....

IRSILIA

Custa muito descarregar um revolver?

VENANCIO

Um assassinato!

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Que ouço !....

IRSILIA

Não é assassinato; é a vida á milhares; a liberdade ao Paraguay, a paz á America.... Snr., não o conheço, mas a cabeça póde também cahir-lhe.

VENANCIO

Eu sou irmão d'aquelle contra quem incitaeis á armar-me : Sou Venancio Lopes.

IRSILIA

Snr. Venancio Lopes, sua irmã D. Innocencia acaba de ser presa.

VENANCIO

Que estaes dizendo !

### Scena 3.<sup>a</sup>

OS MESMOS, LEGUIZAMON (*então Coronel*),  
E SOLDADOS

LEGUIZAMON

Snr., por ordem de S. Exc. o Sr. Presidente da Republica prendo-vos, como tendo parte na conspiração de São Fernando. Vossa espada....  
(*Recebe-a*).

VENANCIO

Pois a mim também ? !.... Vamos. (*Sae acompanhado dos soldados*).

### Scena 4.<sup>a</sup>

OS MESMOS, menos VENANCIO

LEGUIZAMON (*A' parte*).

Feliz acaso! Cuidemos em minha fortuna. (*Alto*) Desde vosso consorcio tenho em vão vos procurado. O que então tinha á dizer, é mais oportuno hoje que correis para o abysmo. Sou amigo de Bergara; e assaz penalisa-me vel-o encarcerado.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Por que então não tem cuidado em fazel-o soltar ?

LEGUIZAMON

E digo-vos que se a vida lhe tem sido respeitada, deve á minhas relações com Madama.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Isto é verdade.

LEGUIZAMON

Igualmente penalisa-me ver-vos separada de vosso marido : e logo que soube haverdes apparecido, e vi que era possível encontrar-vos, empenhei-me com Madama para que Bergara fosse solto.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Que diabo de interesse terá ?

LEGUIZAMON

Trago pois a grata noticia que ella consente; ireis para a companhia de vosso esposo, recebereis a fortuna que vos pertence.... (*A' parte*). E eu, a minha terça parte. (*Alto*). Só vos faz *in-significante exigencia*: quer saber quem acouta D. Rezedal.

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Entregar a mãe ás vinganças de Madama!....

IRSILIA (*Com soberano des-presos*).

O senhor é ente sem alma; um bruto.

LEGUIZAMON

Bem; carregareis com as consequencias.

### Scena 5.

OS MESMOS, menos LEGUIZAMON

IRSILIA

Elle ameça-me! Meu Deus, onde refugiar-me? Quem me socorrerá ?

ARZAMENDIA (*tendo sahido do escondrijo*).

Eu!

IRSILIA

Vós! Céos!.... Fujamos, podem prender-nos.

ARZAMENDIA

Fujamos.... sob condição.

IRSILIA

De ante-mão aceito-a; não percamos tempo.

ARZAMENDIA

Accitae sem perguntal-a ?

IRSILIA

Tão grande é a confiança.... Fujamos.

ARZAMENDIA

Vossa confiança é uma injuria; tambem sou homem. A igreja forçando o clero ao celibato consegue tornar á nossos olhos Deus legislador contradictorio, mas não mutilar o padre. Sob a sotaina tambem palpita coração de amar.

IRSILIA

Ah!... Até elle!... Enlouqueço! Pois bem; fujo só, ao acaso. (*Vae sahir*).

### Scena 6.

OS MESMOS, LEGUIZAMON, E UM SOLDADO

LEGUIZAMON (*tendo ouvido as ultimas palavras*).

E' tarde; estaes presa. Eu tinha a ordem, queria evital-a; repellistes.

IRSILIA

A prisão acaba incertezas; rouba-me á infames.... Quero morrer. Partamos.

LEGUIZAMON (*Em particular*).

Ainda está em tempo. (*Irsilia segue, depois de o encarar com desprezo.—Saem todos*).

## QUADRO 6.º

GRANDE PROTECCÃO

Pequena sala da casa, que serve de prisão das mulheres.—Portas no fundo, e lateraes.—Uma mesa, e poucas cadeiras. Trastes muito usados.

### Scena 1.º

ARZAMENDIA, E IRSILIA (*entrando ambos*).

ARZAMENDIA

Quizestes recolher-vos aqui. O alojamento não é dos melhores. Não tenho a culpa. Podia ser outro.... Enfim á cada um sua natureza. (*Apointando a prisão das mulheres*) Ahi ha alguém: companhia de saias, não as nossas... não são das peiores, apenas conspiradoras, e as conspirações por estas alturas não tirão somno:—a mulher de um Coronel, a de um Consul, e duas irmãs do Presidente. A companhia não deshon-

ra.... Entretanto, digo como Leguizamón, ainda está em tempo. (*Irsilia entra na prisão das mulheres*).

### Scena 2.º

SERVULA, depois IRSILIA

SERVULA

Minha filha!.... Minha filha!.... Onde está ella?

IRSILIA (*correndo*).

Minha mãe!

SERVULA (*chorando*).

Depois de quasi dous annos e meio!...

IRSILIA

Ai! Na prisão nos apartamos, a prisão nos reúne!

SERVULA

Neste momento sou feliz! Eu te vejo, minha filha, esqueço tudo.

IRSILIA

Como foi encontrada, e presa?

SERVULA

Não me encontrarão, nem prenderão, mas á Saturnino Bidoya, e sua mulher D. Raphaela, irmã de Lopes, em cuja casa, como sabes, me refugiava.

IRSILIA

Ai! Minha mãe, saia d'aqui quanto antes....

SERVULA

Sahir quando estou chegando, e preciso saciar-me de ver-te!

IRSILIA

Por mim, por si.... por Nossa Senhora.... saia antes que tragão a ordem de a reterem.

SERVULA (*Tirando o mantelete hespanhol de sobre a cabeça, á moda hespanhola, e sentando-se*).

Eu a espero.

IRSILIA

Minha mãe,...

SERVULA

Ouve. Quando forão prender esse cunhado, e irmão de Lopes, conheci a voz de Leguizamon, o encarregado da deligencia. Não ignoras quanto elle nos estima, fil-o ir ao meu escondrijo. Contou-me então onde te encontraria; e que serias solta, se eu aqui viesse. Não hesitei; elle me trouxe.

IRSILIA

Minha mãe, Madama a detesta, e á mim quer mal só por sua causa; nada ameaça-me; obtive a liberdade. (*Envolvendo-a no mantelete*). Fuja;

esconda-se; sua filha pede de joelhos. (*Chorando*) Attenda-me; tenha pena de mim.... se soubesse.... se soubesse.... Ai! minha mãe eu sou bem á lamentar.

SERVULA (*Erguendo-a*).

Dizes que te concederão a liberdade... eis o que quero ouvir, o que me interessa. Uã mãe vò a prisão ábrir as portas á filha; e lhe propendes que se retire!

### Scena 3.<sup>a</sup>

AS MESMAS, E ARZAMENDIA

ARZAMENDIA

D. Rezedal, neste instante recebo ordem para guardar-vos. Vossa filha está livre.

SERVULA

Abraça-me minha filha. Sou feliz; estou contente, agradecida.... Vê que alegria querias me roubar!

ARZAMENDIA

Ella póde retirar-se, ou ficar.... Entretanto esta hospedagem não é a que lhe desejava. (*A' parte*). Tiremos partido da situação. (*Senta-se na meza á escrever*).

IRSILIA

Que será agora de minha mãe?!

SERVULA

E de ti?

IRSILIA

Ab! De mim.... não é nada; mas minha mãe.... E' preciso fazer alguma cousa. Deus para auxiliar, quer que não cruzemos os braços. Que me aconselha?... A's idéas me fogem.... Nada; não me lembra nada.... Fallar ao Presidente?

SERVULA

Filha, tranquillisa-te.... Por agora deixemos tudo.... Estive muito atribulada; sinto-me satisfeita, porém enfraquecida. O golpe foi grande.... Immensa dor, e logo immenso prazer. Emoções superiores ás minhas forças.... Fallaste em Deus, espere-mos n'elle. Estou fatigada; quero repousar um pouco.

IRSILIA

Vamos, minha mãe. *(Entrão na prisão)*.

### Scena 4.ª

ARZAMENDIA *(só. — Fecha o officio que escreveu, sobrescriptando-o)*.

« A' S. Exc. o muito alto e poderoso Snr. Presidente da Republica. » *(Levanta-se)*. — Arma poderosa! Mas não me servirei.... E' revolver descarregado, só para assustar. E contudo o effeito não falha. Para pesca grauda esta rede não tem malha.

### Scena 5.ª

ARZAMENDIA, e IRSILIA

IRSILIA

Ella dorme.... Eu me escapo. Vou ter á Lopes.

ARZAMENDIA

Uma palavra. Suspiraveis por protector, acodi; faltava um abrigo, offertei. Se aceitasseis, nova face á existencia. Repellistes; não faz mal uma noticia. Todo mundo na Republica deve ouvir tudo, e não callar nada á S. Exc. Aqui não se chama á um escaninho da casa, nem ao parente mais proximo á cochichar um pouco; teme-se encontrar traidores, onde se tem amigos. O irmão es á obrigado á denunciar o irmão: o marido á mulher, a mulher ao marido, os filhos aos paes, os paes aos filhos; é uma infernal espionagem. Muitos, principalmente em Tebiquary, revirarão os olhos de uma vez, por terem se esquecido de dar conta á El-Supremo do que ouvirão, e até do que nunca ouvirão. Ora, eu não quero ser demolido; e ha mais ou menos duas horas, fugindo de Angustura, encontrastes Venancio Lopes, e.... O resto sabeis. Eu tinha me infiltrado lá; ouvi tudo.... Entre vossa, e minha morte, preferireis a minha, é claro; não me queixo; eu prefiro a vossa. *(Mostrando o officio)*. Eis a denuncia. Ha porém o meio de remediar tudo. Agora me aceitaes?

IRSILIA

Imbecil!

ARZAMENDIA

Então franca a sahida ; não vos detenho mais.  
(*Um soldado entrega-lhe um papel ; depois de o ler, dá-o á ella, tendo-a impedido de sahir*). Lede.

IRSILIA (*depois de o ler*).

Que vejo! Deus de justiça! Condemnada!

ARZAMENDIA

A' pena ultima os conspiradores todos.

IRSILIA (*chorando*)

E minha mãe por que ?

ARZAMENDIA

Não lestes? Accuzam-na de haver tramado com Saturnino, e D. Raphaela, irmã do Presidente, em cuja casa se abrigava, contra a vida de S. Exc., e de Madama.... A sentença porém de certo não se executará hoje.... e á noute farei D. Rezedal escapulir-se; ficareis comigo.... em minha casa. Aceitae? Vale a pena meditar.  
(*Entra na prisão das mulheres, deixando o officio sobre á mesa*).

### Scena 6.ª

IRSILIA (*só*).

Deus de minha alma! A morte d'ella.... a deshonra do outro lado! Dar a vida á minha mãe, tornando-me filha perdida, mulher infame! Desesperação!.... Oh! isto mata-me!.... Sem mi-

nha mãe eu não existiria;—devo-lhe tudo, eu lhe pertenco, meu coração, minh'alma, todo o meu ser; porém a honra.... na perda de toda a fortuna, unica que me resta.... E o cadafalso, o suplicio de condemnada!.... Tenho direito de recusar, seja o que fôr, que salve minha mãe!... Ella que, para poupar-me alguns dias de prisão, correu alegre á entregar-se á morte. (*De joelhos*). Senhor Crucificado, sou ignorante; nesta angustia não sei que fazer.... Eu não posso mais; minha alma se quebra! (*Ergue-se desatinada*).

### Scena 7.ª

IRSILIA, E LEGUIZAMON  
LEGUIZAMON

Cumpri metade da promessa: estaes livre; vou cuidar da outra metade, soltar tambem Ramou Bergara. Vaes agora contar com uma *grande protecção*:—a de Madama. Ides vêr. D'aqui ha pouco recebereis vosso marido; vim para isso buscar a participação de que vossa mãe se acha presa. Onde está o padre Arzamendia? (*Vendo o officio na mesa*). Oh! eis a participação; vou levar-a. (*Sae levando o officio*).

### Scena 8.ª

IRSILIA, depois SERVULA

IRSILIA

Quem entrou aqui?.... Onde estou? Minha cabeça!

SERVULA

Irsilia! (*Abraça-a*).

IRSILIA

Minha mãe!.... Ai!.... (*Desmaia*).

SERVULA

Soccorão!.... Irsilia!.... Que é isto? Ai!  
minha filha!

IRSILIA (*voltando a si*).

Ai! O que é?... Ah!.... Não se aflija; estou  
melhor. Não é nada.

SERVULA

Filha! Não te assusté minha condenação!  
Ella não se executa. Deus é tão bom! Socega  
teu coração; o meu está calmo.... Prenderão-  
me como criminosa na conspiração de S. Fer-  
nando, e a conspiração é calúnia. Os cabeças  
denunciados são os proprios irmãos de Lopes.  
Ina Carrilho. mãe delles, vae ao filho Presiden-  
te desmascarar os calumniadores, libertar os fi-  
lhos, e por terra a conspiração, não podem reter-  
me aqui.

IRSILIA

Minha mãe, bem me esforço por tranquillisar-  
me; infelizmente qualquer que seja a esperança  
á que me volte, surge um expectro á destruil-a:  
—a colera de Madama.

SERVULA

Mãdama é poderosa, mas para alcançar con-  
denações precisa manejar a intriga; e d'esta

estamos livres. Não encobrirei que mais tarde  
tecerá outra.... até lá ganhamos tempo.... e os  
alliados derrotarão Lopes.

### Scena 9.<sup>a</sup>

AS MESMAS, E ARZAMENDIA

ARZAMENDIA (*á quem, ao en-  
trar em scena, um soldado, que  
acaba de chegar, entrega uma or-  
dem.—agitado, dirige-se á mesa;  
procura ali o officio que escrevera,  
e não o achando, ajoelha-se aos pés  
de Irsilia*).

Perdão Senhora!.... Sou innocente!.... Es-  
crevi a denuncia, confesso.... Não a mandei a  
Presidente.... Ignoro como a recebeu.... Eu  
juro aos Santos Evangelhos.... Sou um parvo,  
um indigno, um louco.... Foi loucura; não que-  
ria perder á ninguem.... A' morte!... Não; nun-  
ca; vosso coração me fará justiça.... Eu.... eu a  
quero.... não sei que demonio me arrasta.... eu  
a amo, a quero para desejar que morra. (*Ergue-  
se.—A' Irsilia*). Senhora, tambem estaes con-  
denada!

SERVULA, E IRSILIA (*com grito de  
angustia*).

Ah! (*abração-se*).

## QUADRO 7.º

ESPECTACULO EDIFICANTE

Campo sobre o alto de uma colina.—No fundo o exterior da casa, em Lomas-Valentinas, que serve de residência á Lopes.—A' um lado d'ella um pavilhão improvisado, dentro do qual sofá, e algumas cadeiras, pertencentes á rica mobilia.—Na porta da casa, sentinellas.—Avistão-se as vezes soldados, ou officiaes que passão, ou em scena apparecem naturalmente, como força ali acampada.

### Scena 1.ª

LOPES, E VICTOR

LOPES

Ao amanhecer acordou-nos bombardeamento horrivel; felizmente cessou. Utilizemos a tregua. Victor Silverio, vae redigir o Semanario. Neste numero do Jornal quero que falles, mais do que em outros, de minha bravura. Ficava sempre longe dos combates; presentemente, bem ves, estou aqui em Lomas-Valentinas, exposto como qualquer soldado. (*Victor entra na casa de Lopes*). Eu vou dar andamento ao negocio da conspiração. (*Entra tambem.*)

## Scena 2.ª

MADAMA, E LEGUIZAMON.

MADAMA (*acompanhada de duas escravas*)

Por longo tempo dissimulei antigos resentimentos de mortaes offensas; e desfiz-me em amabilidades. Luzia-me a esperanza de uma corôa. A invasão do Paraguay abalou-me a fé. Restava porém Humaitá á reanimar-me. Sua queda destruiu até os vislumbres de esperanza. Que ficava para castigo dos que tanto outr'ora me humilharão? Era preciso tomar outra direção; a guerra offereceu-m'a, eu a aproveito. Lopes tem suas razões de condemnar, eu tenho as minhas. (*Tendo entrado no Pavilhão, senta-se*). Porque motivo continuar a constrangir-me em caricias afrancezadas?

LEGUIZAMON

Eu peço por pessoa que nunca offendeu á V. Exc.

MADAMA

Que estás á dizer?!... A Resedal!...

LEGUIZAMON

Resedal sim; mas não a mãe.

MADAMA

Nada tenho com Irsilia; alguma cousa soffreu... puras amofinações á sua mãe. A' pedido teu não fiz que a soltassem? Actualmente victima de Lopes: dirige-te á elle.

LEGUIZAMON

Prefiro dirigir-me á V. Exc.

MADAMA

Venho de presenciar interessante scena, em que a celebre mãe de Lopes nada esqueceu para subtrahir os filhos á morte. Lopes a ouviu, e sem responder, mandou-a retirar, como devia. Si assim faço que elle tracte a mãe e irmãos; porque heide exigir-lhe o perdão da filha d'uma inimiga, inimiga ella propria? Não intervim contra, não intervirei á favor.

LEGUIZAMON

Que! O Presidente fará rolar a cabeça aos proprios irmãos!

MADAMA

O Soberano é Deus na terra; e Deus não tem parentes.

### Scena 3.

OS MESMOS, E ARZAMENDIA

MADAMA (*A' Arzamendia, entrando no Pavilhão*)

Será igualmente sobre a Resedal que vens fallar-me?

ARZAMENDIA

Sim, Madama.

MADAMA

Resedal mãe, ou filha?

ARZAMENDIA

Resedal mãe.

MADAMA

E' singular! Campião da moça o velho, da velha o moço. Senhores, trocastes os papeis. Será algum conloio?

ARZAMENDIA

V. Exc. sabe que não costumo favorecer inimigos; provei-o denunciando a filha (*A' parte*). Deus me perdoe a mentira! (*Alto*). Quanto á mãe, um dos maiores conspiradores, Saturnino Bidoya, acoutou-a; essa mulher deve possuir segredos que vão ser sepultados. Se a torturassem amanhã, e depois a executassem.... Mas nestas regiões desconfia-se.... Já estou mudo.

MADAMA

Padre José, faço justiça á vossa dedicação.

### Scena 4.<sup>a</sup>

OS MESMOS, E LOPES

LOPES (*dentro do Pavilhão, sentando-se, e dando um papel á Leguizamon*)

Lê.

LEGUIZAMON (*lendo*)

« Eu o Marechal de Campo, Francisco Solano  
« Lopes, Presidente Vitalicio da Republica do  
« Paraguay etc. Cumprindo prover a segurança  
« do Estado, contra a qual tentarão, alliciados  
« pelo inimigo, os réos—Venancio Lopes, e Be-  
« nigno Lopes, meus degenerados irmãos; Satur-  
« nino Bidoya, e Vicente Barrios, Ministro da  
« guerra, ambos meus cunhados; Manoel An-  
« tonio Palacios, Bispo d'Assumpção; José Bor-  
« ges, Ministro dos negocios estrangeiros; José  
« Maria Leite Pereira, Consul Portuguez; Julia-  
« na Jafran Martins, mulher do traidor Coronel  
« Martinez; e a mulher do dicto consul,—declaro-  
« os todos conspiradores; e os condemno á mor-  
« te. Mando pois que esta sentença seja *inconti-*  
« *nenti* executada: para o que hei exautorado o  
« referido Palacios da jurisdicção de Sacerdote, e  
« Bispo. Quartel General do Acampamento em  
« Lomas-Valentinas aos 27 de Dezembro de  
« 1858 ». Está assignado.

LOPES

Antonio Leguizamon, encarrego-te de justicar  
esses presos, e tambem os 34 Brasileiros desta  
lista. (*Entrega-lh'a.*)

LEGUIZAMON (*lendo*)

1º A prisioneira Irsilia Maria Resedal. 2º a  
sua mãe Servula de Andrade Resedal. ..

MADAMA

Quanto a esta, convem primeiramente interro-  
gal-a: póde adiantar esclarecimentos sobre a  
conspiração.

LOPES

Coronel, addia a execução da Resedal mãe, até  
segunda ordem. Quero que todos soffrão a mor-  
te sem estrepito do supplicio das armas, pela  
quebra da espinha dorsal. As mulheres porém  
serão fuziladas. Minhas irmãs Raphaela, e In-  
nocencia assistão a execução dos maridos, e de  
pois sejam açoutadas.

MADAMA

A Resedal tambem acompanhe á filha. O *es-*  
*pectaculo* será edificante.

LOPES

Padre José, presenciárs a execução, e virás  
dar-me conta. Partão.

Scena 5.º

LOPES, e MADAMA

MADAMA (*A' parte*)

Sirvamos á Leguizamon. (*Alto*). Francamen-  
te extranho algumas de tuas condemnações.

LOPES

E eu a tua extranheza. A noticia, que o Mar-  
quez de Caxias corrompera alguns dos nossos  
para nos assassinares, recebi de ti; e não foste  
tu á declarar-me que a intenção era acclamar  
Presidente meu irmão Venancio?

MADAMA

Mas nem todos os que condemnas são por mim indicados.

LOPES

Madama, os Paraguayos prisioneiros do inimigo são numerosos; as deserções frequentes; a mortalidade da nossa gente enorme. Os soldados já mal encobrem o descontentamento, e murmurão-me o epitheto de cobarde. Em cada sorriso se abriga uma traição; em cada mão avisito um punhal. A infernal declaração da triplice alliança, de que a guerra só é feita á mim, poz interessados em minha morte todos os que dezejam a paz. Preciso inculcar terror; cortar cabeças de papoulas, para que não haja na Republica alguem apto á substituir-me.

MADAMA

A filha da Resedal não entrou na conspiração; não ameaça tua vida....

LOPES *(levanta-se)*

Assim fallas porque ainda não tive tempo de te referir seu crime. Vem, quero mostrar a denuncia que recebi, e desistirás de protegela. *(Entrão na casa.—Desfila no fundo do Theatro o prestito dos condemnados, constantes da scena 4ª, decididamente escoltados; indo bem visiveis as personagens conhecidas: — Irsilia, Servula, Leguizamon, e Arzamendia.—Musica funebre durante o prestito.)*

Scena 6.ª

MADAMA, *(só); depois de entrar no Pavilhão, e sentar-se)*

Aprenda esta terra de selvagens si póde proscriver-me, vilipendiar-me como infame. Graças á força da intelligencia, o Senhor d'elles condemna, sob meras asserções minhas, até os seus. Os irmãos, cunhados, o Bispo... *(Ouvem-se as descargas, de fuzildamento das mulheres)*. Aquellas já não me aviltão mais; os que restão tambem, á um aceno meu, cairão. Nem as mulheres, e filhas perdão *(apontando para as duas moças, que a acompanhão durante todo o acto)*:—estas já ahi estão escravas.

Scena 7.ª

MADAMA, E LOPES; afinal ARZAMENDIA

LOPES

Madama, é preciso dizer-te: lugubres apprehensões me accommettem n'este lugar de nome talvez providencialmente fatidico. Já reflectiste que se chama *Angustura*?

MADAMA

Si a posição é desesperada, procuremos outro refugio.

LOPES

Até aqui tive sempre franco o norte por onde escapar. Agora porém está realisado o que nunca me pareceu possivel. Por esse lado o Caxias,

e o grosso do seu exercito ; no Sul parte das forças alliadas.... Madama, estamos totalmente cercados, em verdadeira *angustura*.

MADAMA

Resta-nos ainda o poteiro Marmore.

LOPES

Já está tomado.

MADAMA

Porque então recusaste a paz que o Caxias offereceu-te ?

LOPES

Não me é dado mais recolher-me á vida privada :—preciso de exercito entre mim, e meus inimigos pessoases.

MADAMA

Com effeito, são muitos os Paraguayos que te hão escripto, abrigados no estrangeiro, jurando que, para vingarem parentes mortos, matar-te-ão, qualquer que seja o ponto da terra á que te acolhas.

UM SOLDADO

Senhor, o almoço !

ARZAMENDIA

A sentença de V. Exc. foi, como cumpria, fielmente executada.

**Scena 8.º**

MADAMA, E LOPES

LOPES

Estou com appetite devorador !... Vamos almoçar, Madama. (*Ao chegarem á porta da casa, rompe, e continua até o fim, o fogo da batalha.*)  
Que será ?!...

MADAMA

Não vez que depois do bombardeamento ahi vem os alliados !

LOPES (*perplexo*)

Fujamos.

MADAMA (*tambem perplexa*)

Mas por onde ?

**Scena 9.º**

OS MESMOS, E LEGUIZAMON

LEGUIZAMON (*apressadamente*)

O inimigo investe pela frente, e retaguarda, cortando todas as direções.

**Scena 10.º**

OS MESMOS, (menos LEGUIZAMON),

E ARZAMENDIA

ARZAMENDIA

O exercito destroçado !... O inimigo a meio tiro de fuzil !...

LOPES

Eston perdido !!

ARZAMENDIA

Fujamos pelo poteiro.

MADAMA

E' impossivel.

LOPES

Fujamos. (Saem todos apressadamente.—Desde que rompe o fogo até o fim do quadro reina grande confusão.—As sentinellas, á porta da residencia de Lopes, e os soldados e officiaes da sua guarda se dispersão, e procurão fugir.—Avistão-se officiaes e soldados, com armas na mão, fugindo do combate.—Lopes e Madama se mostrão indizicos até o momento em que fogem.)

ACTO 5.<sup>o</sup>  
QUADRO 8.<sup>o</sup>

OS ESPECTROS

Acampamento de Lopes no Serro Corá.—No fundo, grande barraca interiormente visivel, tapetada ricamente, e mobiliada, contendo um piano.—De um lado, e outro as estradas, que formão as unicas saídas do acampamento.—A' direita casinhas de palha, baixas; á esquerda mato virgem, e taquara!, assim como no fundo.—Soldados de sentinella na barraca.—Uma carroagem proxima á ella. — Da scena 4.<sup>a</sup> á 14.<sup>a</sup> avistão-se alguns soldados e raros officiaes, sós, ou acompanhados, conversando, parados, atravessando a scena, ou passeando.

Scena 1.<sup>a</sup>

ARZAMENDIA (só, vindo de fóra).

Tudo em paz.... Agora minha estrella.... E' incrível! Ha mais de anno em meu poder, sempre á despresar-me. Em balde agrados e doçu-

ras.... cancei. Regeita-me carinhoso, acceitar-me-á desabrido, e grosseiro. Ha creaturas assim: o azurraque as apruma.... Tiremos bulha com ella. (*Chegando á porta da 1.ª casinha, com voz senhoril*). Henrique!

**Scena 2.ª**

ARZAMENDIA, E IRSILIA (*em traje Paraguayo de homem, vindo dessa casinha*).

ARZAMENDIA

Devemos convir, Irsilia, que represento papel bem ridiculo; e has de rir de tanta simplicidade. Queria á força de afagos conquistar-te o coração.... Parvoice! A' amabilidades respondem repulsas. Convém um dia acabar com isto, e o dia é hoje. Sou facil de contentar, pôde-se amar, pondo de parte o coração, eu me contento com este genero de paixão.

IRSILIA

Eu não o temo. O senhor me respeita; porque nada pôde contra mim. Sabe que, presando eu a honra acima de tudo, no momento em que ousasse conceber á simples ideia de attentar contra os deveres da honra, eu correria áquelle de quem o senhor é escravo, e diria:—o padre José abrio as portas á prisão de minha mãe....

ARZAMENDIA

Já disse mil vezes, foi Leguizamon; induzindo-me para isso á pror a demora da execução della.

IRSILIA

O padre José no fuzilamento das mulheres extrahio as balas das espingardas que tinham de matar-me, e aconselhou-me na descarga de cahir, fingindo-me morta.

ARZAMENDIA

Ainda artimanhas de Leguizamon.

IRSILIA

O padre José, acompanhado de Leguizamon, levou-me junto á minha mãe; eu e ella iamoz fugir, quando, cahindo Leguizamon morto por uma bala, o padre José manda-me á força separar-me d'ella, e arrastar-me consigo. O padre José forneceu-me estes trages; occulta-me; e seu fim.... (*Pausa*).

ARZAMENDIA

Concluiste? Repito, a salvação de ambas foi tramoia do astucioso Leguizamon.

IRSILIA

Em que podia ella interessal-o?

ARZAMENDIA

E' o que lhe perguntei quando elle instava comigo para cuadjuval-o, e aqui está o que vim a saber: Em Lomas-Valentinas fallava-se que Lopes não podia escapar; Leguizamon queria que vivesseis, tu e tua mãe, para reclamar as riquezas que vos confiscarão; porque Bergara, de

posse, como teu marido, da que te pertencia, tinha de repartil-o com elle. (*A' parte*). E Leguizamom comigo. (*Alto*). Si Lopes se salvasse, o viverdes ambas de maneira alguma prejudicava o negocio. Tu passavas por morta, e tua mãe estava condemnada; Bergara como teu marido faria a reclamação; mas Leguizamom morreu; o Quartel General, onde existia tua riqueza, foi tomado pelo inimigo; fahou assim a empresa. Eu tinha minhas vistas sobre ti, agarrei-te. Eis ahi tudo.... Dizes que nada posso. Pois bem; vou referir á Madama tua ressurreição d'entre os fusilados.

IRSILIA

A ameaça não me assusta, essa arma tambem o fere.

ARZAMENDIA

De mim não tenhas cuidado. Hoje sou o valido de Suas Excas., confessar-lhes-ei que fui eu proprio á salvar-te. Me figurarei victima de furiosa paixão, e á ti amada de que estou farta. Madama enlouquecerá de prazer por ver-te difamada, e á sua disposição, já que tua mãe escapou-lhe. Dou-te uma hora para te decidires. Ama-me, ou entrego-te ás vinganças dessa mulher inexoravel. Eis este ramo, (*quebra-o de um arbusto*); colloca-o á porta, como signal que me acceitas. Si eu não o vir lá, dirijc-me á ella directamente, sem mais tir-te nem guarde. Agora acreditarás que estou decidido.

Scena 3.<sup>a</sup>

IRSILIA (*só*).

Ai! Elle realisará a ameaça!.... Já uma vez denunciou-me, e seu amor agora é odio que o desvaira á ponto de se suppor invulneravel. Que farei? A' ninguem conheço; e quem se atreveria á acoutar a condemnada? Fugir.... mas para onde? Nas duas unicas sahidas as guardas avancadas.... Os Brasileiros acampão ha mais de cem leguas. Até lá rios, mattas, tremendaes.... não ha caninho. Elles nem siquer sabem que estamos aqui—em Serro-Corá. Posso esperar repentino assalto á libertar-nos, como em Lomas-Valentinas?.... Meu Deus, durante mais de 5 annos de perseguições sobrava-me a fé! Hoje ella abandona-me, o espirito fraqueia.... Ai!.... Desamparada até de vós! Senhor, trai-me a vida.... Sim; conservar-me aqui, a pé firme, á esperar a morte; como á mulher do Coronel Martinez quebrarem-me os ossos; flagelarem-me de mil modos.... Não; essa morte, não.... Quero outra.... Sou fraca mulher; mas ao desespero pedirei a coragem.... Ma'ar-me (*chorando*), ai!.... mas nas minhas circumstancias não me resta outro recurso. Deus se amerciará de mim. (*Entra na cazinha*).

Scena 4.<sup>a</sup>

ARZAMENDIA, (*só*).

Volto; arrependi-me.... Denunciar-me á mim proprio!.... Até lá não sobe-me a estulticia....

Não quero ser também demolido. Asseverei para animorisal-a.... Póde acreditar, e accusar-me. Foi leviandade.... O dito por não dito. Felizmente desta vez não escrevi; e volto á tempo. Para Lopes a vida alheia nada vale; mata com facilidade admiravel.... A propria Ina Carrilho, mãe d'elle, hoje executão. O sangue é sua festa.... Dar-lhe o meu!.... Velarei que ella se conserve ali, sob a pressão da ameaça. Finda a hora que marquei, si não obtiver nada, jurar-lhe-ei que estava gracejando. (*Medita*). Não; não; Satanaz intrometter-se-á de novo á desarranjar-me os calculos.... Vamos prevenil-a quanto antes de que não a denuncie. (*No enca-minhar-se para a casinha encontra Lopes*).

### Scena 5.<sup>a</sup>

ARZAMENDIA, E LOPES, (*vindo da parte interna incisi-vel da barraca*).

LOPES

Alguma novidade?

ARZAMENDIA

Tudo em paz, sómente ainda não chegou a parte do Passo das Taquaras; mas fiz seguir ordem indagando o motivo.

LOPES

Quando seguio?

ARZAMENDIA

Ha muito; já devia ter vindo a resposta.

LOPES

Parta já nova guarda á render a que lá está. (*Arzamendia derige-se á casinha de sua residencia*).  
Aonde vaes?

ARZAMENDIA

Escrever a ordem, senhor.

LOPES

Não é preciso; o negocio urge; apresenta este anel. (*Dá-lho*).

ARZAMENDIA (*A' parte*).

Diabo!.... A hora se vence!.... Ella me denunciará!....

### Scena 6.<sup>a</sup>

LOPES (*só*).

Não me preoccupa nem a picada de Chiriguelo, nem a do Passo das Taquaras. Para o inimigo chegar até aqui não ha outro caminho, e ambas são longas, peniveis, e desconhecidas de todo mundo.

### Scena 7.<sup>a</sup>

LOPES, E MADAMA

MADAMA (*em soliloquio*).

E' extranho!.... Um espectro!.... (*A' Lopes*).  
Cres tu que resurgão os mortos? Acabo de vêr

uma das suppliciadas em Lomas-Valentinas....  
Eu me sentara sobre uma pedra na picada de  
Aquidaban, de repente ouço bulha no mato....  
Olho, vejo.... Irsilia! Sómente pareceu-me cada-  
verica.... como que coberta de sangue.

LOPES

Essas conspiradoras eu chegava á janella  
quando as espingardearão. Vi as transportarem.

MADAMA

Ainda sinto-me muito commovida!....

LOPES

Fantasmas da imaginação. Também á mim,  
depois das execuções no Panadeiro, appareceu-me  
Venancio Lopes.... Era dia; eu estava acorda-  
do, em todos meus sentidos.... eis avisto esse  
meu irmão morto, todo negro.... também das  
arterias gotejava-lhe sangue.... A fronte carrega-  
da, ar severo.... fitou-me longamente.... Quiz  
gritar, falhou-me a voz.... Vagaroso avança....  
Eu estava inundado de gelido suor, com os ca-  
bellos eriçados, entorpecido, estatico.... Ao er-  
guer descarnada mão sobre mim, cahi desacor-  
dado....

MADAMA

Impossivel enganar-me! A mesma estatura,  
a mesma fisionomia....

LOPES

Madama, aqui ninguem entra sem que o sai-

bamos; e das pouco mais de 400 pessoas que te-  
mos, conheceis todas, principalmente as mu-  
lheres.

MADAMA

Acho-me reanimada, vou eu mesma verificar.

**Scena 8.<sup>a</sup>**

LOPES, depois ARZAMENDIA

LOPES

Referi uma apparição, e contudo ultimament<sup>e</sup>  
se multiplicação á apavorar-me!.... De seus se-  
pulchros meus parentes justicados se arguem to-  
dos!.... Ainda depois de mortos conspirão!.;  
Cada dia um espectro!.... Vivo aterrado.... Oh!  
O inferno deve ser assim. (*Cahe em meditação.  
Passa a guarda commandada por um Major, que vae  
render a do Passo das Taquaras*).

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Irsilia terá me accusado?.... Eu tremo! (*A'  
Lopes*) Senhor, a guarda partio.

LOPES

Já chegou a parte?

ARZAMENDIA

Até este momento não ha noticia d'ella. (*A'  
parte*) Respiro!

LOPES

Providência a prisão do Commandante logo que apresentar-se, e nas execuções de hoje seja fuzilado.

ARZAMENDIA (*partindo*)

Satanaz não deixa-me desarmar a tramoia.

**Scena 9.<sup>a</sup>**

LOPES, e MADAMA

MADAMA

E' assombroso !.... Nenhum vestigio de sua passagem. Verdadeira visão, evaporou-se !

LOPES

Deixemos estas chimeras. Acreditarás que até agora não ha noticias do Passo das Taquaras ?

MADAMA

De que serve a parte banal, tudo em paz ?.... Eis o que é chimera.

LOPES

Sei que o inimigo nunca virá á Serro-Corá ; e que viesse, os piquetes postados em ambas as saídas, avisarião com antecedencia tal, que accommetidos por um lado, fugiriamos por outro. A demora não me inspira cuidado. Estou tão certo de sua nenhuma importancia, como que, no papel de Juarez que represento, serei tão feliz

como elle. Viverei á fugir.... O Imperador— cançará. Vaticino á guerra o mesmo exito dado Mexico, mas não tolero negligencias. (*Entra na barraca*).

**Scena 10.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, depois ARZAMENDIA

ARZAMENDIA (*A' parte*)

A hora passou.... Não ha ramo na porta.... Que succederia ? (*Alto dentro da barraca onde se acha Lopes*). A ordem de V. Exc. será fielmente executada. (*A' parte*). Deus !.... Nem olhou-me !.... Soaria minha hora ?.... (*Entra na cozinha onde havia entrado Irsilia ; e Lopes no interior da barraca, onde desaparece*).

**Scena 11.<sup>a</sup>**

MADAMA, depois ARZAMENDIA

MADAMA

As irmãs, e mãe de Lopes erão as unicas que tinham escapado ; accusei-as de tentarem propinar-nos veneno ; e para ellas d'aqui á uma hora a morte. A vingança pois se completaria hoje, si Resedal não esivesse agora lá entre os seus, na Assumpção. Em verdade achar-se-á a filha viva ? Tudo dera por saber-o. Eu não creio em viões. Já uma vèz vi de relance sair da casa de Joanna Gavillan um moço parecido á irmão d'ella.... Essa tia do padre José a protegerá ?

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Irsilia sahio pela porta interior ! Entregou-se, e accusou-me ?... Onde esconder-me ? !....

MADAMA (*A' parte*)

Uma experiencia; culpemos o padre. (*Alto*). Está me a parecer, padre José, que os supplicios á ninguem exemplão: do sangue dos traidores brotão novas traições, até do teu lado !... Impalideces ? ! Tremes ?... entretanto não me referia precisamente á ti !

ARZAMENDIA (*reanimando-se — á parte*)

Planta as verdes.... (*Alto*) Como não assustar-me ? Nos labios de V. Exc. a desconfiança !....

MADAMA

Ao que é que chamas desconfiança quando se tem a prova viva.... viva; entendes ? De saude; andando.... á sombra de quem não se imaginava !

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Misericordia !.... Denunciou-me ! (*Alto*). Por mais tratos que dê ao espirito, não posso perceber ao que é que V. Exc. allude.

MADAMA

Uma só palavra decifra o enygma. Irsilia vive em Serro-Corá.

ARZAMENEIA (*A' parte*)

Estou perdido !

MADAMA

Que respondes, padre José ?

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Eu tremo ! Confessemos antes....

MADAMA

Encontrei-a, sahindo da cazinha de tua tia.

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Não denunciou-me. (*Alto*). Estou confuso; e cada vez percebo menos ! Acaso Irsilia não foi fusilada ?

MADAMA

Esqueces que aqui nada se ignora. A prisão traz a tortura, e o medo das torturas a confissão de tudo.

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Prenderão-na, confessou.... Estou morto !

MADAMA

Ah !.... Como não occorreu-me.... Estava aqui á perder tempo. Padre, acompanha-me, vamos alcançal-a, fazel-a prender.... Tomou por este lado. (*Saem pela direita*).

## Scena 12.<sup>a</sup>

LOPES (*Vindo do interior da barraca para a parte vizivel, senta-se no sofá*).

Sinto-me á cahir em horrido abysmo, sem

nada mais á que me segure, nada que me detenha !.... Sempre atribulado, enfurecido.... á temer tudo !.... Não logro si quer adormentar o espirito.... (*Recosta-se, adormece, e sonha*). Vencido !.... Porque ?.... Será inhabilidade de officiaes ? !.... Cobardia dos soldados ? !.. . Traição ? ! Que falta ?....—O Céu. O inimigo... é a civilização ..... Tu.... Tu.... és monstro. (*Ergue-se dormindo*). Quem me chamou monstro !.... Matem !.... Morra !.... (*Recosta-se, e continúa a dormir*).

### Scena 13.

LOPES, E IRSILIA (*escoltada, e em traje de mulher, trazendo sobre a cabeça mantillete, á moda Paraguaia, encobrimdo-lhe o rosto;—vindo da esquerda*)

UM SOLDADO da escolta (*á Lopes na barraca*)

Senhor, esta mulher estava aliciando soldados para fugirem com ella.

LOPES (*abrindo os olhos*)

Novos expectros ! (*Cobre a face com as mãos.*)

IRSILIA

Sim, chegou para mim o dia da morte, para elle o da verdade. Senhor, havia em não sei que antro da Europa uma hyena sob as formas de anjo, que um sabio, á quem fascinara até esposar-a, repudiou. Alguem, vicima de igual

seducção, a trouxe para aqui á seu lado. Mas as mattas da America despertão-lhe os instintos brutaes, e ella sonha fazer do amante escravo seu, e do escravo despota do Prata. Impelle-o á chamar a si todos os poderes, e á envolver-se em guerra de exterminio. Grandes e pequenos, creanças e velhos, á todos infleirão no campo da batalha ; as mulheres atirão ao grosseiro trabalho dos homens. Vem a cholera do Céu, associada ás balas, ceifar vida aos milhares ; não importa ;—ainda aos vencidos o algoz decepa a cabeça ; e o exercito desfaz-se, como ondas de fumo ao sopro do furacão ! A sede de sangue porém, que á ambos devora, não se sacia ; que-rem sangue, mais sangue.... Matão as senhoras principaes, os homens importantes, todos os estrangeiros ; matão os proprios cunhados, e irmãos !...

LOPES

Horrendos expectros !... Eu deliro !...

IRSILIA

Basta de sangue ? Não. Ambos, acossados, percorrem a republica em busca de um refugio ; e intimão o minguido povo á seguil-os. O povo está á morrer de fome : mulheres, creanças, velhos, cançados, sem força, caem na estrada :—são todos lanceados. Uma povoação de 10 mil almas deserta, protegida por bayonetas brazileiras :—mandão passar todos ao fio da espada ! E' uã matança horrivel ! !... Peior que o sopro da peste, tentão exterminar a nação toda, homem por homem ; converter o Paraguay em vasto cemi-

terio.... Estão fartos de sangue ? Ainda não:—a hyena cobiça o do proprio amante.... o da mãe d'elle.... Tambem ella vae morrer!... Pois bem ; o amante é o Presidente da Republica, a hyena essa estrangeira, cujo nome os labios recuzão proferir, temendo se poluirem. Mas a mãe d'elle não é innocente ; de crime hediondo deve Ina Carillo pedir perdão ao mundo inteiro :—é ter dado a luz do dia á Francisco Solano Lopez !

LOPES (*com os olhos fechados*)

A visão mais pavorosa !... O suor inunda-me !... Onde estou ?... Que dixerão ? !...

### Scena 14.

OS MESMOS, MADAMA, E ARZAMENDIA  
ARZAMENDIA

Pura fantasia, Madama.

MADAMA (*avistando Irsilia*)

Aqui está a fantasia, Padre José !

LÓPES (*ouvindo a voz de Madama, abre os olhos*)

Madama, (*apontando*) os espectros !... Eil-os, os soldados degolados !... a mulher fuzilada !... Vede como estão lavados em sangue !...

MADAMA

Desperta.... Abre os olhos !... Ves :—é a filha da Rezedal, viva.... Eu não es ava louca.

LOPES (*levantando-se, e encarádo-a*)

Viva !...

ARZAMENDIA (*A' parte*)

Fujamas. O anel sevirá para escapar-me (*sahe disfarçadamente ; depois corre.*)

### Scena 15.

OS MESMOS, menos ARZAMENDIA

MADAMA

Seja executada já.

LOPES

Sim ; morra (*Os soldados segurão em Irsilia*)

IRSILIA (*arrancando-se as mãos d'elles*)

A hyena quer sangue ; dê-lhe o seu, (*apontando Lopes*) o senhor que é seu escravo ; mas o de filho da terra da liberdade só terá á preço da vida....

MADAMA

Morra a nossa vista no supplicio das armas.

LOPES

Executem-na.

IRSILIA (*emquanto preparão o supplicio*)

Não me desdoura o cadafalso. Quem me con-

demna é Solano Lopes; mas á vós... é a posteridade, como o Nero da America. (*Os soldados terão começado á sugeital-a ao supplicio nas armas, descripto na advertencia, quando ouvem-se tiros de fuzilaria.*)

LOPES, E MADAMA (*tremulos*)

Estamos perdidos !...

### Scena 16.<sup>a</sup>

OS MESMOS, E RESQUIM; depois AMARANTE (*então Major*)

ARZAMENDIA (*correndo*)

O inimigo !... Ahi vem por Aquidaban !...

LOPES

Fujamos !. . Resquim escolta á Madama, e meu filho. Sigão para Chireguello. (*Lopes sae pelo lado esquerdo; Madama, e o filho pequeno entrão no carro, e partem pelo lado direito. Os Paraguayos tambem fogem.*)

ARZAMENDIA

Senhora, perdoai-me; protegei-me.

IRSILIA

Não correis perigo (*Desde os tiros,—grande confusão.—Soldados Paraguayos correm por um e outro lado.—Alguns soldados Brasileiros.*)

UM d'estes SOLDADOS (*á Irsilia*)

Nossas armas estão com fome.... perdemos o cartuxame na passagem do rio.... temos polvorra.... falta-nos buxa.

IRSILIA (*rasgando em tiras a saia do vestido*)

Toma (*da-lhe as tiras.—Sae, e Arzamendia, acompanhando esses soldados.—Acclamações dentro. Vozes: Victoria!... Viva o General Camara!—Lopes, e um official Paraguayo, á cavallo, passão á galope. Logo em seguida um cabo, official, e soldados, todos Brasileiros; e depois o General Camara, o Major Amarante, e soldados Brasileiros, indo desordenadamente no encalço d'elle. Desde então Paraguayos, e soldados Brasileiros, em scena confraternizão.*)

AMARANTE

La vae, General.... Persigamol-o.—Viva o General Camara! (*Os soldados dentro, e fora respondem. Depois da 1.<sup>a</sup> carga, ainda por algum tempo ouvem-se alguns tiros.*)

### Scena 17.<sup>a</sup>

IRSILIA, SOLINA, ARZAMENDIA,

IRSILIA

Seres noiva de Amarante! Não cesso de admirar!

SOLINA (*em trage de vivandeira, com mais 2 outras; cada uma fardada segundo o uniforme dos batalhões á que pertencem*)

SOLINA

Tratei-o quando ferido.... apaixonei-me!... Vou contel-o; obstar loucuras.... Eis o Barão de Emongetá. (*Sae.*)

### Scena 18.

OS MESMES, (menos SOLINA), E GRACILIO

IRSILIA (*sem ter ouvido as ultimas palavras*)

A' Solina a felicidade!... Do que é impossivel desiste!... Porque tambem não nasci inconstante?...

GRACILIO (*com farda de Coronel, e muito condecorado*)

Irsilia!... (*corre para ella*). Enfim....

IRSILIA

Gracilio!... (*avança; retrocede*). Senhor!...

GRACILIO

Que significa isto?

IRSILIA

Significa que para todos desponta n'este momento a aurora da felicidade; só eu não tenho senão pranto (*chorando*.)

GRACILIO

Irsilia, no escuro do combate eras tu a estrella á luzir-me.... minha esperança.... meu futuro.... Arrotei tudo.... a coragem tua obra; estas distincções á ti devo.... E eis-me. (*Estendo-lhe a mão; ella recua assustada.*) Qual é meu crime?!...

IRSILIA

Senhor, eu sou casada.

GRACILIO (*fulminado*)

Casada!...

ARZAMENDIA (*á parte a Irsilia*)

Já não o sois; vi—o morto ha dous passos.... Estaes livre.

GRACILIO

Casada!...

ARZAMENDIA (*á Irsilia*)

Corro á certificar-me (*Sae pelo lado direito.*)

### Scena 19.

IRSILIA, E GRACILIO

GRACILIO

Nutrir, infantilmente credulo, um unico desejo, á que se tende com louca avidéz.... Por mais de 5 annos viver de uma só ideia, pela qual se sa-

crifica tudo.... Oh !... As mulheres são infames !... A' que vil Paraguayo te vendeste ?

IRSILIA

(*De costa para o lado direito olha para esse lado.—A' parte*). Nada (*ao voltar se para o esquerdo, avistando Bergara*). Meu esposo, eil-o!...

**Scena 20.ª**

OS MESMOS, E BERGARA (*palido, e maltrajado*)

BERGARA

Meu amigo!... vosso pai salvou-me....

GRACILIO (*á Bergara, que avança á elle jubiloso*)

Detende-vos, Senhor! Entre vossa fortuna e minha desgraça, hoje a aversão se ergue á separar-nos.

BERGARA

Não sou vosso adversario, Senhor Barão, nem podeis ser meu. Meu credor de devida que jamais se salda, devo alguma cousa offerecer-vos por conta. Restituiste-me á liberdade, eu vos restituo á ventura. Senhora, não tenho a fortuna de ser vosso esposo.

IRSILIA

Que ouço ?

BERGARA

Casamento que o sacerdote não consagra, sem solemnidades, á capricho de um despota,—nada vale. Do nosso nem fica-vos sobre a honra macula alguma. Senhor Barão, tudo quando houve foi darmos nossos nomes na policia; logo depois o Presidente mandou-me á guerra.... Agora pela primeira vez tenho á honra de vel-a.

GRACILIO (*para Bergara*)

Está nullo o casamento, o altar se improviza; Padres não faltão. Os corações é que se casão; as formalidades não destroem seus direitos. Levai-a; ella agora me é indifferente.

IRSILIA

Nasci por força sob má estrella. Senhor, já mais por outrem palpitou-me o coração....

GRACILIO

O coração á mim: a mão á outro. Prefiro a paixão vulgar: ambos á um só.

IRSILIA

Meu crime é elevar o amor até a loucura. O fatal casamento é justamente a prova que me justifica.

GRACILIO

Obrigado por tão louca paixão! Tenho entretanto o máo gosto de imaginar que convinha-me talvez a troca dos papeis: por amardes ao Senhor Tenente, me reservardes a mão.

IRSILIA

A zombaria !... Mate-me, Senhor ; mas não me despreze.

**Scena 21.**

OS MESMOS, E ARZAMENDIA

ARZAMENDIA

Senhor Barão, digno-se V. Exc. lançar os olhos para este documento (*entrega-lhe uns Autos, cujo documento elle lê.*—A' Irsilia). Senhora, eu sabia onde paravão os papeis relativos a condemnações, procurei o processo do Tenente Ramon Bergara. O documento é a carta que escrevestes a vossa mãe no dia do casamento, e que juntarão á esse processo.

GRACILIO (*depois de ter lido a carta ; chorando*)

Irsilia !... Irsilia !... Perdão !... (*prosta-se á seus pés—Irsilia soluçando o ergue ; abração-se.*—*Acclamações dentro—Vozes : Viva o Brazil !... Viva o General Camara !... Soldados correm para esse lado, que é o lado por onde sahio Lopes.*)

**Scena 22.**

OS MESMOS, ROBERTO (*muito condecorado*) AMARANTE, SOLINA, E AS DUAS VIVAN-

DEIRAS

AMARANTE

Victoria !... Merce de Deus findou-se a guerra !... O tiranno morreu ; a amada acha-se preza !...

TODOS

Morto !...

ROBERTO

Pela terminação de tão cruenta guerra se eleva ao Onipotente no silencio do coração o eterno reconhecimento da Patria. (*Solina logo que entra abraça o irmão, e conversão—Soldados Brasileiros, e Paraguayos se congratulão.—Entrão os batalhões e cavallaria da brigada do General Roberto silenciosamente, á dous de fundo, tendo estado fora da scena em linha, e portanto trazendo as bandas de musica, e bandeiras no centro ; estas enegrecidas, e rotas.—O batalhão do Coronel Gracilio vem sob o mando do Official, que o substitue.—A força se alinha.—Todas as manobras se realizão absolutamente sem róz alguma de commando.*)

GRACILIO (*Empunha a bandeira Brasileira,—vindo para á frente, e descobrindo-se todos*)

Viva o Brazil ; e os (*Alliados ! A brigada, e Paraguayos presentes respondem.*—*As bandas de musica executão o Hymno Nacional.*—*A força desfila em retirada.*)

FIM

# O CONDE DE OUREM

O CONDE DE OUREM

O CONDE DE OUREM

**DRAMA HISTORICO**

EM I PROLOGO, 4 ACTOS

E

7 QUADROS

**AO SR. VICE CONSUL**

DA

NAÇÃO PORTUGUEZA N'ESTA CIDADE

COMMENDADOR

**Felix de Abreu Pereira Coutinho ;**

EM TRIBUTO

DE VENERAÇÃO AOS PORTUQUEZES,

E

**De amizade, e distincta conside-  
ração ao mesmo Senhor.**

O. D. E C.

**O AUTOR**

## PERSONAGENS (1)

- D. João Lourenço da Cunha, fidalgo 30 annos  
João Fernandes Andeiro, depois Conde de Ourem;  
28 annos  
El-Rei D. Fernando, o *Formoso* 31 annos  
O Infante D. João, filho de El-Rei D. Pedro I;  
26 annos  
O Mestre d'Aviz, filho natural de El-Rei D. Pedro; 13 annos  
Mem de Palomeque, fidalgo; 45 annos  
O Bispo de Lisbôa, D. Martinho; Castelhana  
Ruy Pereira; fidalgo  
Dr. João das Regras.  
Diogo Lopes Pacheco; fidalgo  
Vasco Martins de Mello  
João Affonso de Baeça  
O Arauto  
Um Homem do povo  
D. Leonor Telles de Menezes; 20 annos  
D. Maria Telles de Menezes; 19 annos  
A Infante D. Brites, filha de El-Rei D. Pedro;  
18 annos  
Uma Velha feiticeira; 50 annos.

---

(1) Com excepção de Mem de Palomeque, Ruy Pereira, e a Velha-feiticeira, todas as mais personagens referidas por seus nomes proprios, ou titulos são historicas.

Os condes D. Alvaro ; de Barcellos ; e de Ceia ;  
Gonçalves Taide ; Fernando Antonio de Çamora, fidalgo Castelhana ; a Infante D. Beatriz ; Donas, e Donzellas ; Fidalgos ; Escudeiros ; o Prior de Guimarães ; um Tabellião ; Soldados ; Homens armados de alabarda ; Creados ; Povo.

O Drama se passa em Lisboa : o Prologo em 1371 ; e os actos 12 annos depois—em 1383.

## TITULOS DOS QUADROS

- 1.º A indiscrição
- 2.º A prisão.
- 3.º A calúnia.
- 4.º Tardio escrupulo
- 5.º A ambição
- 6.º Um Iscariota.
- 7.º O envenenamento.

## Advertencia para a Representação

Na declaração da idade das Personagens referimo-nos ao anno de 1371, em que se passa o Prologo.

Sobre as vestes do Rei, e Mestre d'Aviz, veção-se as estampas da *Historia de Portugal por Manoel de Faria e Souza*, ou nos *Dialogos da Varia Historia de Pedro de Mariz*.

No 4.º acto os fidalgos trajão luto : isto é, o burel branco ; excepto o Conde de Ourem, que se apresenta de preto, signal de alegria n'aquella epocha, isto é, traz gibão de setim carmesim, e tabardo de pano preto fino. Segundo se vê no capitulo 8.º da *Chronica d'El-Rei D. João I por Duarte Nunes de Leão*. O Mestre d'Aviz n'esse acto chega de Santo Antonio de Tojal, vestido de cotta de malha ; e o seu sequito igualmente com cottas, braçaes, e espadas cingidas, como homens que vem de caminho, conforme se vê no citado Autor.

Do 1.º acto em diante a divisa do Rei é : *Uma espada que do mesmo golpe atravessa dous corações ; e tem por alma as letras : Cur non utrumque.*

## PROLOGO

### QUADRO 1.º

#### O CASAMENTO

Sala do Paço Real de Lisboa, dando para outras. —  
Mobilia á gosto da epocha.

#### Scena 1.ª

ANDEIRO, E D. MARIA (*sentados, em conversação íntima á terminar*)

ANDEIRO

E' vossa última palavra ?

D. MARIA

Leonor é casada, e....

ANDEIRO

Para sermão sois mulher, para conselhos creança.

D. MARIA

Entretanto é mister que sempre afeita á fazer quanto lhe apraz, ao menos ella se curve ante o impossivel....

ANDEIRO (*Impaciente.*)

Acabemos com isto : persistis na recusa ?

D. MARIA

Si de sua felicidade se tratasse....

ANDEIRO (*Com raiva.—Levantão-se.*)

De sua felicidade não é a vós que tomaríamos por juiz.

D. MARIA

Tambem o papel de instrumento....

ANDEIRO

A soberba vos assenta mal, Senhora; sois a dama predilecta da infante D. Brites. Ella ostenta corôe, e poder de rainha; diz-se em vóz baixa que El-Rei vota-lhe affectos que não são de irmão....

D. MARIA

Ousaes, João Fernandes Andeiro!

ANDEIRO

E Leonor é vossa hospede apenas; uma irmã vinda da Beira á visitar-vos; mas.... o futuro!... quem sabe?... e no futuro ella pôde um dia esquecer que o sangue de seus paes, D. Maria Telles de Menezes, tambem gira em vossas veias (*D. Maria senta-se pensativa.*)

#### Scena 2.ª

D. MARIA, O DR. JOÃO DAS REGRAS, RUY PEREIRA, E MEM DE PALOMEQUE (*entrão pela sala opposta áquella por onde sahio Andeiro.*)

RUY PEREIRA

Sim, Doutor, estes tempos hão sido para mim

de desgraças. O temporal do anno passado quasi reduzio-me á mendicidade.

O DOUTOR

Felizmente, Ruy Pereira, elle faz que El-Rei restaure a *Companhia das Náos*.

PALOMEQUE

As calamidades são de uma vantagem !...

O DOUTOR

Estou encarregado de regulamentar a extinta Bolça do Commercio. Para reparação dos sinistros, as barcas de 100 toneladas á navegar para Flandres, Inglaterra, Normandia, Bretanha, Rochela, etc. pagarão 20 soldos, e metade as de....

PALOMEQUE

Oh! (*avistando D. Maria*). Acolá quem procuramos. (*Dirigem-se á D. Maria*). Mantenha-vos Deus, Senhora; muito me apraz de vos vêr, que é a causa que mais dezejava.

D. MARIA

Senhores, o boato se confirma; Leonor mandou pedir por Andeiro minha coadjuvação.

RUY

Mas.... impossível !...

O DOUTOR

Violação do direito divino, e humano !

PALOMEQUE

Qual !... brincadeira de moça linda !

D. MARIA

Hoje El-Rei D. Fernando consulta o Sr. Bispo; e ao meio dia ha entrevista entre S. Alteza, e minha irmã.

RUY

Posso saber o logar ?

D. MARIA

N'esta sala.

RUY

Senhores, não percamos tempo.

O DOUTOR

Pois que tracta-se da felicidade de Portugal vou ter á El-Rei.

RUY

E eu á D. João Lourenço da Cunha.

PALOMEQUE

Não está máo o modo de divertir um marido !

O DOUTOR

Fallae vós, Senhora, á D. Brites; unica Princesa de sangue regio, sua influencia torna-se immensa.

PALOMEQUE

Eu tenho a pelle um pouco delicada, contento-me de ir espalhando a noticia em segredo.

**Scena 3.**

PALOMEQUE depois o INFANTE D. JOÃO

PALOMEQUE

E' uma conspiração segundo as regras d'arte.

D. JOÃO (*vindo de sala diversa d'aquella por onde sahirão as Personagens da scena precedente*)

Dicerão-me que o Dr. João das Regras aqui estava.

PALOMEQUE

Acaba de retirar-se.

D. JOÃO

Procura-o, e dá-lhe este regulamento da Bolça do Commercio. (*Entrega-o, e vae á retirar-se.*)

PALOMEQUE

Principe, será verdade?

D. JOÃO

Verdade o que?

PALOMEQUE

O boato.

D. JOÃO

Que boato?

PALOMEQUE

Acerca de D. Leonor. Ah! D. João, hoje não se falla no Paço outra cousa.

D. JOÃO

Mas o que é que se falla?

PALOMEQUE

Pois ignoraes?! Então supponde que eu nada disse, sou homem de segredo.

D. JOÃO

Estás me impacientando.

PALOMEQUE

Perdão, Principe, não dezejo ser o primeiro.

D. JOÃO

Quero saber.

PALOMEQUE

Visto me forçardes; (*espia a sala; em voz baixa*), aqui entre nós El-Rei ama.

D. JOÃO

Queres que odeie?

PALOMEQUE

E ella tambem o ama.

D. JOÃO

Novidade incrível ! Um homem e uma moça que se amão !

PALOMEQUE

É que.... não sei si diga, *(olha outra vez por toda a sala.)*

D. JOÃO

Falla.

PALOMEQUE *(Abaixando a vóz)*

D. Leonor intenta casar-se.

D. JOÃO

Com meu irmão, o Rei D. Fernando ? *(Ri-se.)*

PALOMEQUE

Nem mais nem menos ; não quer muito.

D. JOÃO

Pois morreu-lhe o marido ?

PALOMEQUE

Viuvinha fresca.... de genero novo. Nada mais claro : a mulher faz abstracção do marido.

D. JOÃO

Entretanto ha pouco mais de umanno casados!

PALOMEQUE

Um marido é fazenda que mófa cedo;—já está avariado. *(Dá uma gargalhada.)*

D. JOÃO

E que diz D. Fernando ?

PALOMEQUE

Adora á D. Leonor; mas.... *(A' parte)*. Va um pouco na historia por minha conta—*(Alto)*.... mas quando ella lhe falla em matrimonio, logo adoecem os regios ouvidos, El-Rei arregala os olhos, e surdo não percebe mais nada ; a fidalguinha porém, desproposita....

D. JOÃO

E meu irmão vacilla.

PALOMEQUE

Justamente; é a expressão, vacilla ; logo a praça está rendida.

D. JOÃO

E a côrte o que pensa ?

PALOMEQUE

O factio agora é que começa a divulgar-se.

D. JOÃO

A opinião do Conde de Barcellos prevejo : é tio de D. Leonor; mas o outro valido ?

PALOMEQUE

Engano; o Conde, e Pacheco são contra, assim como vosso irmão o Infante D. Diniz, o Dr. João das Regras, Ruy Pereira, a mesma irmã de Leonor, D. Maria Telles, e—aquí entre nós, visto serdes tambem de segredo, como eu,—é contra.... Não advinhaes quem ?

D. JOÃO

Quem ?

PALOMEQUE (*Espiando a sala,  
e abaixando a vóz*)

Este vosso criado, Mem de Palomeque.

D. JOÃO

Diabo ! E' negocio desarranjado ! As princi-  
paes personagens !...

PALOMEQUE

Mas, o Bispo é a favor.

D. JOÃO

D. Martinho !!

PALOMEQUE

E' que.... que diabo ia eu contar !

D. JOÃO

Acaba.

PALOMEQUE

Visto me forçardes—aquí entre nós—ao digno  
Prelado se affigura mais elegante um chapéo de  
Cardeal.

D. JOÃO

E sabe o esposo de D. Leonor ?...

PALOMEQUE

Isso é cousa lá que um marido saiba nunca.  
(*Ri-se*). E vós, D. João, que partido tomaes ?  
Bem vedes sou de segredo, abstive-me de fallar.

D. JOAO

Queres meu parecer ?

PALOMEQUE

Peço.

D. JOÃO

Advinha.

PALOMEQUE

Unido á vossos irmãos D. Diniz, e D. Brites  
impedireis o casamento.

D. JOÃO

Não.

PALOMEQUE

Tentareis dissuadir Leonor.

D. JOÃO

Tambem não.

PALOMEQUE

Fallareis a El-Rei !

D. JOÃO

Não advinhas. E' muito simples: não farei nada.

PALOMEQUE (*Arregala os olhos*)

Não fareis nada!! Nada, absolutamente nada!!

D. JOÃO

D. Fernando quer casar, case.

PALOMEQUE

E Leonor será vossa soberana.

D. JOÃO

Seja.

PALOMEQUE

Bravo! Belleza, e jovialidade não lhe faltão.

D. JOÃO

Espera; sempre farei alguma cousa: coadjuvarei meu irmão. Um Rei póde tudo....

PALOMEQUE (*Dá uma gargalhada*).

E onde achar moça que lhe agrade é sua;  
(*fazendo accionado de quem rouba*)

D. JOÃO

Os Principes não são somenos dos vassallos para que não possam esposar quem lhes convém. De mim digo: meu consorcio hade ser absolutamente livre. Eis como penso.

#### Scena 4.<sup>a</sup>

PALOMEQUE (*só*)

Estes no infortunio nada aprendem; o passado nunca é lição. Ha 16 annos apenas, por ter ousado esposar seu pae, acabou á ponta de punhaes sua mãe, Ignez de Castro! Mas.... Bravo! A historia está divertida:—uã mulher, e 2 mari-

dos! O Paço vae tornar-se serralho de nova especie:—uma odalisca com seu harem de homens!... Temos gente....

#### Scena 5.<sup>a</sup>

PALOMEQUE, D. LEONOR, E LOURENÇO  
DA CUNHA

PALOMEQUE (*Sem os ter reconhecido*)

Sabeis da grande novi... (*reconhecendo-os — á parte*). Safa! Em que ia me afundando—(*Alto*). Sabeis que sou vosso humilde criado, Mem de Palomeque.

#### Scena 6.<sup>a</sup>

OS MESMOS, menos PALOMEQUE

LOURENÇO

Repito não sei que inferno me arremessa ao coração o demonio da duvida!

LEONOR

Que fiz á justificar siquer a sombra da descon-  
fiança?

LOURENÇO

A' Deus não praza jamais o faças.

LEONOR

Entretanto....

LOURENÇO (*pegando-lhe na mão*)

Perdoa; tanto te adoro que de continuo delíro; e tu me amas ?

LEONOR

Não o declarei ante Deus, e os homens?...

LOURENÇO

E serás sempre assim ?...

LEONOR

D. João Lourenço da Cunha, acaso mereço a pergunta ?

LOURENÇO

Es minha preocupação de todo o instante, a ventura do presente, o sonho do futuro. No coração te ergui altar; não tenho cultos para outra divindade....

LEONOR

Casados ha tão pouco tempo !...

LOURENÇO

Ainda que se volvão seculos, heide adorar-te como agora; o que é mister, Leonor, para que me ames sempre,... a mim só ?

LEONOR

Tranquillisa-te. ...

LOURENÇO

Devo receiar perder-te;—és tão bella, tens coração de anjo !... Que sou eu para merecer-te?

LEONOR

O amor te hallucina....

LOURENÇO

Escuta : fui desgraçado desde o berço ; minhas pretensões se malogrão todas ; a ventura só deparo no sonhar das vigílias.

LEONOR

Esqueces nosso consorcio !

LOURENÇO

Sobre nosso consorcio o coração prediz-me as vezes....

LEONOR

Alguma loucura.

LOURENÇO

Sim, Leonor, uma loucura. Parece me entre-abrirão o céu para arremessarem-me ás fúrias do inférno.... Meu Deus, si d'este bello sonho tambem tenho de acordar !...

LEONOR

Repelle do espirito essas ideias que te torturão.

LOURENÇO

Tens razão (*passa a mão na fronte, como que expelindo-as*).... Sabes que estou encarregado de presidir ao meio dia a companhia das Nãos ?

LEONOR

Meu tio, Conde de Barcellos, noticiou-me.

LOURENÇO

Porque lembra-se El-Rei de mim ? !

LEONOR

Quiz n'essa prova de estima destinguir-te.

LOURENÇO

Força-me á deixar-te, eu a dispensava. Sou avaro de instantes á teu lado (*despedindo-se*); volto breve.

LEONOR

E' ainda tão cedo !

LOURENÇO

Preciso para informações fallar antes ao Dr. João da Regras.

LEONOR

Volta logo, sim ? (*Lourenço beija-lhe a mão.*)

### Scena 7.ª

LEONOR (*só*)

Posição encommoda!... Constrangir o coração á apparentar amor que não sente !... Minha ambição porém póde frustrar-se ; é força fingir... Que tédio a companhia d'este homem !... Como pude com vehemencia amal-o ?... Porque sob as

cinzas já não existe centelha siquer d'essa viva chama, tão cedo extincta?!... A corda tem fulgores que fascinão ; entretanto não é ella, é o homem, que a cinge, que se me assenhoreou d'alma ; sinto aqui (*pondo a mão no coração*) que as emoções são de amor. Si fora sede de poder á devo-rar-me, reservara ao Rei apparencias que o illudissem ; percebo que o amo, como nunca amei. Porque ?... Não sei bem.... Talvez por ser elle bello, de belleza que hallucina, e que hade tornal-o conhecido um dia na Historia pelo appellido de Fernando, o *Formoso*.... (*Mirando-se*). E' mister que eu hoje seja bella como nunca ; preciso deslumbrar, seduzir.... (*Vae á um espelho (a); se mira satisfeita*). Estes enfeites não me agradão : vou mudal-os. A mão prometida á filha do Rei Henrique de Transtamara, é a filha de Martim Affonso Tello que ousa disputar. Uma simples fidalga hade supplantar a Infante do reino de Castella.

### Scena 8.ª

LOURENÇO, E RUY

LOURENÇO

Bem (*sentando-se ambos*) N'esta sala estamos á sós.

RUY

Desculpa-me vos fazer voltar : negocio que urge. Tracta-se dev ossa felicidade.

---

(a) Espelho da época. Ainda não havia os actuaes de vidro.

LOURENÇO

Minha felicidade! Uma só me basta; e essa a tenho.

RUY

E' de vosso lar domestico que venho fallar-vos.

LOURENÇO

Que dizeis?

RUY

Permetti sem preludios:—El-Rei ama vossa esposa.

LOURENÇO

A' D. Leonor Telles de Menezes?

RUY

Já elle não faz mysterio.

LOURENÇO *(Com riso ironico)*

Ame-a El-Rei; conspirem-se á amal-a as testas coroadas da Europa inteira, que importa?! Seu immenso poder arrósto, desafio á todos....

RUY

D. João Lourenço da Cunha, sede calmo.

LOURENÇO

Este braço só, e Leonor, una fragil moça, são de sobra á defendermos nossa felicidade.

RUY

Peza-me desenganar-vos: fallae de vós só.

LOURENÇO

Que quereis dizer?

RUY

Que desgraçadamente ha no coração de D. Leonor, écho á responder á afeição de El-Rei.

LOURENÇO *(Pula da cadeira furioso)*

Mentis.

RUY *(arança tirando á meio espada)*

Senhor!... *(Larga a espada, cruza os braços, e paciente ouve.)*

LOURENÇO *(com arrebatamento)*

Mentis pregoeiro de embustes! Mentis... mensageiro de desgraças!... Ah! Encommoda-vos a cabeça sobre os hombros!... Sae,... toma outro rumo, fautor de calumnias! *(Cae abatido sobre a cadeira).* Inferno!... *(Pausa.—Ruy Pereira retira-se vāgarosamente; Lourenço corre para elle).* Ainda não; onde estão as provas?

RUY *(com calma)*

Ao meio dia n'aquella sala *(designando-a com o dedo.)*

LOURENÇO

Mas é impossível !... *(em desespero com as mãos na cabeça)*. Eu estou sonhando !

**Scena 9.<sup>a</sup>**

RUY, E DR. JOÃO DAS REGRAS

O DOUTOR *(com effusão de prazer)*

Ruy Pereira, triumphámos !...

RUY

Será verdade ?!

O DOUTOR

E salvámos Portugal do opprobrio, e das calamidades de nova guerra.

RUY

Assim pois, o casamento de Leonor....

O DOUTOR

Não se effectua ; El-Rei affiançou-me.

RUY

Mas eu acabo de referir tudo ao marido !...

O DOUTOR

Vamos dissuadil-o ; recompor o que desmantelastes.

**Scena 10.<sup>a</sup>**

ANDEIRO, depois O BISPO

ANDEIRO

O Bispo tarda !... Esperal-o-ei aqui. *(Vendo-a)*  
Ah ! Boas novas ?

O BISPO

Depois de confiar-me o segredo, El-Rei accrescentou :—« já que pareço fadado á esposar uma Leonor podia, rompendo a paz d'Alcoutin, rejeitar Leonor de Castella, como regeitei a de Aragão, para aceitar uma de Portugal.»

ANDEIRO

Muito bem !

O BISPO

« Mas esta é casada, continuou elle; e do impedimento do cunhadio houve dispensa. »—« Si aprouver á V. Alteza, respondi-lhe, quem a concedeu póde cassal-a.»

ANDEIRO

Além de que Leonor convenceo-o que não é de facto mulher de João Lourenço, e que o filho Alvaro da Cunha, tem por mãe uma creada sua de nome Elvira, e por pae Loupo Dias de Souza.

O BISPO

Não esqueci esse fundamento de nullidade de seu consorcio.—«Mas Gregorio II, proseguiu S.

Alteza, que, visando á todo custo a paz entre Portugal e Castella, enviou o Bispo da Brexa para o tractado d'Alcoutin, que juramos, prestar-se-á á actos que o violão? — « Não dependeis do Papa, Senhor, tornei eu, um Bispo tambem póde ligar, e desligar. »

ANDEIRO

E El-Rei?...

O BISPO

« Que! acodio elle, desautorar assim o chefe da Igreja, renovando extinctas desintelligencias!!... »

ANDEIRO

Para que então chamou-vos á reservada consulta?

O BISPO

Snr. João Fernandes Andeiro, El-Rei certo queria em mim parecer com que repellir as pretensões de Leonor.

ANDEIRO

Entretanto não desesperemos.

O BISPO

As mulheres começão resistindo, e acabão por ceder; e desde que elle consiga....

ANDEIRO

Snr. Bispo, Leonor é ambiciosa, D. Fernando está apaixonado, triumpharemos; e então das promessas que ella vos fez, a Rainha ha de lembrar-se.

O BISPO

Ao poder de seducção de um rei nada resiste; crede, o plano burlou-se.

### Scena 11.ª

ANDEIRO (só).

Não; bater-me-ei com todos os obstaculos, fal-a-ei soberana.... e depois.... será minha.

### Scena 12.ª

EL-REI, E PACHECO

EL-REI (Senta-se).

Ainda vagão pelas ruas muitos mendigos, e vadios?

PACHECO

Senhor, os escudeiros e creados que se inculcavão de vosso Palacio, e os hermitões esmolantes hão diminuido.

EL-REI

A lavoura ganha esses braços que lhe envio.

PACHECO

Parece conveniente ao feliz exito, prohibir que mendiguem sem Alvará.

EL-REI

Com effeito assim não soffrerão os doentes, e incapazes.

PACHECO

E mandar que os Vintaneiros saibão o numero de homens que ha, e os que vem de fora.

EL-REI

Cuidemos de outra cousa ; que horas são ?

PACHECO

Deve ser meio-dia, Senhor, si vos apraz.

EL-REI

Fecha todas as portas.

PACHECO (*Obedece*).

Esta fingirei que fecho. (*Refere-se a sala que fora indicada á Lourenço da Cunha*).

EL-REI

O que aqui vae passar-se, Diogo Lopes Pacheco, quero ninguem suspeite.

PACHECO

Para tornar-me cego, surdo, e mudo, basta um aceno de V. Alteza.

EL-REI

Vae á camara de Leonor Telles de Menezes, e dize-lhe que a estou esperando.

### Scena 13.

EL-REI (*só. Levanta-se*).

E' mister inviolavel segredo ! Depois de haver tomado a resolução, claramente vejo á que me

arriscava !.... Cumpre D. Brites ignore a entrevista ; si viera a saber.... Perder sua afeição não sentiria, mas.... é capaz de loucuras.... A' Leonor interessa calar-se, e Pacheco ha de ter aprendido a prudencia na eschola da adversidade. Demais elle me deve o perdão que lhe outorgou meu pae, D. Pedro, pelo assassinato de Ignez de Castro, assim como a posição que occupa.... Estou possuido de tantas emoções !.... Que me presagia o coração ? Sinto-me tremulo ! (*Senta-se*).

### Scena 14.

EL-REI, LEONOR, E PACHECO

PACHECO (*Annunciando*)

D. Leonor ! (*El-Rei levanta-se*).

LEONOR

Senhor ! (*Beija a mão de El-Rei*).

EL-REI (*A' Pacheco*).

Retira-te para aquella sala. (*Apontando a da entrada*). A' ninguem fallo, quem quer que me procure.

PACHECO

Senhor, si fôr a Infante D. Brites ?

EL-REI

Dize-lhe que estou na sala da caça, e dá-me aviso immediato.

Scena 15.

EL-REI, E LEONOR

EL-REI

Senta-te, Leonor. (*Sentão-se.—A' parte*). Não sei como lhe dizer! (*Alto*). Leonor quisera abrir o coração para n'elle leres quanto te amo.

LEONOR

Senhor!....

EL-REI

Es tão bella que tudo dou para seres minha.

LEONOR

Tudo?!

EL-REI

Tudo; excepto uma só cousa.

LEONOR

E essa é, Senhor?...

EL-REI

A paz do reino, meus vassallos estão cançados de guerra.

LEONOR

Que quereis dizer?

EL-REI

Recebendo-te por esposa, o rei de Castella,

Henrique de Transtamara, vingaria o ultrage da regeição da filha, e Portugal de novo nadaria em sangue.

LEONOR

O que sentiz por mim comprehendo agora....

EL-REI

Podes tu duvidar?....

LEONOR

Senhor, eu sei a historia de minha patria; ha 4 annos, quando querieis conquistar Castella e Leão, fizestes alliança com o rei d'Aragão contra Henrique de Transtamara. No tratado vos obrigastes á casar com a filha, e o Conde de Barcellos, meu tio, chegou á ir buscar Leonor de Aragão! Já cumpristes o tratado?

EL-REI

Com effeito violei-o na paz de Alcoutin, estipulando esposar Leonor de Castella.

LEONOR

E acaso está Portugal nadando em sangue? Por que não temestes então a guerra?

EL-REI

Mas tive de enviar 18 quintaes de ouro amoadado.

LEONOR

Tendes razão, Senhor, eu não valho tanto dinheiro.

EL-REI

Leonor....

LEONOR

A guerra !.... Temeis a guerra !....

EL-REI

Devo abster-me de um acto que porá contra mim Castella ao lado de Aragão.

LEONOR

Perdão ; a paz é opprobio. A corò a de Castella vós pertence. Henrique de Transtamara a usurpou por um fratrecidio.

EL-REI

Já lutei muito ; o thesouro está exaustto, e o reino fatigado.

LEONOR

A guerra romperá de novo, Senhor, e felizmente, afim que não se diga que Portugal tem rei, que casou com a filha de um Cain para, no caso de sobreviver-lhe, poder reaver o throno de que é o legitimo herdeiro, e que o assassino roubou-lhe.

EL-REI

Mas, Senhora, o casamento com simples fidalga, não está nos nossos habitos ; o povo póde sublevar-se.

LEONOR

Desde quando na Lusitania ha poder sobranceiro á vontade do rei ?

EL-REI

Essa vontade nem sempre impede as revoluções.

LEONOR

O povo odeia á Castella ; e é si vir no throno uma castelhana que se sublevará.

EL-REI

Mas, Leonor, tu és casada.

LEONOR

E' verdade, Senhor, e reverente agradeço á V. Alteza a bondade de lembrar-me : eu o havia esquecido quando transpuz aquelle limiar. (*Levanta-se para sahir*).

EL-REI (*Levanta-se tambem*).

Escuta, Leonor, vivo teu marido como esposar-te ?

LEONOR

Um rei póde tudo.

EL-REI

Póde o rei fazer que me ames ?

LEONOR

Mas si um dia houve amôr, eu vos amo.

EL-REI

Não, Leonor, tu não me amas.

LEONOR

Amo-vos tresloucadamente, como nunca se amou.

EL-REI

Então esquece o casamento; (*pegando-lhe na mão*) sê minha.

LEONOR

Nunca.

EL-REI

Eu regeitarei a Infante de Castella para ficar toda vida solteiro; serás de facto a soberana de meu coração, e de meu reino.

LEONOR

Não; exigis a deshonra.

EL-REI

Ves? Um Rei não póde tudo.

LEONOR

E' que o Rei quer o impossivel.

EL-REI

Impossivel é união entre nós pela Igreja consagrada. Attende: ou o teu consorcio com D. João Lourenço da Cunha é valido, ou nullo. Si é valido, tomando-te por esposa não passarias de amazia do Rei.

LEONOR

E si é nullo?

EL-REI

Si é nullo o Rei viria á ter por esposa a mulher que foi a amazia de um vassalo seu.

LEONOR

Senhor, já vol-o assegurei uma vez: de mulher de Lourenço da Cunha só tenho o nome; vivemos como irmãos.

EL-REI

Fio-me no que dizes; sei não me illudes; mas o mundo é incredulo, e á seus olhos ficaríamos deshonrados;—serias a mulher de dous maridos; e, apontando-te com o dedo, diria:—ahi vae a adultera.

LEONOR

O amor, Senhor....

EL-REI

Sabes o que é o amor?

LEONOR

Agora só sei que sou desgraçada.

EL-REI

O amor não vê obstaculos, não mede distancias,—arroja-se. Patria, paes, marido, religião... tudo piza aos pés.

LEONOR

Oh! Isso não.

EL-REI

Tens acaso no coração dous amores ?

LEONOR

Qual é o outro ?

EL-REI

Creio amas um pouco demais teu marido.

LEONOR

Aborreço-o, e desprezo-o.

EL-REI

Então quem impede de sermos felizes ?

LEONOR

Oh ! Não falleis assim ; sinto-me fraquear ;  
tenho medo de ceder-vos.

EL-REI

Serei teu escravo a vida inteira ; minha gloria  
viver de rojo á teus pés.

LEONOR

Senhor, eu me retiro.

EL-REI

Queres abdicar a corda ; fuja á um dezerto,  
que nos esconda a ventura aos olhos de todos ?  
Falla.

LEONOR

Não posso mais....

EL-REI

Leonor, tu me enganas ; amas teu marido.

LEONOR

Não ; nunca.

EL-REI

Então abandona-o.

LEONOR

Senhor, exigiz muito.

EL-REI

O amor exige tudo, não recusa nada. Consen-  
tes ?... *(Pauza)*. Responde. Queres o Rei á teus  
pés ? *(Ajoelha-se, e toma-lhe as mãos.)*

LEONOR *(com voz vacillante)*

Não posso.

EL-REI *(ergue-se furioso)*

Sae ; nunca mais me appareças. *(Deixa-se cair  
sobre a cadeira.—Fallando com tristeza á si mesmo).*  
Tudo acabado !

LEONOR *(Tambem cae abatida  
na cadeira.—Em voz baixa ;  
cheia de peijo)*

D. Fernando, venceste-me.

EL-REI *(Ajoelha-se, e beija-  
lhe a mão)*

Oh ! Ninguém saberá ; occultaremos de todos  
nossa ventura, serás minha, sómente minha.

(Cheio de effusão). Quem agora poderá impedir de sermos felizes ?

**Scena 16.**

OS MESMOS, D. BRITES, E LOURENÇO

LOURENÇO, E D. BRITES (*vindos da mesma sala*)

Eu ! (*á um tempo.*)

EL-REI (*de pé*)

Quem ?

LEONOR (*Levanta-se, e vê o marido*)

Ah ! (*Cae desfalecida n'uma cadeira*)

D. BRITES

Eu a Infante D. Brites, ingrato Fernando, filha de Pedro o Justiceiro, e vossa irmã.

LOURENÇO

E eu D. João Lourenço da Cunha, o senhor do morgado de Pombeiro, vosso parente proximo, e marido d'aquella mulher.

EL-REI

Imprudentes, não sabeis o que fizestes. Vou inflingir-vos o castigo que mereceis. Ide por essas salas, percorrei o Paço todo, e annunciae que o Rei vae casar-se.—A Rainha, a vossa soberana ali a tendes. (*apontando Leonor.*)

ANNO DE 1383

ACTO 1.

QUADRO 2.

A PRISÃO

Sala do Paço com janellas dando para o jardim.—Pouca mobilia.

**Scena 1.**

PALOMEQUE, E A FEITICEIRA (*Entrão, trazendo a velha iuna caixa*)

FEITICEIRA (*Olhando espantada para a sala*)

E' aqui?

PALOMEQUE

Poem a caixa acola (*designando uã mesa.*)

A FEITICEIRA (*Largando a caixa na mesa.*)

Elles tardaráo muito ? (*Chegando-se á Palomeque.*)

PALOMEQUE

Cruz !... Arr-da-te, Satanaz ! (*Recuando timido.*) Faze teus preparativos que elles não demo-

rão. (A velha abre a caixa. Palomeque curioso se aproxima pé por pé, e espia). Jesus que bruxaria ! (A velha continua á revolver a caixa.—Palomeque se aproxima meio reanimado). Que é aquillo ?

A VELHA

Isto ? (Apontando dentro da caixa.)

PALOMEQUE (apontando)

Não ; ali.

A VELHA

Esta figura medonha de metal ? (tirando-a da caixa.) E' um prodigio de poder !

PALOMEQUE

Santo Nome de Deus !... E' o diabo em pessoa. (benze-se.)

A VELHA (tirando da caixa)

Isto é pedra d'ara ; isto pedaço de espada luzente ; isto corporal ; isto a mandragora....

PALOMEQUE

A mandragora para que ?

A VELHA

E' prolifica.... quando é preciso ter um filho, e não se tem....

PALOMEQUE

Entendo.

A VELHA

Velhote como sois, quereis uã menina bonita, está aqui um filtro (mostra-o.)

PALOMEQUE (rindo)

Nada ; agradecido.

A VELHA

Isto um dente de enforcado.

PALOMEQUE

Virgem Maria !

A VELHA

Conheceis Anez Pena Cova ?

PALOMEQUE

Pobre homem ! Vive na ultima miseria !

A VELHA

Aqui está a mão, meu filho, que ha 12 annos a rainha mandou cortar-lhe.

PALOMEQUE (horrorisado)

Meu Deus ! Tira para lá.

A VELHA

Tocae n'isto, ficaes um moço de 25 annos.

PALOMEQUE

O que é ?

A VELHA

As orelhas, dedos, e lingua do alfaiate que, á frente de 3 mil homens, quiz se oppor ao casamento d'ella. De Fernão Vasques aqui está o que resta.

PALOMEQUE

Arreda-te, velha indemoninhada !

A VELHA

E' maravilhoso por ser innocente enforcado Isto é....

Scena 2.ª

OS MESMOS, E O CONDE DE OUREM

PALOMEQUE

Mantenha-vos Deus ; muito me apraz....

A VELHA (ao Conde)

Me assegurastes que não me mandão queimar viva.

PALOMEQUE

Quereis ainda viver, minha tataravo ? E' de máo gosto. Com vossas habilitações ! ....Que ideia !

CREADO (annunciando)

El-Rei, e a Rainha !

PALOMEQUE (A' parte)

Esconjuros diabolicos !... Nada ; aqui não fico. Nem tudo se combina com a minha compleição.

Scena 3.ª

EL-REI, A RAINHA, O CONDE, A VELHA E DAMAS

(Entra primeiro D. Leonor, seguida de Damas ; o Conde curva-se ante ella com profundo respeito ; em seguida vem D. Fernando, á quem o Conde do mesmo modo cumprimenta.—Suas Altezas sentão-se.—As Damas ficão em pé por detraz, e o Conde tambem, porém mais afastado que ellas.)

EL-REI

A Feiticeira que se aproxime (*extendendo-lhe a mão*). Aqui tens (*retirando-a*) não ; primeiro lê a buena-dixa á Rainha.

A VELHA

Perdão ; para ella não estava prompta ; esperae. Senhor. (*Finge ir ver na caixa alguma cousa, e na volta falla á parte ao Conde*). Que devo dizer ?

C CONDE (á Velha)

A verdade.

A RAINHA

Eis minha mão (*dá a direita*.)

A VELHA

A outra. (*A Rainha dá a esquerda. A velha faz uma cruz na palma, e a examina*). A linha terminante (*como resmungando*) da letra principal se liga á outra:—*cadeia*. Esta conduz á grande triangulo que corta, deixando sulco fundo. No alto cruz inclinada:—*Igreja*. *Ha no triangulo 6 areas visiveis*. A base se estende fora do triangulo, inclinado em sentido opposto á cruz:—*Extrangeiro*.... Ah!... Como não via? Lá está.... Dous parallelogramos unidos ao triangulo:—*Mosteiro*. Que quer V. Alteza saber?

A RAINHA

Como morrerei. (*A velha examina de novo, e faz signal de descontente*). Então é má a noticia?

A VELHA

Senhora, não me atrevo.

A RAINHA

Falla.

A VELHA

Vossa Alteza tem um fim.... (*hesita*.)

A RAINHA

Dize, seja qual fôr. Morrerei....

A VELHA

Clausurada em um convento.

A RAINHA

Onde?

A VELHA

Em paiz extrangeiro.

A RAINHA

Está bem; agora a sina do Conde de Ourem.

O CONDE (*A' parte*)

Por esta não esperava (*Dá a mão. Em voz baixa*). Prohibo-te de leres.

A VELHA (*examinando*)

Grande somma de linhas.... Confusão!... (*A' Rainha*). Não posso acertar já. A mão do Sr. Conde é livro immenso!

A RAINHA

Que te falta?

A VELHA

Cabeça de homem morto.... talvez não baste; meio infallivel é conduzir um carneiro com barrão de enforcado á uma encruzilhada, e lá, invocando os espiritos, lêr nas espadoas do animal.

EL-REI

Bem; agora eu (*extende a mão*.)

A VELHA (*depois de exame, com mostras de espanto*)

Cristal para contra prova (*Tral-o da caixa*).

O CONDE (*á velha na passagem*)

Não esquece dizer-lhe que morre logo.

A VELHA (*ao Conde*)

O que vou dizer é verdade. (*Faz alguns circulos magicos com o cristal, depois o poem na palma da mão do Rei.—Signaes de descontentamento.—Resmungando*). Livro fechado!

EL-REI

Então ?

A VELHA

Senhor, devo calar-me.

EL-REI

Quero que falles.

A VELHA

Não tenho animo....

O CONDE (*em particular*)

Obedece-me.

A VELHA (*ao Rei*)

Pois que ordenaes, digo com dôr: vossa missão está finda.

EL-REI

Quando morrerei ?

A VELHA

Senhor (*hesita*)....

EL-REI

Mando que falles.

A VELHA (*com medo*)

Leio 1383. (*O Rei descae em tristeza.*)

O CONDE (*com dôr fingida*)

E' pois n'este anno !

A RAINHA

E' impostura.

O CONDE (*á Velha*)

Vae-te; o temporal se prepara. (*A Velha ajunta os objectos na caixa.*)

EL-REI (*ergue-se violen'o*)

Impossivel !... Falsidade, traição !... Conde, começão a ássaltar-me dezejos de ver n'uma fogueira as caretas da bruxa. (*A velha sae as carreiras.*)

#### Scena 4.<sup>a</sup>

OS MESMOS, menos A VELHA

O CONDE (*A' parte*)

Mão !...

EL-REI (*deixa-se cair na cadeira*)

Morrer!... Morrer apenas com 44 annos!... E minha filha, pobre Beatriz!... Separar-me d'ella!... ainda tão jovem!...

LEONOR (*com afabilidade*)

D. Fernando, não te deixes abater; não me aflijas. A bruxa é impustora.

EL-REI (*levanta-se*)

Tens rasão; quero divertir-me; vou ordenar uma caçada, experimentar os açores, nebris, e girifalcos, que me chegarão.

### Scena 5.ª

OS MESMOS, menos O REI

A RAINHA (*ao Conde que vai á retirar-se*)

Ficai, Conde de Ourem.

O CONDE

Reverente obedeço á V. Alteza.

A RAINHA

A velha deixou-me muito commovida.

O CONDE

Eu não sei, Senhora, si deve-se crêr em seus pronosticos.

A RAINHA

Crede-a, Conde, verdadeiramente ella lê no futuro. (*A's Damas*) Podeis retirar-vos. (*Ellas saem.*)

O CONDE (*Até então humilde, de braços cruzados, assume attitude arrogante*)

Leonor, agora não quero mais hesitações. A feiticeira advinha, dizes tu; D. Fernando pois prestes será raptado d'entre os vivos.

A RAINHA

Já não hesito; farei tudo. (*O chapéo do Conde escapa-lhe da mão; a Rainha o apanha, e entrega. Elle só se move para recebê-lo.*)

O CONDE

Hoje mesmo denuncia á El-Rei o Mestre d'Aviz, e obtem a ordem de sua prisão.

A RAINHA

Mas poderá D. Fernando crer-me, imputando á seu irmão....

O CONDE

Voltas á hesitações. Não percebes, louca, que na morte do Rei urge não exista quem possa impedir a ascensão de nossa filha ao throno?

A RAINHA

Sei os riscos que Beatriz corre.

O CONDE

Demais, a le tra do Mestre d'Aviz está tão bem imitada em ambas as cartas, que D. Fernádo facilmente crerá que esse seu irmão, na guerra que nos move Castella, mantem intelligencias com o inimigo.

A RAINHA

Mas morto o Mestre d'Aviz, ainda resta o Infante D. João.

O CONDE

Quanto á este, offerece-lhe a mão de nossa filha.

A RAINHA

Queres que Beatriz o espose ?

O CONDE

Não. (*A' parte*). Por ora convem ignore que elle está secretamente casado com a irmãa, D. Maria.

A RAINHA

Então para que crear no coração do Infante dezejo que intentas burlar ?

O CONDE (*A' parte*)

Oculta-mos-lhe a verdade. (*Alto*). A posição d'esse Principe diverge da do Mestre d'Aviz. D. João goza de grande popularidade; antes de fechar-lhe o golpe....

A RAINHA

Percebo ; queres apparentar estima de nossa parte, que esconda a mão que o ferir.

O CONDE

Obter que em ti confie para facil o apanharmos.

A RAINHA

Bem ; vou denunciar o Mestre ; e offerecerei a mão de Beatriz á D. João.

### Scena 6.<sup>a</sup>

A RAINHA, depois LOURENÇO (*Em traje de mendigo*)

A RAINHA

A Infante D. Brites, desde que esposou o Conde d'Albuquerque, renunciou toda ambição:—não aspirará á coróa. D. Diniz, que ousou desobedecer á El-Rei seu irmão, quando lhe ordenou de beijar-me a mão, e que seria por elle morto, si não fôra Ayres Gomes da Silva,—persegui-o, até expatriar-se. Refugiado em Castella, tomou armas contra Portugal. Louco!... Está perdido.—Agora chega a vez dos dous irmãos do Rei; que restão: D. João, e o Mestre d'Aviz. Tambem sucumbirão. (*Ao retirar-se dá com Lourenço, que tem entrado pela porta do jardim*). Que queres ?

LOURENÇO (*A' parte*)

Oh ! Ainda tão bella !

A RAINHA

Não respondes ? Os mendigos até o Paço invadem. Como entraste aqui ?

LOURENÇO

Eu passava ; o jardim estava aberto, quiz vê-lo ; depois cansado subi a escada, e andei para diante :—eis como entrei.

A RAINHA

Esta voz eu conheço !... Quem és ?

LOURENÇO

Leonor Telles de Menezes !

A RAINHA

Ah !... Lourenço da Cunha ! (*Senta-se abatida*)

LOURENÇO

Tão bella, e sem coração !

A RAINHA

A' que vens occultamente, disfarçado n'estes trajas ?

LOURENÇO

Accusastes-me, Senhora, de haver tentado propinar veneno á El-Rei ; á custo acolhi-me á Castella, esse refugio hoje dos bons Portuguezes.

Sentença de morte ainda paira-me sobre a cabeça, e perguntaes porque venho occultamente !...

A RAINHA

Pretendias....

LOURENÇO

Não me interrompaes. Porque estou n'estes trajas ! Mandastes confiscar-me os bens ; esmolei o amargo pão da charidade ; esmolei-o em paiz estrangeiro e inimigo ; e quereis que me apresente como vós coberto de veludo e de ouro !

A RAINHA

Sae de minha presença.

LOURENÇO

Já disse, sinto-me fatigado ; não entrei para sair sem descansar.

A RAINHA

Então sahirei eu.

LOURENÇO

Senhora, quasi 12 annos errei em paiz inimigo ; curti as acerbos saudades da terra natal ; deramei as lagrimas do proscripto ; fui jovem, volto velho... volto arriscando a vida ; e quando a fortuna, parece que cansada de perseguir-me, me proporciona o ensejo de fallar-vos á sós...

A RAINHA

Entre nós nada mais ha de commum, extranho nada tens á dizer-me.

LOURENÇO

Oh!... Não me despedaceis assim o coração. Sentir que não se é mais nada para aquella que nos amou, que seu sorrir nunca mais virá enlouquecer-nos de ventura!...

A RAINHA

Enfim, que pretendes? Tenho pressa.

LOURENÇO

Leonor, por bondade ouvi-me.

A RAINHA

A' rainha de Portugal é á quem fallas.

LOURENÇO

Vos amava tanto que eu, o Sr. do Morgado de Pombeiro, o fidalgo de alta linhagem, o parente proximo da casa real.... ....desci até á infamia!

A RAINHA (*A' parte*)

O dia vae declinar, e a prisão deve ser hoje.

LOURENÇO

Quando esgotei em vão os últimos recursos para não me repudiardes, rojei-me á vossos pés; e que vos pedi?

A RAINHA (*A' parte*)

E elle á demorar-me!

LOURENÇO

Pedi apenas que me conservasseis como vosso escudeiro, vosso escravo.... como quizesseis; sem outra esperança mais do que servir-vos de joelhos, outra recompensa que não fosse vêr-vos todos os dias; e desapiedada!...

A RAINHA

Dize enfim de uma vez o que pretendes.

LOURENÇO

O que pretendo?... Nem sei.... talvez uma palavra de compaixão.

A RAINHA (*levanta-se*)

Nem mais um instante.

LOURENÇO (*De joelhos*)

Por piedade, ouvi-me.

A RAINHA

Não posso.... não quero demorar-me (*vae á sahir.*)

LOURENÇO (*Ergue-se, e á força á sentar-se, agarrando-a pelo braço*)

Haveis de me ouvir.

A RAINHA

Desgraçado! Vou mandar que te prendão.

LOURENÇO

Pensais que eu seria tão louco que entrasse aqui sem acautellar-me? Quando voltei de Castella, peitei o criado de João Fernandes Andeiro, que sabia onde elle guardava os papeis reservados....

A RAINHA

E roubaste-os.

LOURENÇO

Ora, entre os papeis havia preciosas cartas da Rainha, sobretudo a que declara quem é o pae de vossa filha.

A RAINHA (*Cae aniquillada na cadeira*)

Inferno !...

LOURENÇO

Seo apparecimento equivale vossa sentença de morte.... Não vos inquieteis :—amo-vos ainda muito....

A RAINHA (*Reanimada*)

Então dá-me esses papeis.

LOURENÇO

São meu salvo conducto. Em quanto os possuir posso passear livremente em todo reino ; si me prenderem, alguém com elles virá arrancar-vos minha soltura.

A RAINHA

Pois bem ; restitue-me, e receberás o perdão d'El-Rei.

LOURENÇO

Não ; em quanto D. Fernando fôr vivo, á fé de cavalheiro, o segredo hade ser guardado ; mas depois....

A RAINHA

Terás a crueldade de divulgá-lo ?

LOURENÇO

Ou alguém por mim, si eu houver baixado a sepultura ; essa vingança posthuma hade fazer bem ao meu cadaver.

A RAINHA (*Aniquillada*)

Oh !... Minha filha !...

LOURENÇO

Sim, é contra Beatriz que farei valer as cartas ; para que não seja Rainha de Portugal a filha do motor de nossa separação, do infame castelhano, á quem, em premio de haver-vos aviltado, adornastes com o titulo de Conde de Ourem, titulo de vossa propria familia—symbolo de honra.

A RAINHA

Ah ! Entrega-me as cartas, e inventa alguma cousa de inaudito para me pedires.

LOURENÇO

Volto do exilio, maltrapilho, desgraçado; e não tivestes uma palavra de commiseração.... não fostes para mim christãa ao menos!

A RAINHA

Confesso sou má; não tomes porém minhas tristes lições; sê compassivo!

LOURENÇO

Não; agora minha vez.

A RAINHA

Queres-me á teus pés (*ajoelha-se*)? Dizer que te amo é indigna mentira.... mas pelo nosso passado amor, por nosso filho Alvaro da Cunha, perdão D. João Lourenço!

LOURENÇO

Uma Rainha aos pés de um mendigo!... Que lição ao mundo!...

A RAINHA

Não é a Rainha....

LOURENÇO

Levantac-vos.

A RAINHA

E' uã mãe á pedir o perdão para a filha.

LOURENÇO (*Erguendo-a, commovido*)

Levantac-vos, Leonor.

A RAINHA

Minha pobre Beatriz que mal te fez!... Lourenço da Cunha, castiga-me como te parecer.... ella que não reine.... Não importa!... mas (*chorando*) não deshonres, não infames minha filha! Perdão para a innocencia! (*Cae sem forças na cadeira.*)

LOURENÇO

Escutae: amastes-me, e me destes a mão de esposa; em pouco tempo vos esquecestes de mim, e erguestes os olhos até El-Rei; no mesmo anno vosso amor deseou até um vil galego— João Fernandes Andeiro. Esses amores impios quanto sangue, quantas lagrimas não custarão?!

A RAINHA

Basta, Lourenço da Cunha.

LOURENÇO

Enviastes ao cadafalso todos que se levantarão contra vosso adultero enlace com o Rei; os menos comprometidos tiverão as mãos, ou os pés decepados. Depois, ainda não saciada de sangue, pedistes á tortura novas victimas. Só se salvarão da atroz vingança aquelles que por ignomias comprarão o perdão, como Mem de Pálonias, ou que fugirão como Diogo Lopes Pacheco. Que é do Infante D. Diniz? Nem ao irmão do Rei poupaste!

A RAINHA

Es inexoravel !

LOURENÇO

E estâes acaso arrependida ? Eu ouvi tudo ; urdiz novos tramas. Agora quereis a morte dos Principes D. João, e Mestre d'Aviz. Leonor, elles tambem não são criminosos. Perdão para a innocencia !

A RAINHA *(Chorando)*

Pune-me ; mata-me ; flagela-me ; mas que tem Beatriz com meus crimes !

LOURENÇO

Está escripto : a posteridade expia a culpa dos avos, os filhos os erros dos paes. Agora podeis ir.

A RAINHA

Pois bem ; os Infantes não correm mais perigo ; tu os salvaste.... Não reine embora minha filha.

**Scena 7.<sup>a</sup>**

LOURENÇO *(só)*

Entretanto cumpre dar aviso ao Mestre d'Aviz... Ella é traçoeira.... Merecia ser a esposa de um Judas.

**Scena 8.<sup>a</sup>**

LOURENÇO, E A VELHA

A VELHA

Diabo !... Ha uma hora ando para traz para diante, perdida neste labyrintho de salas, e cor-

redores, escondendo-me de quantos presinto.... Não acerto com a sahida !... Onde a diaba.... a puzerão ? ....Perguntar?... Estou condemnada.... Elles me agarrão.... *(Dando com Lourenço)*. Ah !... *(Tenta fugir.)*

LOURENÇO

Vem cá. Quem és ?

A VELHA

Quem ?... Eu ?...

LOURENÇO

Sim.

A VELHA

Eu sou.... sim.... sou.... é isso.... creada do Paço.

LOURENÇO

Dize-me por onde se toma para ir ao Mestre d'Aviz.

A VELHA *(A' parte)*

Que lhe responder ? *(Alto)*. Mesmo ao Mestre d'Aviz?

LOURENÇO

Sim.

A VELHA *(A' parte)*

Mas, inferninho, eu nem sei por onde fugir *(Alto)*. De sorte que o Mestre d'Aviz.... sim, o Mestre d'Aviz.... Que diabo !... Mudou-se, meu rico senhor.

LOURENÇO

Que estás ahí á esconder ?

A VELHA

Quem, eu ? Nada.

LOURENÇO

Ah ! Escondes algum roubo !

A VELHA

Pelo amor de Deus não falleis tão alto.

LOURENÇO

Quero ver isso. (*Vae a tomar a caixa, esta cae, espalhando-se os objectos pelo chão.*)

A VELHA

Cruz ! Que fizestes !

### Scena 9.º

OS MESMOS, D. JOÃO, o MESTRE D'AVIZ,  
o BISPO, o DR. JOÃO DAS REGRAS, D. MARIA,  
E DUAS DAMAS.

D. JOÃO

Que é isto ?

A VELHA

Jesus, Maria, José ! Estou perdida !

D. JOÃO

Doutor, como El-Rei expelle os mendigos das ruas, começo á mudar-se para o Paço.

A VELHA (*ao Bispo*)

Valei-me, senhor, para que não me prendão.

O BISPO

Quem sois ?... Que é isto pelo chão ?

D. MARIA

Ah ! E' a feiticeira.

A VELHA (*Lança-se aos pés de D. Maria*)

Misericordia !

O DOUTOR

Feiticeira !

D. JOÃO (*ri-se*)

E' curioso !

O MESTRE D'AVIZ

Que fazes aqui ?

A VELHA (*Agarrada aos pés de D. Maria*)

Protegei-me, não consenti que ...

O BISPO

E' uma louca !

A VELHA

Sim ; sou louca, mesmo muito louca.

O MESTRE D'AVIZ

Pobre mulher !

[D. MARIA

Ninguém te quer fazer mal.

A VELHA

Então nenhum dos Senhores veio para me prender ?

O DOUTOR

Levanta-te ; não tenhas susto.

A VELHA

Ora isto !... *(Ergue-se, ajuncta os objectos dentro da caixa ; e foge as carreiras, sahindo pela porta que dá para o jardim.)*

**Scena 10.**

OS MESMOS, menos A VELHA

D. MARIA

Senhores, continuemos o passeio.

LOURENÇO *(ao Mestre d'Aviz)*

Principe, é mister fallar-vos.

O MESTRE D'AVIZ

Si é esmola, mostrae-me o Alvará de licença.

D. MARIA

Estamos perdendo a tarde.

LOURENÇO

Negocio que muito vos interessa *(O Mestre não o attende.)*

O DOUTOR

Mestre d'Aviz, não vindes ?

D. JOÃO

A' não ser a bruxa, já estaríamos fartos de passear no jardim.

LOURENÇO *(ao Mestre)*

E' negocio urgente *(Lourenço continua á fallar-lhe, mas o Mestre não o attende.)*

D. MARIA

Uma lembrança ! Alcancemos a feiticeira para nos lèr a buena-dicha.

D. JOÃO

Magnifico, D. Maria !

O BISPO

Eu reprovo....

O MESTRE D'AVIZ

O simples passeio no jardim está muito visto.

D. JOÃO

Sim, a buena-dicha ; é necessario nos divertirmos um pouco.

LOURENÇO

Senhor, ouvi-me só um instante....

O MESTRE D'AVIZ

Acerca do que?

O DOUTOR

Mestre d'Aviz, com quem estaes á conversar?

**Scena 11.**

OS MESMOS, E A VELHA *(sem a caixa)*.

A VELHA

Valei-me.... por quem sois, valei-me ! *(Lança-se aos pés do Bispo)*.

O BISPO

Eis a louca de volta.

A VELHA

Ahi vem.... ahi vem elles.... estou condemnada, queimada viva.... Ai!.... não posso mais. *(Corre, vae se lançar aos pés do Mestre d'Aviz)*. Amparae-me, Principe; elles ahi veem....

D. JOÃO

Está divertido.

D. MARIA

Pobre louca!

O MESTRE D'AVIZ

Elles quem?

A VELHA

Ahi vem.... sinto os passos.... os guardas que me perseguem, vem prender-me; vos sois poderoso.... ai! valei-me....

D. MARIA *(que tem ido á janella)*

Jesus! São alguns 200 homens no jardim!

A VELHA

Amparae-me, Senhores.... *(roja-se pelo chão)*  
Ai! Estou morta....

**Scena 12.**

OS MESMOS, E VASCO MARTINS *(seguido de Guardas, que tomão as sahidas)*

MARTINS

Com summo pezar, Mestre d'Aviz, recebi ordem de prender-vos. *(Consternação geral)*.

O MESTRE D'AVIZ

A' mim, Vasco Martins de Mello?!!

D. JOÃO

Ao irmão d'El-Rei?!!

O DOUTOR

Quem o ousa no proprio Paço Real?

MARTINS

El-Rei. (*Pasmo geral*).

O MESTRE D'AVIZ

Qual é meu crime?

MARTINS

Ignoro. (*Começa a anouteecer*).

O BISPO

Obedecei, Senhor, em silencio.

D. MARIA

Mas isto é incrível !

O MESTRE D'AVIZ

Para onde me conduzis ?

MARTINS

Para o castello.

O MESTRE D'AVIZ

Partamos.

### Scena 13.

OS MESMOS, (menos o MESTRE D'AVIZ

• MARTINS, e Soldados)

D. JOÃO

Senhores. antes que anouteça completamente, convém entendermos-nos com El-Rei ;—pôr meu irmão em liberdade.

O DOUTOR

Vamos.

D. MARIA

Eu vou fallar a Rainha, minha irmã. (*A re-  
lha olha assustada para a sala ; suspira ; vai á sahir  
espia, e percebendo passos por um lado, sae pelo  
outro*).

### Scena 14.

O CONDE DE OUREM, e um Escudeiro

O CONDE DE OUREM (*Chega á ja-  
nella que dá para o jardim*)

Lá vão elles. (*Volta.—Ao Escudeiro*). Agora se-  
gue-os, e entrados no Castello entrega (*dá-lhe um  
papel*) á Vasco Martins de Mello. (*O Escudeiro sae,  
e o Conde de Ourem senta-se*).... Aquelle Alvará  
abre-me á minha filha, e á mim o caminho ao  
throno.... Hoje mesmo a execução.... Mais  
dous minutos, e o Mestre d'Aviz é arrancado de  
entre os vivos.... Era indispensavel!.... Que  
importa ao mundo um homem que lhe suppri-  
mem! (*Levanta-se*). Um homem!.... Menos ain-  
da; um Principe, ente inutil, si como este, não  
veio á terra para herdar uma corda.... (*A escuri-  
dão da noute sensivelmente se augmenta, mas não  
chega a ficar inteiramente noute*). Correo tudo á  
bell prazer... Leonor tardou; impaciente-me...  
fallei á El-Rei; entreguei-lhe as duas suppostas  
cartas do Mestre, e ei-lo preso.... decapitado.  
morto.... Os homens!.... Os homens são titeres  
á disposição das altas intelligencias.

ACTO 2.<sup>o</sup>  
QUADRO 3.º

A CALUMNIA

Uma parte do jardim do Paço.—Estatuas, assentos de pedra etc.—No fundo algumas janellas do mesmo Paço, que dão para o jardim.

Scena 1.ª

LOURENÇO DA CUNHA, D. JOÃO, o BISPO, o CONDE DE OUREM, o DR. JOÃO DAS REGRAS, A RAINHA, D. BEATRIZ, D. MARIA, FIDALGOS, E DAMAS. (*D. João, solitario, sentado, pensativo; João Lourenço trabalhando á direita, como jardineiro. Todos os mais estão no jardim passeando; apparecem, passão, desapparecem, reapparecem.*)

O BISPO (*Em conversa com o Conde*)

Cansei de esperar.... ha tantos annos !...

O CONDE

A Rainha bem quiz; a santa Sé vós foi sempre contraria.

O BISPO

Por isso, chamem-me scismatico, reconheci Papa Clemente 7.º, á exemplo da França, Escocia, e Napoles.

O CONDE

Foi um mal.

O BISPO

Repugnancia dos soldados inglezes, que aqui estavam, de ouvir a missa do Clero de Lisboa; não passou disso.

O CONDE

Eleito Urbano 6.º, o conclave não podia eger outro.

O DR. JOÃO DAS REGRAS (*Conversando com um Fidalgo*)

Sua Alteza está gravemente enfermo; já não dorme; quiz o ar livre do jardim.

D. JOÃO (*em soliloquio*)

Ter esposado D. Maria Telles de Menezes !... Que loucura !... Si previra que a Rainha offercer-me-ia a mão da filha !... Ser Rei quando não fulgia-me nem vislumbres de esperanza !...

A RAINHA (*á uma Dama*)

Imaginas que a desgraça do Mestre de Aviz não me encommoda? A principio annui; até

me incumbira de accusal-o ; arrependi-me porém; não queria mais; e foi o Conde d'Ourem que fez tudo.

D. MARIA (*Juncto á uma Dama, enquanto está apanha uma flôr, aquella avista D. João, para elle se dirige. A Dama se retira*)

Aqui tão só !...

D. JOÃO (*com máo modo*)

Deixa-me.

D. MARIA

Que ha ? Estás enfermo ?

D. JOÃO

Nada tenho.

D. MARIA

Soffres, bem vejo, e m'encobres.

D. JOÃO

Vae-te, D. Maria.

D. MARIA.

Ah ! Não eras assim comigo ; mudaste hoje ; sempre joyial, estás triste ; tão bom, me maltratas. D. João que te fiz ?

D. JOÃO

Queres por força que tenha alguma cousa.

D. MARIA

Estás bom ? Então vem passear.

**Scena 2.ª**

LOURENÇO só. (*Vendô o jardim deserto, larga o serviço*)

Oh ! (*Olhando para o interior*). La vejo o Rei ....A occasião favorece, vou buscar as cartas de Leonor, para apresental-as; e depois evadir-me-ei (*vae á sair.*)

**Scena 3.ª**

LOURENÇO, A RAINHA, BEATRIZ,  
E UMA DAMA

LOURENÇO (*A' parte, encontrando-as*)

E' ella !...

A RAINHA (*A' parte, vendo-o*)

Ainda meu máo anjo !

LOURENÇO (*A' parte, dando um passo para ella*)

Uma palavra antes de esmagal-a.

A RAINHA (*A' parte*)

Creio quer fallar-me. (*á Beatriz*). Beatriz, segui; quero ficar aqui só. (*A Dama sae com Beatriz. A' parte*). Que lhe direi que me justifique !

LOURENÇO

Rainha de Portugal, é assim que cumpris vossa palavra ?...—Mulher sem coração !

A RAINHA

D. João Lourenço da Cunha....

LOURENÇO

Promettesstes poupar os Infantes, e mandastes decapitar o Mestre d'Aviz.

A RAINHA

O destino se conjurou contra mim, sou innocente d'esse....

LOURENÇO

Apanhado aqui hontem, deixei que me prendessem como mendigo, e conseguí me puzessem á trabalhar; para que? E' aqui que entregarei as cartas á vosso supposto esposo. Os cortezões, escravos da Rainha, me trancarião as portas.

A RAINHA

Senhor, pelo repouso de vossos paes, pela vida de nosso filho, ouvi-me....

LOURENÇO

O reinado da iniquidade findou-se; os dias da Rainha estão contados.

A RAINHA

Da morte que me imputaes....

LOURENÇO

Silencio, assassina!

**Scena 4.**

A RAINHA, depois O CONDE

A RAINHA

Ah! *(Car sentada)*

O CONDE

Ouvi um grito.... E' Leonor!... Que tens?

A RAINHA

Conde. salva Beatriz.

O CONDE

Salva-a!...

A RAINHA

Sem minha intervenção, fizeste que o Mestre d'Aviz fosse preso....

O CONDE

E decapitado.

A RAINHA

Affiancei que elle nada soffreria.

O CONDE

E depois?

A RAINHA

As cartas, que á principio te escrevi, vão ser hoje presentes á D. Fernando.

O CONDE

Isso só? *(Ri-se)*. Fallemos d'assumpto mais serio.

A RAINHA

O rir agora!...

O CONDE

Documentos taes não se soltão ao vento.

A RAINHA

Conde, estamos perdidos ; as cartas forão te roubadas.

O CONDE

Dei com o roubo, o creado despedio-se, desconfiei, e.... hoje elle proprio m'as restituiu ; estaria elle perdido, si não as consgeuisse.

A RAINHA

Salvos !... Oh ! salvos !... Conde d' Ourem quanto te devo !...

O CONDE

Sei quem foi o ladrão ; teu ex-marido que regresses á Castella, onde a profissão póde lhe ser mais lucrativa.

A RAINHA

Dize-me, o Mestre d' Aviz está morto ; mas D. João ?...

O CONDE

Cres que se possa matar um Principe por dia ?

A RAINHA

Entretanto é elle que goza da estima geral, e que póde vir á ser rei.

O CONDE

Socega ; afastal-o-ei tambem ; sem prendel-o, nem matal-o.

A RAINHA

Como ?

O CONDE

E' meu segredo.

### Scena 5.

LOURENÇO (só)

Maldição !... Perdidas as cartas !... Mas como !? Ellas estavam lá ainda hontem !... Desventurado !... E a vingança ?!...—Inferno !...

### Scena 6.

LOURENÇO, E O REI

O REI (para dentro)

Ficae, Senhores, quero estar só.

LOURENÇO

El-Rei !... (Vae de novo trabalhar.)

O REI (Abatido, triste; senta-se)

Ai ! julgo-me seriamente doente.

LOURENÇO (*A' parte*)

Pobre Rei que um vil galego cobre de opprobrios.

O REI

Sinto-me tão fatigado !...

LOURENÇO (*A' parte*)

Que ! Não haver n'uma nação inteira um homem que diga ao Rei a verdade !... Lh'a direi eu. Que vale mais—esta cabeça que arrisco ?

O REI

O' lá !

LOURENÇO

Senhor !

O REI

Bom homem, dize : si eu morrer amanhã haverá quem bemdiga minha memoria ?

LOURENÇO

Boa pergunta ! nunca vos vi !

O REI

Não conheces os infantes.

LOURENÇO

Conhecer !... Si hoje é que entrei aqui !

O REI

E á El-Rei ?

LOURENÇO

Tambem nunca o vi.

O REI

Sou D. João, irmão d'elle.

LOURENÇO

De vós, D. João, ouço que sois jovial, excelente monteiro, e tão dextro cavalleiro que subjugaes os mais indomitos ginetes. Nas justas, e torneios quazi sempre os premios são vossos. Distincto por assignalado amor ao povo, haveis ser muito chorado.

O REI

E si fora El-Rei, meu irmão, que morresse ?

LOURENÇO

Senhor, não perguntejs á mim.

O REI

Porque ?

LOURENÇO

O mendigo não sabe as frases da Corte ; arriscava á dizer alguma verdade.

O REI

De lisonjas estamos far'os.

LOURENÇO

Principe....

O REI

Esquece o que sou ; o irmão d'El-Rei não está aqui.

LOURENÇO

Sois de tanta auctoridade, e real presença, que pareceis Rei.

O REI

Agora porém estamos iguaes ; sou tambem mendigo ; peço a esmola da verdade.

LOURENÇO

Pois bem ; D. Fernando, brando de condição clemente,quazi prodigo,sabe crear amigos;mas...

O REI

Mas o que ? Não tem El-Rei providenciado sobre sesmarias, coutadas, mercadores estrangeiros, fidalgos, Clero, bens da igreja....

LOURENÇO

Sim, tem decretado muitas leis sabias, cerca do Evora, e Lisbóa....

O REI

Que falta pois aos bons Portuguezes ?

LOURENÇO

Os povos não podem estar contentes.

O REI

Acaso não será D. Fernando d'elles bem quisto ? Ah ! os povos querem a virga ferrea do des-

potismo. Si D. Fernando, como D. Pedro, seu pae, trouxesse o azorrague á cinta, e o algoz ao lado....

LOURENÇO

D. Pedro mandou matar á muita gente; mas....

O REI

Mas dançava com seu bom povo nas festas pelas ruas, e quando á noute o somno lhe faltava sahia pela cidade á bailar.

LOURENÇO

Tornava-se cruel por demasiada sede de justiça, e nunca....

O REI

Condennações sem processo ; penas arbitrarías, execução immediata:—eis o typo do governo para os povos....

LOURENÇO

D. Pedro não cedia aos calculos de....

O REI

Um dia ouve dizer na cidade do Porto que o Bispo entretinha relações com uã mulher casada ; manda-o vir, despe-lhe as vestes, e açouta-o.... Pelas proprias mãos applicava a tortura, e os castigos. Tal é o Rei que os povos querem.

LOURENÇO

Senhor, o que querem é Rei que não desbarate o thesouro em ruinosas guerras.

O REI

As guerras são necessarias.

LOURENÇO

Erão inuteis, e inglorias. Querem Rei que para a defeza do paiz não o inunde de Inglezes. Si faltar-lhe a Inglaterra, Portugal não morre.

O REI

Meus vassallos estão cansados.

LOURENÇO

Querem Rei que não tolere o senhorio do commandante estrangeiro no solo luzitano. Quando uma pobre mulher vem ao Paço dizer: « o soldado inglez arrombou-me a casa, vinha matar-me o esposo, para obstar-o puz-lhe adiante um filho, e o barbaro partio ao meio a mizera creancinha, cujos pedaços aqui vos trago » os povos, Senhor, não querem Rei que responda: « Ide ao Conde de Cambridge para que vos faça justiça. »

O REI

Foi imprevidencia....

LOURENÇO

Não querem Rei, cujos vassallos para sua salvaguarda precisam comprar pendões Inglezes.

O REI

Necessidade da situação.

LOURENÇO

Vilipendio! O falcão branco em campo ver-

melho do Conde de Cambridge, onde devem tremular ovante as quinas luzitanas! Querem Rei... (A' parte). Oh! adiantei-me muito!

O REI

Prosegue.

LOURENÇO

De bons exemplos no lar domestico. O casamento com mulher casada é adulterio.

O REI

Acaba.

LOURENÇO

E para dizer tudo, querem Rei mais cioso em sua casa.

O REI

Silencio! A Rainha póde ouvir-te.

LOURENÇO

O Conde de Ourem, Senhor, toma liberdade...

O REI

Onde já viste mulher jovial, e espirituosa que não fosse calumniada?

LOURENÇO

E si apresentasse cartas de seu punho!

O REI

Eu as rasgava sem lê-las.... digo, El-Rei as rasgaria. Em sua casa ninguem deve ver mais que elle.

LOURENÇO (*A' parte*)

Finge ignorar, e sabe tudo !

O REI

Mas tua voz creio conhecer; a linguagem desmente o traje ; enganas-me, não és mendigo.

LOURENÇO

Sou, tão certo como que sois D. João.

O REI

Teu nome ?

LOURENÇO

Perdão !... Não tenho mais nome.

**Scena 7.**

OS MESMOS, E VASCO MARTINS (*Lourenço continua á trabalhar*)

MARTINS (*depois de beijar a mão do Rei, um joelho em terra*)

Senhor, venho participar que em obediencia ás vossas ordens foi executado o Mestre d'Aviz.

O REI (*Levanta-se*)

Que estás á dizer ?

MARTINS

Mandastes-me hontem prendel-o, e mal acabavamos de chegar ao Castello, quando recebi Alvará em que V. Alteza me determinava sua decapitação immediata....

O REI

Miseravel !... Ousaste matar meu irmão !... Onde está a justiça que não estrangula este assassino ? !...

MARTINS

Digne-se V. Alteza....

O REI

Cala-te, demonio !. . Te conloiaeste com inimigos do Mestre d'Aviz para falsificares Alvarás...

MARTINS

Senhor.. .

O REI (*Chorando*)

Meu Deus !... Pobre irmão !... Morto !... Executado !... Perversos !...

MARTINS

Senhor....

O REI (*chorando*)

Meu pae, as mãos estão puras d'este sangue... Ah ! meu irmão !... (*cae sentado.*)

**Scena 8.**

OS MESMOS, E O MESTRE D'AVIZ

O MESTRE (*correndo*)

D. Fernando !... D. Fernando !... (*Lança-se aos pés do Rei.*)

O REI

Meu irmão ! *(Levanta-o, e o abraça.)*

MARTINS

Senhor, os laços de sangue, a sentença sem processo, a execução sem demora, á horas mortas, e dous mensageiros de vossa parte em seguida á instar para que não addiasse.... desconfiei.

O REI

Compreendo agora.

MARTINS

Disse comigo : amanhã para a execução ainda é tempo, para o arrependimento seria tarde.

O REI

Perdoa, bom amigo, fui injusto.

MARTINS

Vim pessoalmente saber, e trouxe-o preso ; no caso de....

O REI

Sei, Vasco Martins de Mello, que és leal.

MARTINS

Perdão, Senhor, si involuntario vos angustiei. Agora que ordenaes ?

O REI

Reconduzi o Infante á prisão.... Quanto ao falso, Alvará ail d'aquelle que não guardar segredo.

O MESTRE

Rei, e Senhor, qual é meu crime ?

O REI

Tem paciencia, meu irmão ; tudo invidarei por obter que a Rainha convenha em tua soltura.

O MESTRE

Vamos.

O REI

Vasco Martins de Mello, tua cabeça responde-me pela d'elle ; Alvarás para o matarem, não são de meu punho.

### Scena 9.º

LOURENÇO *(só)*

Aqui já não estou mais em segurança, .... perdi meu salvo conducto.... Nem são aquelles, que attentão contra a vida dos Principes, que respeitarão a minha.

### Scena 10.º

*Atravessão o jardim em retirada, na seguinte ordem, e conversando :—o Rei, e Beatriz ; a Rainha e D. Maria ; as Damas ; o Bispo, e um Fidalgo ; o Dr. João das Regras, e um Fidalgo ; o Conde de Ourém, e um Fidalgo ; D. João, e Palomeque. Todos saem ; excepto os dous ultimos.*

D. JOÃO, E PALOMEQUE

PALOMEQUE

Por mim residira aqui. As flores tem um encanto!... Mel, musica, poesia, flores....

D. JOÃO

E moças.

PALOMEQUE

As moças são a musica da vista, a musica a poesia do ouvido, a poesia o mel do coração, o mel as flores do paladar, e as flores? As delicias dos sentidos todos.

D. JOÃO

Dos 5 sentidos as moças. (*Ri-se*). As flores delicias do ouvido!

PALOMEQUE

Lisongeão o paladar pelo mel que se extrai, lisongeão o tacto, olfato, a vista, e não nos aturdem o ouvido. O mal que nos fazem as mulheres é por esse órgão. Tire-lhes a voz, e ponde-as então a par das flores.

D. JOÃO

Quererias, monstro, raptar-nos a mais sublimas musicas: — a voz da mulher que se ama?

PALOMEQUE

O melhor cantico repetido decora-se, e de côr arranha o ouvido. A voz de uã amada com o andar do tempo toma entonações!... Ora, si por exemplo D. Maria Telles fosse (*pausa*)....

D. JOÃO

Si D. Maria fosse....

PALOMEQUE

Sim. (*A' parte*). Em que diablura vou metter-me!... (*Alto*). Porque ella não se casa?

D. JOÃO

Sei d'isso!

PALOMEQUE

Sei eu. (*A' parte*). Elle creê que ignoro seu casamento secreto com D. Maria.

D. JOÃO

Então conta-me.

PALOMEQUE

Nada; sou de segredo. Ora, que nos importa D. Maria!... Mudemos d'assumpto.

D. JOÃO

Sou curioso.

PALOMEQUE (*A' parte*)

Diabo! Para que prometti ao Conde de Ourem encarregar-me do negocio?

D. JOÃO

Estás estudando alguma mentira?

PALOMEQUE

Justamente, meu Príncipe, uma mentira....  
ao menos eu não creio.

D. JOÃO

Venha a mentira, (*senta-se.*)

PALOMEQUE

De sorte que a voz de D. Maria Telles de Menezes era com effeito a mais sublime das harmonias ; mas, canção muito vista, já arranha os ouvidos.

D. JOÃO

Os ouvidos de quem ?

PALOMEQUE (*A' parte*).

Com todos os diabos lá vae o negocio. (*Alto*)  
....E portanto o homem não quer casar.

D. JOÃO

Que homem ?

PALOMEQUE

Ora ! Ruy Pereira.

D. JOÃO

Não entendo.

PALOMEQUE

Pois não sabeis que Ruy Pereira é o amante feliz da bella viuvinha? (*A' parte*). Carapetão formidavel !

D. JOÃO (*Levanta-se*)

Que dizes ?

PALOMEQUE

Em certas noutes elle vae dirigir-lhe seus cumprimentos tão furtivamente que parece temer-se de alguém. (*A' parte*). Agora o homem engole-me vivo !

D. JOÃO (*Senta-se*)

E cres n'isso ?

PALOMEQUE

Costumes velhos. Já no tempo do marido.... Entendeis ? (*A' parte*). Isto agora foi sermão improvisado.

D. JOÃO

Palomeque, tua historia enfastia, causa somno.

PALOMEQUE

Pois dormi, Príncipe, dormi, eu me retiro (*A' parte*). A minha epiderme si aventura á couzas !... Magnifico !... Atirei-lhe cutilada certa ao coração,—nem pestanejou ! Corramos á dar conta da commissão ao Conde de Ourem.

## Scena 11.

D. JOÃO (*só*)

Quando arrependia-me de haver tomado por esposa a irmã da Rainha, e precisava de pre-

texto á desfazer-me d'ella, afim de receber a mão de Beatriz, ser-me infiel !... ..Louca !... Cumpre-me reinar para tornar grande, gloriosa minha patria. Uã mulher não podia ser barreira ante a qual devesse recuar ; entretanto eu me sacrificaria aos deveres de esposo, resignando-me a vida obscura de simples Principe !... Mas agora.... (*Levanta-se*) que a desgraçada me deshonra, não é direito meu matal-a ? Devo legar ás gerações vindouras estrondoso exemplo á futuros adulterios, já que o fraco Rei não sabe dal-o.

**Scena 12.**

D. JOÃO, E LOURENÇO

LOURENÇO (*A' parte*)

Desertarão o jardim.... Posso agora fugir.

D. JOÃO (*Com riso sardonico*)

Mais á proposito não podia D. Maria Telles de Menezes atraíçoar-me.

LOURENÇO (*A' parte*)

D. João ainda aqui !... Que estará á rosnar ? (*Aproxima-se, e escuta de modo a não ser percebido.*)

D. JOÃO

A Rainha em 12 annos de consorcio só tem tido Beatriz, e um menino, morto ao 4.º dia de nascimento. Certo não ha a temer novos filhos ; —D. Fernando está ás bordas do tumulo.... E' pois sobre a cabeça d'essa Princeza, ainda creança, que pousará a pesada corõa de meus paes. (*Sae, sem ver Lourenço.*)

**Scena 13.**

LOURENÇO (*só*)

Não ; essa creança não cingirá a corõa. De direito o herdeiro, o futuro Rei de Portugal sois vós, D. João. Assassino Conde de Ourem, castelhanõ duplamente adúltero, ludibriae de vossa mulher, ultrajae a dô Rei, exterminae a familia real, matae quantos vos tolherem os passos, e por sobre montões de cadaveres, conduzi pela mão ao throno vossa filha Beatriz (*Apontando para o Céu*).—Aquelle lá não podeis matar.

**ACTO 3.º**

**QUADRO 4.º**

TARDIO ESCRUPULO

Sala, rétirada, do Paço.

**Scena 1.ª**

O REI (*em habito de S. Francisco sentado*), A RAINHA, E O BISPO

A RAINHA

Haveis sobreviver-me, D. Fernando ; e eu que tanto vós amo, faço votos para que assim seja ; mas somos mortaes, e estaes enfermo.

O REI

Este burel de S. Francisco, em que me amortalhei, e quero ser sepultado, diz-vos que já prento a morte.

A RAINHA

Casada Beatriz com o Rei de Castella, ninguém ousará disputar-lhe a corôa.

O REI

Em verdade, não deixo de temer meus irmãos.... Pobre menina!

A RAINHA

D'esta vez cumpre que não fique em esponsaes; o casamento deve realisar-se.

O REI

Mas nossa filha é ainda creança.

O BISPO

Quasi 12 annos; é a idade.

O REI

Abandonar tão cedo as alegrias da infancia...

O BISPO

Hão sido tantos os desposorios frustrados que nada valeria mais este 5.º, si....

O REI

Quarto.

A RAINHA

Perdão; é 5.º

O REI

Desposou Eduardo de Inglaterra, filho do Conde de Cambridge; á D. Henrique, primogenito do Rei de Castella; e á D. Fernando, seu filho 2.º

A RAINHA

E a D. Frederico, Conde de Benavento.

O REI

Esquecia-me o 1.º desposorio com esse filho natural de Henrique de Transtamara.

A RAINHA

Assim pois nomeaes o Conde d'Ourem?

CREADO (annunciando)

O Conde d'Ourem!

## Scena 2.ª

OS MESMOS, E O CONDE

O CONDE

Senhor, eis-me ás ordens de V. Alteza.

O REI

Conde, mando-te á Castella, na embaixada de que te fallou a Rainha.

O CONDE

Reverente beijo as mãos de V. Alteza por esta nova graça.

O REI

Irás com grande casa, e aparato, muitos fidalgos, cavalleiros; escudeiros; e guarda de 100 homens.

O CONDE

Quando deverei partir, Senhor ?

O REI

A Rainha dar-te-á as instruções .... Não posso mais.... preciso repousar.... Sinto-me tão enfraquecido ! *(Ao Bispo)*. Vamos.

### Scena 3.

A RAINHA, E O CONDE

A RAINHA

D. Fernando subscreve á todas as condições.

O CONDE

Portanto o casamento consumir-se-á realmente ?—O tempo urge.

A RAINHA

Foi o ponto mais difficil de vencer.

O CONDE

E quanto a successão do reino ?

A RAINHA

Caso eu não tenha d'El-Rei filho varão, nascido ou posthumo, estipularás que a Rainha será Beatriz ; mas que ella permanecerá sempre no reino de Castella.

O CONDE

E que te pertencerá a regencia ?

A RAINHA

Sim, até ella ter filho de 14 annos.

O CONDE

E si morreres, que te fica reservado o direito de designares em testamento o Regente.

A RAINHA

Lugar que n'esse caso occuparás.

O CONDE

Nada ha pois a receiar ; D. Fernando já toca as bordas do tumulo....

A RAINHA

Mas bastará um tractado com paiz estrangeiro á segurar-nos o poder ? *(Começa a anoutecer.)*

O CONDE

Portugal, assim como Castella, jurará o tractado, além de que contas numerosos parentes e partidarios nos primeiros cargos.

A RAINHA

E o Infante D. João, divulgado este projecto de consorcio, não verá que o illudimos ?

O CONDE

Por oras entretém-no a severando que tracta-se de chimerico desposorio, como tantos outros em que temos envolvido Beatriz; e que ella lhe pertence. Ah !... (A' parte). Urge enviar Palomeque á D. João, póde fraquear. (Alto). Já volto. (E' noute, illuminão a sala.)

Scena 4.<sup>a</sup>

A RAINHA, depois LOURENÇO

A RAINHA

A morte da Rainha de Castella, agora, tão a proposito á meus fins; e a feliz inspiração de.... (Avistando Lourenço). Vos !... Aqui; á estas horas !....

LOURENÇO

Silencio !

A RAINHA

Es bem insolente !

LOURENÇO

Machinaes vos, e vosso cumplice alguma cousa de horrivel contra D. João.

A RAINHA

E depois ?

LOURENÇO

Venho arrancar-vos esse segredo, e a ordem de soltura do Mestre d'A viz.

A RAINHA

Com que direito ?

LOURENÇO

O mesmo com que reinão os tyrannos :—o direito da força.

A RAINHA

D'esse eu estou á escarnecer.

LOURENÇO

Si os dias dos Infantes não forem respeitados, pela Santa Virgem, mãe de Deus, juro que em qualquer parte, onde se refugie Beatriz a filha do Castelhana, no proprio recinto d'este Paço, por mim, ou por outrem será apunhalada. Escarnecei agora.

A RAINHA

Ah !

Scena 5.ª

OS MESMOS, E UM HOMEM DO POVO

O HOMEM

Trago um escripto.

A RAINHA

Quem te deu licença de entrar aqui ?

O HOMEM

Um fidalguinho de roupa estranbotica. Chama-se.... chama-se bufo.... E' o nome que lhe ouvi dar.

A RAINHA

De quem é o escripto ?

O HOMEM

Sei eu d'isso ?—Sois a Rainha ?

A RAINHA

Sou ; é para mim o escripto ?

O HOMEM

Não.

A RAINHA

Para meu esposo ?

O HOMEM

Sim.

LOURENÇO

Então dá-m'o ; o marido d'aquella mulher sou eu.

O HOMEM

Senhor....

LOURENÇO

Dá-m'o, já disse (*arranca-o*)

O HOMEM

Perdoe, Senhor Rei.... Não pensava que ficou assim !

LOURENÇO

Vai-te.

O HOMEM (*A' parte*)

Eh ! Como é noute já se disfarçou ; logo vae conversar com nosco na rua. Pensa-se que não é nada:—é o Rei.

Scena 6.ª

LOURENÇO, E A RAINHA

A RAINHA (*A' Lourenço, que abre a Carta*)

Que fazes ?

LOURENÇO

Silencio !—Sou vosso marido.

A RAINHA

Que será ?

LOURENÇO *(depois de ter lido)*

Perversa, vossos infernaes tramas não vingarão. *(Rasga o escripto ao meio, e o atira ao chão.)*  
Voemos em soccorro, ainda é tempo.

**Scena 7.**

A RAINHA, depois O CONDE DE OUREM

A RAINHA *(depois de apanhar os pedaços do escripto, e lê-o)*

Não!... Oh! não!... *(Ao Conde que entra.)*  
Nunca!

O CONDE

Nunca o que ?

A RAINHA

Não devo.... não posso.... não quero. *(Atira-se na cadeira)*

O CONDE *(arranca da mão da Rainha os pedaços do escripto.—  
Lendo-o)*

« Senhor, o mais humilde dos subditos ousa prevenir V. Alteza: que o Principe D. João casou-se secretamente com D. Maria Telles de Menezes, e que, sob falsa denuncia que ella lhe

é infiel, resolveu matal-a, afim de esposar a infante D. Beatriz, cuja mão lhe está promettida, unicamente para o impellirem á esse crime.»

A RAINHA

Não ; o sangue de minha irmã.... nunca.

O CONDE

Louca, preferes....

A RAINHA

Ah ! E' para me matares a irmã que me occultaste seu casamento, e me levas'e á offerecer minha filha á seu marido !

O CONDE

Cautella !...

A RAINHA

Nada impeço, convenho em tudo, menos que corra perigo....

O CONDE

Estes escrupulos demasiados !...

A RAINHA

Semelhante meio, Senhor, eu não quero.

O CONDE

Quero eu.

A RAINHA *(enfurecida)*

E eu prohibo-te ; hasde obedecer-me.

O CONDE

Estás gracejando.

A RAINHA

Sou a Rainha, ordeno-te.

O CONDE

E eu sou.... o amante da Rainha; desobedeço.

A RAINHA

Desde este instante entre nós findou-se tudo, o passado renego. De joelhos ante a soberana!

O CONDE

Insensata! Os laços que nos prendem não se soltão ao capricho de um de nós. Ha na vida da soberana mysterios que acarretão-lhe a morte, e a deshonra da filha.

A RAINHA (*abatida*)

Oh! Que abysmo!... Eu tenho ferido á quantos contrariarão nossa elevação:— uns estão com as mãos ou pés decepados; outros mortos; o Infante D. Diniz expatriado; o Mestre d'Aviz preso.... mas, a filha de meu pae!!...

O CONDE

Só a irreflexão póde te inspirar escrupulos que si attendera....

A RAINHA (*carinhosa*)

Sabes quanto te amo, nunca te recusei nada; dei-te tudo.... Conde, peço a vida de minha irmã.

O CONDE

Suppões que tantas victimas, em holocausto á ambição, tendião simplesmente á constituir á ti esposa do Rei, e á mim amante, adornado da vã corò de Conde?

A RAINHA

Pelo nosso amor,... pelo amor de nossa filha, eu te supplico.... A ideia é horrivel! ....Não póde ser.... Ah! Eu te rogo de joelhos (*ajoelha-se*). Serve-me tambem.... (*chorando*). Que mais queres? Tua amada á teus pés, em pranto.... Uma Rainha á supplicar....

O CONDE

Então queres?...

A RAINHA

Eu sabia bem.... agradeço.... Vê: já não choro (*chorando*).... Ai! Nem sei o que digo!... Mas valerás a irmã d'aquella que hade ser tua esposa. Em troca, manda-me, seja o que fôr...

O CONDE

Leonor, estou te desconhecendo!

A RAINHA

E' que a voz do sangue....

O CONDE

Levanta-te.

A RAINHA

D'aqui não me ergo; mata-me antes.

O CONDE (*com máo modo*)

Levanta-te. (*Ergue-a*).

A RAINHA (*indignada*)

Pois que me forças,—á teu pezar heide salval-a.

O CONDE

Pensas que aquillo que o Conde de Ourem dispõem, uã mulher, com meia duzia de frases, pôde obstar ?

A RAINHA (*reanimando-se*)

Quem te deu o poder de exterminar tambem a familia da Rainha ?

O CONDE

Basta. Leonor, a paciencia pôde faltar-me.

A RAINHA

Pois bem, João Fernandes Andeiro, desafio-te á que sejas tão forte, como eu. (*Vae á retirar-se.*)

O CONDE (*Segura-a*)

Não sahirás. (*Força-a á sentar-se*). Senta-te, e se rasoavel.

A RAINHA

Que sou eu em Portugal que todo mundo me força !

O CONDE

Ouve ; nossos amores são publicos ; só o Rei ignora. Morto elle, bradarão que Beatriz não é sua filha, que o herdeiro é D. João.

A RAINHA

Peis faze morrer D. João.

O CONDE

Sua morte só a nos interessa ; descobririão o autor, e mais comprometteriamos a causa de Beatriz.

A RAINHA

Imputemos-lhe algum crime.

O CONDE

Esse meio não pôde servir para quanto Principe ha ; já o empregamos contra o Mestre d'Aviz... reconhecerião logo que é ardil para arredal-o do throno.

A RAINHA

Encaminha-o á assassinar alguém.

O CONDE

Ainda que o alguém fôra o maior fidalgo, o Principe nem seria preso. E' mister o crime no seio da familia Real.

A RAINHA

Que assassine o Mestre d'Aviz.

O CONDE

Suppões tão facil armar o braço do irmão contra o irmão, como o do marido contra a mulher ? E seja-o embora, não o sentenciarião á morte ; o Rei temeria se fazer tambem fratrecida. Seria muito Cain á um tempo.

A RAINHA

Mas em prisão estava perdido.

O CONDE

No proprio carcere os Portuguezes o coroarião Rei. Henrique de Transtamara—exemplo ainda de hontem—para haver a corôa, trucidou seu irmão esoberano, e Castella o acclamou successor! Demais, D. Fernando ontorgar-lhe-ia o perdão.

A RAINHA

Com maior razão si elle matar D. Maria.

O CONDE

Conheces, tanto como eu, que para resistir á tua voz bradando justiça contra o assassino de uma irmã, D. Fernando não tem forças.

A RAINHA

Eu serei da mesma sorte poderosa....

O CONDE

Não reflectes no que dizes. Tu mesma para poupar uma irmã, não estás convindo em que te exterminem a propria filha ?

A RAINHA

Que exterminem minha filha !

O CONDE

Na acclamação de D. João, para trophéos hão de pedir a cabeça de Beatriz, a tua, e a minha.

A RAINHA

Mas ella vae ser rainha de Castella; achar-se-á ao abrigo....

O CONDE

E tua vida, e a minha ?

A RAINHA

Não se atreveráõ.

O CONDE

Não se atreveráõ si lhes faltar Principe á quem fazer Rei; si acabarmos com os dous que restão.

### Scena 8.

OS MESMOS, E O BISPO

O BISPO

Senhora, acodi.... El-Rei....

A RAINHA

Que tem ?

O BISPO

Um accidente.... o que quer que seja.... Cahio sem falla....

QUADRO 5.º

A AMBIÇÃO

Sala da casa de D. Maria, que precede a camera de dormir. — E' noute; — a sala mobiliada á gosto da epocha, acha-se mal illuminada.

Scena 1.ª

D. MARIA, E A VELHA FEITICEIRA

A VELHA

Ide repousar. Minha natureza diverge das outras; nunca durmo; mas vos, minha rica Senhora?

D. MARIA

Ainda uma palavra. Essas cartas, principalmente a de meu filho o Mestre de Christo, que ins'a para que me acautelle de D. João ...

A VELHA

Minha filha, não quereis crêr nos meios de conjurar o perigo, não fallemos mais n'isso.

D. MARIA

Sei que minha irmã é Rainha poderosa graças á esses teus meios.... mas a religião!...

A VELHA

Então para que me chamastes?

D. MARIA

Quiz saber apenas si havia que receiar.

A VELHA

Não nos privilegia só o dom de devassar o futuro, podemos tambem dominal-o.

D. MARIA

Pois domina-o, sem meu concurso.

A VELHA

Repito, minha filha; peço só uã madeixa dos cabellos de vosso marido.

D. MARIA

Alguem chega.... retira-tê; que não te vejão.

Scena 2.ª

D. MARIA, E LOURENÇO (em trage de mendigo)

LOURENÇO

Mandando implorar abrigo procurava occasião de fallar-vos....

D. MARIA

Que tem a diser-me?

LOURENÇO

Vossos creados impedirão-me, esperei... fôrão deitar-se.... ouvi passos aqui—aproximei-me. A noute está muito avançada.... desculpae.... urge....

D. MARIA

Que dia, meu Deus !

LOURENÇO

Senhora, não ha tempo á perder, fugi.

D. MARIA

Fugir !...

LOURENÇO

Vosso marido projecta matar-vos.

D. MARIA

Recebi cartas com igual aviso ; mas D. João sabe que, abandonada longos annos de meu primeiro esposo, ainda tão jovem, fui-lhe entretanto fiel...

LOURENÇO

Depois fallareis ; agora fogi sem delação de um instante.

D. MARIA

Crês que o Infante ignora quanto o amo ?

LOURENÇO

O innocente responde pelas culpas do máo— é a lei da sociedade dos homens. O pae com a prostituição da filha cobre-se de opprobrio ; o mundo atira o ridiculo ao marido pela deshonra da mulher ; o irmão se avilta na infamia do irmão. Senhora, toda má suspeita vos assenta :— sois a irmã de Leonor Telles de Menezes.

D. MARIA

D. João sabe que antes mil vezes morrer, que deshonorral-o.

LOURENÇO

Senhora, estaes perdendo tempo, pelo amor de Deus abandonae já esta casa.

D. MARIA *(senta-se)*

Não, aqui fico. O Infante hade ouvir-me.

LOURENÇO

A voz da ambição trôa mais alto que a da innocencia.

D. MARIA

E que interesse ha em que eu morra ?

LOURENÇO

Leonor prometeu a mão da filha á vosso marido.

D. MARIA

Quem és tu que ousas assim suspeitar d'ella ?

LOURENÇO

Não me conhecem mais !... Fui D. João Lourenço da Cunha ; amei essa mulher com todos seus crimes ; e porque amei-a, sède de vingança me devora: quero arrancar o poder á seu amante—o infame João Fernandes Andeiro.

D. MARIA

Si D. João espozasse a herdeira do throno, seria o futuro Rei; e então....

LOURENÇO

O herdeiro é vosso marido ; para cingir a corôa não depende de esposar alguém.

D. MARIA

Pois bem ; de um modo ou de outro, D. João no throno, o Conde de Ourem está por terra. Como crêr que planeje minha morte, sem outro resultado mais que essa queda ?

LOURENÇO

Tantas questões, meu Deus!... Não vedes que o tempo avança ?

D. MARIA

Tenho a consciencia pura.

LOURENÇO

Talvez para aqui D. João já se encaminhe.

D. MARIA

Que venha.

LOURENÇO

Quando sois, D. Maria, a futura Rainha, ceder o posto á filha de um torpe estrangeiro !

D. MARIA

Senhor, prepondes-me a deshonra : a fuga provaria o crime que me imputão.

LOURENÇO

Talvez já seja tarde ! Senhora, por quem sois...

D. MARIA

Si para D. João tornar-se Rei se precisa de minha vida, eu a offereço.

LOURENÇO

Não é para que elle reine que promovem vossa morte.

D. MARIA

Então para que ?

LOURENÇO

Tramão tranformal-o em assassino, afim de o condemnarem.

D. MARIA *(levanta-se)*

Enlouquecestes ! Impossivel tanta maldade !

LOURENÇO

Visão perdel-o, e eu quero que reine ; eis por que peço, insto, imploro de joelhos *(ajoelha-se.)*

D. MARIA

Que farei, meu Deus !

LOURENÇO

Fugi, Senhora, fugi.... por amor do proprio D. João impossibilitae o crime.

D. MARIA

Minha cabeça !... Onde refugiar-me ! ?...

LOURENÇO

Juncto á vosso irmão, D. Gonçalo Mendes de Vasconcellos.

D. MARIA

Obrigado, Lourenço da Cunha, partirei já.

LOURENÇO

Vae amanhecer ; acodi á tempo ; retiro-me tranquillo.

**Scena 3.ª**

D. MARIA (só)

Não demorarei.... o tempo preciso apenas de acordar uma creada da camera para acompanhar-me. (*Entra na camera de dormir.*)

**Scena 4.ª**

A VELHA FEITICEIRA (só)

O mendigo foi-se... Occorreu-me outro esconjuro ás tentações diabolicas. ...Está amanhecendo ; a hora favorece.... empreguemos esse.... (*Abre a porta da camera....*) Isto aqui.... anda perigo.... Porta aberta n'alba do dia.... é aziago !... fechemos (*fecha.*)

**Scena 5.ª**

D. JOÃO, PALOMEQUE, e homens armados de alabarda. (*Entrão pé, por pé*)

D. JOÃO

Silencio ! Por ora nada de barulho.

PALOMEQUE

Talvez descubramos algum hospede, que não convidastes. Não ha algures por onde escapulir?

D. JOÃO

Não. A camera de dormir é ali.

PALOMEQUE (*examina a porta*)

Está trancada ; como entrar ?

D. JOÃO

Arrombaremos.

PALOMEQUE

Mas amotinamos a visinhança.

D. JOÃO

Estou em minha casa ; uso de um direito. ....Tudo em silencio!... (*Aos homens.*) Arrombem. (*Dão algumas pancadas; a porta resiste, afinal cede.—Entrão precipitadamente na camera.—Alarido na casa.*)

**Scena 6.ª**

MARTINS só (*fatigado*)

Graças !... Corri á tempo.... Está salva! (*Corre para a camera.*)

**Scena 7.ª**

LOURENÇO só (*correndo*)

Vi de longe vultos.... de certo era elle. (...Ouve-se a queda de um corpo, gemidos, alarido na camera.)

—Lourenço precipita-se n'ella. Logo depois appare-  
em todos os que ahí entrarão. D. João traz a face  
livida, os olhos em fogo, os cabellos eriçados, as per-  
nas languidas. Os mais mostram-se consternados.  
Todos apressadamente se retirão, e D. João de modo  
atordoado.)

### Scena 8.<sup>a</sup>

MARTINS, em seguida LOUREN-  
ÇO, (vindos da camera)

Que horror! (Cae em uma cadeira)

LOURENÇO

Morta! . . Assassinação!... (Tambem atira-se á  
uma cadeira, e immediatamente ergue-se). Basta.  
(Rasgando as vestes de mendigo, e ficando nas de fi-  
dalgo). Deus de Infinita Justiça, juro pela eterna  
salvação de minha alma, que o filho de Pedro o  
cruel, o assassino D. João, não será jamais Rei  
de Portugal!

## ACTO 4.<sup>o</sup>

### QUADRO 6.<sup>o</sup>

#### UM ESCARIOTA

O terreiro da Sé da cidade  
de Lisbôa. — No mesmo exis-  
te a habitação do Bispo, con-  
tigua á Igreja, cuja torre é  
visivel. — Ouve-se dentro, ao  
longe, musica breve; em se-  
guida a voz do Arauto accla-  
mando: REAL, REAL PELA  
RAINHA D. BEATRIZ! Im-  
mediatamente murmúrio do  
povo; e depois breve musica.

#### Scena 1.<sup>a</sup>

LOURENÇO, DA CUNHA, o DR. JOÃO DAS RE-  
GRAS, e RUY PEREIRA

LOURENÇO

Eis o pendão se levanta pela adulterina!...  
Vergonha!

O DOUTOR

Para aqui se dirige. Esperemol-o.

#### Scena 2.<sup>a</sup>

FIDALGOS, precedidos de banda de musica, e  
do ARAUTO, e seguidos de povo.

O ARAUTO (depois de ter a mu-  
sica tocado)

Real, real por a Rainha D. Beatriz, herdeira

do finado D. Fernando ! (*Murmurio do povo.—A musica toca,*)

RUY

Real, real por cujo fôr o reino ! (*Applausos do povo.*)

LOURENÇO

Senhores, será para isto que nossos avós ganharam Portugal aos Mouros á preço de tanto sangue, e tantas vidas.... para nos o darmos á Castelhanos ?! Não; Portugal não hade ser da Hespanha ; nunca. (*Applausos.*)

O DOUTOR

Conde de Ceia (*é o que traz o pendão*), e mais Senhores fidalgos, e cavalleiros, correis muito risco ; já deveis ter noticia; a vozeria do povo na rua Nova é grande.

LOURENÇO

Dexae-os seguir, Doutor.

**Scena 3.ª**

OS MESMOS, E PALOMEQUE

PALOMEQUE

Senhores, á vosso mandado lá fui.... vi-os de longe.... de facto o povo na rua Nova está com medonha catadura.... E' melhor retroceder.

LOURENÇO

Si não quereis....

PALOMEQUE (*com medo*)

Não, Conde, eu lá não vós sigo.

O DOUTOR

E' prudencia.

O ARAUTO

Mas a Rainha regente ordenou.

PALOMEQUE

Voltemos, Conde, voltemos.

O ARAUTO (*á um signal do Conde de Ceia*)

Retiremo-nos, Senhores, (*Applausos do povo.*)

**Scena 4.ª**

LOURENÇO, o DR. JOÃO DAS REGRAS, E RUY PEREIRA

RUY

Com nossas acclamações anonymas vencerá Leonor Telles. O Infante D. João,—á esta hora sciente da morte de D. Fernando, por certo já deve ter sahido de Castella ; não tardará á chegar ; apregoemol-o francamente rei.

LOURENÇO

Que !... D. João !... Um assassino ! Jamais.

RUY

Esqueceis que foi cilada á sua inexperiencia para o perderem....

LOURENÇO

Seria tambem cilada, refugiado em Castella, como D. Diniz, pegar em armas contra Portugal?

RUY

Entretanto é o herdeiro.

O DOUTOR

Juridicamente, Senhor, não existe herdeiro; a corôa acha-se na realidade vaga; e podemos em liberdade eleger o Principe que mais convier. Sobre isso urge chegarmos á acôrdo.

RUY

Dos Infantes é elle o prezado, tem por si o Clero, nobreza, e povo.

LOURENÇO

O Mestre d'Aviz tem mais que os suffragios do mundo:—a Justiça de Deus.

RUY

Digo que D. João será o eleito.

LOURENÇO

A' fé que não; enquanto eu cingir uma espada.

RUY

Nós tambem a cingimos, desafio-vos á que vençaes.

LOURENÇO

Ah! Atiraes-me a luva! Ergo-a. Bem infame eu seria si me atemorissassem aquelles que

quebrão lanças pelo assassino de uã mulher; por um renegado!

RUY

Entre nós, Senhor, nada mais de commum.

LOURENÇO

Sim, somos inimigos.

O DOUTOR

Pois bem, Senhores, colheremos o fructo das desintelligencias:—a victoria dos contrarios.

**Scena 5.ª**

PALGMEQUE (só)

Eu tive medo.... é verdade.... cheirava a desordem da canalha, não gosto.... mas não recuo....vou com a Rainha.... Parece-me mais commoda a posição dos que vencem.... Quem vejo respingar? Meia duzia de esturrados, e a ralé dos peões.... Não vou por ahi. Os graúdos.... até o Mestre d'Aviz!... A Regente manda-o ás terras do Mestrado, deffendel-as na invazão por Castella, que se espera.... Sim; entendo.... não o quer em Lisboa; e elle obedece submisso.... Hoje o Rei, nosso senhor, é o Conde de Ourem. Vamos indo tambem por onde sopra o vento.

**Scena 6.ª**

O CONDE DE OUREM, (seguido de muitos fidalgos, e escudeiros), logo depois O BISPO, O PRIOR DE GUIMARAES, E UM TABELLIÃO

O CONDE

E' singular, Gonçalves Taide! ....Pelas ruas que percorremos nenhum signal de aclama-

ção!... Eis quem talvez.... (ao Bispo). Que ha, D. Martinho?

O BISPO

O tumulto foi grande.... mal o pendão dera alguns passos quando, chegado aqui ao terreiro da Sé, forçoso foi recolher-se.

O CONDE

Ridiculos germens de sublevações, que se dissipão de si mesmos, como fogos fatuos.

O BISPO (A' parte ao Conde)

Assim o espero ao avistarem nossos compatriotas—os valentes soldados de Castella.

O CONDE (A' parte)

Eu conto com meio mais expedito. (Ao Bispo.) Ninguém suspeita que a propria Regente é que os chama á invadir Portugal?

O BISPO

Como suspeitar? S. Alteza tem nomeado fronteiros, enviado forças; e só os intimos, incumbidos da phantastica defeza, estão iniciados no segredo.

O CONDE

Demais, o Rei de Castella obrigou-se por juramento á condição estipulada em seu consorcio de jamais entrar em Portugal, e ser Leonor Regente em quanto Beatriz, sua consorte, não tiver filho varão de 14 annos. Leonor está a gover-

nar; como crêr que seja ella propria á exigir no reino aquella, com cuja vinda si lhe acabaria a auctoridade?

O BISPO

Mas então para que S. Alteza quer a presença do genro?

O CONDE

Snr. Bispo, não é o Rei de Castella que queremos, mas seu exercito. Precisamos de inimigos de Portugal á consolidar-nos o poder.

O BISPO

E não temeis....

O CONDE

Eu nada temo; saberei prevenir tudo.

O BISPO (em voz alta)

Senhor, que seja bem succedida em sua acclamação nossa Rainha D. Beatriz, taes são os meus votos, e orações, e os dos meus amigos o Snr. Prior de Guimarães, e o Snr. Tabellião.

### Scena 7.ª

OS MESMOS, (menos o Bispo, o Prior, e Tabellião) e BAEÇA

BAEÇA

Conde, folgo encontrar-vos. O Mestre d'Aviz

manda avisar-vos, e á Regente, que n'este instante parte para as terras do Mestrado, á cuja defeza fôra nomeado.

O CONDE

Com o dia já tão adiantado !...

BAEÇA

Dorme d'aqui á 2 leguas, em Santo Antonio de Tojal.

O CONDO (*em particular*)

Nenhuma suspeita ?

BAEÇA

Cada vez mais, ganho terreno em sua confiança.

O CONDE

E me asseguraes....

BAEÇA

Que hoje mesmo finda sua missão na terra, ou não me chamo João Affonso Baeça.

O CONDE

Como vos haveis, sendo elle tão acompanhado?

BAEÇA

Cavalgando fogoso ginete á seu lado, irei brandindo a lança, e por vezes o arremetterei, desviando-a, á parecer que o divirto; eis de repente, sem querer, o ginete m'impelle....

O CONDE

Dezastre casual.

BAEÇA

Acaba em mão d'amigo. Sei meu jogo; o golpe será certo.

O CONDE

E a recompensa condigna; está contada a avultada somma que ajustámos.

BAEÇA

Elle deve ter já partido; sigo á encontral-o. Não esquecei a participação á Regente.

O CONDE

Sede feliz.

### Scena 8.ª

O DOUTOR JOÃO DAS REGRAS, E LOURENÇO

O DOUTOR

O valido da Regente affronta nossos brios. Quando nos envolve á todos o burel branco de luto; só elle traja vestes de gala!

LOURENÇO

Os bons vassallos pranteiem a morte do Rei; mas aquelle que o ludibriou em vida, para quem surge motora de venturas a causa da dôr que enluta Portugal em peso.... que trajes esconderão o jubilo no coração á transbordar-lhe!

**Scena 9.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, E RUY; logo depois PALOMEQUE

RUY

Senhores, mais uma perfidia!... Acaba de chegar....

PALOMEQUE (*passando*)

Novidade!... Grande novidade! Os Infantes D. João, e D. Diniz por ordem do Rei de Castella estão lá presos!...

**Scena 10.<sup>a</sup>**

OS MESMOS, menos PALOMEQUE

LOURENÇO

Exigencia de Leonor, inspiração do Castelhana, para que não possam vir disputar-lhes o throno á filha; mas os infames se illudem.

RUY

Sim; a prisão congrassa os Portuguezes em torno ao Mestre d'Aviz. Lourenço da Cunha, entre nós nenhuma divergencia mais. (*Dão-se as mãos.*)

LOURENÇO

A' seu favor erga-se Portugal inteiro.

O DOUTOR

E' o Príncipe que resta, e suas virtudes o destinão á reinar....

LOURENÇO

Senhores, cumpre obstar que elle parta. Castella ameaça Portugal, mas Leonor não pôde querel-o para defensor. Os actos d'essa mulher transpirão sempre traição.

RUY

Com effeito, attribuindo sua prisão á intrigas do commendador-mór Vasco, ella o fez soltar, porque não pôde matal-o. Agora que exerce como Regente mando absoluto, podemos crêr izentos de risco os dias do ultimo Principe que resta?

O DOUTOR

E' mister, de facto, que não se ausente.

RUY

Mas não terá ainda partido?

LOURENÇO

Corramos a procural-o; e rodeando-o, façamos dos corações muralha á resguardal-o.

---

## QUADRO 7.º

### O ENVENENAMENTO

**Camera da Rainha no Paço Real.—Estrado onde ella se senta, e bancos onde se sentão os mais.**

#### Scena 1.ª

LEONOR, E A FEITICEIRA (*entrando ambas*)

LEONOR

Já te disse, Feiticeira, mando-te queimar viva.

FEITICEIRA

Alteza, me calumniarão.... minha arte é só para o bem....

LEONOR

Eu não fôra Regente do reino, si uma miseravel como tu pudera illudir-me.

FEITICEIRA

Crede-me, em maleficios sou pobre idiota!

LEONOR

Obedece-me, ou d'aqui segues para o calabouço.

FEITICEIRA

E' verdade que conheço umas mésinhas,—beragens caseiras.

LEONOR

Dá-me.

FEITICEIRA

Nunca fiz uso.... é só para animalejos damnhos.

LEONOR

Assaz.

FEITICEIRA

Pois que vejo-me constrangida.... (*Tira do seio uma vasilha, e entrega.*)

LEONOR

E me affianças....

FEITICEIRA

Resultado seguro sem vestigio algum de artificio,— uma apoplexia bem caracterizada. A propria corporação dos medicos não lhe acharia nenhum defeito.

LEONOR

Applica-se ?...

FEITICEIRA

Em qualquer alimento;—não sabe á nada. Veio-me da Italia, segredo de Locusta do tempo de Nero.

LEONOR

Está aqui uma doze ?

FEITICEIRA

Sim, Alteza, preferindo o negocio do animalejo em um abrir, e fechar de olhos; mas si a dividirdes em 3, ha ahi de que supprimir, muito polidamente, á outros tantos importunos. No mesmo dia—nada,—é sua grande virtude; 20 horas depois começam as vertigens, as contracções.... em 40 o somno é de bom quilate; não ha nada á dizer.

LEONOR

Bem.

FEITICEIRA

E' só para animalejos.... Recommendo, minha rica Senhora, que o despejem com a mão esquerda, com a direita não respondo.

LEONOR *(para dentro)*

O' lá! *(chamando)*. Malvada, bem suspeitava que eras envenenadora; tenho agora a prova. *(A' um Escudeiro, que tem acodido.)* Conduze-a!

FEITICEIRA

Senhora....

LEONOR

Que fique incommunicavel.

FEITICEIRA

Ai !... mizericordía! *(O Escudeiro a arrasta.)*

**Scena 2.ª**

LEONOR *só (depois de sentar-se no estrado)*

Pois que assim o quer, hoje ser-lhe-á administrado.... amanhã cairá....

**Scena 3.ª**

LEONOR, PALOMEQUE, e outros FIDALGOS  
PALOMEQUE

Senhora, o Mestre d'Aviz que, como sabeis, hontem partio para suas terras, acaba de chegar; do que o Conde de Barcellos, o Conde D. Alvaro, Antonio de Camora, e mais fidalgos aqui presentes temos a honra de vir prevenir á V. Alteza, acodindo como fieis subditos para o que fôr mister.

LEONOR

Agradecida, Senhores, á vossa lealdade. Alta noute recebi Fernão Alvaro da Cunha, Vedor do

Príncipe, enviado por elle á avisar-nos, que regressava hoje para vir fallar-nos. A que fim? Não posso ainar. Vos outros o que sabeis?

PALOMEQUE

Pouco mais de nada; apenas que logo depois de sua partida, o Dr. João das Regras seguiu para S. Antonio de Tojal, onde elle ia pernoitar. Cá por mim suspeito que....

LEONOR

Eis o Snr. Conde de Ourem; talvez se ache melhor informado.

**Scena 4.ª**

OS MESMOS, E O CONDE DE OUREM

O CONDE *(em particular á Leonor, fallando-lhe de joelhos á seus pés, depois de o ter cumprimentado com muita reverencia, e aos mais Senhores, os quaes conversão entre si.)*

Leonor, passei o resto da noute desde a chegada do mensageiro do Mestre d'Aviz em vigilia, reflectindo. Sempre a mesma ideia.... oppoeste, mas estcu d-cidido.... Tendo o Vedor do Príncipe impedido o jogo de Baeça, eu o despacharei; nada temo.

LEONOR

E á mim nada tranquillisa; não quero que apunhales o Mestre d'Aviz; corres perigo. Idei meio menos arriscado, eil-o *(mostrando-lhe*

*furtivamente o veneno*). Convidal-o-ás hoje á jantar contigo.

O CONDE

Como obtiveste?

LEONOR

Da Feiticeira que outr'ora....

O CONDE

Mas ella póde traír o segredo.

LEONOR

Vou envial-a á prisão com ordem de a enforcarem immediatamente.

O CONDE

Entrega-me.

LEONOR *(entregando o veneno)*

Basta a terça parte, e depois de amanhã nossa Beatriz não terá mais competidor

O CONDE

Do resto te servirás quando chegar o Rei de Castella, logo que elle se torne obstaculo.

LEONOR

Beatriz, assim viuva, ficará sob nosso poder, e seremos soberanos, sem que nada mais nos ameace.

O CONDE

Então me divorciarei de Dona Maior, e me darás a mão de esposa.

**Scena 5.**

OS MESMOS, o MESTRE D'AVIZ, RUY PE-  
REIRA, E OUTROS FIDALGOS

LEONOR (*depois de terem os recém-  
chegado lhe beijado a mão*)

Sentai-vos, Senhores, (*sentão-se todos*). E pois, irmão, que é isto, á que tornastes de vosso caminho ?

O MESTRE

Senhora, reflecti esta noute, e pareceu-me não ter sido por V. Alteza despachado segundo cumpria. A frontaria que me assignastes é grande, como as dos Mestres de S. Thiago, e de Alcantara, mas a gente pouca. Voltei á pedir-vos mais, como é devido á minha honra, e vosso serviço.

LEONOR

Folgo com a supplica ; me parece bem. D. Alvaro, manda chamar o escrivão da Puridade á ver o livro dos vassallos da Comarca de Entre Tejo, e Guadiana, para se dar ao Principe os que elle quizer. (*Sae D. Alvaro.—A' parte*). Porque virem tão armados ?! (*Alto*). Senhores, bom costume é o dos Inglezes que em tempos de paz trazem por armas ricas vestes, e nas mãos luvas como damas.

O MESTRE

E' grande verdade, Senhora, porém o mais do tempo elles tem a guerra, nós a paz. Si n'esta não usarmos de armas, n'aquelle não as sabermos soffrer.

PALOMEQUE (*tendo lhe fallado  
um creado*)

Senhora, sois avisada que o jantar vos espera.

LEONOR (*ás pessoas presentes*)

Podeis retirar-vos. (*Todos se levantão. A parte,  
ao Conde de Ourem*). Não o deixes sair.

O MESTRE (*respondendo em  
particular ao Conde de Barcellos*)

Conde de Barcellos, agradeço o convite, mas não posso hoje jantar com vosco : e peço vos retireis, como irmão que sois da Rainha.

O CONDE DE OUREM (*fallando á  
Çamora, e outros de sua parcialidade*)

Çamora, correi com os mais Senhores, nossos amigos, á armar-vos, e avisar nossa gente para vir depressa ao Paço, tambem armados. (*Saem os da parcialidade do Conde.*)

O MESTRE (*em particular á  
Barcellos*)

Bem ; conto com o vosso auxilio. Eu forcei a entrada, apresentando-me sem ser annuciado, e vistes em que posição sorprehendemes o Conde de Ourem.

O CONDE DE OUREM

Mestre d'Aviz, concedeis-me a honra de jantar conigo?

O MESTRE

Aceito, Senhor, o convite para mim, e Ruy Pe-  
reira. (*O Conde de Ourem dá-lhe a mão, e os 3 en-  
trão para uma camara.—Os mais tem sahido.*)

Scena 6.<sup>a</sup>

LEONOR, depois LOURENÇO DA CHUNA

LEONOR

Algumas horas anda, e o ultimo dos Princi-  
pes que póde tornar a corda vacillante na fronte  
de Beatriz, terá desaparecido; algumas horas,  
e sem mais temer conspirações, minha filha....  
eu propria serei a soberana.

LOURENÇO

Alguns minutos apenas, e nada mais és em  
Portugal, que uã mulher infame, condemnada...  
(*Fecha, e tira achave da porta que dá para a camara.*)

LEONOR

Que quer dizer isto?

LOURENÇO

Quer dizer que a hora da vingança acaba de  
soar. Jurei que a filha do torpe Castelhana não  
seria Rainha de Portugal. Venho arrancar-lhe a

corôa.... Defendei-a que ella não tem mais outro  
arrimo senão tu, fraca mulher .... Nem tu mes-  
ma lhe restas. O Castelhana attentou contra a  
honra d'El-Rei, infamou Portugal; chama o  
extrangeiro á aggredil-o; —nosso legitimo Rei,  
o Mestre d'Aviz, julgou-o, condemnou-o. Neste  
momento teu amante é riscado da lista dos vivos.

LEONOR (*correndo pela sala*)

Socorro!... Socorro!... Um assassinato!

LOURENÇO

Gritas em vão; as providencias estão tomadas.

LEONOR (*arremessando-se-lhe  
aos pes*)

Perdão, Senhor, tende piedade d'elle; não  
deixeis que o matem.

LOURENÇO

Perdão!... Pedi-o para ti propria; tambem  
vaes morrer.

Scena 7.<sup>a</sup>

OS MESMOS, E PALOMEQUE

PALOMEQUE (*correndo*)

Toda a cidade em revolução! O povo matou  
o Bispo, o Prior de Guimarães, e um Tabellião  
que se refugiarão na terra da Se, e de lá atirarão  
os cadaveres na praça, e os estão arrastando pelas  
ruas!.... Oh! onde esconder-me!... Não; vou

tambem acclamar a Mestre d'Aviz (*Sae—Alvorço na camera, e fora do Paço—Lourenço abre a porta da camera.—Sae d'ella Ruy Pereira. Lourenço ahi entra.*)

**Scena 8.<sup>a</sup>**

LEONOR, E RUY  
RUY

Morto o Conde de Ourem ! Vinguei minha patri. (*Sae apressadamente.*)

**Scena 9.<sup>a</sup>**

LEONOR (*só*)

Fujamos.

**Scena 10.<sup>a</sup>**

LEONOR, E A FEITICEIRA  
FEITICEIRA

Quiz sair.... Immensa multidão cerca o Paço...

LEONOR

Por compaixão acompanha-me, soccorre-me....

FEITICEIRA

Que !... A Rainha !... O povo pede vossa cabeça.... Sae de juncto á mim. (*Empurra-a, e sae—Acclamações, e motim fora do Paço.*)

**Scena 11.<sup>a</sup>**

LEONOR (*só*)

Onde esconder-me !...

**Scena 12.<sup>a</sup>**

LEONOR, o MESTRE D'AVIZ (*vindo da camera*)  
E o DR. JOÃO DAS REGRAS (*vindo de fóra*)

O DOUTOR

Senhor, sois agora o soberano ; o povo em massa levantou-se, e acclamou-vos Rei ; mas vos suppõem morto ; quer pôr fogo ao Paço. Já na ala direi'a estão arrombando a porta. Vinde á janella mostrar-vos.... de pressa. (*Muitas vozes fora do Paço bradando.*) «Morra a Rainha ! Viva El-Rei D. João I, Mestre d'Aviz!»

**Scena 13.<sup>a</sup>**

LEONOR *só* (*aterrada, de joelhos*)

Meu Deus !... Perdão !... Por vossa infinita misericordia !...

**Scena 14.<sup>a</sup>**

LEONOR, E LOURENÇO

LOURENÇO (*á immensa multidão, que invade o Paço pela ala direita, e que avança para a Rainha de modo horrivel, em attitude de matal-a, bradando enfurecido.*) «Morra !»

Não ; esta miseravel defendo eu.

FIM



NOÇÃO

dos

Ensaio Dramaticos

NOÇÃO

DOS

## Ensaio Dramaticos

Além da insuperavel tendencia á se perpetuar commum á todos os seres animados, e destinada á manutenção das especies, Deus implantou nos seres racionais a do proprio aperfeiçoamento, impulsor de progresso da familia humana.

Mas, ao passo que a primeira d'essas tendencias naturaes se exerce ao influxo do puro instincto, preponderando a unidade de fim, a segunda se produz ao jogo da rasão, sob a larga serie de seus meios de comprehensão, gerando, nem sempre em acórde movimento, immensa variedade de fins.

O aperfeiçoamento—na linguagem pratica propria fortuna,—ó o problema á se eternisar na

vida racional, actual-a, e constituil-a. Toda acção, os proprios erros e crimes o traduzem.

N'estes a cegueira da ignorancia, ou tresvario da paixão intervem á entenebreceer a razão, e desnortear a liberdade.—Os crimes denuncião falsa solução do problema.

Pertence á esses seres, abandonados as suggestões de illegitimo egoismo, pedir a solução á quem só tem infortunios a lhes offerecer.

E' a paz do espirito entretanto—voto do Filho de Deus aos filhos do homem,—que enfeicha todos os bens em si, compondo a suprema ventura terrestre.

Quando, ante os multiplos bens, o homem, á prismas illuzores, avista um d'elles sobranceiro aos mais, e no seu apaixonado gravitar para esse, supplanta toda sórte de tropeços,—não apórta ao malogro sómente, mas a perdição.

Tal é o pensamento commum dos tres *Ensaíos Dramaticos*.

Ora, entre taes bens sobresaem por grande imperio: a liberdade, a honra, e a gloria.

Si levado em favor da liberdade á ambição de riqueza; da honra aos movimentos do orgulho; da gloria á sede de Poder,—assim situado ahí á beira de abysmos,—o homem toma esses estímulos á heroicidades por alvo á que tudo deve ce-  
der,—precipita-se: apoz as fruições da riqueza em

extorsões; do orgulho em vindictas; do Poder em oppressões.

Ensaio dar idéa do primeiro d'esses flagellos na *Familia Raziqúe*; do segundo na *Nemesis*; do terceiro no *Conde de Ourem*.

Jámais porém a attracção do mal deslumbra tanto, como quando a fraqueza o impoem á força. Eva perdendo o progenitor das gerações o ensina.

N'esses *Ensaíos*, sem falsear a Historia, personificação a triplice paixão: Margarida, Madama (a) e Leonor;—tres esposas: a nescia, a repellida, e a alheia; a renderem:

A nescia á sua sede de ouro um marido de indomavel ascendente pelo vigor do espirito, e violencia do caracter.

A repellida, emigrada do paiz dos Lords, aos desforços da sua soberba um Presidente de Republica.

A alheia aos caprichos de seu mando um rei absoluto.

E todos arremessão á voragem dos crimes esses insensatos de nome Matheus Raziqúe, Lopes filho, e Fernando, o *Formoso*, que as associarão á jornada da vida.

Por pequena que seja a povoação que habi-

(a) Conservamos esta palavra em referencia a Irlanda, visto que assim a tractavão no Paraguay.

taes, conheceis algum homem, talvez uma familia, to la seda e veludos, de magnifica m'za, e de melhor caza,.... á chorar pobreza ao primeiro vindo.

Seu idolo é o ouro. Pelo ouro se collocão cachos sob os pés dos opulentos e poderosos.

Querem-no, não para aferrolhal-o em burra de avaren'o; porém, para em escala sempre ascendente, rodarem em coches; se cercarem de ricas mobílias, e baixelas; ostentarem conforto e moradia de Principes.

O esplendôr do luxo é engodo com que atraem lá as victimas; é cartão de entrada nas culminantes classes sociaes,—exploravel região do dinheiro; é exaltação sobre os pequenos, em desforra da humilhação ante os grandes.

A inveja de tudo os possue, e o sorrir nos labios lhes esconde o odio á todos.

Evitae de encontral-os, si sois nullo á não perderdes nada. Não ha defeitos á seus olhos que não tenhaes. Sois canalha; e elles o advertem á todos.

Si lhes podeis valer, por pouco que seja, convidovos á procural-os. Não ha ternuras, affagos á eulagar-vos que esqueção. Aquella boa gente vos poem dentro do coração.

Tambem ninguem vos serve, ou é capaz de servir-vos, como elles.

Em troca de tanta amabilidade, positivamente

nada vos pedem; insinuão-vos porém,—natural acaso—artisticamente desinteressados, o soffrimento de alguma privação que curtem, sob as exterioridades da abastança; e acabaes sempre por achar justamente sob a mão o meio de remedial-a.

Os filhos são-lhes para isso soberbos auxiliares. Desde a mais tenra infancia os afeiçoão e adextrão em ardiç para esses donativos espontaneos, que são-lhes o fundo da profissão.

A educação, auxiliada pela hereditariedade das propensões, os aprimora.

D'esta sorte, sob apparencias de bonhomia, indizível amizade, e heroico genio serviçal, á todos mystificação e expolião; e todos os acclamão as melhores creaturas do mundo!

Si lhes falta a perspectiva da Policia á porta, elles desfechão golpes á os enriquecerem, desgraçando seja quem fôr.

Nenhuma lagrima aos parentes na desgraça; abundantes—das que ensopão os palcos—aos moribundos, cujo espolio os esperança.

Aos proprios irmãos e paes avaluão pela riqueza ou influencia, á elles propicia, de que dispoem.

Este genero de bipedes verticaes, de variadissimas especies, ainda sem nome no reino animal, baptisei *Razique*, anagrama da palavra *riqueza*: a Deusa á que rendem cultos.

Quando elles tem a simplicidade de se soccorrer á meos grosseiros que os traem, o vulgo os appellida *ciganos*.

Entre os ciganos e raziques ha de commum a extorsão. D'ahi por deante differença a desapa- rental-os.

O cigano é nomade, escoria da sociedade, raça maldita, larapio de quem todos se resguardão.

O razique é sedentario, circula nas camadas superiores, é o amigo que se frequenta.

Os patoteiros aceitos, os emprezarios de obras publicas a banquetear os que lhes dão as obras, certos fornecedores do Estado, e comedores governamentaes, enfim os estilionarios de luvas a Juvin á passar desapercibidos ou amnistiados, sacrificando a dignidade em holocausto a Pluto, formão especies do raziquismo.

Por excellencia, porém, raziques são os que compoem a familia do meu primeiro *Ensaio*.

Por não desvendado crime ella empolga a opulencia. A amplial-a juncta impunemente novo crime, que a conduz em seu afanoso caminhar a miseria e ignominia, exacerbada pela reminiscencia dos gozos e consideração á que se habituára.

Faço essa familia portugueza; não só porque, filiando-a á conjuração do General Madeira, posso armal-a dos largos meos de acção, necessarios a desencadear as oppressões do tecido dramatico;

mas ainda para deixar entrever que o Europeo pobre, ignorante, nullo, no Brazil se transigura, segundo lhe apraz, em rico, sabio, no que quer ser.

No segundo *Ensaio* o primeiro dos deleites é o desforço de offensas.

Nas suas excursões pela Europa para instruir-se, o filho do Dictador do Paraguay encontra a Irlanzeza, abandonada do marido, e, adultèramente a ella enlaçado. a transporta consigo.

A familia do Dictador, e as familias honestas trancão-lhe as portas. Mas Lopes filho em breve succede ao Pae, e de par em par força todas as portas.

Então, com quanto inteirada da sua indole corbarde, insufla no amante o appetite das conquistas; move-o a guerra.

Sonha engrandecer o Estado, elevar n'elle um throno, manejar o sceptro.

Não a seduz a opulencia:—a republica é sua propriedade; nem o mando:—o despota do Paraguay jáz a seus pés. Quer distanciar-se das familias que a humilharão; alçando-se á celestial mansão da rea leza, pol-as de rojo no pó da vassalagem.

Os revezes da guerra, no entanto, dissipão-lhe o sonho; tanto peor. A arrogancia deixaria de o ser no dia em que perdoasse, ou esquecesse. Pela escravidão, por açoutes, e suplicios se desa-

foga de tão rendidos adversarios. Para saciar-lhe o luxo na iniquidade, inventão-se aggravações da agonia. Leva á propria familia do amante o vilipendio, e a morte!

A *Nemesis* patenteia igualmente o desprezo, e aversão de alguns estrangeiros ao paiz que lhes dá o pão, e do qual, como *Madama*, si pudessem serião a devastação.

A' esse Chimborazo de arrogancia e odio vão de encontro uma pobre viuva, e uma innocente donzela.

A Irlandeza não quer saber si aquella mulher fôra alheia á um ultraje publico por que passou, e si a moça responde pelas culpas dos paes, basta-lhe que a mulher tenha sido occasião do ultraje, e que a moça seja sua filha, para que desabrochem contra ambas as perseguições do seu natural vingativo, que gerão o enredo da Peça.

As victimas da *Nemesis*, como as dos *Raziques*, saem da luta victoriosas; Lopes acaba as mãos dos soldados; e *Madama*, expulsa da republica, maldita de quatro povos, tomba no ermo de vida obscura.

No primeiro dos *Ensaio*s essas victimas são uma familia, composta de mãe, filha, e pretendente d'esta; no segundo igual familia, e junctamente um pequeno povo de escravos, semi barbaro.

Em ambos, sem as convulsões politicas não se produzirão a acção principal e factos que a des-

envolvem;—tão intimamente encadiou-se ao elemento historico, o elemento dramatico.

Com effeito, supprima-se a chegada de D. João VI na cidade da Bahia, ou o aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda* na cidade d'Assumpção, não cahirão ás mãos dos seus verdugos Genes pelo rapto, fundamento da *Familia Razique*; e *Irilia* pela captura, fundamento da *Nemesis*.

Da mesma sorte, faltando qualquer occurrencia referida da guerra da Independencia, ou da guerra do Paraguay, serião impossiveis os infortunios que dramatisão ambas as Peças.

Um exemplo: respeitada pelos invasores do Convento da Lapa a vida do Capellão e Abbedeça, *Matheus Razique* não poderia dar *Silvia* por casada com *Carlos*.

No *Conde d'Ourem* a acção como os episodios pertencem á Historia. Só lhe fui infiel na opposição da Rainha ao assassinato da irmã, que aliás ella propria tramou.

Ante os maiores attentados:—tentativa de morte ao cunhado, e genro; exbulho dos direitos da propria filha; assassinato da irmã; torturas e execuções do povo; guerra á patria, ... ante nada ella recuou para galgar o throno, ou guardal-o.

A cobiça de mando urde o que, na giria da politica, se chama espirito de partido; isto é, o mais cego dos fanaticismos; e, morto o esposo, a Rainha vê afinal o povo revolucionar-se, acclamar

novo rei, invadir o Paço, e sobre ella arremessar-se.

O *Conde d'Ourem* pára ahi. A Historia, porém mostra posteriormente Leonor, arrepenhida de haver chamado o rei de Castella á combater sua Patria, tramando o assassinato d'esse seu genro; a elevação ao throno portuguez de D. Pedro conde de Trastamara, seus novos amores, com quem convencionou esposar-se; e afinal, descoberta a conjuração, sendo por ordem do mesmo seu genro D. João reclusa no Mosteiro de Torzezilhas, onde obscuramente finda os dias.

Mas si o homem,—obreiro de desgraças—as vezes impunemente as exparge em seu caminho, o Infinito Amôr, na vida individual como na social, d'ellas extráe o bem. Ail do mundo si o mal pudesse ser absoluto.

Nos dous *Ensaios*, onde livremente teci o trama, as tribulações, em que se debatem as victimas, as levão á felicidade á que tendem.

Gracilio, v. g., não se evadiria do Paraguay, não se distinguiria na guerra, não esposaria Irtilia, si esta não se achasse obrigada á esposar Bergara.

Não ha pois situação moral em que se deva desesperar do futuro, descrer da Providencia.

Tal é a lição d'estes meus trabalhos dramaticos, que em consequencia podem se denominar *Males para Bem*.

## MINHAS MEMORIAS

SOBRE

## OS ENSAIOS DRAMATICOS

## MINHAS MEMÓRIAS

SOBRE

### OS ENSAIOS DRAMÁTICOS

I

O Conselheiro Ribas, e o autor.— Onde o « Conde de Ourem » faz furor.— Satisfações á Lilliput pelas conjuncturas do mundo.— O Dr. Moura e Camera.— Inimitavel gratidão ao Ypiranga em Santa Cruz ; e inexcusáveis festejos ao 7 de Setembro em Piratinin-ga.— Decreto enviando agua fria aos Bahianos.— Necropolis em todo o homem.— Desvario do autor.

Em 1858 eu percorria a Bibliotheca da Academia de S. Paulo, abundante de obras relativas á Historia de Portugal, e, cahindo-me sob as mãos as chronicas de seus reis por Duarte Nunes de Leão, a exposição do reinado de D. Fernando o

*Formoso*, se me afigurou tão dramatica, que inspirou-me o *Conde d'Ourem*.

Eu tinha me exercido em diversos generos de trabalhos litterarios e scientificos (a); grande parte dos quaes apenas encetei. Ainda não me havia experimentado em composições theatraes.

Mal sahirão-me da penna o Prologo, e 3 actos, soffrendo, no arrebatamento do enthusiasmo, irresistivel necessidade de immediata expansão, com elles em mãos, corri prematura e immodestamente á casa de um eminente litterato; por ventura d'entre os nacionaes o maior que conheço.

Ante meus olhos, nos reconditos d'alma, perfeição á não temer benevola critica, transportei-a lá, avido de associar velho amigo ás minhas alegrias de autor.

Mas de minha parte o amor proprio fascinava-me, e da sua a severidade para com meus erros está na razão directa da sincera estima, e inequivoco empenho em meu favor, que lhe devo.

Nada pois teria o poder de dissuadir-me que o *Conde d'Ourem* ia ser aquilatado esboço passavel. Enganei-me: a minha obra prima, pa-

---

(a) Poesias lyricas.—Romances.—Impressões de viagem.—As minhas confidencias.—Instrucção e educação no Imperio.—Elementos de geographia universal.—Noções das leis da Historia.—Problemas da Constituição—e até... até um « Poema Epico!! »

*drão de gloria*, como se me antolhara nas illusões de incabido orgulho.... pois bem; a obra prima elle não julgou, nem boa como eu ambicionava, nem toleravel como esperava, e lhe bastaria á contentar-me.

O sr. conselheiro A. J. Ribas percorreu, com exemplar resignação evangelhica, de principio á fim, as garatujas da execravel calligraphia, que tive a crueldade de apresentar-lhe; e annunciou-me: *O Conde d'Ourem excellente drama—salvos li-geiros senões—á que nenhum theatro se dedignaria de franquear-lhe as portas.*

Este magnifico panegerico exerceu-me sobre o espirito profunda impressão, de estupendo effeito. Operou-me mudança de opinião, á achar-me nos antipodas do meu ponto de partida; e exiliei o manuscrito entre os papeis inuteis. Ninguém mais o vio.

Envão o Mestre prodigalisou-me encomios, multiplicou insistencias:—nunca escrevi o 5.º acto.

Si aferindo os pequenos homens pela minha humilde individualidade, não me arrógo demasiada honra, nem sou infiel á verdade, os pequenos homens devem imaginar nada menos que sublimes as proprias obras; e desvanecida a effervescencia dos transportes, comprehender que ellas são simplesmente detestaveis.

A imbecilidade não chega por argumento algum á esta segunda faze.

Entretanto não sei si dão provas de grande criterio os pequenos homens, erguendo-se de um extremo, e afundando em outro, onde, nos *mercados* da politica, as mediocridades se cotão tão avantajadamente.

Pelo que me respeita, mór-parte dos meus escriptos hão brilhado, uns após outros; e é força accrescentar: brilhado com esplendor á ensoberbecer-me, nas.... chamas de consciencioso auto de fé.

Um dia, nos despojos de papeis imprestaveis, o futuro do *Conde d'Ourem* ia ser esse. Já 12 annos havião pesado sobre elle, sem jámais resolver-me siquer á revel-o.

Ultimamente o illustrado amigo instava para que eu lh'o cedesse. Propunha-se á concluil-o, e publical-o em seu prestigioso nome, caso eu lhe recusasse o meu;—o meu que é nenhum.

Não pretendia seriamente para si a nihilidade; simulando-a mais um florão á sua corôa, era em extremo o elogio ao escripto, e a honra ao autor; jámais, ao contrario da fabula, as pennas da gralha ao pavão, a purpura á estame-nha.

O elogio salvou o escripto, a honra deitou-me á perder.

Immediatamente o *Conde d'Ourem* transpoz os

umbraes do theatro; foi applaudido; produzio successivas enchentes; fez furor.... nos sonhos de minha fantazia.

Este tempo coincidio com o de um grandioso acontecimento nacional.

Ainda permanece bem viva a memoria da falsa fé com que Solano Lopes, em plena paz, apri-sionou-nos 1 vapor, e invadio-nos 2 Provincias.

A interferencia armada do Imperio nas desavenças do Uruguay, desarranjava o mundo. (a) O reino de Liliput vinha tomar-nos contas!

Mas, aquietarmos um pouco o pequeno, e trefego Uruguay,—sem pre por demais vizinho encommodo,—não queria dizer nada ao tambem pequeno Paraguay, nosso longiquo camarada, e protegido velho.

Demais, entranhado em confins desconhecidos, para Solano Lopes ir vêr o que era aquillo pela Banda Oriental, dependia de saltar por cima da Confederação Argentina; e, para aquella Republica apertar-lhe a mão, de pedir primeiro lá á alguem que o apresentasse.

Solano Lopes era pois novo Cavalleiro da Mancha, á cata de aggravos, de lança em riste, á equilibrar o mundo, trazendo a frente por Escudeiro um povo.

(a) No seu manifesto de guerra o Dictador motivou-a, declarando que a interferencia rompia o equilibrio no Prata.

Povo de 1 milhão contra 11:—o cupim, e o Pão d'Assucar!

Mas o Dictador apenara quantos em seus domínios podião com o peso de uma espingarda; e no acampamento de Cerro-Leon contava 60 mil servos debaixo de armas. Nossas forças terrestres, além de esparsas, não alcançavão o effectivo de 14 mil homens!

O Brazil improvisou um exercito; a Confederação Argentina collocou-se á seu lado; a Banda Oriental fez outro tanto, e tiron tambem da espada:—a Banda Oriental, Duleinéa por quem o amoroso cavalleiro da triste figura, se puzera á quebrar lanças!....

Em quanto o inimigo pisou territorio do Imperio, a guerra foi simples passeio triumphal de nossos soldados. Desde que tiverão elles de penetrar no do inimigo, a chuva de balas das baterias do Humaitá, o cholera-morbus, a ignorancia do terreno, os tremedaes, a difficiencia de recursos nos lugares, a eterna retirada de Lopes, —essa tactica Scytha que inutiliza os Napoleões, e, em uma palavra, as mil barreiras, que lhes antepunhão a natureza e os homens, tornarão a guerra por demais desastrosa, e prolongada á nos parecer infinda.

Em torrentes corrião da Capital do Imperio o ouro e a vida á vazar e desaparecer n'aquelle insaciavel pelago de desgraças.

Por seu turno o Dictador parecia possuido da raiva de exterminar a Republica. A's hecatombes da guerra succedião as da tyrannia em nome da justiça!

A luta já durava possiada ha longos 5 annos, sem jámais raiar a aurora da tão promettida, e sempre burlada victoria decisiva. Lopes estava sendo o Juarez do Paraguay!

Afinal, o espirito publico desanimou. Já alguns Jornaes pregavão a paz á todo custo.... eis a 17 de Março de 1870 surprende a Côrte, e com a rapidez da electricidade percorre o Imperio, a participação official que o despota, acossado em seu ultimo reducto, morrera, e com elle a guerra.

Então em todos os corações o jubilo, em todos os labios o hymno, em todos os lares a festa.

Na Corte o regosijo publico foi um delirio, e o resto do anno glorificação da paz.

O autor da inacabada *obra-prima* bem podia tentar a *Nemesis*. Encerrei-me; tomei papel, e penna:—foi meu hymno, minha festa.

Tosco painel, bombastica arenga, ode farfalhada, trivial alluzão.... nas ebullições d'alma, tudo o povo applaudia. Quadro, pondo em scena, na cidade do Rio de Janeiro, episodios e peripecia da sanguinolenta luta, apresentando-lhe o monstro e a Egeria que a provocarão, e o General, e heroes-soldados que a concluirão, era

preciso ser assaz diforme, para não atrair successivas enchentes ao theatro que o exhibisse, emquanto restasse uma parte do publico sem ter-lhe levado seu contingente de applausos.

Como o homem, suas producções as vezes só fulgem por irradiação das circumstancias da epocha.

Em 4 mezes a *Nemesis* achou-se em estado de ser revista, corregida, e copiada.

O *Conde d'Ourem* suscitou assim a *Nemesis*; a *Nemesis* arrastou a *Familia Razique*.

A 29 de Julho de 1865 a cidade de S. Paulo vio fixar-se em seu seio um Medico na flôr da juventude, que breve grangeou nomeada, tanto por sua intelligencia e feliz pratica da profissão, como por tornar-se á cabeceira do enfermo, não unicamente homem da sciencia, mas scilicito amigo; não simples amigo, mas o bemfeitor dos indigentes, e até de desfavorecidos da opulencia, á uns e outros negando-se á receber retribuições. E—alma por demais generosa—como si não lhe bastassem tão sobejos titulos á geral estima, mais de uma vez, cerrando os olhos á sacrificios, tem se feito o campeão de interesses alheios, sem outros aculeos além do vencimento da justiça.

No nosso seculo de geral retrahimento ao egoismo, e em cidade onde as abnegações sinceras vão rareando tanto, são as dedicações desinteressadas que me atraem. Atraem mais do que sua alma despida de enfatuadas aspirações, mais

do que seu tracto ameno e familiar; e eu tive a fortuna de conhecer de perto tão bello character desde o mesmo anno de 1865, e de receber d'então, dia por dia, testemunhos de amizade, que acabarão por persuadir-me de lhe offerecer algum trabalho, á que, consagrando parte da vida, que deixando vestigio menos ephemero, não significasse fugidio assomo de reconhecimento, passadeira lembrança de um dia. Qual devia ser esse trabalho?

Elle teve o berço no calido norte, lá onde primeiro alçou-se o lenho do Crucificado. essa bandeira da civilisação moderna. Aquella é a terra das expansões patrioticas, e o 2 de Julho sua tradição monumental....

Em vão S. Paulo contempla ás suas portas a immortal colina, onde surgio o *fiat lux* da Independencia. Apóz meio seculo, a gratidão nacional ainda não lhe lançou ao seio uma inscripção, rude pedra siquer, que a demarque aos vindouros!

Para salvar a Provincia de seu maximo quinção n'esse opprobio, alguém (a) propoz, na Assembléa Provincial, a abertura de subscripção nacional destinada á erecção do monumento. A moção, adoptada ao trovão de applausos, tornou-se a Lei n. 26 de 18 Abril de 1855

(a) O autor foi um dos proponentes.

Já lá se forão 17 annos; e o Ypiranga ahí jaz ermo, como sahio das mãos da natureza! So ella sagra com a *esterilidade hellenica* aquelle chã<sup>o</sup> abençoado:—nenhum arbusto, nenhuma vegetação!.... (a)

Ao menos outr'ora o Paulista ao perpassal-o, possuido de emoção, repetia ao viandante: «Aqui rebentou o brado que alistou-nos entre as nações.» Agora seus echos emudecerão como o de glorias extinctas; para eterno padrão da indifferença, deixamos o estrangeiro escusadamente, pela viação ferrea, desviar d'ali os viandantes!.... E o 7 de Setembro, o grandioso dia ao coração paulista, em toda vastidão d'este paiz das gealdas, nem mais alguém saúda!....

A Bahia entretanto, á quem não coube tão esplendido successo, jámais olvida commemorar, com o mesmo enthusiasmo do 1.<sup>o</sup> anniversario, o dia que inaugurou sua emancipação politica.

Não annuncião aquelles estrepitosos festejos que na velha capital do Brazil o civismo é immorredouro como suas glorias?

(a) Depois de estar no prélo esta pagina, surgio, nomeada não sei por quem, uma commissão afim de erigir o monumento. Dizem uns que o plano é tão mesquinho que seria melhor deixar ella o lugar desatruvancado á condigna construcção futura. Outros, mais scepticos, crem que não ha nada ahí de real e sério. A respeito, tomo lugar no partido de S. Thomé.

Quando o Dictador Lopes affrontou o Imperio, aquella Provincia, comprehendendo que cumpria lavar a affronta no sangue paraguay, ergueu-se, póde-se dizer, como um só homem.

Tão numerosas e successivas forças enviou ao theatro da guerra, que o governo, para obviar os ciumes de outras provincias, as prohibio, dissolvendo-se um batalhão inteiro prestes a marchar; facto que devera ser gravado em lettras de ouro por penna autorisada. E' que lá reina acima de todos os amores o do solo natal.

Attribuis-lhe para exprobal-o o pensamento: «o Brazil é dos brasileiros, e a Bahia é dos bahianos;» e elle faz seu elogio: é a hyperbole d'esse amor.

Fallar pois da patria ao Bahiano é render-lhe homenagem. Em consequencia planejei para consagrar ao amigo oriundo da terra classica do patriotismo, acção dramatica entrelaçada a Restauração da Bahia. Nasceu assim a *Familia Raziqne*.

Minha ambição não foi além d'essa manifestação de reconhecimento ao Dr. Moura e Camera; ao cidadão que em sua grande cidade pertenceria talvez ao alto magisterio, a quem lá por certo rodeiaria a opulencia, e que—alma destituida de enfatuadas aspirações,—grato ao acolhimento da pequena cidade, ahí se exilia: só lhe pedindo a familia.

Desde que a *Nemesis* e *Familia Raziq* puderão chegar ao final desfecho, de um só folego idiei dous outros trabalhos:—era monomania.

Antes cumpria não deixar truncado o *Conde d'Ourem*.

O plano primitivo porém não existia mais entre os papeis velhos; igualmente dei busca á memoria, e de suas reminiscencias da mesma sorte elle havia desaparecido!...

Quantos mortos n'alma em 12 annos!....

Improvisei um 5.º acto. Ignoro si com os que o antecedem não está á se acotovellar. Fizica e moralmente o tempo nos transforma á parecermos outro. Nossos proprios feitos as vezes desconhecemos, e alguns de boa fé contestamos.

O *Conde d'Ourem* falla do passado de Portugal, em homenagem á aquella terra de gloriosas tradições, onde meus paes tiverão seu berço.

A *Nemesis* tenta rememorar a Patria no exterior á esmagar a cobarde insolencia, que refugiada detraz de um povo, pelo fanatismo escravizado, ousou afrental-a.

A *Familia Raziq* tributa reconhecimento ao patriotismo dos filhos da Bahia.

Ambicionei, dramatisando tambem o descobrimento do Brazil, e sua emancipação politica, esboçar n'aquelle os autoctonos senhores do solo, que em hordas nomades, á se internarem pelas matas virgens d'America, estão á desaparecer

da superficie da terra; e n'este fallar da região onde, tendo rompido o brado que independentizou o Brazil, tive a fortuna de ver a luz do dia.

Si para tão arrojado acommettimento me fallescem forças, este Livro habilita o leitor á julgar pelo seu entrelaçar do elemento historico ao dramatico nos *Ensaios* á que dá publicidade.

Posto que imperfeitos ambos estes novos trabalhos, havião ter algum prestimo em litteratura dramatica, onde nada me consta existir sobre os magnos successos da historia patria, que fazem seu objecto.

Comecei pela independencia. Eu tinha pressa; possuo na memoria alguma cousa que nenhum documento ainda vulgarisou.

Tracei, e completei o plano na imaginação; resta a tarefa mais facil,—passal-o ao papel. Desisto entretanto de escrever taes obras, pela mesma razão por que desisto de fazer representar as que escrevi.

Ha na vida do homem momentos de insciente desvario. Felizes d'aquelles que não os contão numerosos como seus dias!

Minha elaboração de dramas foi um d'esses momentos, de que peço perdão.

Si as confissões constrictas expião as culpas, tenho me defendido de os haver gerado. Preciso agora justificar-me da ousadia de publical-os.

Começarei pela demonstração do desvario.

Litteratura dramatica.—Em todo Brazil não ha um unico theatro, nem ainda pequeno e imperfecto.—Pre dileção da aristocracia.—Os Carlos Gomes.—Teixeira de Mello.—Expediente de um Santo para obviar « fiascos ».—O sr. dr. Falcão Filho.—Processo para obter Joaquins Augustos.—O autor dá-se para a ordem do dia.

Sómente as controversias da politica em sciencias, e os romances em litteratura contão no nosso paiz leitores.

Felizmente o drama entra na ordem das producções que os dispensa. Destinado á fallar simultaneamente a intelligencia e coração de milhares, é sabido que basta-lhe local, onde o povo se congregue á vel-o em acção.

D'ahi uma dupla superioridade que avanta a Peça ao Livro. Ella vê a luz da publicidade sem o excessivo dispendio das impressões; e o Escriptor toma a palavra seguro que não falla á ra-

ros, ou talvez apenas á si proprio ; mas á todas as classes, ouvindo-o do primeiro aos mais infimos da escala social.

Ora, os theatros abundão ; e contudo—apoz meio seculo de existencia nacional—na litteratura dramatica comparativamente mais sobre-sae nossa inopia ; permanecendo as importações do estrangeiro para o repertorio das Companhias !

Embalde aspiramos vêr ahí se desenhar tambem nossos habitos, e costumes ; nossos erros, e paixões ; nossos feitos, e heroes ; nossa sociedade e caracteres ; á noute ao penetrarmos no theatro nos exiliamos por algumas horas em terra estrangeira ; vivemos a vida de outros payzes ; aprendemos á nos corrigir de defeitos que não temos ; nos gloriamos das victorias alheias !

Mas no idioma vernaculo só uma nação da Europa escrevê ; e essa ainda não logrou inteiramente reerguer-se de seu longo descahimento ;—tambem lhe escasseão os dramaturgos.

Os theatros pois sentem-se adstrictos á originaes ; uns insulsos, burlescos, ou dissolutos ; e outros verdadeiras rapzodias, nem sempre expurgadas de erros e immoralidades, com que, aporluguezadas nos nomes proprios, a ex-Metropole nos inunda ; ou senão á versões primando por ignaes infelicidades ; visto que em regra não se incumbem á illustrações a escolha e tra-

ducção das Peças. A' tal tarefa sobejão as habilitações de qualquer Serra-fila.

D'esta sórte, diformando-nos a lingua, solapando-nos os bons instinctos, nos desbrazileirando, o theatro se institue elemento de civilisação nacional.

Em meio de população á estrear em tudo, não é por necessidade de semelhante situação que o theatro continúa a abastardar-se.

A' fecundos resultados n'este ramo de cultura do espirito, nada convence que a apidão dos Brasileiros seja inferior á que manifestão em outros.

Nos discursos, romances, e poesias,—triplice dominio do litteratura,—transluz-lhes tão fertil a imaginação, tão vigorosa a intelligencia, que torna-se contrasenso procurar n'elles proprios a fonte da esterilidade, de que se inculcão affectados n'este unico ponto, aliás á abrir-lhes campo igualmente vasto.

Ao contrario, o feliz exito de raras composições, elaboradas como por distracção em momentos de ocio, certifica que na republica das letras não ha esferas defezas ao genio nacional.

De sua parte o publico, pela affluencia e acolhimento, as vezes excedentes ao merito dos nossos Autores, os estimula.

O povo alimentando certo egoismo, amnistiavel como prepulsor de progresso ; antepõem a pho-

tographia propria,—em si ou em antepassados, á de extranhos.

A aversão á gloria dos seus seria demencia.

Quanto as companhias dramaticas, tambem d'ellas não póde provir o mal. Desde que não soffrão em seus interesses, a natural tendencia deve ser independentizarem-se de espectaculos que definitivamente as estrangeirão.

Para o governo, e para o publico a origem do mal é mysterio em que se inicião as victimas directas.

Urge quebrar os sellos ao mysterio.

Si não se póde encontrar essa origem nos homens de letras, nos espectadores, e nos theatros, encontrar-se-á nas Peças?

Sim; ella existe n'um defeito inseparavel das producções do paiz, defeito de que não se izentão as superiores capacidades, e de que o maior cuidado não as preserva:—sua nacionalidade!

Eu dice que os theatros abundão, e os Dramaturgos escasseão, eu devera dizer precisamente o opposto:—não ha para elles em toda vastidão do Imperio um unico theatro!

As Peças brasileiras não gosão do direito de cidade!

Cumpre referir com visos de novidade: a Grã-Bretanha representa Peças inglezas, a Helvecia suissas, a Neerlandia helgas, a Germania allemaes, a Luzitania portuguezas.... A terra de

Santa Cruz não representa, nem quer representar, Peças brasileiras!

Acaso por que nossos auctores não são Garret, OEhlenschlager, não são Huertas ou Martinez de la Roza, Victor Hugo ou Ponsard, Addison ou Knowles, Schiller ou Goethe?....

Mas o crepusculo precede a luz do dia: e a Hespanha, Italia, França, Inglaterra.... não começãõ por Lopez da Vega e Calderon, Metastacio e Alfieri, Corneille e Racine, Shakpsiere e Ben-Jonson....

Demais as companhias põem em scena, e o publico applaude o *Passaro Azul*, *Soror Thereza*, *Martyres da Germania* ...

Componde dramas de que possaes exclamar com o Poeta:

Erige monumento mais que o bronze  
Perduravel, mais ainda levantado  
Qu'as pyramides regias. Nem o prostrão  
As torrentes do céo, os furacões,  
Serie influida dos annos, fugaz tempo;  
Não morrerei inteiro. (a)

(a) Traducção pelo autor da seguinte ode de Horacio:

Exegi monumentum aere perennius,  
Regalique situ pyramidum altius;  
Quod non imber edax, non Aquilo impotens  
Possuit diruere, aut innumerabilis  
Annorum series, et fuga temporum.  
Non omnis moriar;.....

Os directores de companhias não o aceitarão; prejudgando-o pelo fronsespicio *monstro horaciano*.

Não inculpemos porém áquelles Artistas exclusivamente este atraso, de que á cada um de nossos figurões, até certo ponto, cabe a responsabilidade. Desde os viveres até os artefactos, desde os calceteiros das ruas até os Ministros do altar, desde as instituições até as idéas, á seus olhos nada no Brazil presta;—excepto o que tranzita pelos portos, como importação européa.

Já apregoando francamente que os nacionaes não servem, confião á estrangeiros, eu não digo o magisterio, mas as parochias, e o governo de certas instituições de ensino. E nada terei a admirar si amanhã começarmos a importar da Europa Magistrados para os tribunaes, Presidentes para as provincias, Deputados para as Assembléas, Ministros para os Gabinetes, como se importão Principes para os thronos.

Ora os interesses de ordem material e politica não exercem maior influencia sobre os destinos de um povo, que os de ordem moral e intellectual. A palayra que no fundo de sua obscura sala o Mestre derige á infancia, é a alavanca á revolver o mundo que Archimedes sonhava. Broughan o dice: *D'ora em diante o arbitro do mundo não é mais o canhão, porém o Mestre de eschola.*

Aqui, onde na propria atmosphera se respira

a liberdade, a palavra da tribuna sagrada, ou da cadeira do confessorio á homens feitos não goza de igual preponderancia; ainda assim o sacerdocio estrangeiro póde pacientemente semear ventos á remotissimos tempestades.

Ninguem entretanto mais fanatico que eu pela emigração europea.

Quando ultimamente rompeo a guerra Franco-Prussiana, antevendo as milhares de creaturas que repletas da mocidade, vida, e esperanza, tomavão o caminho da morte, desejei que me fosse dado com um fechar d'olhos, no momento em que ião cair para sempre no campo da batalha, transportal-os ao Brazil.

E quantas vezes não tenho me lembrado quão rapido seria o progresso, si fôra possivel transportar, afim de virem povoar nossos sertões incultos, as desgraçadas familias que na Europa por insufficiencia de trabalho vivem, ou morrem á fome?

Haveria lugar, e hospedagem para todos. O coração brasileiro é tão vasto como seu solo, e o solo de fertilidade á moralisal-os. São as suggestões da miseria que pela mór-parte povoão as prisões da Europa.

Aquelle que nutre estas idéas não póde pensar que devamos fechar os portos ao bem que nos chega do velho mundo. O bem—cousas ou pessoas—como a verdade, e a justiça é cosmopolita; tem direito ao dominio universal.

Permitta-se ao europeu nacionalisar-se no instante em que desembarca. Faça-se brasileiro para assumir a influencia politica. O que abomino é a preeminencia sobre nós á seu titulo de estrangeiro; é sacrificarmos nossas grandezas á suas futilidades; é descrever do bem, só por que é nosso.

Deem licença os poderosos senhores, — n'este numero se comprehendem os actores, — á que o paiz tambem possa gerar alguma cousa passavel.

Esse agazalho de bugre — em homenagem á hospedes lhes entregando as filhas, — permite que aves de arribação se apparentem pavões.

De tão commoda liberdade ensaio ligeira satyra na *Familia Razique*; e si não houvesse me despedido da arte, tentaria uma comedia sobre a monomania do estrangeirismo.

O estrangeirismo poria Carlos Gomes como intruzo ás portas do theatro lyrico, e o Brazil não se ufanaria de seu recente Maestro, si, dando a Italia por berço ao *Guarany*, Carlos Gomes não houvesse comprehendido que competia á extranhos sagral-o genio.

Mas a litteratura dramatica não tem, como a musica, por patria o universo; e na impossibilidade de trazer pergaminhos do velho mundo, seos Carlos Gomes á escreverem para os theatros, assemelhão-se aos Anachoretas da The-

baida percorrendo, sob só abrasador, consideraveis distancias em busca de agua do Nilo, com que regarem vara morta, plantada nos areas do deserto, impossivel de reverdecer.

Ha 12 annos uã mão estendeu-se-lhe protectora: — a de Joaquim Augusto.

Verdadeiro *Augusto* da scena, abrilhante seu glorioso nome este obscuro Livro; chegue a gratidão até onde chegarem estas toscas paginas, perdure até o dia em que ellas perdurarem.

Mas sua protecção, perpassando instantanea sobre as letras patrias, como o fanal da noute sobre as aguas de vasto lago, não teve tempo de imprimir-lhes consideravel movimento.

Entretanto foi então, como tem sido depois ao influxo do seu civismo, que hão surgido na scena brasileira alguns raros Escriptores.

De fins de 1860 á Janeiro de 1862, o *Gymnasio Dramatico* da Còrte esteve sob sua direcção; e o *Gymnasio* sob essa direcção intelligente e patriotica, achou-se sempre franco á composições nacionaes.

Elle começou regeitando as Peças estrangeiras que para a abertura d'um <sup>est.</sup> theatro lhe propuzerão, e em Setembro d'aquelle anno de 1860 o inaugurou com o drama *Luxo e Vaidade* do sr. dr. Joaquim Manoel de Macedo, obtendo successo, segundo elle se exprime, tão espantoso quanto merecido.

Seguirão-se depois com igual successo:  
*A Epocha* do sr. dr. Achilles Varejão,  
*A Resignação* do mesmo Autor,  
*Mineiros da Desgraça* do sr. Quintino Bocayuva,  
*A Historia de uma Moça Rica* do sr. dr. Pinheiro Guimarães,  
*Torre em Concurso* do mesmo sr. dr. Macedo,  
*De Ladrão á Barão* do sr. 1º Tenente Araujo.  
*Typos da Actualidade* do sr. dr. França Junior,  
*O Homem propõem, e Deus Dispõem* do sr. Dias Guimarães.

Differentes Comedias em 1 acto de varios autores.

E talvez mais algumas Peças que, por faltarme documentos onde consultar, não menciono.

E como si não houvera favorecido tanto aos filhos do paiz, desejou, e o sr. Conselheiro Alencar permittio-lhe, repetir no Gymnasio *Mãe e De-monio Familiar* de tão illustre autor, já conhecido do publico Fluminense.

E' pois no *Gymnasio Dramatico*, á mercede do sr. Joaquim Augusto Ribeiro de Souza, que, por assim dizer, nasceu nossa arte dramatica.

Um momento de expansão ao engenho brasileiro, e quantos Dramaturgos brotarão, quantas nomeadas se lizerão!!...

Posteriormente tendo de reentrar no Atheneo Dramatico elle não o quiz senão representando

em uma producção do paiz. O sr. Conselheiro Alencar cedeu-lhe *O que é o casamento*.

O mesmo espirito o acompanhou nas suas excursões pelo Imperio. Inimigo de mercadejar com a arte, não transportava consigo Repertorio obrigado; e nem comparecia, para fazer dinheiro, á preferir os expectaculos que especulão com a ignorancia, e máos instinctos populares.

Não tenho onde estudar tudo quanto fez pelas Provincias, sei porém que, com geraes applausos, poz em scena:

No Maranhão as *Cousas da Moda*, do sr. Serra, e *O Anjo do Mal* do sr. Sabbes da Costa.

Em Pernambuco as *Tres Lagrimas* do sr. dr. Franklin Tavora.

Em S. Paulo... « Destacão-se, são suas palavras, d'entre os dramas, ( a maior parte tentativas de moços talentosos ) o *CORAÇÃO E DINHEIRO* e o *LIBERTINO* com que o sr. dr. Clemente Falcão de Souza Filho, honrando tão expontaneamente o pobre artista, tanto enriqueceu a nossa litteratura dramatica.

Hoje á originaes do paiz os theatros da Côte só conservão aberta a entrada por onde entre nós tudo se invade:—o patronato.

O que appellidamos *uma influencia* não vae além de influencia politica. Em compensação ella o é tanto nos negocios do Estado, como nos

da Republica das letras, como em todos os outros.

A politica entre nós enfeixa tudo sob seu imperio. Fóra de suas fronteiras nada interessa, não ha grandezas possiveis. Nossas capacidades nos variados ramos dos conhecimentos humanos á ella devem seus titulos. Sem decreto ninguem é illustração!

Quem conhece o dr. José Alexandre Teixeira de Mello? Quem já citou suas *Sombras e Sonhos*? Entretanto é o primeiro Poeta lyrico do Brazil!... — Como conhecê-lo, si o governo ainda não o laureou Poeta?

Si algum Potentado do dia vos dêse a mão, se vos descerrarião de par em par os porticos dos theatros da Córte; e por muito que vos faltasse, ou por pouco que agradasseis. desde esse instante percorrerieis os tablados do Imperio sob univêrsaes ovações.

A' sombra do politico até nullidades hão galgado a scena, á douctrinar o publico.

Mas nem todo mundo tem a fortuna, ou se sente em disposição de subir lhes as escadas.

Depois, o politico é personagem assaz grave para em regra não dar as costas á *frioleiras* treatraes:—excepto se sois pelo menos *cabo* eleitoral. O cabo eleitoral é potencia!

Deslumbrado hoje pelos ouropeis do Poder, sob os arcos triumphaes que lhe erigem seus

apaniguados, a notabilidade politica já se sente inscripta no Templo da gloria, e um dia baixa á sepultura, sem ter entrevisto que daquellas frioleiras a posteridade pesquisará ainda as rudes locubrações, para historiar os primeiros passos na carreira da civilisacão, e que os *mexericos dos partidos*—a fraze não é minha—em que engolfado lhe desliza a vida, á ninguem immortalisão.

Quantas glorias d'essas extinctas! Quantos Ministros de hontem cujo nome hoje ninguem mais sabe!

Em lugar do patrona'o eu aconselharia antes o contrabando.

O chá ou o vinho que saboreão os grandes é magnifico Hysson ou Xeres, em quanto ignorão sua procedencia das fabricas nacionaes. Rotulos os desbrazileirando são os passaportes aos nossos productos.

Inspirado nos conselhos dessa experiencia exhiba-se a Peça aos directores — os grandes do theatro — sob pseudonymo Luzo ou Francez:—original do dr. *Samicas*; ou versão da obra de *Mousieur Boudet*. (a)

Do racional *verdict* que por outro modo a regeita, não ha recurso pela publicidade da imprensa, para a opinião.

(a) Supponho sabido que a palavra portugueza «sâmica,» e a franceza «boudet» significão homem pobre de espirito.

Os Edictores lhe negão os prélos; por que o publico não a compra; não a compra, porque não é feita para a leitura.

Effectivamente uma Peça quer illuminação artificial, as fantasmagorias do scenario, o condão da arte. Bella estatua de Pygmaleão, o Theatro, com toda sua magia, é a Venus á dar vida e alma á esse pedaço de marmore ciselado.

No silencio do gabinete vegeta como arbusto em região á que a natureza não a fadou; clarea sem fulgir, como raio de luz que a nuvem encobre.

Ao fructo de tantas vigílias o unico refugio é heroico. Persio escreveu um Poema muito obscuro, afim de clareal-o S. Jeronymo o queimou. Queimae vossas Peças. Só assim ellas fulgurão, como, repito, hão fulgurado diversos escriptos meus.

Entretanto, por não sei que resto de vã esperança, os archivaes entre velhos rabiscos, á caruncharem até o dia em que vossos herdeiros dão-lhe a sorte dos papeis inuteis.

Bem avultadas pois já devem ser as composições; umas frivolas, outras soffriveis, e algumas talvez eximias, que hão morrido a morte dos fetos abortivos.

Ainda—as já numerosas—que nas provincias, por circumstancias especiaes, hão invadido nossos palcos aliagenas, e alcançado ahi esplendida aceitação, que é d'ellas?

O Brasil conhece o *Fantasma Branco*, as *Azas de um Anjo*, a *Moça Rica*,... todos os originaes representados no Rio de Janeiro com feliz exito. Pela natural ascendencia das Capitaes, o Rio de Janeiro legisla sobre as letras, como sobre as modas, a politica, ... como sobre tudo. E pois que a acompanha o privilegio de dar signal aos applausos, urge que la exista ao menos um theatro brasileiro.

Propala-se em Paris que um Poeta escrevera uma tragedia, e que na leitura entre amigos: Vigney, Emile Deschamps, Alexandre Dumas, Sante Beuve, Soumet, Boulanger, Beauchesne, pleiade de litteratos da eschola moderna, obteve brilhante successo, e todos os Directores de Pariz correm á Victor Hugo afim de lhes preferir seus theatros para a representação desse seu primeiro trabalho dramatico.

Tive a fortuna de assistir a estréa do *Coração e Dinheiro* em S. Paulo, como séde de uma Faculdade fóco de luz a irradiar no Imperio. Ainda não vi superior entusiasmo publico, ovações mais freneticas que as tributadas, na final descida do panno, ao sr. Falcão Filho.

O eminente Artista o sr. Joaquim Augusto, transportou o drama ao Pará, Maranhão, Pernambuco, e Bahia; e a imprensa periodica noticiou a triumphal recepção n'aquellas primeiras cidades do norte, bem como a do *Libertino* que,

movido pelos acontecimentos da guerra do Paraguay, o mesmo autor traçara, e para lá enviou.

O sr. Falcão Filho é doutor pela Faculdade de Direito de S. Paulo, membro della como lente cahedrativo, commendador da ordem de Christo, goza das honras de desembargador, e por lei em breve terá as de conselheiro; com todos esses titulos, que patenteão a consideração em que é tido, á pezar na balança a seu favor, nenhum Director de theatro da Còrte desejou ao menos conhecer seu primoroso trabalho!

Mas nossos Escriptores não são Victor Hugo; muito bem. Vos também não sois os theatros de Paris; não sois os actores da França.

O sr. Falcão não se acha filiado á nenhum dos partidos;—a politica não o porá em voga.

Não se dirigio aos theatros da Còrte, e nenhum o procurará.

Não mandou imprimir os dramas. Por conseguinte ambos terão a sina dos meteoros.

Ha na còrte um distincto littera'o, que no começo de sua carreira votou-se a locubrações dramaticas, e cujas primicias conheço pela leitura, em sessão do conservatorio dramático, que tive a honra de presidir, quando aqui achou-se á estudar, e na qual foi unanimemente approvado.

Pois bem; sei que appellou para mais de um theatro; que suas directorias por cortezes pretextos não o deixarão penetrar lá, e que enfim

deplorando o estrago do tempo em tão infructifera occupação, esse joven esperançoso, mas ainda obscuro, deffinitivamente a abandonou, passando agora á aventurar-se ao ganha-pão das chicanas, onde, apezar de não ter também ahí nome ainda, começa á fazer fortuna.

A' perseverar semelhante systematico repudio do que é nosso, irá se perpetuando, nesta parte, a necessidade das importações europeas.

Sobre isto importa que haja no Imperio alguém um dia á reflectir.

O desmancho de uma ponte sobre riacho do erro, alguma lama no caminho, são questões magnas; não as sacrifica porém um pouco de attenção á esta outra necessidade.

Para a instrucção que se adquire por prelecções, o homem do pensamento tem os livros; o de leitura os jornaes; e resto da sociedade a scena.

A scena é também escola, e o drama a fórma mais expressiva da civilisação de um povo

Cumpre pois que ella como a escola, como essa fórma seja nacional. Não o é quando os espectaculos são estrangeiros.

Esas trivialidades trazem em si mesmas o cunho da evidencia; mas, eu o dice algures, entre nós urge demonstrar os proprios axiomas, e uma dissertação convencendo que nosso palco não é nosso, porém da Europa—eis talvez tudo qu

nos falta; porque não descreio do civismo de ninguém, e menos daquelles que estão postos em condição de effectuar regenerações.

A época é a das emancipações; eu tenho a honra de propor pois a emancipação do theatro.

Ella desabrochará no dia em que o governo tomar em mão estes interesses, como toma tantos encargos parasitas, abandonados nos paizes modelos ás especulações da industria privada.

Tive a honra de dizer ao Administrador d'esta Provincia... (a) « Vivemos no máo habito de aguardar a iniciativa do governo, de ver e querer sua mão em toda parte, estimando que, para supprir as lacunas da actividade particular, se ingira na esphera dos interesses de ordem immediatamente individual. »

Sou pois pouco intervencionista; mas aqui onde, associado á prevenção, o interesse dos Emprezarios conspira contra nós; onde a competência estrangeira supplanta a litteratura patria, a protecção do Poder publico torna-se provisoriamente imprescindivel.

Compor obras é consideravel serviço; o serviço quer seu salarios; os salarios nem todos se achão em fortuna de desdenhar.

Ora, o velho mundo fornece aos expectaculos

(a) Relatório da Instrução Publica da Provincia, no anno de 1871.

variadas, abundantes, e quasi gratuitas producções á excluir absolutamente por onerosa a concorrência nacional.

Aquelles que podem escrever sem visar indemnisações pecuniarias, são os *rari nantes* de Virgilio, e tambem arcão com a má vontade das companhias dramaticas.

Não está em meu pensamento a violencia, chama-se ella Inspector, ou Director geral dos theatros. A imposição de expectaculos, em nome da Autoridade, serviria á sublevar contra ella o opinião publica.

E emmudecesse a opinião ante esse attentado á liberdade privada, si fosse creado o lugar de Bachá dos bastidores, a politica acodiria á reclamar-o para um dos seus:—algun Deputado talvez, á fim simplesmente de arredondar-lhe os vencimentos.

Si o deputado fosse um d'esses pequenos politicos, personificação da occiosidade durante as lutas parlamentares, que não encherão valor nas cousas que transcendem as traficancias dos partidos, acreditaria de boa fé que o drama é trabalho de quem não tem que fazer, e esse trabalho confiado á sua protecção, sugitaria, para se haver como lhe aprouvesse, ao primeiro director de companhia vindo; justamente á pessoa de maior empenho contra elle, e á priori decidido a condemnal-o.

D'esta vez o Director o leria.... para achar-lhe defeitos afim de justificar-se. O leria com prevenção que nenhum merito teria força de dissipar.

Os primeiros tempos se passarião á vencer a repugnancia; e depois de praso mais ou menos longo, um dia vós entregarião carta do Director de grandiloquas frases, em que com exemplar immodestia, assumindo ares de Aristarcho, em ton de autoridade no assumpto, vos exaltaria o escripto como primor d'arte, como o que realmente ha de superior no genero; mas infelizmente impossivel de agradar á expectadores Portuguezes, que são em maioria os seus; visto que extrahistes o fundo da historia patria! Embora o escripto de modo algum entenda com Portuguezes!

Si elle versa sobre algum periodo heroico da Luzitania, dir-vos-ia que dezenhastes uma das mais sombrias paginas de seus annaes, e que devieis traçar todos os caracteres sympathicos; por que todas as personagens são Portuguezes, isto é, que vosso escripto tem o defeito de ser drama, e drama historico!

E si destruibiz os papeis odiosos por Mouros, replicaria talvez que os nomes e vestes musulmanos são repulsivos, e de máo effeito na eschola moderna; e com estes ou quejandos dislates, vos repellindo, felicitar-vos-ia pela brilhante produc-

ção, e em consequencia vos apertaria a mão ... no papel.

Aqui um qualquer conclue sempre por apertar a mão de Mr. Guizot; á propósito das suas obras. Como a honra lisongeia os grandes homens!

Quanto ao gigante da suprema inspecção theatral não se rebaixaria á endereçar-vos duas linhas, afim de arrefecer a duresa da repulsa.

O representante da nação já não sobreleva mesquinho gravame:—o de assignar a carga para embolçar a pingue retribuição á pretexto de theatros.

E sem dar-se a outra amofinação além d'essa, o governo o deixaria assim pensionista do Estado! Interessa ao partido.

O partido em vez dos bastidores!

Eu sei que nas outras instituições, si o ensino, em vez de desenvolver a intelligencia, a immobilisa, de a illustrar a embrutece, de a moralisar a corrompe, seus bancos ficão desertos: em quanto que no theatro, com a degradação por infantilidades ou escandalos, a afluencia augmenta Mas para obviar o ingresso aos germens de immoralidades, ou de simples perversão do gosto, como aos de subversão da ordem, o governo tem já á sua disposição o absolutismo da curatella policial sobre os tablados.

Não precisamos pois de mais um agente da Corte no theatro, porém, de um theatro na

Côrte:—theatro com director Brasileiro ; Brasileiro que seja patriota ; patriota que corresponda ao encargo.

Para este effeito, apoucado quanto ao preço em que importa, não é mister o governo distrair-se de suas altas preocupações, nem fazer jorrar os dinheiros da nação.

Nossos Ministros d'Estado são em tudo de superabundante força moral. Basta que uma noite qualquer d'elles se lembre de querer, e ao seu acordar do dia seguinte, amanhecerá a regeneração.

Oppôr-me-ão que não é facil obter 2.º Joaquim Augusto.

Escrevia-me ha poucos dias esse nosso Talma : « Fui moço, tive aspirações pelo theatro nacional, e envidei em seu favor quanto me foi possível. Conheço agora que não passei de utopista ; mas nem por isso deixarei de auxiliar aquelle que puder levar a effeito esse theatro.

« Ah ! Quando cessaremos de ver em scena as pessimas producções estrangeiras ? Quando poderão os actores pronunciar nosso idioma, puro e livre de gallecismos ? »

Conceda o Governo ao Director de uma Companhia o quantitativo por ventura á gratificar a inerte inspectoría parlamentar, á rasão de um tanto por cada Peça nacional de certa ordem que,

nos limites de prefixo numero annual, for bem recebida do publico.

Que barreiras se levantão á esta salutar providencia ?

Com escassa renda, o Estado, para manter theatros no Rio de Janeiro, pôde subsidial-outr'ora mediante avultadas quantias ; e hoje consideravelmente elevada a renda, não poderá, no designio de promover o desenvolvimento da arte dramatica em todo o Imperio, consignar um seutil á essa necessidade ?

O dispendio será modico ; os abusos impossiveis ; e os beneficios incalculaveis.

1 ou 2 contos de réis por cada Peça até 6, nas condições expostas, nada é em paiz onde annualmente se consomen grandes sommas com a aquisição de Mappas, de obras estrangeiras, e por milhares de outros canaes, na prespectiva de vantagens que de ordinario se malogrão.

Nenhuma Provincia terá ciumes de um favor á Côrte, que redundã em duplo proveito de todas.

A *Academia de Sciencias* de Paris concede premios á aquelles que apresentam as melhores obras sobre os diversos conhecimentos. Ha o das Mathematicas, o de Physiologia experimental, o de Medicina, o de Mecanica, o de Astronomia de Lande, o de Estatística de Montyon, o das Artes liberaes e industriaes do Barão Tremont, o dos Engenheiros de pontes e calçadas de Dalmont,

o da Flora de Bordin, o do *Cholera-Morbus* de Breant; ha os de Jacker, Barbier, Godard, Desmasieres, Savigny....

Outras nações por igual processo dão impulso ás artes, letras, e sciencias. Eu não sei que haja nada de igual no Brazil!

O auxilio á um theatro da Côrte, sob a clausula que lembro, será concurso aberto em favor da arte dramatica, em que poderão se inscrever os Provincianos.

Em 2.º lugar d'esse theatro irão se espalhando por todo o Imperio as Peças bem succedidas, e ali gradualmente se nacionalizando tambem os theatros.

A nacionalisação mais se accelaria, si viessem em soccorro da ideia as Provincias, que actualmente votão fundos para a manutenção de seus theatros, conferindo-os unicamente na rasão da preferencia ás obras dos filhos do paiz.

D'esta sorte não se dependeria de sustentar Conservatorio dramatico, e nem de crear fiscaes para obstar pagamentos do subsidio por mero patronato.

Não se temeria a regeição das Peças nacionaes pelo Director privilegiado; porque serião as mais lucrativas; nem a acceitação das que não merecessem as honras do palco; porque de envolto com o *flusco* d'ellas, iria o da retribuição.

E quanto ao dlreito de perceber-a o Director

teria o mais imparcial dos juizes:—o publico, que realmente seria a autoridade á decretar o pagamento.

As considerações expostas sobre o máo procedimento das companhias dramaticas em relação a dramaturgos brasileiros, repousão sobre muitos factos a meu conhecimento.

Não citarei nenhum; não devo desairar ninguém. Só posso referir o que me diz respeito, e eu sou bem insignificante, ou antes, nada valho para dar-me como prova.

Mas as maiores grandezas tem por medida diminutas quantidades.

Vou fallar de mim,

### III

Que reis tambem se forão—As Phrines—Eclctismo dramatico—Para a leitura o empenho; para a representação o merecimento—O theatro, e o sr. Quartim—«A Familia Raziqne» obtem a primazia.

Ai! Já na fantazia apromptava, e o papel começava á receber o ultimo Acto do ultimo *Enszio*, quando chegou-me a noticia que entre nós o difficil não é escrever para o theatro—eu escrevo,—mas achar theatro, não digo que vós represente, ao menos que vos leia.

Contava ser combatido por outra parte; o inimigo surgia-me onde o não esperava.

Depois do protestantismo—a reforma a prol da liberdade de consciencia, seguiu-se 89—a reforma a prol da liberdade politica.

A litteratura teve tambem seu protestantismo, seu 89. Aquelles, que havião expulso do Estado a escravidão, não podião se accomodar por muito tempo ao seu jugo nas letras.

A nova ordem litteraria como a politica nasceu na Inglaterra:— a região das iniciativas; mais creação da Providencia que dos homens.

Schakespeare foi o João-sem-Terra desta Mag-na-carta.

A Allemanha— laboratorio das ideias—a ru-minou.

Mas foi na França—a terra dos ensaios—que a luta se travou tremenda entre o passado e o presente.

Em ambos os terrenos a revolução triumphou:—os filhos apearão de seu velho absolutismo os Mestres como os paes havião apeado os Reis.

A Bastilha aqui á demolir era a sacra triada de unidaes de Boileau.

A mulher de maior celebridade do seculo, des-terrada da França pelo homem de maior poder, tendo se feito em Weimar discipula de Goethe e Schiller, em seu regresso arvora o estandarte da emancipação do genio;—dá o signal do com-bate (a).

Os admiradores de M.<sup>me</sup> de Stael se puzerão em campo, preferindo os Romanceiros, os Menestreis, os Trovadores da cavalheresca media idade, aos cançados Gregos e Latinos; as crenças, costumes, paixões, e heroes modernos aos do pa-

(a) «Litterature chez les anciens et chez les moder-nes,» onde refuta os classicos; e «Corinne,» onde de-senha as cadeias em que se debate o genio.

ganismo; nossa liberdade christã á fatalidade do Olympo.

Nasceu assim a nova escola, que em conse-quencia da opção pelos Romanceiros, appellidou-se *romantica*.

O Mirabeau d'esta revolução foi Chateaubri-and—Mirabeau pela penna—a maior penna do seculo.

Lamartine revolucionou a poesia; Alexandre Dumas o theatro.

Mas é Victor Hugo que em toda a amplidão da litteratura personifica a nova era. Foi elle o Napoleão que, derrubando pela penna—a gran-de espada dos tempos modernos—de seus thro-nos tradicionaes os classicos, abriu caminho no mundo ao regimen constitucional litterario.

De então, sahindo do estreito campo em que a detinhão leis de convenção, a litteratura se lançou na larga vereda da originalidade, pro-pondo-se á copiar a natureza, e reflectir o ho-mem na sua realidade pratica, na epopea de sua vida.

Como o corpo á alma, a forma se liga ao fundo, á identificar-se. A lingoagem como o esty-lo participou d'essa permuta do ideal scientifi-co, pelo real; e democratizou-se.

Nó theatro, Victor Hugo publicou *Marion De-lorme*: a Magdalena a depurar-se pelo amor,—essa religião da mocidade.

Os inovadores encetarão as redempções:—redempção pela maternidade, pelo civismo, pela philantropia.... A mulher perdida passou á assumpto por excellencia dramatico!

Sob o exterior da opulencia e da felicidade, as Phrines encobrem as impurezas do corpo, e as torturas da alma, em sua vida de miserias.

Aos olhos do mundo são asquerosas, e o mundo as repelle.

A scena porem as apresenta envoltas em veludos e diamantes; á atravessar as multidões por entre flores e ondas de harmonias; seguidas de cortejo de adoradores: verdadeiras rainhas pela poesia dos atractivos, imperio da vontade, ventura da existencia!

As desgraçadas, ainda na flor da mocidade, pelo caminho do hospital se precipitão á sepultura

Sua gangrena moral, menos curavel que a fisica, com a consciencia lhæs extingue os incentivos nos instinctos do bem.

Theodora, conservando pontos em sanidade por onde podem se elevar á esposas de Justiniano, e imperatrizes do Oriente, só o fisico tem submerso no lodaçal dos prostibulos. (a)

No moral a devassidão tudo incendia, qualquer

(a) A imperatriz Theodora, filha de Acacio, guarda de ursos da facção dos «verdes», antes de subir ao throno do Baixo Imperio tinha sido Actriz, e moça publica.

que seja o lado por onde ella se ateie. N'esse fogo não ha almas salamandras.

Magdalena é antes milagre da graça sobrenatural, do que typo de aptidão á regenerações.

No drama porem, sem os tripudios da dor, quazi sem transição, o anjo decabido passa das fruições do mal ás da virtude!

De taes expectaculos, á edificar as filhas familias, quem conhece *Marion Delorme* (a) não póde responsabilisar Victor Hugo.

Em todo o desenvolvimento da tragedia, desde a apparição de Marion, o grande Poeta a martyrisa.

Sem conhecel-a, Didier a adora; sob o doce nome de Maria, em sua defeza se duela; torna-se reo de morte; com ella foge.

Mas a fatalidad lhe revela em Maria a celebre *Marion Delorme*.

—Deus! exclama elle, o anjo era um demonio!

De então Didier deseja a morte, e entrega-se a Lafemas, o carrasco de Richelieu, que o procura.

(a) Eu traduzi esta Peca, assini como o Sr. conselheiro Martin Francisco Ribeiro d'Andrada «La Joconde» de Paul Faucher, para serem representadas no theatro d'esta cidade, quando ambos, conjunctamente com o Sr. conselheiro Antonio Joaquim Ribas, compuzemos a directoria d'esse theatro.

Marion corre em vão ao rei, títore nas mãos do Cardeal.

So uma salvação resta; o carrasco propoem lh'a ao prego da infamia.

A' semelhante prego, ella abre para a fuga ao amante as portas do carcere.

A Magdalena, á se remir pelo amor, recae assim na prostituição, impellida pelas proprias mãos d'esse deus, em desforço de tantos ultrajes seos.

Na obra do campeão do romantismo as Phrines pois não se resga'ão.

Entretanto, Marion não arranca o amante ao patibulo. Didier não tem se não asco para essa mulher perdida, não se presta á fugir, e caminha á morte sem perdoal-a.

Mas o illustre Sainte Beuve intercede por ella, e Victor Hugo refaz o 5º acto, concedendo-lhe Didier o perdão, perdão de christão condemnado, á borda do sepulchro.

Que afinidade ha entre esta sublime lição, e as composições pouco escrupulosas em moral, á deixarem na sombra a face repulsiva dos vicios e seos soffrimentos, que fazem as delicias da eschola theatral, e a constituem?

Quanto a linguagem, á degeneração do romantismo nos tem conduzido a que uzamos em conversações familiares.

Permittem-se os dictos espirituosos. De prin-

cipio a fim são antes esses dictos á se esgrimir, do que as paixões. Para contraste se interpoem alguns typos da incivilidade, do grotesco, ou semi-idiotismo.

O maior transporte é o leque que a dama leva á face para encobrir a vermilhidão do pudor, que a tinge.

As lagrimas nas palavras são de mão gosto; basta que humedeção as palpebras; do que um dos interlocutores se encarrega de avisar o publico.

Modelados por fundo e formas taes, querem nossos theatros que as composições se aproximem do natural, traduzão o bello real, e consequentemente se inscrevão no que elles chamão emphaticamente a *eschola realista*, ou moderna.

Esta eschola porem, falsifica a verdade, e mente ao publico. O mundo não está n'esse seo fragmento.

Alguem o dice: ha na intelligencia de um rustico philosophia, como na de Platão. Não se poderá accrescentar e rhetorica, como na de Demosthenes?

Electrisae pela paixão o an'phabeto, e a voz toma-lhe naturalmente a entonação da eloquencia, e sua linguagem se eleva á essas alturas. Ella vos convence, e arrasta.

D'èsta verdade os advogados quotidianamente fazem a experiencia.

Nossos theatros por tanto não querendo em scena semelhante lingoagem, banem d'ella todas as sensações que abalão a alma em suas profundezas.

As batalhas, e os feitos heroicos, como classicismos escapão assim ao dominio da arte moderna.

Ora, meos *Ensaïos* não infringem o classicismo para docilmente se avassalarem ao inculcado realismo.

Um é historico ; dous participão de feitos heroicos ; e nenhum dos trez, pondo-as ao claro de cores seductoras, preconisa as más propensões da natureza humana.

Tambem, suas personagens abrazadas nas chamas de violenta paixão, não fallão como se conversa sobre o tempo que faz, ou o preço dos generos. N'esta parte curvei-me ao velho Horacio.

Nossa epocha é de tranzações:—em philosophia, —reconciliação dos systemas, como expressões parciaes da verdade.

Em religião:—mescla de paganismo, e christianismo.

Em politica :—fusão do absolutismo e democracia, sob o nome de regimen representativo.

Da mesma sorte desejei singrar entre as escholhas dramaticas, como entre as margens de um mesmo rio, ceifando de um e outro lado.

Ao crime pois de não aportar de alem-mar, junctei o de lesa-jurisprudencia litteraria.

No genero em que escrevo, como esperar que jamais serei aceito ? (a)

Ja o dice: o patronato é a unica brecha por onde penetrar ; mas ella não tem bastante altura para, ainda pygmeo como sou, transpol-a sem me abaixar muito.

*Alexandre Dumas* tambem, desde que sahio-lhe das mãos *Christina*, suas primicias, não soube como introduzil-a no *Theatre-Français*. La elle a ninguém conhecia.

*Arnault* poderia recommendal-o ; mas *Arnault* era pelos classicos.

Bate á porta de *Oudard*, chefe da secretaria do Duque de Orleans, como tal possuindo grande influencia, que lhe responde não interpor sua influencia n'isso.

Espera o Ponto do theatro em sua passagem, e consulta-o. O Ponto aconselha que deponha a peça nas mãos do *Examinador*; somente previne-o que, estando la depostas muitas outras, o menos tempo á esperar é um anno. Ha porem meio de evitar o inconveniente ;—recorrer ao *Barão Taylor*, Commisario do rei.

(a) O que dice á respeito de regeição dos nossos escriptores, refere-se a composições tragicas, ou dramaticas. Para farças, obras facetas, ou burlescas ha theatro na Côte.

*Dumas* não tem relações com o *Barão*.

Dirige-se á *Lassagne*; este também não as tem; entretanto avisa-o que *Charles Nodier* é amigo íntimo d'elle.

*Alexandre Dumas* apenas havia conversado casualmente uma noite com *Charles Nodier*; não obstante endereça-lhe uma carta.

A resposta deo-lhe o *Barão Taylor*, fixando o dia para a leitura.

O *Barão* não era o Parlamentar ocioso que figura no capitulo precedente; suas horas estavam tão tomadas, que não lhe restava senão as 7 horas da manhã ao serviço da leitura das Peças.

Para o Parisiense as 7 da manhã, é como se dissessem entre nós as 2 da madrugada.

A' essa hora *Dumas* apresentou-se. Já o *Barão Taylor* estava á braços com a leitura de *Hecube*, tragedia em 5 actos de dous mil e quatrocentos versos, á que o auctor o havia forçado.

Anteriormente tinha assistido a leitura de um *Epaminondas*.

Em semelhante serviço lhe corrião diariamente as manhãs.

Ora eu não sei que haja no Rio de Janeiro um *Barão Taylor*; um *Barão Tylor* que benevolmente recebe de autor desconhecido, *Le Christine*—esse drama por *Picard* regeitado, e que o levou a aconselhar *Alexandre Dumas* de cuidar de seu emprego, por faltar-lhe talento para a littera-

tura—um *Barão Tylor*, que apresenta, elle proprio, a Peça a *Charles Nodier*, e ao *Theatre Français*; Peça na qual *Nodier* escreve: *Declaro, sobre minha alma e consciencia, que Christine é uma das obras as mais notaveis que tenho lido n'estes 20 annos*, e que o *Theatre Français* admite unanimemente.

Não seria impossivel a necessidade deparar-me um *Nodier*, ou *Taylor* para me recommendar á algum Director de theatro. Mas, já sabemos, quando muito o Director me fuz a honra de apertar-me a mão:—não u.e representaria.

Mais longe não comprehendo como levar o empenho.

Esse 5.º Poder do Estado vós despache Comendador, *Barão*, Representante da nação, Conselheiro, Ministro.... mas sua omnipotente mediação para que vos julguem litterato, sabio, genio!...

Que futuro destinar á meus pobres *Ensaio*s?

As obras são acervos de vigalias e fadigas, fibras do coração; e ignoro si, no pleno uso da razão, alguém realisa o mytho de Saturno á devorar os proprios filhos.

Peço contudo que não fluctuaria longo tempo na incerteza, acabando por decidir-me á semelhante sacrificio. Quando não posso triumphar das resistencias, entrevejo n'ellas o dedo da

Providencia, e desde que o entrevisse não seria menos docil que Abraham.

Um amigo foi o anjo á salvar este Izaak.

Em penhor de gratidão, duas palavras á seu respeito.

S. Paulo, possuia eximio theatro, (a)—legado dos tempos coloniaes,—que o finado conego dr. Ildelfonso Xavier Ferreira celebrou, acclamando Rei o Principe Regente D. Pedro, no memoravel 7 de Setembro de 1822.

Em população de 20 mil almas, os dias de enchentes erão de malquerenças para o Empresario, obrigado a fazer o milagre dos pães e dos peixes,

Os camarotes em n.º de 28 não passavão de frestas; a platéa admittia, muito mal accomodadas, até 200 pessoas.

Nas frestas apinhavão-se as familias; na platéa 300 a 400 homens, uns sobre outros.

As vezes o povo, amotinado, arrombava as portas, e invadia o salão.

Os excluidos dos expectaculos gritavão contra a insufficiencia do predio; os felizes lá admittidos, alguns á preços fabulosos, gritavão contra a

(a) Ha poucos annos, para desatrarancar o Largo do Palacio, o Governo mandou demolil-o; e—cousa singular!—ao mesmo tempo concedeo os fundos precisos á reparação de um pequeno predio contiguo, que continua a atravarancar e irregularisar o Largo!

posição encommoda; os Actores contra a pequena extensão do tablado, e do rendimento; principalmente quanto a esta. Todo mundo gritava; e todos esses gritos cahião sobre a cabeça do Empresario.

N'estas circumstancias occorre-lhe a mais desgraçada das ideias:—construir um theatro vasto, bem delineado, digno da Capital de uma Provincia como S. Paulo.

Para o agigantado plano, por todo seu concurso, elle offerecia sua boa vontade. E' verdade que era a melhor vontade possivel, e de solidez granitica, mas para grandes construcções este material torna-se insufficiente.

Si elle houvesse emigrado dos antipodas, e reclamasse 200 contos de réis—50 para si, tudo estaria feito suavemente; e, no fim da obra, ainda podia a titulo de indemnisação reclamar outros 50.

Mas, para milagres taes, fora visto *páo de larrangeira*, e contentava-se que lhe ministrassem metade do custo da obra.

De facto, mediante tal clausula o trabalho começou, e a guerra tambem.

O trabalho começou n'um buracão—o monturo do Carmo—pela construcção de chão artificial.

A guerra começou no terreno da intriga—esse outro monturo—pela construcção de falsidades, e injurias.

O custoso artificio do chão, onde apropriadas localidades não faltão, indispoz a opinião publica contra a obra, e a obra foi suspensa.

O facil artificio das injurias, onde a mordacidade formiga, indispoz o governo contra o Empresario, e o Empresario foi chamado por elle á contas, como si fora seu empregado, ou gerente de obras!

A opinião poz cobro ao extravagante local assignado ao edificio. A Assembléa Provincial poz cobro a injustiça feita ao seu fundador.

O governo porém não quiz mais ouvir fallar em semelhante construcção, e o publico ficou sem theatro!

Foi o finado Senador José Joaquim Fernandes Torres, cuja administração recorda tantos beneficios, á contractar o actual.

O Sr. Quartim recebeu a quota da Provincia, contrahio com ella um emprestimo, estabeleceu accionistas na sua parte, pediu a particulares dinheiros á premio, gastou quanto possuia, affrontou milhares de tropeços, foi ridicularizado pela imprensa, calumniado, perseguido, curtiu dissabores sem conta, arruinou-se, eix pobreceu; mas abriu ao publico theatro amplo, quanto ao interior em boas disposições, e em estado de funcionar (a).

(a) Recebeu o nome de S. José, por ser o de baptismo do sr. Conselheiro Nabuco que iniciou a idéa de

O tenaz Empresario supplantou d'este modo a contrariedade, mas não os cantrarios, que tomão a construcção, além da pessoa do constructor, para thema da maledicencia.

Entre os boatos do novo thema, sobresae pela originalidade: o de que o edificio—construcção pesada por excessiva solidez—está prestes á desabar!

Os proprios actores, que clamavão contra as acanhadas dimensões do antigo, passarão á condemnar as vastas do novo, e descobrirão o exotico principio economico que em theatro, quando a despeza é quasi a mesma, e a renda triplica, os lucros desaparecem.

Os boatos crearão partido hostile a empreza, e como ha pensadores que em questões, que grandemente não os interessão, gostão,—a semelhança do vulgo—de opiniões feitas, que os dispensão de pensar por si mesmos, adherindo em caso de luta, áquellas que os deixão na inercia, o partido conseguiu obstar a conclusão do theatro, e pôl-o ruina ao nascer, monumento de incuria.

Não se quiz vêr que, confiado aos proprios cursos, era impossivel o Empresario proseguir na obra; que lá estavam consideraveis sommas da Provincia a se perder; e que cumpria acodir com providencias que as salvassem.

um theatro, do sr. Conselheiro Saraiva o primeiro que contractou-o, e o do referido finado Conselheiro Fernandes Torres.

Lei especial ha muito as havia autorisado :— Os adversarios preferião a ruina, pelo prazer de conservar eterno motivo de celeuma !

Os contemporaneos, porém, apedrejem embora o Empresario,—igualmente Escriptor a prol da nossa litteratura, Escriptor de immorredouro livro de granito—a posteridade não guarda igual gratidão aos beneficios que lhe legão antepassados.

Corôas posthumas sejam a reanimação de hoje aos obreiros do bem!

Mas em vão os homens se afanão na criação do mal, a Providencia o explora em proveito do bem.

A guerra levantou a idéa de um novo theatro, montado com luxo, mas de modestas proporções.

Do pequeno theatro viemos para o grande ; agora de novo optamos pelo pequeno ; logo retrocederemos ao S. José ; e em resultado, attento o rapido crescimento da população, nos reconciliarremos com ambos. A cidade possuirá dous theatros.

Para o novo se associarão alguns capitalistas que o vão realisar.

Sempre entendi que instituições d'essa ordem devem ser promovidas, ao influxo do governo, por empezas particulares.

Transcendem a orbita de deveres do governo :

os jardins, os passeios publicos, os muzeus, as casas de recreio, as fabricas.... as proprias escolas.

Os fundos publicos em taes applicações, si não se roubão a verdadeiros encargos do Estado, são extorsões ao povo. Os tributos só as solicitações da necessidade legitimão.

Todavia, ha muitos annos, quando na Assembléa Provincial se debateu a questão da fundação do actual theatro, alistei-me entre seus defensores. Direi porque.

Sómente na verba *estradas*—toneis das Donai-des—não se calculão os milhões gastos, sem vantagem publica.

Uma casa de util diversão, de incentivo a litteratura, de auxilio ao desenvolvimento intellectual, de propagação da moralidade, é pelo menos alguma cousa de visível, de tangível, de positivo.

E bem haja o Governo actual que acaba de encampar o theatro de S. José, e de providenciar sua conclusão.

Estas convicções, e o haver, ha muitos annos, me inscripto entre os distinctos oradores que na Assembléa Provincial tomárão a palayra em favor da justiça, contra o atropello da Lei, em dias de perseguição do Governo ao Sr. Quartim, me valerão sua amizade, desde então jámais desmentida.

Em consequencia, constando-lhe que eu com-

puzera estes *Ensaíos* veio reclamá-los para seu theatro.

Assim como, cego pela amizade, na ignorancia si os *Ensaíos* erão dignos da honra, sem reflectir no caso negativo sobre os resultados, elle aventurou-se a essa condescendencia para comigo; eu cego pelo amor proprio aventurei-me a de ceder, sem bem medir o alcance dos ricos á que me expunha.

Um mal era seguro. Entre nos passa-se por litterato quando não se escreve ou não se falla nada: —o mutismo caracteriza sabedoria. Fallando, eu ia privar-me da possibilidade de ser tido como tal, na hypothese de fazer *fiasco*.

*Christina* eis as primicias do revolucionario do theatro francez. No entanto sobrevierão-lhe obstaculos, e compondo *Henrique III*, foi este seu drama em primeiro lugar representado.

O immenso feliz successo que obtive, lançou tambem na carreira dramatica o propagador da revolução litteraria, produzindo *Marion Delorme*. A policia porém, prohibio esta obra prima. Luiz XIII era um dos avós de Carlos X; e Luiz XIII estava ahí, com muita fidelidade retractado.

Victor Hugo, como Alexandre Dumas, vio pois primeiramente em scena seu 2.º drama: —*Hernani*.

Da mesma sorte, contrariado pelas circumstancias, foi meu 2.º *Ensaio* que representou-se.

Tudo dera para que coubesse a honra ao *Conde de Ourem*. Considero-o meu melhor trabalho, e augurava-lhe algum effeito.

Objectou-se-me que para montá-lo, dependia-se de fazer despezas com o traje a caracter, que as actuaes rendas da casa não comportavão.

Lembrei o de *D. Cezar de Bazan* e outras Peças, que, com algum retoque, podia talvez servir. Infelizmente não sei quem, ao passar pelo theatro, havia tido a ideia de limpar-lhe todo o guarda-roupa.

A *Nemesis*, composição mais popular, e por isso á presagiar melhor resultado, nem entrou em questão. Ella presuppõem menos escasso pessoal apto a principaes papeis, do que o de que dispunha a Companhia.

As emergencias impunhão a prioridade da *Familia Raziqne*.

Dias antes de elaboral-a, eu havia assistido a alguns expectaculos para estudar os actores; e apropriei as Personagens d'essa Peça aos talentos de cada um. Ella se harmonisava, pois, perfeitamente ás forças da Companhia.

Com vestes á caracter e decoração, nenhuma despeza. O 2.º Acto requer scenario especial; mas delinieei para elle, justamente o de um dos Quadros de *Soror Thereza*, que acabava de vêr em scena.

Cedi, pois, a *Familia Raziqne*.

*No theatro, diz Alexandre Dumas, ao contrario da natureza, as alegrias são durante o parto; depois do parto, começam immediatamente as dôres.*

Para as dôres me revevestira de coragem. A morte do recém-nascido é que devera temer.

Uzou o theatro comigo da mesma amabilidade do seu Empresario?

## IV

Leitura da « Família Raziqne—Seos ensaios—A Srna. D. Julia d'Azavedo—Curiosidade policial—Começo de justificação relativa ao apparecimento d'este livro—Resultado do expectaeulo.

Anteriormente á representação, A. Dumas e V. Hugo procederão, elles proprios, á leitura de seus dramas.

Conspiravão rasões especiaes para não isentarme de inital-os, e resolvi a esse fim diregir-me ao director da Companhia.

Mas, abstraindo de um Actor retirado da scena, com quem outr'ora tive de entreter relações officiaes, nunca se offereco occasião de por-me em contacto com esta classe de pessoas, que me habilitasse a conhecel-a de perto.

Aquelle ex-artista, ha muitos annos fallecido, que no mundo phantastico do drama, atravez das ovações de um povo illustrado, havia se erguido alta intelligencia, sabio, principe, não compre-

hendia que no drama real do mundo, pudes e jamais descer as miserias porporções do vulgarecho; e o pobre homem guardava na vida pratica a attitude, a que na mansão das fantasmagorias, se alçara.

Por elle eu aquilatava os mais artistas de primeira plaina.

O phenomeno eu explicava á mim mesmo por este modo: Esses senhores á força de viverem a vida de imaginarias methamorphozes do palco— verdadeiros astros da noite de variadas fazes— descaem, por semelhantes continuas lunações, na incerteza da propria forma, e acabão por se capacitar que realmente sua posição social é a mais proeminente em que, nos expetaculos, hão figurado.

E estas magestades, reflectia, eu que virentes louros engrualdão, os vendavaes da politica não desthronão.

Por tradição, o proceder da 1.<sup>a</sup> dama de *Theatre-Français* para com Victor Hugo, é tudo quanto eu sabia.

Nos ensaios do *Hernani* Mademoiselle Mars se houve com tão desdenhosa sobrançeria em referencia ao grande Poeta, que um dia esgotou-se-lhe a longaminidade, e acabado o ensaio suppliou-lhe uma entrevista.

Insiro-a aqui como a vi publicada.

—Pois bem, perguntou-lhe ella, que me que-rieis diser?

—Queria diser-vos, Madama que acabo de tomar uma resolução.

—Que resolução, sr.?

—A de reclamar vosso papel.

—Meo papel!.... Qual?

—O que me fizeste a honra de desejar em meu drama.

—Como, o papel de Dona Sol! este papel!

—Sim, o papel de Dona Sol que tendes na mão.

—Ah!, exclamou ella batendo com o papel na chamine, e com o pé no tablado, é a primeira vez que me acontece um au'tor reclamar-me seu papel.

—Pois bem, creio convem que o exemplo seja dado, e eu o dou.

—Mas, enfim, por que m'o tomaes?

—Porque creio perceber uma cousa, Madama, é que quando me fazeis a honra de dirigir a palavra, pareceis ignorar completamente á quem fallaes.

—Como assim, senhor?

—Sim, sois mulher de grande talento, sei d'isto.... mas ha uma cousa, repito, que pareceis ignorar, e que n'este caso devo ensinar-vos: é que eu tambem, Madama, sou homem d'

grande talento. Tende o por dicto, eu vos peço, e tractae-me como tal.

—Credes que representarei mal vosso papel?

—Sei que o representareis admiravelmente; mas sei tambem que desde o começo dos ensaios sois incivil para comigo; o que é ao mesmo tempo indigno de Mademoiselle Mars, e de Monsieur Victor Hugo.

—Oh! murmurou a l.<sup>a</sup> Artista, mordendo os labios, merecieis que vos restituísse vosso papel.

—Estou prompto á recebê-lo.

—E quem o representará?

—Oh! Meu Deus! madama, a primeira pessoa que apparecer.

—Pois bem, eu, eu guardo vosso papel, eu o representarei, e como ninguem em Paris vol-o representaria, affianço.

—Seja, guardae-o; mas não esqueçaes o que vos dice sobre o respeito que se devem pessoas do nosso merito.

Anteriormente, nos ensaios de Henrique III, A. Dumas não tinha sido com ella mais feliz.

Ao abordar eu pois o l.<sup>o</sup> Actor de uma companhia dramatica, para lhe ler a *Familia Raziue*, não pude preservar-me de certa apprehensão.

Mas, eu me illudia. Si as excentricidades do funcionario publico, ex-artista á servir juncto a mim, quando exerci a magistratura, não dinun-

ciavão algum vicio de organismo, elle era, como Mademoiselle Mars a anomalia da classe. (a)

Nossos Talmas são tractaveis, e tão bons burgoezes como nos outros.

O digno filho de Joaquim Augusto acolheo-me pois com cortezia, e consideração que penhorão-me.

Quanto a leitura, ouviu-a com religiosa attenção, e finda sahirão-lhe dos labios, como si fallasse á si mesmo estas palavras: *E' de muito effeito!*

Foi grande erro não ter eu proprio lido a Peça igualmente á Companhia. Aconselho os autores inexperientes de theatro, como eu, á que o fação.

Copiadas as partes, e distribuidos os papeis, essa leitura effeituou-se em ausencia justamente do l.<sup>o</sup> actor, e de l.<sup>a</sup> actriz—em seu genero,

A fatalidade resorvara ao Sr. Augusto Filho, para essa occasião, uma bronchite, e pode-se dizer que elle levantou-se do leito afim de representar.

A presença da Sra. D. Rozina era inutil. Infelizmente, como seu illustre irmão Augusto pae, ella padece surdez.

Cada actor, munido do respectivo papel, o lia a proporção que lhe chegava a vez; e ora estatelavão ante as difficuldades da calligraphia, ora

(a) Fui juiz em varios lugares, e servirão comigo tantas pessoas que não receio a allusão revele a pessoa á quem me refiro.

não davão as palavras a inflecção de voz correspondente ao sentido das palavras, como acontece naturalmente na leitura immediata de manuscrito que pela primeira vez percorremos.

Segundo se ve, não era propriamente leitura da Peça, sim revisão das partes, para verificar a authenticidade das copias.

Ora, semelhante trabalho não é de natureza á reter a attenção de ninguem, e frequentemente suspendia-se a leitura para chamar a attenção do actor distraído, quando tinha de entrar alguma falla sua.

A Snra. D. Julia, a quem cabia o primeiro papel de dama, para desferrar-se do enojo em que se via matava o tempo conversando com o cavalheiro sentado a sua esquerda. Tinha-se de chamal-a segunda e terceira vez, sempre que lhe tocava ler seu papel.

Mais desazado processo de dar conhecimento de uma Peça á Companhia é impossivel; sugeita á igual provança, a melhor es assemelha á peor.

Resulta d'ahi que a Companhia não podia ajuizar mal da *Familia Raziqie*, pela mesma rasão porque tambem não podia ajuizar bem:—não a ficou conhecendo.

Mas já referi o preconceito inherente ás Peças do paiz. A *Familia Raziqie* estava por isso obri-gada á deixar no espirito da Companhia impres-

são capaz de desvanecel-o; e terminada a leitura, cada artista achou em si, em vez d'essa impressão, o preconceito!

Dias depois não faltou quem dicesse que *meu drama não era la grande couza; e contava-se seria mal recebido.*

Este rumor andou tanto que chegou-me aos ouvidos.

Verifiquei mais tarde que sahira de um Serrafila do theatro.

Si á esse tempo os jornaes já não houvessem annuciado a Peça eu a teria reclamado.

A impossibilidade de o fazer entristeceu-me, porque intimidou-me. Tive muito medo; mas da Companhia, não do publico.

Não descri da *Familia Raziqie*. O que escrevi ponho sob a luz de claridade, que nada esconde:—a imprensa.

Descri da execução. O autor permanece em relação ao actor, como o Ministro quasi invisivel por detraz do Rei.

Ao actor pertencem 9 decimos dos applausos que lhe cobrem a voz. Si decae, a responsabilidade passa inteira ao autor, assemelhando ámbos, ainda aqui, a aquellas personagens proeminentes das altas regiões da politica, onde o bem emana da corôa, e o mal dos seus conselheiros.

Felizmente, no mais sombrio dezespero luz sempre alguma esperança.

Ao inaugurar da escola romantica, os maiores actores francezes pertencião á escola antiga, e convictos do máo exito das innovações se esmeravão, não obstante, por credito proprio, em lhes ser fieis, como si ellas pudessem triumphar, e ellas triumphavão.

Assisti aos ensaios, do recinto do proscenio.

Accessivel ahi á quantos vinhão distrair-me, baldo de original por onde acompanhar o trabalho, attribuindo alguma lacuna ou differença que observava, á não estarem os Artistas versados nos papeis, nada materialmente mais possivel do que terem transformado a Peça sem eu dar fé.

Materialmente; porque moralmente cria impossivel; tanto mais quanto fui de facil complacencia nos dous ou tres topicos em que lobriguei desejos de reforma, um d'elles nada mais que por achar-se atrapalhada a dama a dizel-o, na pronuncia de duas palavras, á cuja junção não se habituava.

Tambem, estando a servir de pomo de discórdia entre o Ensaaiador, e um Actor, as fallas d'este em papel secundario, trouxe para casa a Peça afim de resumil-as, em dia em que exacerbou-se a altercação á ameaçar rompimento.

Então o acaso levou-me á inesperado descobrimento:—a Peça estava profundamente mudada!

O Director do Gymnasio de Pariz propôz a Fre-

derico Soulié de aceitar o drama, que elle acabava de lèr-lhe, procedendo á alguns cortes.

Soulié arrancou-lhe das mãos o escripto, dizendo: *Mr. Dormeuil, on ne touche pas á ces choses lá.* E era Mr. Dormeuil!

A' esse mesmo tempo o *Theatre-Français* recusava *Les Vêpres Siciliennes* de Casimir Delavigne; e como cada votante motivava a recusa, uma Actriz escreveu: *Refusée parce que l'ouvrage est mal écrite.*

Ora, informado que os theatros da Còrte são avessos ás produções nacionaes, atirará o de S. Paulo a barra adiante, tocando *n'essas cousas*—presente o autor,—quando força maior não lhe consente recusal-as por *mal escritas*? Cahiria a *Familia Raziqne* no laboratorio d'alguns Hermes para transmudar em ouro de quilate o vil metal?

Diregi-me á casa do Director á certificar-me. O Sr. Augusto Filho declarou-se alheio á *delicadeza*.

Por outrem, porém, verifiquei que esta Companhia estava no direito consuetudinario de entregar as produções, que representa, a não sei que oraculo de sabedoria para amputar as fallas longas, e pôr as produções viaveis, corrigindo assim s obras dos litteratos de reputação universal.

Si tambem me fizesse a honra de corrigir... Mas na *Familia Raziqne* as mutilações entenebrecião a acção; e as rarissimas substituições ao

pensamento primitivo não acreditavão muito ao meu Aristarcho, quem quer que elle fosse; revelando que não é forte em comprehender o que lê,—talvez por desattento.

Assim estropeado, emplastado, rachitico, estivera em ensaio a obra de dous autores: eu, e o meu *cavalheiro* collaborador.

Por mais que me lisongeasse a sorrateira companhia fui bastante generoso para não associar-o á meus erros; e privando-me de seus acertos, exigi o restabelecimento da Peça nos termos em que eu a havia escripto.

Assisti á todos os ensaios, e todos os ensaios não excederão á 5. Em Paris são em numero de 50; —uma cifra apenas de mais.

Durante esse tempo, mais de um empregado da casa, como conduzido pelo curso natural da conversação, me havia dicto: « Quando a Companhia vai mal no ensaio geral, no expectaculo alcança esplendido triumpho; e *vice versa*. Esta regra ainda não falhou. »

A' pessoas, no pleno uso da razão, se antolhará enygmá indecifrável essa originalidade phisiologica da Companhia.

Eu não extranhei senão o encontrar entre os mysterios dos bastidores, para uso tambem dos seus artistas, importada talvez por estudantes, a proporção academica,—muito minha conhecida—que poem o saber na razão inversa do estudo.

Com effeito, na Faculdade de Direito de S. Paulo o Academico que não abre livro: si é parvo passa por talento, si é talento, n'esse caso é um... genio.

O sexto ensaio foi o que chamão geral. Antes de começar, a Sra. D. Julia fez-me o obsequio de dizer-me:

—A Peça não está em estado de ser amanhã representada.

—Mas a Senhora sabe seu papel, lhe respondi eu.

—Eu propria não me julgo prompta, ainda dependo de estudal-o.

—Com seu talento, tão distincta como é, e co-nhecedora da Peça....

—Não; eu não a conheço; só sei pelo meu papel que o Senhor *judiou de mim*, disse ella sorrindo: me arrasta, me faz eazar á força, passar por criminosa, e quer me matar á fome.

Não acreditei um palavra. Finge-se, pensei eu, insabida, para maior realce do desempenho.

Entretanto ella dizia a verdade!

O ensaio geral correu á prometter bella noute. A Companhia ia arrancar freneticos applausos, fazer furor; porque o ensaio geral esteve.... ex-cravel.

Si a intensidade dos effeitos se gradúa pela das causas, onde o bom brota do máo, o optimo hade brotar do pessimo.

Desisto de tentar a exposição do que, com pasmo, presenciei. Era preciso vêr para crêr; como geral, o ensaio—reproduz a palavra que melhor o define—esteve detestavel.

A' receber impavido tão rude golpe me haviam predisposto com a paradoxal *regra da casa que nunca falhava*; e posto ella premunisse contra a má impressão autor mais exigente do que eu, mal terminou o ensaio, corri direito ao director na inflexivel resolução de addiar o expectaculo.

A dialectica do Director desbaratou-me, com admiravel presteza, a inflexivel resolução, mediante dous argumentos, á que, bisonho nas practicas d'aquelle mundo phantasmagorico, não achei que replicar.

1.º As finanças estavam-lhe em plena maré vasante; e na sexta-feira—era então quarta—tinha debitos a solver, cujos vencimentos não podia espaçar.

2.º *Garantia-me* (a palavra é d'elle) absoluto desempenho da Peça. As grandes *enchentes*—e a recita a presagiava—exercem influencia a maravilhosamente transformar os artistas.

Eu tranquillizei-me:—os Artistas ainda tinham ante si boas 24 horas, e o ultimo ensaio ás 11 horas da manhã seguinte. Si novamente elle corresse mal era tempo de transferir o expectaculo.

Antes de retirar-me inqueri si a *Familia Razi-que* obtivera a approvação policial.

—Ainda não.

—Então como realizar o expectaculo amanhã!

—Mas isso é obra de um momento.

—Não; a letra do manuscripto é intoleravel, e a Peça extensa; convém dar tempo.

—A policia não lê as Peças, replicarão-me; limita-se á lançar-lhes o visto.

Tudo andava por fio electrico!

No dia seguinte, ao meio dia, a cidade estava em festas, e eu—com preterição dos deveres de catholico—no theatro. O ensaio á essa hora ainda não havia começado.

A Sra. D. Julia, encerrada para estudar, participou não poder comparecer.

Não é por ella que estamos a esperar; mas pelo mensageiro que ha muitas horas levára a *Familia Razi-que* á policia.

Depois de meio dia chega enfim o mensageiro. Vinha de mãos abanando:—a policia não assignava de cruz a *Familia Razi-que*; estava embevecida lendo-a.

Não é por cumprir seus deveres que a maldirei; si é verdade que não lançava os olhos sobre as Peças, eu não podia tomar á má parte seu zelo. Seria curioso elle temer lá o infiltramento de alguma allusão pessoal, offensa á moral, aos poderes publicos, ou ás leis e Constituição do Estado.

Expliquei, pois, a honra de lèr-me de differente modo.

Em 1.º lugar, a Peça era minha. Em 2.º chamava-se *Razique*.—O nome devia dar tambem no gotto da policia.

Ella encetou a leitura; a attenção foi-lhe ficando captiva; a curiosidade selhe aguçou; não teve a paciencia de esperar mais algumas horas, para vê-la á noute; e foi indo, quando deu acôrdo chegara ao fim. Faço votos para que passe o leitor por igual mystificação.

A curiosidade policial, portanto, frustrou as deradeiras provanças com que eu contava, para definitivamente ajuizar das promessas da noute, e abysmou-me em incertezas.

O Director renovava sua segurança de maravilhas.

Oito dias tnhão sido de luta contra todos, e contra tudo. As concessões erão conquistas. Vi a final o *dedo da Providencia*.

Occorreu-me, então, que outr'ora assisti á um ensaio geral em que as principaes figuras erão as peiores; ineptas á apostar-se que serião pateadas.

No dia seguinte não havia mãos de homens que não batessem palmas, lenços de damas que lhes não accenassem.

São athletas que não se gastão em escaramu-

ças, reservando suas armaduras, e massas de Hercules para a grande batalha.

Effectivamente n'essa noute realisou-se o expectaculo.

Os cartazes annunciarão a *Familia Razique* sem nome de autor.

«Mas o drama—é o *Diario de S. Paulo* quem falla—revistido de passagens da historia patria até a época dos grandes successos que tiverão fim com a restauração da Bahia.... era por certo incentivo para que o publico afluísse ao theatro, como afluio, dando-se *verdadeira enchente*.»

Em 2.º lugar o dia era o 25 de Janeiro, em que a Igreja celebra Saul de Tarse, o apostolo dos gentios, convertido por uma visão a verdade christã, e santificado sob o nome de Paulo;—Patrono da Cidade, da Provincia, e da Diocese.

Em 3.º nem as creanças de peito, á concorrer ao theatro, ignoravão que ião assistir a estreya d'uma composição, cujo autor era eu.

Em S. Paulo as creanças de peito frequentão os expectaculos, e nas mais patheticas scenas intervem agudamente lacrimosas!

A casa achou-se pois litteralmente repleta. Satisfeita esta condição, alçou-se a Companhia á região dos prodigios, como me asseguravão?

Realmente a noute foi de prodigios: os fastos theatraes não contão recita igual.

Fallemos primeiramente do publico, a Companhia virá depois.

A população de S. Paulo, a illustrada população acolheu o humilde escripto de modo excedente á minhas esperanças, e dezejos. Chamou frequentes vezes a scena os principaes artistas, e os cobrio de bem nutridos applausos; e no fim victoriou a Companhia em pezo, concluindo por estripitosamente reclamar tambem a presença do autor.

Eu não compareci.

O anonymo é ninguém; e tem-se o direito de ser-se ninguém.—Não foi desrespeito.

Mas esse direito acaba onde começa os favores. Eis uma das razões de ser d'este Livro. Eu o resolvi n'aquelle momento.

Ergo altivo a fronte si tentão acabrunhar-me. Sob o peso dos favores me humilho até o chão.—Entre meus mil defeitos não tenho o da ingratidão.

Guardei o incognito por indeclinavel necessidade, que me justificará opportunamente.

Por agora; não appareci lá, por alguns instantes; mas eis-me aqui ante o publico sem restricção de tempo para a censura, como para possiveis encomios.

Na eloquencia da mudez não curvei-me ás suas ovações; fique porém gravado n'este Livro que não morre, como as recitas, no dia em

que nasce,—o profundo e vivo reconhecimento que hade acompanhar-me, enquanto a memoria subsistir-me n'alma.

Aquelle dia não é dos que se esquecem; nem seus favores dos que baixão á sepultura antes do homem.

Depois do publico, seus pretensos órgãos:—os *fazedores* de opinião publica.

A cidade conta dous Diarios, que não são diarios, por sua intermittencia nos dias immediatos aos feriados.

Eu tinha motivos pessoases—não á mim, mas a Companhia, de suspeitar de sua benevolencia para com a Peça, á proposito da execução.

Em consequencia foi com inexprimivel anciedade que esperei o dia 27.

O *Diario de S. Paulo* publicou: «O drama... tem lances importantes que excitão a attenção e curiosidade do expectador, como em muitas scenas excitou os applausos da platea.»

Em outro topico o artigo noticia que os applausos ao Sr. Augusto Filho forão freneticos.

O *Correio Paulistano* «...o publico applaudiu repetidas vezes, chamando á scena alguns dos artistas, e tambem o autor que, não se havendo declarado, deixou de apparecer.»

Acaso da noute para o dia os Actores do theatro de S. José se improvisão Talmas ou Kambles, Molles ou Trevilles?



o povo dos indifferentes; aventurei-me ante elles á jogo arriscado sem que nada me impellisse; em bem ou mal vou tornar-me conhecido de todos; ganhar certa consideração no espirito d'aquelles que nada esperão, ou talvez desenganar os que em mim confião.

O Prologo até a conclusão *exclusive* correu de forma aturavel; posto seja, por sua natureza de Introdução, pouco atraente, um tanto monotonico.

Entendi porém que, assim como no exordio o orador dispõem o auditorio em seu favor, não devia no Prologo deixar cahir o panno sem collocar desde logo alguma cousa ahi que fallasse em meu abono.

Tentei desenhar com as cores do fanatismo o amor da viuva Izabel de Chantal á sua filha unica.

Ella jamais sahio de seu lado; o medo da omnipotencia de um Capitão-General a força á arrancar-se por um momento de juncto á creança.

Regressa; e.... não a encontra! Fora roubada!

Este horrivel transe, o paroxismo do desespero em tresvario, a loucura que se apossa de Chantal, e que se termina cahindo ella moribunda, incumbia a Sra. D. Rosina desempenhar.

Artista de muita força, e ao par das difficeis exigencias d'esta situação, ella inspirava-me toda confiança.

Por vezes a vi em angustias da maternidade arrancar lagrimas de corações empedernidos, e choverem-lhe grinaldas.

Encarregada assim a digna irmã de Joaquim Augusto de pôr do meu lado todo o auditorio electrizando-o, soffregamente aguardei esse instante, e com indiseveis emoções o vi chegar.

Chantal entra no gabinete á abraçar a filha.— O coração pulsa-me com violencia.

No mesmo instante regressa, e hallucinada exclama:

*Minha filha!... Que é d'ella!...*

O ponto faz cahir o panno:—corta-lhe uma pagina da falla!!!!

A Sra. D. Rosina ergue os olhos á vél-o lentamente descer, petrificada como si elle fora a cabeça de Meduza; e esta voz rompe da platea:

*Então em que ficamos?*

O leitor fantazie meu desespero!

A' ficção de uã mãe á quem arrebatão chimerico fructo de suas entranhas, o Apontador preferio a realidade de um pae á cujas vistas estrangulão-lhe um filho.

Corri á caixa do theatro, como se o revez fosse sanavel.

Havia no Prologo o signal de aviso, e o signal de quéda do panno!

Em milhares de expectaculos o Apontador já

mais se lembrara de ter uma inadvertencia, que ninguem, nem elle proprio, sabia explicar!

O immediato quadro estava destacado do Prologo; o Apontador tinha ainda á vista uma pagina inteira a lèr; e elle a havia lido numerosas vezes:—na revisão das copias do manuscripto, e nos seus ensaios!...

A' este golpe, a Sra. D. Rosina achou-se ante si mesma tão desmoralizada, a ferida lhe foi tão funda, que não pôde mais inteiramente restabelecer-se.

Sua estatica figura, de olhos erguidos, ainda estou vendo.

No theatro de S. José o autor precisa ensaiar até o panno da bocca!

A' inadvertencia do Apontador succedeu o aluvião de inadvertencias do Contraregra, do Puchavistas, do Decorador das scenas, do Vestidor das personagens, do Ensaizador da Peça, dos Actores, e até.... da orchestra.

Cada um por sua ordem chronologica.

Findo o Prologo, ainda me agitava a perturbação em que seu desastrado epilogo abysmou-me, e eis-me a braços com outro revez.

—A orchestra não quer mais tocar, veio-se-me dizer.

—Porque?

—Um official prendeu um dos musicos, com cujo desfalque ella se arrisca a ser pateada.

—Teria o desgraçado a inadvertencia de matar alguem?

Fui ao Official. O Official nada podia; tinha prendido a ordem superior.

Fui ao Superior. O Superior desejava soltar; o Official se oppunha:—foi um attentado; era preciso o exemplo.

A vista da gravidade do caso propuz que o Musico não fosse nem solto, nem recolhido a prisão, isto é, que fosse tocar preso, escoltado, encorrentado, mas fosse tocar.

O desgraçado tinha perpetrado este crime. Recebeo ordem de tocar a Banda de Musica de Permanentes no saguão do theatro até a chegada da 1.<sup>a</sup> Autoridade da Provincia. A 1.<sup>a</sup> Autoridade chegou quando já havia entrado o expectaculo. O expectaculo começou pela *ouverture*. A *ouverture* rompeo a força de batidelas da Platea. A Platéa depois que ouviu bater nos sinos a hora annunciada, é que bateo nos bancos. Os bancos se quebravão si não tocasse a Orchestra. A Orchestra não podia tocar sem o Mestre. O Mestre não podia accudir sem debandar a Musica do saguão. A Musica pois debandou; o Mestre teve de tocar preso.

No 1.<sup>o</sup> acto a inadvertencia começou pelo scenario.

O Quadro pedia um jardim. O Decorador entendeu que na cidade da Bahia os predios nobres

tem uma escada de pào, exposta aos estragos do tempo, dando para o jardim. Ella estava a estulta escada!

Si a vira antecipadamente teria exigido sua retirada. O Decorador não a fez servir em ensaio algum, para dar-me a *agradavel* surpresa.

Isto não é impertinencia de autor. A Personagem que entrava pela escada tinha de fallar: ou do alto della em ar de Prégador no pulpito; ou durante a descida, ao risco de rodar por ella abaixo.

Para fugir ao duplo ridiculo, cada Personagem descia de vagar e cautellosamente a mal segura escada; depois tomava a palavra. Durante esse tempo os interlocutores, e o publico esperavão-no, e a scena esfriava.

Na 8.<sup>a</sup> por exemplo Matheos avisa Carlos, á quem creara, que o vae casar com a filha.

Carlos não a deseja por esposa; sacrifica os impulsos do coração a ambição do ouro; mas elle, homem, militar, corajoso, não ousa resistir. Matheos é o terror da familia.

Silvia, creança, fragil moça, não mostra identica docilidade; ama a outrem; hesita, chora,...

Para seo irascivel pae o choro é a insubordinação; e na violencia do genio brada:

*Ah!... Nos meos 54 annos uma creança que despedago entre os dedos!... Assim o queres, vou levar-te á rastos.*

E arrasta-a.

A este momento trôa o grito repassado de indignação:

*Não a levareis, Senhor!*

E' Carlos que surge, como o anjo do bem, e de cujo coração o grito escapa.

Esta scena promete infallivel effeito.

Na representação Carlos appareceu no topo da estreita escada. Matheos estacou. Não podia arrastar a filha por ella acima, ao passo que Carlos vinha vagarosamente por ella abaixo. Teve de esperal-o.

Realisada a perigosa descida, já Matheos não levava ninguem de rastos: seo arrebatamento tinha passado. Não obstante, Carlos diz-lhe, mas com voz submissa:

*Não a levareis, Senhor!*

A indignação era extemporanea, e o effeito foi nenhum!

Entretanto a representação até o fim do 1.<sup>o</sup> acto não considerei causa perdida. No 2.<sup>o</sup> depositava minhas melhores esperanças.

Escrevi Matheos Raziqne expressamente para o sr. Augusto Filho; o 1.<sup>o</sup> papel para o 1.<sup>o</sup> Actor.

Reffiro depois porque entregueio-o á outrem, cujo nome calo; visto que não quero saia-me da penna o d'aquelles contra os quaes militem razões de resentimento que os desairem.

Mas esse outrem eu vi desempenhar papeis

difficeis. Inteligente, de porte elegante, de voz clara, estudioso, senhor do palco, ha nelle um desses talentos de quem uma boa escola tem alguma cousa á fazer; e assegurando-se-me que iria a contento em Matheos Razique, sem hesitar entreguei-lhe.

Matheos Razique porém esteve no Prologo e 1.<sup>o</sup> Acto pessimo, e do 2.<sup>o</sup> em diante.... detestavel.

Matheos Razique é o typo do antigo Portuguez. Segundo as velhas praticas do Reino, aspero e intractavel com os filhos; semi-Deus do lar domestico á cuja omnipotencia elles se vergão.

Especialisa, porém, seu caracter a extrema irascibilidade do genio e aspereza no seio da familia, á contrastar com a doçura e amabilidade até a baixeza para com os ricos e pederosos, á quem, em sua fome de ouro, visa explorar, e que o força a se exceder em fraquezas paternas em presença dessas pessoas.

D'ahi as subitas transições entre as explosões da ira, e as expansões do prazer. Ainda lhe entreabre os labios o sorrir da ternura, e já a frente se lhe carregou; ainda rouqueja-lhe aqui cavernosa e sombria a voz do arrebatamento, e já sôa meiga e harmoniosa ali a do coração, repleto de simulada bonhomia.

O Matheos Razique do expectaculo fallava no

mesmo tom aos filhos, e a Senhora mais rica da Bahia de quem ludibriava!

Oh! E' que nunca ninguem vio escravo submisso, como elle ao Apontador.

Como a creança na sua 1.<sup>a</sup> lição de orar, repetia palavra por palavra as que lhe dictava o Apontador, e—ainda mal—á este ouvia-se primeiro!

Silvia atravessa o fim da scena 10.<sup>a</sup>; as curtas scenas 11.<sup>a</sup> e 12.<sup>a</sup>, e chega ao principio da 13.<sup>a</sup> sem proferir palavra.

Na famosa *scena dos retractos de Hernani*, entre Carlos e Ruy Gomes, M.<sup>elle</sup> Mars interrompeo o ensaio.

— Sr. Victor Hugo, perguntou-lhe ella, que faço eu aqui?

— Vós escutaes, Madama.

— Ah! eu escuto... comprehendo; sómente acho que escuto um pouco demais.

Como M.<sup>elle</sup> Mars, a Sra. D. Julia de Azevedo julgou que aquellas scenas que chamarei dos *embustes* erão defeito, que a deixavão sem saber durante ellas o que fazer de si.

M.<sup>elle</sup> Mars replicou ao autor:

— Pois bem, não podereis abreviar a scena?

— Impossivel, Madama.

— Ou ao menos fazer que eu tome nella uma parte qualquer?

— Mas vós tomaes parte materialmente. Trac-

ta-se do homem que amaes; debate-se sua vida, ou sua morte.

A Sra. D. Julia não me propoz cousa alguma!...

M.<sup>elle</sup> Mars interpellou o autor.

— Certamente, diz-lhe ella, o publico perguntará: « Que faz pois la M.<sup>elle</sup> Mars com a mão sobre o peito? Não valia a pena dar-lhe um papel para fazel-a ficar de pé, com a venda nos olhos, sem fallar durante a metade de um acto.

— O publico dirá que sob a mão, não de M.<sup>elle</sup> Mars, mas de D. Sol, o coração lhe palpita; que sob a venda, não de M.<sup>elle</sup> Mars, mas de D. Sol, seo semblante cora de esperança, ou empallidece de terror; que durante o silencio, não de M.<sup>elle</sup> Mars, mas de D. Sol, a amante de Hernani amontoa no coração a tempestade, que rebenta por estas palavras de uma subdita á seu senhor, mediocrementemente respeitosa:

*Rei D. Carlos, vós sois*

*Um máo rei!...*

A Sra. D. Julia não consultou-me!...

No seguinte ensaio, e no mesmo ponto M.<sup>elle</sup> o interrompeo para dizer á Victor Hugo.

— Eu irei ao fundo da scena, e deixarei estes Senhores na frente a conversar sobre seus negocios.

— Ide ao fundo si quizerdes, Madama; sómente, como esses negocios de que elles fallão

são tanto vossos como delles, fareis um contrasenso.

E M.<sup>elle</sup> Mars deixou-se ficar na frente.

A Sra. D. Julia de Azevedo, mais avisada que a distincta actriz franceza; entendeo, ou alguém por ella, que devia em analogia scena conservar-se de joelhos ante uma pequena mesa redonda, em frente á uma cruz, de mãos postas, a resar fervorosamente.

Era o ensaio geral; quem o interrompeo fui eu; e derigi-me para junto da Sra. D. Julia.

— Perdão, lhe disse eu, não é esta a sua posição.

— Mandarão-me ajoelhar aqui, respondeo-me em tom afavel, e eu ajoelhei.

— Mas a vista do que estão a dizer é impossivel a Senhora resar; além de que a resa contradiz as palavras que d'aqui ha pouco a Sra. proferere.

A Sra. D. Julia levantou-se; o ensaio continuou.

Pois bem; no expectaculo lá esteve a mesa, a cruz, e Silvia devotamente á resar.

Consequentemente o contrasenso que, por impertinar com o Auctor do *Hernani*, a actriz franceza proferio em particular, e fóra do ensaio, a actriz paulista realisou em publico, no curso da representação, por entender melhor o auctor da *Familia Raziq*ue do que elle proprio!

Ainda mais, o contrasenso aqui tomou maiores proporções, e elevou-se ao cumulo do ridiculo.

*Na scena dos retractos*: o dialogo é sobre a vida ou morte do amante de D. Sol. Nas dos *embustes*; além da vida ou morte do amante de D. Silvia, ella própria está em causa no que ha de mais serio e grave!

Matheos annuncia á filha que Julio seu amante será fuzilado, a menos que ella não receba immediatamente Carlos por esposo.

Eis Izabel, que vem pedir para esse Julio, seu filho adoptivo, a mão de Silvia. Matheos encarega a filha de responder. Esta recusa o amante.

Izabel, roga, insiste, quer ao menos o addiamento; Silvia tudo recusa; e Silvia, ou antes a Sra. D. Julia então foi resar.

A recusa, amando a Julio, o consorcio nadando a cidade em sangue, maravilha Izabel.

Matheos tudo explica. A filha ama a Carlos desde a infancia, e quer já o casamento temendo que elle succumba na guerra, á que o chamão como militar as desordens da Bahia—E Silvia devotamente á resar!

Na scena 11.<sup>a</sup> o Sacerdote vem pedir o nome das testemunhas do casamento.—Silvia de joelhos, absorta na oração, não se commove!

Na 12.<sup>a</sup> Izabel resolve casar Julio com Idalina, filha mais velha de Matheos, sob proposta

d'este—Silvia nem assim interrompe com um gesto a fervorosa resa!

Na 13.<sup>a</sup> Izabel escreve a Julio que Silvia não o ama; recusou-o, e vae casar.

Aqui a Peça, dando-a como presente, attenta a tudo, e agitada por mil sensações que mutuamente se embatem, em differença da scena dos *retractos*, fal-a dizer em áparte:

*Meu Deos!*...

A Sra. D. Julia la da mesa á orar proferio gelidamente:

*Meu Deos!*...

Na continuação da carta, Izabel exige de Julio que accete Idalina por esposa. A Peça presuppõem Silvia, toda attenção para a carta, com o coração á querer estalar; e de seus labios faz rebentar, repassada de angustia, a exclamação:

*Ai!... E' muito!....*

A Sra. D. Julia ajoelhada, de mãos postas, olhos levantados para a cruz, impassivel, á orar com tanta unção, não sei si no meo de um *Padre nosso*, exclamou:

*Ai!... E' muito!....*

Assim resou Silvia em scena; mas a Sra. D. Julia fóra do theatro apósto que não resa assim; ou então as exclamações erão referentes a sua devoção.

O tempo, com effeito, em que conservou-se

prostrada, em scena, regulava boa meia hora, e quando se ouviu a fraze:

« Ai!... E' muito!... »

Entendi que ella quiz dizer: *E' muito resar*; a' é por que logo depois levantou-se.

Na Peça precisamente á esse tempo rompe o choro no Convento; e Izabel convida Silvia a resar, e Silvia responde:

*Não, Senhora, n'este momento tenho o espirito tão perturbado que não saberia que dizer á Deus:—temo offendel-o.*

Izabel de facto convidou a Sra. D. Julia á orar, como si por ventura ella não estivesse, ha meia hora, ajoelhada sem empregar-se em outra cousa!

E a Sra. D. Julia teve a simplicidade declarar-se incapaz de fazer aquillo que fez por tanto tempo, e de modo exemplar!

Eu nada senti senão ser Silvia a intelligente e sympathica Julia de Azevedo.

D'este ponto em diante trabalhei por levantar o 2.º Acto as alturas de drama; deste ponto em diante elle desandou em baixa comedia.

Lendo as *Brazileiras Celebres* do Sr. Dr. J. Norberto de Souza, dei com este trecho que inspirou-me a *Familia Raziqne*.

« O dia 19 de Eevereiro foi um dia de lucto para a cidade da Bahia; as tropas portuguezas, logo ao amanhecer, se derramárão pelas ruas e

praças, e commettêrão toda a casta de depredações.

« Já não guerreavão com as armas bellicosas; soldados grosseiros, estupidos e desenfreados, armados de alavancas, como um bando de salteadores, fazião saltar as portas, penetravão nos sanctos templos, roubavão as sagradas joias, violavão as casas, profanavão o sanctuario sagrado de familias inoffensivas, e levavão o desacato ao seio das virgens. . . . . »

« Estas scenas de sangue aterrárão a população pacifica, e o general Madeira, frio e impassivel como Nero, contemplava-as com um sorriso satanico. Animados os seus soldados com a sua tacita approvação, renovavão os horrores, redobravão de atrocidades. Entre tantas profanações restava intacto o asylo sagrado das esposas de Deus, das virgens votadas ao culto do Senhor, e o grito tremendo, horrivel, sacrilego: « Aos conventos! » partia d'entre elles, e seus olhos avidos de ouro e de sangue se voltárão para o mosteiro da Lapa. . . . . »

«...Toda a cidade da Bahia apontava para o mosteiro da Lapa, como o asylo de virgens sem nodoa, e falava com orgulho de sua madre abba-deça.

« Essas virgens votadas ao culto do Senhor estavam prostradas ante os altares, subião suas pre-

ces ardentes e fervorosas, levavão seus rogos a nossa mãe commum, e pedião a sua intervenção na causa da patria, que se pleiteava nas ruas da cidade, quando as portas estremecêrão e cahirão pedaços aos golpes dos machados. Os soldados entrãrão, mas detivêrão-se ante o postigo, que dava entrada para o interior; parecia que a unção, que se respirava naquelle recinto os havia contido; de repente abriu-se o postigo e se apresentou ante elles uma debil mulher; seu trajo era respeitavel; o habito carmelitano cobria os cilicios, que apertavão as carnes, que havião morrido para o mundo, e sua cabeça veneranda e sublime resplandecia com os cabellos, que lhe branqueárão os annos e as macerações.

« Era a madre abbadeça, era a soror Joanna Angelica.

.....  
 « E a turba, rugindo, como um leão, avançava compacta e ameaçadora.

« — Detende-vos, barbaros, bradou a madre abbadeça com o accento nobre da indignação e da mais santa coragem; aquellas portas cahirão aos vaivens de vossas alavancas, aos golpes de vossos machados, mas esta passagem está guardada pelo meu peito, e não passareis, senão por cima do cadaver de uma mulher!

« E elles, avançando sempre, lhe atravessárão o peito com as baionetas. ....

« O capellão do convento, Daniel da Silva Lisboa, respeitavel pelas suas virtudes e idade, acudiu ao conflicto, entrou e contemplava cheio de horror o cadaver de uma santa no meio de tanta profanação, quando recebeu tambem a morte na ponta das baionetas! »

Esta bella pagina de historia-patria almejei traduzir no desfecho do 2.º acto.

A Sra. D. Julia parece providencialmente talhada ao papel de ingenua. A propria fraqueza de voz lhe vae bem, como acontece aos senões dos grandes homens.

Com maior confiança em si, com algum orgulho,—e ella tem direito—tiraria melhor partido de seus dotes scenicos.

Mas a Sra. D. Julia descre do proprio valor, e desce abaixo de si, sempre que vê applaudirem nova actriz de merecimento que com ella trabalha. E' seo maior defeito.

Quando chora em scena, é preciso não ter coração para não chorar. De ordinario outros limitão-se a dar á voz—desengraçada entoação do pranto.

Na scena 8.ª do 2.º acto por exemplo, sua primeira falla é em lagrimas.

A' pergunta de Izabel si não é a Julio que ama; Silvia responde chorando:

*Não o amo, Senhora.... si alguma palavra escapou-me, eu mentia.*

Quando Matheos a conduz ao altar para o casamento, ella o acompanha soluçando.

A Sra. D. Julia para a minha Peça não teve uma lagrima! Foi ella a tomar o braço de Matheos, e friamente se encaminhou ao altar!

O altar, o sacerdote, e as santas solemnidades são de máo effeito em scena.

Na *Familia Raziq* os noivos avanção para o celebrante, mas o matrimonio não se celebra. Todavia se tocão tanto o sublime e o ridiculo, que eu me temi d'essa scena, e recommendei que a abreviassem.

Inutil prevenção—o Capellão arrastou-se lentamente ao altar, e lá, de costas para o publico, deixou se ficar tempo infinito, não sei fazendo o que. Parecia um Padre á dizer missa, e do publico irromperão estripitosas gargalhadas.—Forão as primeiras.

O assalto do convento obsta o consorcio. Soldados invadem a scena, e á força de machadadas derribão as grades do locutorio.

Na execução, mal atropelladamente, os soldados se aproximarão ás grades, o Pucha-vistas as deixou cahir. O publico que não presenciou esforço algum para porem-nas ao chão, tomou a quéda por *fiasco*, e acolheo-a com prolongada hilaridade.

Ainda durava a hilaridade, quando os soldados abrindo-se em duas alas deixarão ver no fundo

uma figura carnavalesca:—era um vulto gordo, trajando roxo, amarello,.... creio que as côres do arco-iris.

Então a hilaridade passou a temporal, atróou a casa. Todo mundo ria á bandeiras despregadas. No meu camarote todos rião, até eu proprio.

Em verdade jámais vi nada tão jocoso.

A que veio o phantasma hermaphrodita, si fallou, o que dice, ninguem soube. Não se ouviu mais nada até descer, d'ahi ha pouco, o panno.

Entretanto aquella grotesca figura appareceo lá a representar a veneranda Abbadeça do Convento da Lapa!

Entretanto ella fallou; e suas palavras forão as proferidas pela heroína Joanna Angelica, antes de succumbir ás mãos da soldadesca desenfreada!

Entretanto aquella scena é em si mesma lugubre; pungente!

Quem ignora que nossas Freiras trajão o panno preto? Mas o theatro fez um pouco de economia, vestindo a martyr Joanna Angelica com a tunica casquilha de *Soror Thereza*... a Abbadeça que vae á bailes.

Como a Imogenia no *Cymbalino* de Schakespie-re, a natureza assignalára Silvia. Em desmaio no 3.º acto, Izabel por uma semelhança de rosa sobre o seio, desenhada pela natureza reconhece

n'ella a filha raptada ha 14 annos, que acreditava morta.

O câosinho que se perde não se acha, como Izabel achou a filha!

O recebimento pela Sra. D. Rosina no 4.º acto d'essa filha, em poder de inimigos, á correr perigo de vida, esperando por isso á todo momento a noticia de sua morte, filha unica duas vezes perdida, que seus proprios verdugos lhe vem restituir, não foi menos glacial!

No ultimo Quadro descobre-se que Julio é filho de uma parda, liberta, e mulher perdida.

Por fortuna sua, a morte o havia colhido no campo da batalha:—Silvia, sua amada, o renga, protestando que nunca lhe pertenceria para não ser filha de uma tal mulher, para não collocar-a ao lado de sua virtuosa mãe.

N'esta occasião Julio subitamente apparece. Silvia á elle se precipita, o abraça:

*Julio !.....*

Foi a palavra que ella pôde proferir, e n'essa palavra se traduz sua alma. Silvia esquecera tudo ao vel-o!

A Sra. D. Julia avançou para elle, e proferio a palavra, como ao sahirdes do expectaculo dirieis:

*Está serenando.*  
No decurso da Peça sempre que lhe cumpria apparentar desdem, indignação, dor... qualquer emoção, é assim que ella se exprimia.

Não era a Julia da *Joanna*, ou a *Mulher do povo*, a primeira vez que a vi; não era a Julia da *Filha do Lavrador*, da *Moça Rica*, e de tantos outros dramas em que chegava-se á adoral-a!...

Não me lembro que Philosopho quer que haja em nós dous *eus*: o *eu* á obrar sciente e voluntariamente, e o *eu* a ir de si mesmo, sem darmos fé, e que alguém chama o *outro*.

N'aquella noute o *eu* da Sra. D. Julia andava não sei por onde, seu *outro* representava.

Fallava sem alma por ter a alma algures.

Actores a dizerem o que não encontrarão em seus papeis, em razão de tomarem o enredo da Peça como themes á improvisos, ou em razão de reformar de suas fallas, não era nenhuma raridade.

Em um dislate de força—*Não é isto!* exclamei desorientado pela indignação.

Felizmente só os camarotes vizinhos ouvirão-me.

E as inadvertencias, os erros, os disparates, o ridiculo... tudo corria por conta e risco do auctor presente! Fizerão-me *testa de ferro!*

Entretanto, o auditorio applaudio!.....



Este facto virgem, incrível, inqualificavel reservarão a *Familia Raziq*! E o expectaculo, na frase espirituosa do Sr. Falcão Filho, *foi verdadeira-execução da Peça.*

A quem, e a que victoriou pois o auditorio? Victoriou ao Sr. Augusto Filho. Abstraindo das repetições—deslembado da falla—:

*Yaiá não tenha medo de nada; si mandarem fazer alguma cousa não faça,*  
o sr. Augusto Filho desempenhou magistralmente o laborioso papel de Manoel.

Só me sorprehende o ter se levantado, nas vesporas, da cama; o estar então ainda ás mãos do Medico; só deploro accumular o encargo de Director ao de Actor.

Ao Actor só tenho felicitações, e gratidão; ao Director venho responsabilisar.

Victoriou as duas primeiras Artistas: a Sra. D. Julia, que era a Sra. D. Julia; e a Sra. D. Rosina, que era a Sra. D. Rosina.

A primeira por mais que queira não baixa á Actriz intoleravel; a segunda nem sempre cuidou estar na Siberia; teve momentos primorosamente artisticos.

Ambas sabião correntemente os papeis, e ambas, quando o escravo Manoel mostrou-lhes em Silvia a raptada Genes, estiverão verdadeiramente inexecdiveis.

Ah! com os grandes recursos de que dispoem, que não terião feito!....

Victoriou o Sr. Braga que plenamente identificou-se com Julio Augusto. Orgão dos Bahianos patriotas, personificação de uma nacionalidade a gerar-se, elevou-se a essa grandiosa altura, e fez *juz* aos louros que o coroarão.

Victoriou o Sr. João Eloy, á quem os expectadores só pedem que se apresente; por que elle sabe fazer sempre alguma cousa de papeis aridos, como o de Antonio, aggregado do Padre Daniel.

Para o Sr. Eloy engendrei o escravo Manoel; papel d'esses que o autor esboça apenas, e que o actor crêa.

Reflecti porém que em seus labios o que ha de mais grave descae no faceto, tanta é sua nomeada de Actor jocoso! E justamente cabem ao pardo Manoel os dous mais patheticos lances da Peça:

1.º Na scena 15.ª do Quadro 4.º quando, chorando, elle atira-se aos pés de sua senhora exclamando:

*Sua filha!.... Sua filha!.... Minha Senhora, abraça-a* (apontando Silvia).

2.º Na antepenultima scena da Peça, quando urgida Silvia para apresentar a prova de sua innocencia, e depois de exclamar:

*A prova ? !... (desanimada ; chorando) Mas eu não posso dal-a !*

Manoel surge as carreiras, bradando :

*Posso eu ; aqui está !*

Victoriou englobadamente os demais Artistas de papeis secundarios, os quaes todos se apresentarão fluentes nos dialogos e colloquios, impedindo de se enregelarem as scenas.

O publico confundio com o resto da Companhia o Sr. Gonçalo, que poz em jogo todos os seus meios para retratar em sua pessoa Carlos da Silva, personagem importante ; no meu coração porém o tenho ao lado dos Srs. Augusto, Rosina, e Braga.

O lugar que ahi tomarão estes tres Artistas, pelo traquejo scenico, elle, novel ainda, conquistou por sua boa vontade de acertar.

E' aos quatro senhores, assim como ao conjuncto das relatadas circumstancias felizes, que devo o ter o pobre *Ensaio* se salvado do naufragio, no temporal a que o sugearão.

O publico reclamou tambem o auctor para victorial-o; porque a Peça cahindo por vezes, em outras tantas se reerguia como Anteo ; porque o povo prima sempre por sua devoção ao paiz, e d'esta vez estava-se-lhe a fallar de cousas nossas, e de heroismos nacionaes ; porque o simples bom senso lhe ensina o que ignora a illustração dos grandes : que em proveito de nossa atrasada lit-

teratura, importa acoroçoar produções nacionaes, ainda enterradas na execução.

Cedendo ao theatro a *Familia Raziqne* eu havia lhe imposto a clausula de annuncial-a sem o nome do auctor, deliberado, si satisfatorio resultado a coroasse, á pedir á Directoria que annunciasse esse nome no fim da representação.

Tal é a pratica franceza na estréa dos dramas que triumphão.

Si cahem, ainda que occulto por véo de Apelles, si adelgaça ao auctor o que ha de directo e pessoal na reprovação.

Esta pratica almejei introduzir no nosso paiz, onde quem não tem inimigos os adquire no dia em que escreve alguma cousa prestavel.

Si raros nos podem fazer o bem, infelizmente para o mal não ha quem não tenha o poder. O maior dos males está no cão de um *revolver*, e para desfechal-o basta a força do dedo de uma creança,

No fim do 3.º acto porém, vindo alguns amigos, e até desconhecidos cumprimentar-me, e inquirir si sendo o auctor chamado eu me apresentaria, pedi-lhes de obstar semelhante pronunciamiento.

Eu não queria mais senão que o auctor continuasse a ser ninguém, justamente para evitar que o chamassem.

Quando, não obstante, exegirão sua presença,

posto que sobremodo sensivel a honra, elle manteve o anonymo.

Manteve para não usurpar alheias glorias.

Decorações, entrada de personagens, trajés, posições, fallas, expressões d'ellas, caracteres, epilogos dos quadros.... tudo, já o vimos, fôra ao arbitrio, ou ao beneplácito da Companhia.

Que havia lá de meu? A ossada de um esqueleto que mascararão; hybrido, diforme, mutilado.

Refugiou-se no anonymo para repellir de si dislates que o indignarão; para não compartilhar a responsabilidade de um expectaculo que foi uma.... vergonha!

Ocultou-se para a mentira, lá onde devia ser mudo; mas apresenta-se para a verdade, aqui onde tem a palavra.

O que lá não podia fallar dil-o-á aqui.

Sem embargo de suas ovações, ao retirar-se o auditorio, não houve quem não levasse ambos estes pensamentos:

Quanto a Companhia, que ella não representou a Peça, mas enterrou-a.

Quanto a Peça que foi n'esse estado impossivel aquilatar-lhe o merecimento em toda a amplitude.

Pelo que respeita a imprensa, é de saber-se que ambos os Diarios da Capital gosão de cama-

rote fixo, e gratuito na melhor posição do theatro.

Não os pragueje por isso. Estou longe de crer que em expectaculos fabriquem verdades convencionaes, como em politica as partidarias as fabricão. Antes sei que suas illustradas redacções não se vendem á reprehensíveis interesses pessoaes, seja qual fôr o preço.

Mas, é força convir que os obsequios vinculão o coração do homem, cercando-lhe até certo ponto a liberdade, e que aguardar d'elle juizos na implacabilidade da justiça, é eliminar-lhe o mais nobre de seus sentimentos:—a gratidão.

Os conceituados Jornaes, enunciando-se pois sobre a representação, fizerão justiça, como, honrando o posto que occupão, fazem-na em todas as recitas. Sómente louvavel gratidão si lhes insinuou ahi, colorindo um tanto as agruras da verdade, nos topicos que vão grifados.

« Falta de tempo, ou qualquer outra razão, publicou o *Correio Paulistano*, o desempenho dos artistas *podia ser melhor*. A nosso ver, além da circumstancia de estarem alguns mal seguros nas suas partes, um dos mais importantes papeis, o que foi distribuido ao actor F., *estava deslocado*. »

Será por isso que apresentou-se sem saber d'elle uma palavra?

« Os actores, continua o *Jornal*, Augusto Fi-

lho, e Eloy forão os que melhor partido conseguirão tirar de seus papeis. Houverão-se também com alguma vantagem, *revelando estudo* (?!!....) *consciencioso*, as Sras. D. Rosina, D. Julia ( D. Julia?!!.... )....»

O *Diario de S. Paulo* escreveu em gazetilha: « Por parte dos Actores, não podemos deixar de especificar o desempenho dos papeis que tocarão aos Srs. Augusto Filho, *Julia* (!!!!); e Dias Braga. Aquelle principalmente nada deixou a desejar no papel do escravo Manoel, em que arrancou freneticos applausos, os demais porém ficarão muito aquem da expectativa; *parecendo* mesmo que não estudarão as suas partes, o que demonstrava a propria voz alta do Ponto que atrahia a attenção dos expectadores. »

Mas o theatro de S. José não se acha filiado á esses theatros onde a *arvore da sciencia* é defeza aos oriundos de um pouco de barro amassado, aos quaes o Ceo inspirando o *sopro da vida*, fez também almas viventes; theatros que expulsão esses filhos da terra si provão o pomo vedado, e lhes tornão a terra maldita em suas obras, só lhes produzindo espinhos e abrolhos; theatros cujo Director é o Querubim, com espada de fogo e versatil, a guardar n'aquelle Eden a *arvore da vida*, afim de que também não lancem a mão sobre ella, e não vivão eternamente; afim de que pó, como são, a pó se reduzão.

Por conseguinte meu desventurado *Ensaio* não andou aos trambolhões por trazer o peccado original da raça proscripta.

Eu seria injusto si d'esses trambolhões fizesse capitulo de accusação n'esta especie de ajuste de contas.

A Companhia, em geral, acolheo-me com vontade de obsequiar-me, á que não posso ser desconhecido.

Rendo-lhe graças, n'este solemne ensejo. Rendo-a ainda aos que, ao influxo de minha má estrella, me sacrificarão.

Foi antes da precipitação do acolhimento que procedeo a extrangulação do *Ensaio*. Quíz-se á todo o tranze celebrar o dia santificado e festivo da Provincia com a estrêa de uma producção d'ella; e julgou-se impossivel a morte, onde havia o aqodamento da boa vontade.

Tenho pois para mim, com a maior evidencia, que o Director, da mesma sôrte que a Companhia, almejou-me brilhante successo.

Certo, conhecia a insufficiencia, para aprestar a recita, do tempo que destinou-lhe; mas—exceptuado um unico actor: Matheos Raziqne, aliás a carregar com todo peso da Peça—a Companhia inteira trazia de cór as respectivas fallas, e a avidez de bem servir, que durante as provas transluzia em todos, erão-lhe penhores d'esse successo.

A acquiescencia do proprio Matheos Raziqne á recita no dia annunciado, ou antes, as seguranças que dava de fiel desempenho, além das promessas do seu talento, e da ambição de não desconsiderar se, erão de natureza a desarmar a suspeita.

Não entrava nas previsões de ninguem que o Ponto, e outros servidores da casa involuntariamente o trahirão, como si fossem no trabalho bissonhos; que aquella Personagem principal da Peça se illudiria até o ponto de ir perfeitamente mal, estragando tão propicia oportunidade á grande triumpho; e que cada uma das duas primeiras damas desmentiria a geral expectativa, descendo muitos kilometros abaixo de si mesmas, por ausencia de ensaios.

Ha todavia uã omissão do Director sem excusa admissivel, á el' dir-lhe os favores intencionaes, e de que me senti:—o de não ter reparado o mal.

Cumpria-lhe advertir o publico pela imprensa que a representação não correu como a planejava o auctor da Peça; pondo-o d'esta arte á cobertura dos riscos, á que a falta de ensaios o expoz.

D'esta vez porém o cavalheirismo do Sr. Augusto Filho dormitou, deixando, ante o melhor de uma população, acurvado ao peso de faltas alheias, o Escriptor que pela primeira vez

se apresentara no theatro á supplicar-lhe os suffragios.

Eis-ahi por que dou publicidade ao *Ensaio* assassinado.

Dou-o, obrigado a justificar-me, para que os expectadores que virão a *Familia Raziqne* da Companhia, vejam a *Familia Raziqne* do auctor.

Dou-o para que o julguem pelo que vale, por pouco que seja; nunca pelo que o apparentarão, por muito que o lisongeiem as felicitações que lhe destinavão.

Este Livro é pois appellação, em defeza, que interponho de *verdict* suggerido pela illusão, ao da opinião reflectida ao claro da verdade.

Sómente, para cabal illucidação da causa, instruo o recurso com tres *Ensaio*s em vez de um, desejoso que não sejam elles ao leitor absolutamente inuteis.

A este respeito seja-me da'lo em conclusão reproduzir as palavras que tive a honra de dirigir á amigos, invocando-lhes o patrocínio em favor de sua publicação.

« Posto composições taes, para o integral effeito á que são destinadas, queirão ser vistas em acção, sob a magia do theatro, através de suas illusões scenicas, contudo a imprensa de todos os paizes as põem em circulação, attendendo principalmente á que a simples leitura no silencio do gabinete co'opera a diffusão das luzes, e morali-

sação do povo, si bem que de modo mais laborioso, e menos grato, e impressivo.

« De facto, os dramas, assumindo ahi as condições de romance, por participarem da mesma unidade de acção, situações criticas, peripecia, e accessibilidade á todas as intelligencias, porém sob desenvolvimento indescritivo, e mais condensado,—como elle, prendem a attenção, fallão aos bons instinctos da natureza humana, e delectando a inclinação á correccção dos costumes.

« A vaidade do Auctor não o fascina até obstat-o de ver que seus *Ensaïos* já mais podem se identificar com os romances modelos na impressão sobre o espirito; não obstante, ousa submettel-os ao criterio do publico illustrado; esperando a crença de que, ante nossa penuria de produções magistraes em certos ramos de sciencias e litteratura, ninguém desconhece quanto urge acoroçoar as nacionaes, embora pouco merecedoras da honra; visto ser apoz o lançamento na terra de toscas pedras que se erguem magestosos monumentos.

« Nosso andar até lá vae por demais lento. Si por um lado a legislação tributa quasi prohibitivamente a circulação das ideias, si a imprensa impõem altos preços, e si fallecem ás obras compradores; por outro os escriptos representam certa somma de trabalho, e nem todo o mundo está

em posição de dispensar indemnisações devidas ao tempo n'elles despendido.

« Ainda aquelles, que entre nós ao vão sonho de gloria abrem mão de outra qualquer retribuição, desgraçadamente não encontram nem sequer leitores! E como si não bastassem esses efficazes motores de atrazo, onde a esphera da politica se alarga á monopolisar tudo, ninguém se celebra fóra das fronteiras dos partidos, ou desherdado do seu patrocínio, sendo pois forçoso no Brazil:—ou não escrever, ou appellar para o auxilio de amigos.

« E' a este ultimo recurso que se soccorreu o Auctor dos *Ensaïos*, visando de sua parte, não lucros nem gloria, mas por assignaturas cobrir apenas os gastos da vulgarisação, e pela vulgarisação offerecer toska pedra ao futuro engrandecimento da litteratura nacional.»

Viciaráo, porém, os *Ensaïos* senões capitaes que lhes acarrieem os estigmas do publico?



pobrecera e exiliara sem outro crime além de a adorar e havel-a esposado, para que baqueie do throno que uzurpa e inquina.

Mas, no instante em que, por terra Leonor, sobre ella arremessão-se irritadas ondas de povo, extende-lhes a dextra á conte-las, salvando a desgraçada de ignominiosa morte.

Na *Família Raziq*ue identico desfecho. Izabel de Chantal eleva a magnanimidade a arrancar ás garras da miseria essa familia que tanto a flagellara; e Julio Augusto, symbolo da nascente nacionalidade, ao despedaçarem-se as cadeias da escravidão á metropole, exalta Portugal em seu passado, e aponta-lhe, na confraternisação com o Brazil, glorioso o porvir.

A critica considerou incabidos n'aquella hora estes sentimentos, e os acoimou como senão dramatico. Preferião que a terra que se chama da *Santa Cruz*, ao tomar lugar entre as nações do mundo, lançasse palavras de vingança e maldição sobre nação de irmãos!

Alguem o dice, os grandes homens tem o ar de pedir perdão de suas victorias. Errei no dia em que fôr verdade que já máis nenhum vencedor deu a mão ao vencido; no dia em que se descobrir que Cozar em *Pharsalia* não perdoou Bruto. Ainda quando apagar a odjosa distincção entre vencedores e vencidos, fôra desmentir a natureza humana, ainda que louros da guerra lhe

aniquillassem a generosidade, oh!, não sou eu que reavivaria hoje extinctos rancores entre Brasileiros e Portuguezes.

Não esqueço que aquelle cuja morte eu prantearia seculos de vida, amava tanto essa terra, como a de meu berço que adoptara por sua.

A Luzitania, patria d'esse homem,—á quem devo o ser,—tambem foi a minha. A' seu exemplo, eu a amo como elle amou-a.

Quando, em vista das commoções que succederão á Independencia, um distincto Brasileiro, ha muito fallecido, que não nomeio em preito aos descendentes, esquecendo que seu pae fôra Portuguez, e suppondo o meu nascido no Brazil—dice-lhe: que a bem da ordem e prosperidade publica convinha acabar no Imperio com o ultimo Portuguez; sim, convém, respondeo-lhe meu pae, e tambem com seus filhos e netos.

O insulto que por ventura eu a tirasse a avós retrocederia igualmente sobre seus filhos e netos; sobre mim proprio; sobre todo o Imperio.

Na *Nemesis* Madama, autora de desgraças em quatro Estados, sucumbindo, tambem se retira incolume.

Contravém a realidade rematar assim os Dramas, e entretanto o Brazil na pessoa dos seus Generaes lhe escudou a vida, e o producto de depredações, que ella foi uzofruir na Inglaterra!

Será innatural a natureza humana?

Alguem, rememorando-me que a imaginação só engrandece os feitos que se evocão de entre as trevas de edades findas e longiquas, julgou por demais cedo a nossa época para dramatizar a guerra do Paraguay, ainda tão palpitante de actualidade.

A' este reparo, que eu podia deixar desapercibido, respondo que bem longe ainda vinha o dia em que a espada de Alexandre seria o epilogo da longa tragedia conhecida na Historia sob o nome de guerras medicas, e já aos applausos da Grecia, Eschylo, depois de haver combatido em Marathon e Salamina, a punha em scena sob o nome *Os Persas*.

Si só me escusão precedentes contemporaneos, no decurso da guerra contra a Russia, logo que os Turcos Francezes e Inglezes lizerão recuar de Silistria o inimigo, obrigando-o a repassar o Danubio, ainda intacto Sebastopol, os Srs. Albert e De Lusieres escreverão, e o *Theatre Imperial du cirque* em Pariz representou, 10 de Julho de 1854, *L'armée d'Orient*.

Na *Nemesis* é possível uma critica que pelas considerações que se devem aos vivos releva prevenir:—a de haver eu carregado a mão sobre Madama.

Nenhum máo pensamento guia-me a penna; só tenho no coração desejos de tecer panegyricos;

tudo dera para innocentar actos que a recomendo a indignação.

Que era-me impossivel caracterisar de outro modo sua interferencia na guerra, sabem aquelles que acompanharão as publicações da imprensa do Rio da Prata; e que lerão a obra do engenheiro inglez ao serviço do Paraguay na parte relativa á amazia de Lopes.

Mas das fabuladas censuras obrigou-me a escrever este capitulo á que irrogou á *Nemesis* o illustado Medico, cujo brilhante escripto publico como introduccão á este Livro.

Ao passo que a benevolencia de amigo iriou-lhe as fendas do ennevoado cristal, tomando-o por limpido diamante, as crenças do politico lhe descobrirão stria que ahí não existe.

A omissão do nome do Sr. D. Pedro II e do Sr. Duque de Caxias na saudação com que dou fim a Peça, é a imperfeição para o Sr. Dr. Labre, toda a imperfeição da *Nemesis*, que com a maior propriedade elle donomina dous—tt—não cortados.

Com effeito, no viva que ahí Gracilio levanta aos Alliados, estão implicitamente comprehendidos tres nações, e seus supremos Magistrados; os exercitos, e seus commandantes; as brigadas e seus generaes; os soldados e seus capitães; os Ministerios e seus Agentes; os Representantes da nação, e o povo.

Está comprehendido por conseguinte o Sr. D. Pedro II, como o Sr. Barholomeo Mitre, como o Sr. Venancio Flôres; o Sr. Duque de Caxias como o Sr. Condé d'Eu, como o Sr. Marquez de Herval..... Lêm-se ahi perfeitamente todos esses—tt—sem ser preciso cortal-os.

Nem—apezar de suggerido pela devotação ao paiz—elaborei escripto historico; mas puramente litterario, e portanto sujeito as suas leis, que não consentem calendario de especificadas felicitações impostas pela imparcialidade da justiça.

Sem duvida dous nomes apenas não infringem essas leis; mas eu não quiz a *Nemesis* absolutista, ou constitucional, republicana, ou monarchista; não a inscrevi em crêdo algum politico; porque—pura questão nacional—devia curar de afastal-a das paixões partidarias, para não alienar-lhe uma symphãia brasileira que fosse.

Quanto ao Sr. Duque de Caxias, que não ultimou a campanha, e nem ao menos encetou-a, ignoro porque levantalo sobre os Srs. Condé d'Eu, Ozorio, Camara, e outros. Sómente sei que á esse tempo os Conservadores e Liberaes, em sua disputa do poder, tomarão por gritos de guerra os nomes Caxias e Ozorio.

E por que não dizer tudo? Só quem não sente pulsar-lhe coração brasileiro, poderá deixar de ser grato ao ancião vergado ao peso da idade e dos soffrimentos que, á voz da Patria, tirou ain-

da da espada no campo da batalha. Mas, como commandante supremo do exercito, vejo-o pouco seguro ainda em seu pedestal de gloria.

Entre as ovações de uns e as invectivas de outros para a Historia consolidal-o ahi, precisará primeiramente solver duas questões prejudiciaes.

O Sr. Duque por necessidade indeclinavel, como Fabio Cunctator, evitou combates decisivos; ou procrastinou a guerra até que a marcha dos successos lhe ministrasse a certeza da victoria, affirm, descrente da propria fortuna, de não arriscar em jogo incerto louros de anteriores campanhas?

Foi-lhe impossivel no Potreiro Marmore cortar totalmente a retirada á Lopes? O General Menna Barreto tinha-se apoderado de Pequesery, e as forças de Palmas ao mando de Gelly y Obes, Henrique de Castro, e Coronel Paranhos feito junção com as do Sr. Caxias em Lomas Valentinias. Restava o Potreiro; mas o Barão do Triunpho já o havia devassado, arrebanhado todo o gado do inimigo, e Vasco Alves desbaratado ahi 400 homens; como depois fica totalmente desguarnecida essa aberta por onde Lopes escapou-se?

A união norte-americana, quando rebentou a rebelião dos confederados do Sul, dispunha de

um exercito de 12,931 homens, *inclusive* o corpo de engenheiros.

A Presidencia immediatamente (3 de Maio de 1861) ordenou que o exercito se elevasse á 157.966; e d'ahi á um mez (4 de Junho) pediu ao Congresso o augmento de 400.000 homens. Em Dezembro do anno seguinte acharão-se debaixo d'armas 800.000; e até o fim de 1864 estiverão em operações 1.258,760.

Para toda essa massa de homens, o governo no começo da guerra contava apenas 1,083 officiaes; isto é, um unico em mais de 1,162 homens.

Consequentemente Lincoln apellou para a mocidade talentosa e instruida: litteratos, advogados, capitalistas, etc. e improvisou-a officiaes, commandantes de corpos, generaes.

A ver manobrar esses hospedes da guerra aportarão lá, com desdenhoso sorrir, veteranos do velho mundo.

Pois bem, ao regressar aos seus Governos confessarão que a pericia, d'elles experimentados guerreiros, se lhes transfigurara em ignorancia; e que os Americanos refizerão a arte militar; tanto n'aquella revolução havião aprendido!

Si o Brazil, em vez de procurar em seu repouso generaes gastos, commettesse o mando em chefe a homens com grande reputação á ganhar, e não á perder, e *effectivamente* subgeitos á responsabili-

dade legal, a guerra se prolongaria por cinco annos?

Contra o 3.º *Ensaio*, si não conheço como producção litteraria nenhuma arguição, d'viso possível, como exhibição historica, para absoluto ostracismo, uma miriga.

Desde que Portugal é reino, ha 732 annos, abstrahindo o dominio dos Philippes de Hespanha, governa-o uma só dynastia, a de Burgonha, dividida em tres ramos: o directo, d'Aviz, e de Bragança.

Ora, o *Conde d'Ourem* devassa erros e crimes de membros d'essa dynastia á que pertence, com a Familia imperante d'aquelle reino, a do Brazil. Para mexericos, aspirantes ou bemaventurados de regias acuaras, ao pedem tanto. Apresso-me a lhes ir á mão.

Confesso que pouco lisongiei nas ficções da Peça o papel odioso que representou na historia uma testa coroada; mas essa testa coroada nao passou de simples fidalga; a fidalga so deixou do augusto consorcio uma filha, a filha nao occupou o throno luzitano, de que alias por suas virtudes era digna, e nem d'ella procedem os reis de Portugal.

Em consequencia em que affecta á seu actual Monarcha e ao do Brazil, urrar da poeira dos seculos os crimes d'aquella mulher, que lhes é extranha?

Mas o rei D. Fernando?... ..

Mas o rei D. Fernando não é ascendente da casa de Bragança. Com elle extinguiu-se o ramo directo, e principiou o de Aviz. D. João I que o fundou era seu irmão natural.

Mas o rei D. Fernando viveu no seculo XIV ha cerca de 500 annos. Depois d'elle se renovou duas vezes a dynastia; seguirão-se-lhe em Portugal nada menos de 25 reis; succederão-se innumeradas gerações; é um ser pois antediluviano sem parentesco mais com o Sr. D. Luiz e com o Sr. D. Pedro II. E si os laços de sangue se eternisão até o fim das edades, o Mestre d'Aviz teve por mae a mulher do povo Thereza Lourenço, filha da Galiza, oriunda de Godos;—é preciso da mesma sorte dizer bem dos Godos, ou calar-lhes o vandalismo; é preciso prohibir os olhos de fallar do parente Abel, por linha torto.

Mas o rei D. Fernando teve os defeitos do excesso em suas qualidades:—a credulidade por boa fé; a fraqueza por bondade; a indole marcial por amor da gloria. E' assim que o retrata o *Conde d'Ourem* com esses defeitos que si lezão aquelle que os padece, não desdourão á quem d'elle descende.

Mas o rei D. Fernando não desdobra, por consequencia, no *Conde d'Ourem*, o negro painel de Affonso IV em *Ignez de Castro*, representado tan-

tas vezes ante as Côrtes de Portugal e Brazil; e Affonso IV, avô de D. João I, (ã) é ascendente dos Monarchas de ambos esses paizes!

FIM

---

(a) O primeiro Duque que houve em Portugal foi o Infante D. Pedro, depois Regente na minoridade de seu sobrinho Affonso V. O Rei D. João I seu pai o nomeou Duque de Coimbra, assim como de Vizeu á outro filho. D. Henrique. O 3º filho D. Affonso, é que foi o primeiro Duque de Bragança, nomeado por D. Affonso V em 1442. D'elle procederão successivamente os Duques D. Fernando I, D. Fernando II, D. Jaymes, D. Theodosio I, D. João I, D. Theodosio II, D. João II, e D. João III que subio ao throno sob o nome de D. João IV.



Relação dos Srs. que se dignarão  
subscrever para a impressão  
d'este Livro (a)

ANGRA DOS REIS

Dr. Antonio Francisco dos Santos Bastos. Antonio Manoel Lopes Vellozo. Cap. Antonio Placido Bittencourt Junior. João Pedro Vieira da Rocha. Dr. Ventura José de Freitas Albuquerque. Victorino José Coutinho.

AMPARO

Antonio Guimarães d'Oliveira Bueno. Padre Antonio José Pinheiro. Dr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho. Dr. Bernardino José de Campos Junior. Tenente Eduardo da Cunha Freire. Elias Lourenço Gomes. Francisco Antonio da Cunha Mellô. Francisco de Assis dos

(a) Tendo-se procedido a subscrições no interior da provincia esgotou-se a edição, antes de terem ellas sido abertas em Santos, Campinas, Capital. Corte etc.

Pretendiamos publicar o nome dos Srs. subscriptores com suas profissões; mas por não termos recebido as listas com taes declarações, apesar de as havermos pedido deixamos, de o fazer.

Santos Prado. Dr. Francisco de Paula Leme. Tenente Francisco Martins Teixeira. Tenente Joaquim Antonio de Almeida Sobrinho. Joaquim Fructuoso de Oliveira Cardoso. José Custodio Alves. Dr. José Ferraz d'Oliveira. Major José Jacintho de Araujo Cintra. José Pedro de Deus. Capitão José Pedro de Godoy Moreira. Capitão Luiz Victorino de Souza e Silva.

## ARÊAS

Angelo Pereira Lima. Antonio José Fernandes. Capitão Antonio Pereira Baptista. Augusto Nicolau Franco. Joaquim Celidonio Gomes dos Reis. Alferes Joaquim José da Silva Homem. Joaquim José Saraiva. Joaquim Simões da Cunha. Dr. José Joaquim Cardoso de Mello. Justino Barros d'Oliveira. Dr. Miguel José de Moraes Castro. Nicolau Gonçalves da Silva Ferreira Vianna. Pedro Caetano da Silva Guimarães.

## ATIBAIA

Francisco Compton D'Elboux.

## APIAHY

Antonio José Fernandes Vasques.

## ARARAQUARA

Antonio Candido de Almeida e Souza. Antonio Pereira de Aguiar. Bomhomstim Junior. Dr. Candido Xavier d'Almeida e Souza. Padre Felipe Toledo F. Ramos. Francisco Vaz d'Almeida. João de Almeida Leite Moraes. Joaquim

Lourenço Corrêa. Joaquim Manoel d'Oliveira. José Xavier de Toledo. Dr. Leite Moraes. Leite Moraes Junior.

## BANANAL

Major Antonio de Padua Machado. Padre Antonio Guimaraes Barroso. Commendador Antonio José Nogueira. Dr. Francisco de Paula Ferreira. Alferes João Domingues Guedes. Capitão José Joaquim dos Santos. José Luiz Nepomoceno. Dr. José Ramos da Silva. Manoel Rebello d'Almeida. Tenente Victorino Pedro de Alcantara Peixoto.

## BARREIROS

Alcibiades Salles Rebello. Tenente Antonio Celidonio Gomes dos Reis. Capitão Antonio Gomes dos Reis. Antonio José Leite. Aureliano Paes Rebello. Euthiciano Gomes Guimarães. Tenente Francisco Alvares de Magalhães. Francisco Joaquim de Souza Pereira. Joao Celidonio Gomes dos Reis. João Teixeira de Carvalho Machado. Joaquim Alves de Souza Magalhães. Joaquim Carlos da Silveira. Joaquim Gomes Ferreira Guimaraes. Dr. José Ildelfonso de Sousa Ramos. José Ignacio de Macedo. José Maria da Silva. José da Silva Carneiro. Dr. Luiz José Dantas. Roque Alves de Magalhães.

## BATATAES

Caetano Leite Machado. Capitão João Baptista Freire. João Moreira do Porto Maia. Reverendo Joaquim Alves Ferreira. Dr. José Antonio d'Oliveira. Tenente José Norberto da Silva. Tenente José Umbelino Fernandes.

## VILLA-BELLA

Antonio Alves Moreira. Joaquim Epaminondas Garcia d'Oliveira. José Francisco da Silva Pinto. José Rodrigues da Silva.

## BETHLEM DE JUNDIAHY

Antonio Carlos de Lacerda. Antonio de Lacerda Franco. Bernardino Franco de Godoy. Alferes Eugenio Joly. Eleuterio Alves Cardoso. Floriano Antonio de Moraes. Francisco Antunes Valle. Francisco Monteiro Ferraz. Francisco Soares de Camargo. Horacio Moreira Lima. Jacintho Pires da Silveira. João Alves Cardoso Junior. João Evangelista da Silveira. João de Moraes Luz. João Martinho de Almeida Leite. João Pedro de Campos. José Antonio da Silva Braga. José Barbosa de Siqueira. José Feliciano da Motta. José Franco Pompéo. Julio Joly Junior. Leão Cerqueira. Olavo Cezar. Olegario Cezar. Olegario Moreira Lima.

## BOTUCATU'

Antonio Joaquim Cardoso de Almeida. Antonio Ferreira da Silva Veiga. Dr. Bernardo Augusto Rodrigues da Silva. Elias d'Oliveira Lima Machado. Francisco José Mendes da Silva. João Carlos de Souza Cananea. José Carlos Medeiros de Oliveira. Vicente Eufrazio da Costa Abreu.

## BRAGANÇA

Dr. Antonio Joaquim Leme. Tenente-coronel Antonio Pereira Payão Silveira. Candido da Silveira Vasconcellos. Francisco Alberto. Alfe-

res Francisco de Assis Buenos-Ayres. Coronel Francisco Emilio da Silva Leme. Francisco de Sousa Dias Guimarães. Dr. Henrique Porchat de Assis. Alferes José Innocencio de Sousa Pinheiro. Capitão José Marcellino Cavalheiro Junior. Major José Pinto de Camargo. Marciano Jorge do Amaral.

## SANTA BRANCA

Antonio Augusto de Mello Roza. Antonio Cabral Barboza. Antonio Monteiro Soares. Flavio Goursand. Joaquim Machado Gomes. João Baptista das Chagas Junior. João Leite de Almeida. José Francisco Alves. Manoel Marques Soares. Tenente Mariano Galvão Bueno.

## BROTAS

Agostinho de Amador Mendes. Inocencio Pinheiro d'Oliveira Vasconcellos. Dr. João Antonio de Barros Junior. José Egidio Teixeira. José Joaquim do Amaral. José Manoel de Aguirra. Manoel Rodrigues da Fonseca Mello. Vicente Ferreira do Carmo.

## CABREUVA

Ignacio Xavier de Camargo Gordo. Tenente Manoel Martins da Fonseca Mello. Comendador Manoel Martins de Mello. Padre Paschoal Bloth.

## CAÇAPAVA

Alexandre de Freitas Dias. Antonio de Barros Poyares. Boaventura Moreira Damasco. Tenente-coronel Fernando Alves Guedes. Alferes

João Rodrigues d'Oliveira e Silva. Luiz Bernardo d'Almeida Gil. Tenente Manoel Eufrazio de Toledo. Tenente Manoel Innocencio Moreira da Cunha. Tenente Silvano Corrêa de Toledo. Tenente Rufino Esteves da Costa Salgado.

## CACONDE

Tenente Ananias Joaquim Machado. Antonio José de Assumpção. Reverendo Antonio Sanches de Simas. Domingos Delfim. Francisco José da Costa Filho. Joaquim Libanio Gomes Teixeira. José Francisco da Costa. José Maria de Vasconcellos. Luiz Antonio da Conceição. Capitão Modesto de Faria Moraes. Theodolindo Lopes de Siqueira.

## CAMPINAS

Antonio Augusto da Fonseca Tótó. Leticio Augusto Ralston. Lourenço d'Almeida Campos Penteado. Dr. Luiz Silverio Alves Cruz. Major Joaquim Xavier de Oliveira. Manoel de Campos Penteado Junior. Manoel da Luz Cintra.

## CAMPO LARGO DE SOROCABA

Antonio de Mascarenhas Camillo Netto. Bernardo de Mascarenhas Martins. Ernesto Carlos de Freitas. Francisco Ignacio de Arruda. Frederico Guanabara de Toledo. Henrique Xavier Gonçalves Benjamin. José Joaquim de Camargo. Lucio Martins de Mascarenhas. Luiz Gonçalves da Rocha.

## CANANÉA

Agostinho Paulino d'Almeida. José Roberto Fosquini.

## CAPITAL

Reverendo Dr. Adelino Jorge Montenegro. Joaquim Candido de Azevedo Marques.

## CAPIVARY

Antonio de Camargo Barros. Antonio Dias de Aguiar. Antonio Elias d'Arruda Lima. Dr. Antonio Joaquim de Carvalho. Antonio Marques d'Oliveira. Antonio Martins Bonilha. Tenente Antonio Pompeo Paes de Campos. Balduino Casuires d'Arruda. Bento Dias Ferraz. Bento José de Souza. Dr. Emilio Lourenço Martins Tyre. Estanislão Dias Ferraz. Francisco Bernardino de Campos Camargo. Francisco d'Almeida Nobre. Francisco Fernando de Barros. Francisco Pinto de Camargo Junior. Francisco de Sampaio Barros. Gabriel de Toledo Piza e Almeida. Dr. João Baptista de Souza Ferraz. João Dias de Aguiar Netto. João Ortis de Camargo. Alferes Joaquim Fernando de Padua Mello. João Galvão de França Pacheco. José Alves Moreira. Ignacio Rodrigues. Alferes José Rodrigues do Amaral. José de Souza Pereira de Araujo. Dr. Luiz Antonio de Souza Ferraz. Luiz Teixeira de Aguiar Assumpção. Alferes Manoel Alves de Lima. Manoel Alves Proença. Porfirio José Lucio da Silva. Serafim José do Horto e Mello. Tiburcio de Campos Luz.

## CARAGUATATUBA

Adelino José do Amaral. Benedito Crisostomo de Mattos. Cassio Julio Bordini do Amaral. Francisco José Barboza Arouca. João Alves Pinto Brandão. João Antonio Barboza Moreira. João Paulo Loreto. Padre João Vicente Cabral. José Bonifacio d'Oliveira Santos. Luiz Maciel Moreira. Manoel dos Anjos Gaia. Manoel Joaquim da Cunha Bueno. Martinho Furtado d'Oliveira. Melchiades Corrêa Alves. Virgilio Alves de Souza.

## S. CARLOS DO PINHAL

Antonio Corrêa Dias.

## CASA BRANCA

Bazélio Modesto de Castro. Francisco Nogueira de Carvalho. José Augusto d'Oliveira Lima. Dr. Martinho Avelino. Nicolau Felis Faraño. Vicente de Carvalho Vasconcellos.

## S. ANTONIO DA CACHOEIRA

Anselmo Gonçalves Caparica. Antonio Ferreira d'Almeida. Capitão Cyrino Ferreira d'Almeida. Jesuino Ferreira d'Almeida. João Lopes da Silva Lima. Manoel Fernandes Passos. Samuel Augusto da Cunha Freire.

## CONSTITUIÇÃO

Barão da Serra Negra. Dr. Melchiades Alves Vieira.

## CORTE

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.

## CUNHA

Alferes Antonio Galvão de França Freire. Connego Antonio Galvão de Siqueira. Alferes Antonio José Vieira. Antonio Moreira da Silva Querido. Tenente Antonio Xavier Freire. Dr. Francisco Antonio Ferreira. Francisco Ferreira Cardoso. Alferes Francisco Mendes de Mendonça. José Maria de Andrade. Dr. José Pedro Marcondes Cezar. Luiz Manoel d'Andrade. Serafim Moniz Pimentel. Padre Vicente M.

## CUTIA

João José Coelho. Reverendo Manuel das Dores Rocha.

## DESCALVADO

Antonio Augusto Bez<sup>a</sup> Paes. Reverendo Antonio José de Castro. Bernardino Gouvea d'Almeida Prata. Bernardo Eustaquio Figueira. Alferes Felisbino José Teixeira Machado. Francisco Bernardes da Silva Salles. Gabriel Amancio Lisboa. Jacob Henrique Monteiro. João Baptista Franco e Irmão. João Monteiro de Pinho. Joaquim Candido d'Almeida Leite. Joaquim Gomes Nogueira Lobato. Advogado Joaquim Theodoro d'Alvarenga Rangel. José Alexandre de Paiva Silva. José Elias de Tol do Lima. José Ferreira do Prado. José Francisco Padilha. Justiniano Leite Machado.

## FAXINA

Alferes Antonio Galvão dos Santos. Antonio Joaquim Diniz. Antonio José Fernandes Vas-

ques. Antonio Lino da Silva. Antonio Luiz da Silva. Antonio d'Oliveira Campos. Augusto Antonio d'Andrade Villarouco. Tenente-coronel Emygdio José da Piedade. Padre Francisco da Silva Ribeiro. Francisco José da Rocha. Francisco Magalhães da Silva. Coronel Francisco Marques da Silveira. Francisco Salvador Alves Bueno. Capitão Guardiano Dias Baptista Prestes. Dr. Guilherme Jorge Montenegro. Dr. João Pinto de Castro. João da Silva Ribeiro. Joaquim Mendes da Cruz. José Ferreira dos Santos. José de Souza Magalhães Menezes Junior. Alferes José Teixeira Pinto. José Theodoro da Silva. Leonel Antonio da Silva. Luiz José da Silva. Manoel Gonçalves de Souza Guimarães. Paulino Gomes Corrêa. Padre Sizenando da Cruz Dias.

## FRANCA

A. A. Silva Bastos. Antonio José Martins da Cunha. Augusto Cezar Ferreira e Souza. Balthazar Augusto de Carvalho. Francisco Barboza Lima. Francisco Garcia Duarte. Guido Eugenio Nogueira. João Bernardes Pinto Vilella. Joaquim Antonio Freire Franco. Padre Joaquim Ferreira Telles. José Alves Figueredo Gonçalves. José Antonio de Lima. Nuno Alberto Guerreiro de Almeida.

## GUARATINGUETA

Aleixo Gaudencio d'Oliveira Mafra. Antonio Casimiro de Souza Viegas. Antonio da Silva Passos. Antonio Gonçalves França. Antonio Monteiro Meirelles Leite. Candido Rodrigues Viegas. Domingos Antonio de Moraes. Francisco Cor-

deiro da Silva Guerra. Dr. Francisco Galvão da Costa França. João Alexandre de Barros. João Monteiro de Meirelles Leite. Joaquim José da Costa Victorino. José de Paula Santos. Dr. José Manoel de Castro Santos. Manoel José Pires do Espirito-Santo. Miguel José de Araujo Tolledo. Paulino José da Silveira. Theofilo Galvão d'Oliveira França. Visconde de Guaratinguetá.

## IGUAPE

Major Joaquim Eduardo da Silva. José Joaquim Egas. Juvencio de Paula Franco. Alferes Luiz de Souza Castro.

## INDAIATUBA

Padre Antonio Casimiro da Costa Roris. Antonio Joaquim de Freitas. Antonio de Sampaio Goes. Dr. Bento José Labre. Stanisláo do Amaral Campos. Firmino d'Almeida Leite. João Baptista Ferraz de Sampaio. João Bueno de Camargo Graminha. João de Sampaio Ferraz do Amaral. João Tebiriçá. Joaquim da Costa Roris. Joaquim de Sampaio Goes. Joaquim Emigdio de Campos Bicudo. José Basilio de Vasconcellos. José Benedicto Rodrigues. José Estansiáo do Amaral. José Manoel da Fonceca. Manoel Firmino Barboza. Vicente de Sampaio Goes.

## ITAPETININGA

Antonio Coelho da Silva. Dr. Belisario Francisco Caldas. Benedicto dos Santos Azevedo Marques. Capitão Francisco Antonio Ayres. Francisco Caracciolo Xavier de Moraes. Francisco Ignacio da Costa. Dr. Francisco Martins da Sil-

va. Alferes Francisco Vieira Gomes. Izidoro da Silveira Bazzelo. João Baptista de Azevedo Marques. Dr. João Evangelista d'Oliveira. Tenente João Monteiro de Carvalho Junior. Major João Monteiro da Costa. Joaquim Floriano da Silva Arnobio. Coronel Joaquim Leonel Ferreira. José Antpnio da Silva Costa. Capitão José Fran-de Freitas. Tenente Mariano José d'Oliveira Froiz. Pedro Augusto d'Azevedo Marques. Samuel Cepriano d'Oliveira.

## SANTA ISABEL

Antonio Augusto da Costa Leite. Padre Antonio Pereira Bicudo. Antonio Pinto de Assis. Claudino Pinto d'Oliveira. Emilio Pinto de Souza. Major Firmino da Cunha Lobe. José Fernandes Cardoso.

## JACAREHY

Antonio Gomes de Azevedo Sampaio. Com-mendador Bento Joaquim da Costa. Tenente-coronel Delfino Martins de Siqueira. Padre Felix Lombardi. Francisco Antonio Rozas. Francisco de Salles Oliveira. Joao Alves Pereira. José Joaquim Ferreira Novo. Capitão Joaquim Timotheo de Araujo Junior. José da Silveira Peixoto. José Francisco Malta. Julio Collaço de Magalhães Vidal. Licio Lopes Chaves. Dr. Lucio de Tolledo Malta. Dr. Luiz Pereira Barreto. Luiz Pereira de Gouveia. Manoel Custodio Vieira da Rocha. Manoel Joaquim Pereira Rabello. Wenceslau Barboza da Costa Guimarães.

## JABOTICABAL

Antonio José Pedroso. Antonio José Ribeiro

Braga. Candido José da Fouceca. Candido José Leite. João Evangelista Homem. João Guilherme da Silva Braga. João Theodosio de Carvalho Montenegro. Capitão João Verissimo de Andrade. Joaquim Bueno de Alvarenga. Julio Alexandre Buch. Manoel Fortunato Homem. Sebastião Domingues da Silva.

## JAHU

Antonio Freire Mergulhão Bandeira. Reverendo Braz Magaldi. Francisco de Paula Almeida Prado. Francisco Pacheco de Almeida Prado. Germano José Coelho. João Ferraz d'Almeida Prado. Tenente José Candido de Souza.

## S. JOÃO DA BOA-VISTA

Dr. Antonio Benedicto dos Santos Malheiros. Antonio Rodrigues dos Santos. Augusto da Silva Ferreira. Custodio José Barboza Sandeville. Daniel de Oliveira Neves. Diniz Augusto de Almeida. Francisco Mariano Pereira. Alferes Francisco Ozorio de Oliveira. Tenente Joaquim José dos Reis. Joaquim Maciel de Barros. Tenente José Luiz de Andrade. Dr. José Martins Teixeira. José Theodoro dos Reis. Capitão Maximiano José Soares. Miguel José Ferreira. Thomaz de Aquino Junior.

## S. JOSE' DOS CAMPOS

Cyro Bustamante Braulio Martins. Tenente Domiciano Cezar de Mello Fagundes. D. J. de Escobar. Capitão Francisco Antunes Teixeira. Francisco de Escobar. Francisco Rafael da Silva Junior. João José Ribeiro de Escobar. Dr. José

Manoel Freire. Tenente-coronel José Caetano de Mascarenhas Ferraz. Manoel Ricardo Leite da Silva. Sebastião Hummel.

## JUIZ DE FORA

Dr. Joaquim José dos Santos Silva.

## JUNDIAHY

Agostinho Pinto de Mendonça. João Baptista Faria Paes. José Pedro de Moraes. Manoel Eugênio dos Reis. Vicente Fernandes Castro.

## LAVRINHA

Antonio Lino da Silva.

## LENÇÕES

Delfino Alexadrede Oliveira Machado. Francisco Xavier Dantas de Vasconcellos. Generoso Antonio d'Oliveira. Guilherme Rodrigues Duarte Ribas. José Floriano d'Oliveira.

## LIMEIRA

Antonio Augusto Batalha. Capitão Antonio da Silveira Penteado. Antonio Francisco Ignacio de Paula. Antonio Manoel Gonçalves Viana. Antonio Mariano da Silva Cordeiro. Augusto Pinto da Silva Sáes. Benedicto Antonio Machado. Elias Eufrazio d'Arruda Moraes. Euclieus Carlos Xavier de Lima. Dr. Esequiel de Paula Ramos. Feliz José Monteiro. Fermindo de Campos Camargo. Flaminio Ferreira de Camargo. Francisco Eugenio das Chagas. João Baptista Gomes de Amorim. Dr. João Guilherme de

Aguiar Witaker. Luciano Esteves dos Santos. Dr. Virgilio Pius.

## LORENA

Capitão Alberto Julio de Barros. Tenente-coronel Antonio Bruno de Godoy Bueno. Dr. Getulio Moraes de Castro Lima. Hygino de Moraes Salgado. João Henriques de Azevedo Almeida Junior. Joaquim Francisco Pereira. José Francisco Soares Romeu. Capitão Manoel Lopes da Silva Castro. Olympio Catão de Lorena.

## SÃO LUIZ

Capitão Antonio Domingues de Castro. Dr. Antonio Lourenço de Freitas. Antonio Luiz de Andrade. Antonio José Rodrigues da Silva. Antonio Manuel Pereira Varejão. Antonio Monteiro Guimarães. Barão do Parahytinga. Bilisario Ferreira Salinas. Reverendo Benjamim de Toledo Mello. Dr. Bento Gonçalves Cruz. Bernardo Candido Balthasar de Almeida. Padre Candido José Corrêa. Francisco Siqueira Moraes. Januario José Cabral. Dr. João Candido Rodrigues de Andrade. João Eloy de Castro Guimarães. João Gonçalves Pedrozo. Tenente João Pereira de Souza Arouca. Jose Francisco de Toledo. José Hegino Braga. Alferes José Lopes Pereira. José Pereira de Oliveira. José Rodrigues Viegas. Capitão Laurindo Pereira de Castro. Luiz Antonio Dias de Azevedo. Manoel Bento Domingues de Castro. Manoel Innocencio Marcodês. Tenente Manoel Jacin'ho Domingues de Castro. Manoel Jorge da Silva. Sebastião José de Carvalho.

## MOGY DAS CRUZES

Dr. Antonio José Rodrigues de Siqueira. Alferes Aureliano de Mello Franco. Carlos Ernesto França Leite. Major Felicissimo Franco Ferraz. Felisbino José d'Oliveira. Gabriel José Rodrigues de Siqueira. Tenente-coronel João d'Almeida Mello Freire. João Baptista Moreira da Gloria. Joaquim José d'Almeida. José de Campos Freitas. Major José Franco de Camargo. Dr. Manuel d'Almeida Mello Freire. Dr. Mariano Rodrigues de Souza Mello. Dr. Procopio de Toledo Motta. Dr. Salvador José Corrêa Coelho. Alferes Tris'ão Augusto d'Oliveira.

## MOGY-GUASSU'

Justino Luz Mamede. Luiz da Silva Cruz.

## MOGY-MIRIM

Dr. Antonio Francisco de Araujo Cintra. Antonio Gonçalves Mamede. Commendador Antonio Joaquim de Freitas Leitão. Dr. Antonio Pinheiro de Ulhôa Cintra. Dr. Antonio Rodrigues do Prado. Cursino Antonio das Chagas Quito. Major Daniel Alves de Goes. Dr. Francisco Alves dos Santos. Dr. Francisco Pinheiro de Ulhôa Cintra. Padre João Eboly. Dr. João Gonçalves de Oliveira. Dr. José Alves dos Santos. Dr. José Custodio da Cunha Couto. Tenente-coronel José Guedes de Sousa. Dr. José Oscar de Araujo Cunha. Dr. José Pinheiro de Ulhôa Cintra. Dr. Luiz Torquato Marques de Oliveira.

## NACTIVIDADE

Francisco Lopes Guimarães Sobrinho. Fran-

cisco Vieira de Paula. João Julião dos Santos. José Lopes Leite de Abreu. Lindorf de Araujo Ferraz. Manoel Antunes de Andrade. Padre Vicente José Muniz.

## NAZARETH

Candido Antonio Alves. Estevão Lange Adrien. Joaquim Rodrigues dos Santos. Quirino Joaquim Rodrigues.

## PARAHYBUNA

Padre Antonio Pires do Prado. Tenente-coronel Francisco Bento de Alvarenga. Francisco Borches Vieira. Frederico Augusto de Souza Velloso. Dr. Henrique Thompson. Joaquim Silveira de Santa Anna. José Fernandes Cantinho. José Gonsalves de Moura Guimarães. Laurentino Mendes de Moraes. Zefecino Honorio Ferraz de Abreu.

## PARAHYTINGA

Antonio Diogo de Almeida Campos. João Gonçalves de Oliveira. Julio Cezar Ferreira.

## PARANAPANEMA

Capitão Antonio Elias de Carvalho. Antonio Joaquim de Freitas Amaral. Antonio José Ribeiro. Bento Manoel da Silveira. Braz Antonio de Oliveira. Camargo Junior & Irmão. Francisco Antonio de Castro Carvalho. Francisco Antonio Oliveira Ramos. João Baptista de Castro Vasconcellos. João Campos Moraes. João Cozzetti. Joaquim Elias de Carvalho. Alferes Joaquim José de Camargo. Joaquim Nunes Nogueira.

José Amaro de Castro. José Nunes de Proença. José Venancio de Castro Vasconcellos. Lucidio Alves da Rocha Souza. Manoel Ferreira de Quevedo. Manoel Pio de Freitas Queiroz. Frei Ponciano de Montaldo. Tenente Vicente Rodrigues de Carvalho.

## PARATY

Affonso de Albuquerque Neves. Antonio Marques dos Santos. Firmino Pires da Motta. José Augusto do Amaral Peixoto. Padre José Matheos Alvares Velludo.

## VILLA DA PENHA DE MOGY

Antonio José Gomes de Meira Braga. Bent<sup>o</sup> José de Oliveira Rocha. Francisco de Oliveira Rocha. Tenente Francisco Ignacio Quartim. Frederico de Queiroz Prado. Tenente João Baptista Gonçalves Cintra. João Theodoro de Oliveira. Joaquim Antonio Pereira. José Alves de Andrade. José Gomes de Alvarenga Cunha. Jacintho Bueno de Araujo Cintra. Manoel da Rocha Campos Cardoso. Serafim Antonio Pereira. Vicente José Ramalho.

## PIEDADE

Tenente Demetrio José Machado. Tenente Francisco Augusto Machado. Ernesto Gonçalves de Almeida. João Francisco Parada. Lucio Vieira Pinto.

## PINDAMONHANGABA

Antonio Magalhães Villhela. Tenente Francisco do Amaral Gurgel. Francisco Xavier de Assis. Dr. Gregorio José de Oliveira e Costa. Alferes

João Eufrasio de Toledo. Miguel José Cardoso. Pedro Corrêa Dias. Conego Tobias da Costa Rezende.

## PIRASSUNUNGA

Dr. Francisco Antonio da Luz. Florencio Antonio Rodrigues do Valle. Padre José Joaquim do Prado. José Marcellino Cavalheiro. Manoel Franco do Amaral. Dr. Olympio Pinheiro de Lemos.

## PORTO-FELIZ

Antonio Alves Pereira de Almeida. Antonio Coelho Prestes. Antonio Joaquim Viegas Muniz. Capitão Belisario Augusto de Sena. Dr. Cezario Naziaseno de Azevedo Motta Magalhães. Francisco Antonio de Carvalho. Padre Francisco Gonçalves Barroso. Joao José Marques. Joao Silveira. João Vieira de Almeida Junior. Joaquim Antonio da Silva Camargo. Joaquim Floriano de Toledo Junior. Jeronymo Pereira de Almeida Bueno. Major Joaquim Xavier de Oliveira. José Rodrigues Paes. Luiz Teixeira da Fonseca. Manoel de Toledo Silva. Maximiano José da Motta. Patrocínio Teixeira da Fonseca.

## POUSO-ALEGRE

Alferes Luiz José de Almeida Queiroz. Manoel Antonio de Oliveira Martins.

## QUELUZ

Antonio Pedro Gomes de Castro. Benedicto José Fernandes. Ernesto Luiz Gonçalves. João Baptista da Silva. João Gonçalves Martins. Lourenço Rodrigues da Silveira.

## RIO-CLARO

Dr. Antonio Augusto da Fonseca. Dr. Francisco Ernesto Malheiros. Tenente-coronel Francisco da Cunha Bueno. Joaquim José de Sá. Dr. José Alves de Cerqueira Cezar. Thomaz Carlos de Molina.

## S. ROQUE

Barão de Piratininga.

## SANTOS

Antonio José Vianna. Coriolano Guayanaz da Fonseca.

## SAPUCAHY-MIRIM

Antonio Alves Ferreira Junior. Antonio Mendes de Brito. Antonio Leite Cortez. Padre Bento Antonio de Souza Almeida. Bonifacio Paulino de Carvalho. Candido Ribeiro da Luz. Tenente-coronel Francisco Gomes Vieira e Silva. Francisco de Paula Gomes da Silva.

## SARAPUHY

Capitão Antonio Leonel Ferreira. Domiciano José Nogueira. Francisco Antonio Pires da Motta. Tenente Francisco José da Rosa Gomes. Francisco Vieira da Silva. Padre João Soares do Amaral. José Martins Alves Porto. Ladislau Vieira Machado. Luciano Carvalhal. Roque Vieira Machado.

## S. SEBASTIÃO

Francisco Caetano dos Anjos Gaia. Francisco José Ribeiro. João José de Mattos Abreu.

## SILVEIRAS

José Bernardino de Carvalho. Tenente Manoel Joaquim da Costa Braga.

## S. SIMÃO

Antonio Andréas de Sillos. Antonio Silverio Pereira. Bernardino Athanazio Ourique de Carvalho. Padre Jeremias José Nogueira. José Paulino de Gouvêa. José Romualdo de Almeida. Manoel Jacintho do Nascimento.

## SOROCABA

Alexandre Marchisio. Dr. Americo Antonio Ayres. Antonio Moreira da Silva. Capitão Antonio Gonzaga Seneca de Sá Fleury. Antonio Pinto Nunes Sobrinho. Antonio Xavier de Araujo. Augusto Xavier Braga. Club Palestra. Eduardo Antero da C. Vieira. Alferes Elias Galdino de Vasconcellos. Francisco Martins da Costa Passos. Francisco Teixeira de Souza Leite. João Aguiar de Passos. João Baptista Machado. Capitão João da Cruz Xavier de Araujo. Dr. João Feliciano da Costa Ferreira. João José de Almeida Bello. Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade. Joaquim Rodrigues da Fonseca Rosa. José Cezario. José Leite Penteado. José Teixeira de Carvalho. Leonel Jandovy de Abreu Sandoval. Manoel Joaquim de Souza Guerra. Dr. Ubaldino do Amaral Fontoura. Venancio José Fontoura. Dr. Vicente Eufrasio da Silva Abreu.

## TATUHY

Antonio Monteiro da Motta. Cezario Leopoldo

dino Machado. Fortunato José Dantas de Vasconcellos. Padre João Climaco de Camargo João Cyriaco de Arruda. Dr. José Francisco de Ulhôa Cavalcanti. José Nery Ferreira. Leopoldo Arthur Goulart Penteado. Lourenço Antonio de Lima. Rodrigo Xavier de Campos. Thomaz Rodrigues de Camargo.

#### TAUBATE'

Dr. Francisco de Paula Toledo. José Vicente Aquila d'Almeida Aymbere. Luiz Marques da Silva. Luiz Moreira Damasco. Mariano Pereira Leite. Tristão José de Oliveira Mello.

#### TIETÉ

Alferes Claudio Vaz de Almeida. Tenente Francisco Corrêa de Almeida Moraes. João Barbosa Gomes de Oliveira. João Ferraz de Oliveira Lima. Lucidio Leite de Brito. Olegario Alberto de Camargo Penteado. Pedro Alvares da Costa Machado.

#### UBATUBA

Alfredo Augusto da Silveira. Antonio Corrêa das Neves. Antonio de Souza do Amaral Vianna. Dr. Januario José da Silva. João Antonio de Oliveira Rosa. João Evangelista da Gama. João Thomaz de Aquino. José Joaquim Santa Anna do Amaral. Luiz Antonio Barbosa de Oliveira. Luiz José da Costa Ferreira.

#### UNA

Alferes Antonio José Bastos. Alferes Antonio Vieira Brama Filho. Firmino Maria Soares. João

Dias Vieira. Joaquim Fortunato de Oliveira. Alferes Joaquim de Souza Ferreira. José Alves Pimenta. José Vieira de Camargo. Manoel Joaquim Neves Junior. Moysés Bernardes de Camargo. Padre Raymundo Marcolino da Luz Cintra. Alferes Salvador Rolim e Freitas.

#### XIRIRICA

Padre Antonio Augusto de Santa Anna. Padre Antonio da Silva Pereira. Bernardo José Cabral. Francisco Firmino de Pontes Oliveira. Guardiano José Ferreira. Henrique Paeggury Desio. João Manoel de Azevedo Pontes. Joaquim Bazilio do Prado. José Augusto de Freitas Coutinho. José Ribeiro Martins. Miguel Antonio Jorge. Miguel Luzo da Silva.

#### IPORANGA

Padre Antonio da Silva Pereira.

#### ITU'

Francisco Antonio Barbosa. Francisco Candido da Silva. Francisco de Almeida Pompeo. Francisco Nicolau Schmidt. João José de Andrade. João Xavier da Costa Aguiar. Joaquim Antonio da Costa. José Innocencio A. Campos. Luiz Gonzaga de Campos Freitas. Olegario Octaviano Ortiz.

#### FIM

## Erratas mais importantes

Pag.	Linha	Erros	Emendas.
V.	10	sodo o periodo	todo o periodo.
"	29	foaraguay	Paraguay.
"	31	Prtunio	fortunio.
XXXII	9	ardidura	urdidura.
14	19	depois ter-me confiado	depois de ter- me confiado.
26	15	pensas que es- ou	pensas que es- tou.
29	12	rasparme d' qui	raspar-me d'a- qui.
35	14 e 15	acompanhar- me-eis	acompanhar- me-á.
48	9	OS MESMOS E CARLOS	OS MESMOS, CARLOS, de- pois MARGA- RIDA.
53	21	es lembrarão	se lembrarão.
54	28	finelizes	infelizes.
62	24	antes de tudo pósto	antes de tudo pósta.
67	7	Irmão	Irmaã.
75	22	á jorarr-lhe	á jorrar-lhe.
78	27	consentes ?	consente ?
82	27	A lagrimas	As lagrimas.
"	28	a se hora é in- feliz	a senhora é infeliz.
104	1	Olhe, oeu pae	Olhe, seu pae.
142	7	O Vigario Da Sé	O Vigario da Sé.
261	22	.Oh ! uma da lista	Oh ! um da lista.

Pag.	Linha	Erros	Emendas.
315	20	e os (Alliados!	e os Alliados!
		A brigada	(A brigada.
499	24	d'um theatro	d'esse theatro.
514	28	com o <i>flasco</i>	com o <i>fiasco</i> .
526	26	desconhecido,	desconhecido
		e le <i>Christine</i>	<i>Lê Christine</i> .
545	26	s obras	as obras.
586	18	á eludir-lhe	á ilidir-lhe.
595	7	do Paraguay	do Paraguay George Thomp- son.
596	8	puramento	puramente
"	9	nãe	não
600	22	que o retra a o	que o retracta o

## Indice

	PAG.
Parecer do Sr. Conselheiro Antonio Joaquim Ribas sobre os Ensaios Dramaticos. . . . .	III
Parecer do Sr. Dr. Bento José Labre sobre a Nemesis. . . . .	IX
A Familia Razique . . . . .	I
A Nemesis . . . . .	165
O Conde de Ourem. . . . .	317
Noção dos Ensaios Dramaticos. . . . .	463
Minhas Memorias sobre os Ensaios Dramaticos. . . . .	475
Relação dos Srs. Subscriptores . . . . .	605
Erratas . . . . .	629







